

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DOUTORADO

RODOLFO FIORUCCI

A TRAJETÓRIA DA REVISTA *ANAUÊ!* (1935-1937): O JORNALISMO PARTIDÁRIO E
ILUSTRADO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA - A “NETINHA” QUE NÃO
CRESCER

GOIÂNIA

2014

RODOLFO FIORUCCI

A TRAJETÓRIA DA REVISTA *ANAUÊ!* (1935-1937): O JORNALISMO PARTIDÁRIO E
ILUSTRADO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA - A “NETINHA” QUE NÃO
CRESCER

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa

GOIÂNIA

2014

RODOLFO FIORUCCI

A TRAJETÓRIA DA REVISTA *ANAUÊ!* (1935-1937): O JORNALISMO PARTIDÁRIO E
ILUSTRADO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA - A “NETINHA” QUE NÃO
CRESCER

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da
Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Doutor em História. Aprovada
em ____ de _____ de 2014, pela seguinte banca examinadora:

Élio Cantalício Serpa (UFG)
Presidente

Tania Regina de Luca (UNESP/Assis)

Maria Izilda Santos de Matos (PUC/São Paulo)

Ana Lúcia Oliveira Vilela (UFG)

Noé Freire Sandes (UFG)

José Adilçon Campigoto (UNICENTRO/Irati) – Suplente

Rafael Saddi (UFG) - Suplente

Em homenagem à origem:

Meu pai, José Pedro Fioruci:

O VELHO DO ESPELHO

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai - que já morreu! [não o meu]
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar - duro - interroga:
"O que fizeste de mim?!"
Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa? Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

(Mário Quintana)

E minha mãe, Isabel Cristina Fioruci:

EU QUERIA TRAZER-TE UNS VERSOS MUITO LINDOS

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
Colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras
Seriam as mais simples do mundo,
Porém não sei que luz as iluminaria
Que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
Como essa que acende inesperadas cores
Nas lanternas chinesas de papel.
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
Do lado de fora do papel... não sei, eu nunca soube
O que dizer-te
E este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
Da poesia...
Como
Uma pobre lanterna que incendiou!
(Mário Quintana)

AGRADECIMENTOS

Aqui pretendo reconhecer o apoio de todos que de alguma forma contribuíram à minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Claro que não será possível elencar os nomes que passaram pelo meu caminho nesse período, mas, às eventuais ausências, peço perdão pela injustiça.

Agradeço ao Élio pela orientação desta tese e pela paciência em me guiar pelos duros caminhos da pesquisa. Desde o primeiro contato se mostrou solícito e me abriu uma porta para o Programa de Pós-Graduação, mesmo sem me conhecer (já que eu vinha de outra instituição). Deu-me liberdade o tempo todo, ensinando-me a amadurecer, tal qual exige uma tese de Doutorado, o que não significou, de modo algum, indiferença quanto à qualidade final do trabalho, presenteando-me com avaliações críticas e pontuais que apenas uma leitura atenta, competente e perspicaz poderia oferecer. Por isso, com o Élio, compartilho as eventuais qualidades e parabenizações, o que, todavia, não se repete quanto às críticas, essas sim devidas todas a mim pelas teimosias que certamente manifestei neste trajeto.

Aos meus pais agradeço não apenas a vida, algo que qualquer progenitor dá a sua prole, mas a história incrível que a preencheu. Agradeço o apoio irrestrito e os puxões-de-orelha necessários. Agradeço as manifestações de amor incondicional e os exemplos de dignidade. Agradeço, ainda, o esforço em criar seus filhos literalmente com o suor do rosto, trabalhando duro num empreendimento familiar humilde (mãe e pai) mas competente e, ao mesmo tempo, em outros serviços (pai), ofícios que não poucas vezes lhes tiraram a saúde e o bem-viver, mas que não foram capazes de lhes arrancar o ímpeto em formar uma família que poucos conseguiram.

À Carol agradeço todos os dias que passou ao meu lado (mesmo quando a distância entremeava-nos), além da paciência infinita para suportar os momentos difíceis que surgiram. Menina-mulher aparentemente frágil e inocente por fora, posto que delicada, mas que demonstrou uma força admirável que, no final, esclareceu que a fraqueza maior dessa dupla/casal é minha. Obrigado pelo seu apoio, carinho, amor e admiração, tudo o que, tenha certeza, é também sentido desse lado de cá. Essa tese também é sua!

Aos meus irmãos, Fábio, Wellington (Ton) e Priscila agradeço todas as experiências e cumplicidades compartilhadas. Cada qual ao seu modo me mostrou o que é ser irmã(o), o que é ter, sempre, alguém com quem contar. Obrigado por me ensinarem muito em tudo! Não me

esqueço, aqui, dos “agregados”. Ao cunhado e às cunhadas manifesto gratidão não apenas por fazerem parte de minha vida, mas por tornarem a vida dos meus irmã(os) mais felizes.

Aos professores Tania Regina de Luca e Noé Freire Sandes agradeço as valiosas contribuições durante o exame de qualificação. À Tania aproveito, ainda, para mais uma vez agradecer os primeiros passos na vida acadêmica, quando me orientou durante o mestrado.

Agradeço a todos amigos que fiz em Goiás, especialmente os que conviveram comigo diariamente no Instituto Federal de Goiás (IFG). Todos vocês fizeram meus dias nesse calor do centrão do Brasil muito melhores, além de facilitarem sobremaneira minha adaptação. Não poderia deixar de mencionar alguns desses, pois seria uma tremenda injustiça: Lucas Maia, Jacques Elias de Carvalho, Elza Gabriela, Quéren Freire, Telma Teles, Everton Gassi, Hugo Vinicius Leão, Marta Jane e Sérgio Filgueira.

A todos do Instituto Federal do Paraná (IFPR/Jacarezinho), uma menção especial. Agradeço aos alunos, técnicos e professores que compartilharam comigo momentos muito bons nesse ainda curto tempo. Mais uma vez me reservo o direito (e obrigação) de citar alguns, o que se explica pela proximidade accidental que se estabeleceu com estes, sendo que três se tornaram família, inclusive dividindo o mesmo teto: valeu Antonio Mar, José Francisco Quaresma e Ricardo Avelino. Além deles, não posso esquecer de Árife Amaral Melo, Hugo Corrêa, Hoster Older, Sergio Vale da Paixão, Fabiola Dorneles, Camila Modesto, Geo Humeniuk, Paola Moraes, Rafael Ribas, Rivaldo Faria e Douglas pela convivência mais acentuada.

Às grandes figuras que fui conhecendo pelas universidades pelas quais passei, valeu pela parceria e amizade. Um salve a todos vocês: Gustavo dos Santos Prado, Pedro Francisco Cataneli, Aline Cristina de Oliveira, Alexandre Andrade da Costa, Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, Eduardo Giavara, Danilo Ferrari, João Ciciliato, Rodrigo Modesto (Tugu), Luis Barbané, Lisandro Braga, Roberto Ranna Keller, Valter Cardoso, Gastão Vieira de Alencar Júnior.

Aos amigos do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT), agradeço pela parceria desinteressada que marca essa união. As contribuições por email, telefone, congressos e rede social foram de grande valia para o término deste trabalho. Embora todo o grupo tenha sido indispensável, não deixarei de apontar Renato Dotta, Ana Dietrich, Rogério Lustosa Victor, Carlos Gustavo N. de Jesus (mais uma vez), Gilberto Calil, Pedro E. Fagundes, Tatiane Bulhões, Renata D. Simões, Giselda Brito Silva, Rafael Athaides e Giovanni Noceti.

Ainda preciso mencionar os amigos do dia-a-dia, figuras que fizeram as pressões, prazos e cobranças tornarem-se mais leves: Deyvis Gimenes, Diogo Vilela, Douglas Silva, Rafael Piccolo, Renato Alves, Silvanir Pacheco e Tiago Regis.

À CAPES agradeço a concessão da bolsa de estudos que financiou o projeto.

RESUMO

Neste estudo propõe-se descobrir qual a posição que a revista integralista *Anauê!* (1935-1937) ocupa na história da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da imprensa no Brasil Republicano, com vistas a reavaliar o impacto dessa publicação no contexto dos anos 1930. Entende-se, aqui, a revista como uma tentativa desta de se contrapor ao discurso proveniente da imprensa empresarial - muito ligada à modernização do país e aos modismos estrangeiros, algo que era criticado pelos integralistas que resistiam a qualquer ingerência externa -, além de ser um veículo importante na propaganda eleitoral do partido no pleito presidencial em que concorreu Plínio Salgado. A revista trabalhava a partir de um nacionalismo que dialogava e compartilhava estratégias com o fascismo internacional, o que a tornou diferenciada no mercado editorial. Inserida no campo jornalístico que se convencionou classificar como das revistas de variedades e ilustradas, estilo não presente, até então, na estrutura de imprensa integralista (marcada por discurso político e doutrinário especificamente), importa acompanhar os avanços e insucessos deste periódico tanto nos objetivos propostos como na aplicação das técnicas características das revistas ligeiras.

Palavras-Chave: Revista *Anauê!*, Ação Integralista Brasileira, Imprensa ilustrada, Imprensa política, Doutrina.

ABSTRACT

This study aims to find out what position the magazine *Anauê!* (1935-1937) occupies in the history of the Ação Integralista Brasileira (AIB) and of the press in Brazil Republican, in order to re-evaluate the impact of this publication in the context of the 1930s. This study analysis the magazine as an attempt to contradict the speech from the Corporate media - closely linked to modernization of the country and to foreign lifestyle, something that was criticized by integralistas who resisted any outside interference - as well as being an important vehicle in the propaganda for the party in presidential elections where Plínio Salgado ran. The magazine worked from a nationalism that dialogued with the international fascism and shared strategies with it, which became it differentiated in publishing market. Inserted in the journalistic field that is conventionally classified as variety and illustrated, this style was not common in the structure of AIB press (marked by political and doctrinal discourse specifically), so it is important to monitor progress and failures of this magazine, the proposed objectives and the application of the technical that characterize these illustrated magazines.

Keywords: *Anauê!* magazine, Ação Integralista Brasileira, Illustrated press, Political press, Doctrine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cabeçalho de <i>A Offensiva</i>	64
Figura 2 – Jornal <i>Acção</i>	68
Figura 3 – capa da revista <i>Panorama</i>	72
Figura 4 – Lista de periódicos integralistas.....	81
Figura 5 – encarte de Plínio salgado em <i>Anauê!</i>	96
Figura 6 - liberação de <i>Anauê!</i> pela Secretaria Nacional de Propaganda.....	97
Figura 7 – alerta de representantes aos assinantes.....	101
Figura 8 – Leo Landulpho Monteiro.....	102
Figura 9 – indicação de periodicidade de <i>Anauê!</i>	104
Figura 10 – mudança de periodicidade de <i>Anauê!</i>	105
Figura 11 – Bandeira 7 de Outubro.....	106
Figura 12 – Propaganda da nova fase de <i>Anauê!</i>	115
Figura 13 – Manoel Hasslocher.....	117
Figura 14 – autopropaganda de <i>Anauê!</i>	120
Figura 15 – valorização de elementos nacionais.....	125
Figura 16 – Capas de <i>Careta</i> e <i>O Cruzeiro</i>	152
Figura 17 – capa nº 9.....	155
Figura 18 – capas nºs 1 e 2.....	158
Figura 19 – capa nº 3.....	159
Figura 20 – capas nºs 5, 7 e 8.....	160
Figura 21 – capa nº 4.....	162
Figura 22 – Bandeirantes do século XX.....	162
Figura 23 – força da e apelo à juventude nazista.....	163
Figura 24 – capa nº 6.....	163
Figura 25 – capas de <i>Anauê!</i> e <i>O Cruzeiro</i>	166
Figura 26 – capas nºs 11 e 12.....	166
Figura 27 – capas nºs 13 e 14.....	169
Figura 28 – capas nºs 18 e 19.....	170
Figura 29 – capas nºs 17 e 20.....	171
Figura 30 – capas nºs 15 e 16.....	172
Figura 31 – capas nºs 21 e 22.....	174
Figura 32 – Plinianos.....	179

Figura 33 – seções de arquitetura.....	181
Figura 34 – seção “Modas”.....	183
Figura 35 - seções “A moda da Cigarra” e “O que está na moda”.....	184
Figura 36 – seção “Senhora”.....	188
Figura 37 – índio na seção “Curupira”.....	196
Figura 38 – desenho na seção “Curupira”.....	197
Figura 39 – seção “Synthese das Atividades Integralistas”.....	198
Figura 40 - desenho de Schroeder assassinado por comunistas.....	211
Figura 41 – as montanhas russas.....	217
Figura 42 – “missão humanitária” de comunistas e integralistas.....	218
Figura 43 – exemplos de cartuns/tirinhas.....	219
Figura 44 – primeira fotomontagem de <i>Anauê!</i>	226
Figura 45 – fotomontagem em homenagem ao dia do trabalho.....	226
Figura 46 – fotografias de Salgado e Hitler.....	229
Figura 47 – fotografias de Salgado e Hitler em eventos públicos.....	229
Figura 48 – núcleos de Manaus (AM) e Massaranduba (SC).....	231
Figura 49 – Parada integralista e feridos por atentados.....	233
Figura 50 – sertanejo integralista e camponeses nazistas.....	234
Figura 51 – os caminhos de Roma e Moscou.....	242
Figura 52 – Stálin e seu secretário.....	243
Figura 53 – Soviet pulando o muro do Kremlin.....	244
Figura 54 – seção “Internacional”.....	252
Figura 55 – representação do pacto franco-russo.....	256
Figura 56 – eixo Roma-Berlim.....	256

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Circulação dos jornais integralistas.....	59
Quadro 2 – indicação de periodicidade de publicação.....	99
Quadro 3 – valores das principais revistas ilustradas em janeiro de 1935.....	102
Quadro 4 – artigos por fases de <i>Anauê!</i>	122
Quadro 5 – quadro temático geral por fases.....	123
Quadro 6 – assuntos tratados em “Doutrina”.....	124
Quadro 7 – estilos usados em “Criação Literária”.....	129
Quadro 8 – assuntos de “Criação Literária”.....	131
Quadro 9 – assuntos de “Crítica Social”.....	134
Quadro 10 – assuntos de “Política Nacional”.....	139
Quadro 11 – relação quantidade de autores/contribuição.....	147
Quadro 12 – as seções de <i>Anauê!</i> (1935-1937).....	177
Quadro 13 – total de anúncios nas duas fases de <i>Anauê!</i>	201
Quadro 14 – padrões de anúncios gerais em <i>Anauê!</i>	202
Quadro 15 – padrões de anúncios da AIB em <i>Anauê!</i>	203
Quadro 16 - ramos dos anúncios veiculados em <i>Anauê!</i> (excluída a AIB).....	203
Quadro 17 – desenhos por edição da primeira fase.....	209
Quadro 18 – formas de apresentação dos desenhos na 1ª fase.....	210
Quadro 19 – temáticas dos desenhos na 1ª fase.....	210
Quadro 20 – formas de apresentação dos desenhos da 2ª fase.....	212
Quadro 21 – temáticas dos desenhos da 2ª fase.....	212
Quadro 22 - total de desenhos e seus autores nas duas fases da revista.....	213
Quadro 23 – cartuns/tirinhas e charges em <i>Anauê!</i>	216
Quadro 24 – total de fotografias veiculadas em <i>Anauê!</i>	225
Quadro 25 - temáticas por fase em ordem decrescente e com porcentagem por fase.....	227
Quadro 26 – posicionamentos políticos-ideológicos de <i>Anauê!</i>	237

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO 1 – Imprensa e Integralismo	
1.1 Periodismo brasileiro nas primeiras décadas do século XX.....	27
1.2 A AIB nos conturbados anos 1930.....	39
1.3 “Folheando páginas verdes”: imprensa integralista.....	54
1.4 Repensando a imprensa integralista.....	76
1.5 <i>Anauê!</i> na historiografia.....	85
 CAPÍTULO 2 – <i>Anauê!</i>: a netinha que não cresceu	
2.1 A revista <i>Anauê!</i> : uma primeira fotografia.....	88
2.2 Temática dos artigos e colaboradores de <i>Anauê!</i>	121
2.3 Ideologia, doutrina e política nas capas de <i>Anauê!</i>	148
2.4 Seções: segmentação do conteúdo.....	176
2.5 Publicidade na revista verde.....	200
 CAPÍTULO 3 - A ideologia em textos e imagens: pelo fascio (?), contra a foice e o martelo	
3.1 A iconografia a serviço da (in)formação do leitor/militante.....	208
3.2 “Verdade fotográfica”: o uso político e doutrinário.....	222
3.3 Comunismo: o inimigo (inter)nacional.....	235
3.4 O fascismo em <i>Anauê!</i> : aproximação reticente?.....	246
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 258
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 264
 ANEXOS.....	 282

Historiador

*Veio para ressuscitar o tempo
e escarpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.*

*Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.*

Carlos Drummond de Andrade

Com que ingenuidade os tipos medíocres se adaptam ao ambiente

Victor Klemperer

Talvez sejam os públicos fascistas, e não seus líderes, que precisam ser psicanalisados

Robert Paxton

INTRODUÇÃO

A tese aqui apresentada tem por objetivo analisar a revista *Anauê!*, considerada a principal do segmento dentro da estrutura de imprensa da Ação Integralista Brasileira (AIB) - movimento político de marcada atuação nos anos 1930. Publicação que circulou entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937, será aqui tomada como fonte e objeto, o que possibilitará entender o veículo por inteiro, não apenas a forma como o mesmo se apresentava aos leitores. De acordo com Tania de Luca, tal abordagem atenta para outros elementos,

Assim, o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas no decorrer do tempo resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais (2008, p. 118)

Este tipo de análise vai ao encontro das possibilidades de pesquisa oferecidas pelas mutações historiográficas recentes, nas quais os estudos políticos e culturais são tomados como vias importantes para se compreender os processos históricos. Aqui, portanto, conceitos como “cultura política” e “representações” permeiam o estudo, trabalhados por metodologias que permitem a abordagem de novas fontes e objetos. Essa senda acompanha as ponderações feitas tanto pelos historiadores herdeiros dos *Annales* (com ênfase para a 3ª e 4ª gerações), como os ligados à Nanterre, sob a égide de Rémond. Não se pretende aqui assumir as contendas historiográficas entre esses grupos que, em alguns momentos, tornaram-se tensas, como na publicação de *Por uma História Política*, quando o grupo em torno de Rémond parecia acertar contas com as 2ª e 3ª gerações dos *Annales*.

Pelo contrário, as contribuições de ambos permitem o enriquecimento da pesquisa, pois recuperam as questões políticas sob novo prisma, ligadas ao simbólico, ao cultural e, por que não, à longa duração (não a de Braudel). Trata-se, na verdade, de uma história-encruzilhada, como a nomeou Rémond, quando percebeu a política não como hegemônica, mas guardando relações com as demais expressões da atividade humana e da sociedade civil (1994).

Essas primeiras colocações já denotam a importância que a imprensa adquiriu como fonte e objeto historiográfico, pois como lembrou Tania de Luca, mais que escrever a história da imprensa, tornou-se mister recuperar a história *por meio* da imprensa (2005, p. 111-112). Isto é, não bastava colocar os impressos no tempo, circunscreve-los num determinado contexto, tomando-os apenas como fontes para certas inquirições. Era preciso enxergar jornais e revistas como objetos culturais, dotados de significados, organizados por determinados grupos e com pontuais objetivos. E para fazer essa história *por meio* da imprensa era necessário vê-la como objeto também.

Nesse sentido, cabe emprestar o termo *semióforo*, definido por Pomian, para classificar *Anauê!*. Segundo o autor, semióforo é um objeto portador de significado reconhecido em dada sociedade, grupo ou localidade (1998, p. 77). A revista ora em foco será encarada desta forma, portanto. Dessa maneira, escapa-se dos riscos de uma análise puramente semiótica (do sentido, da ideia, privilegiando os signos em detrimento do material), tanto quanto de uma abordagem apenas pragmática (estudo do tangível, do objeto, da tiragem, da economia), optando-se por levar em consideração tanto o sentido produzido, como o suporte pelo qual se apresenta. Cabe, outrossim, levar em conta sua gênese, compreender os fatores de que é produto e sobre os meios que a trouxeram à existência; no limite, sobre seu lugar na história (Idem, p. 90-91).

Importa salientar, ainda, que *Anauê!*, até então, não contava com nenhum estudo nessa linha, sendo usada apenas como fonte para responder a indagações pontuais. Observada em todos os seus aspectos, a revista revelou características obnubiladas pela historiografia e pelos próprios integralistas, o que forçou a rever seu papel dentro do movimento e até mesmo na história da imprensa do período.

Projeto que visava variar o cardápio jornalístico da AIB, *Anauê!* se apresentava, e era apresentada por seus pares, como revista ilustrada e de variedades, o que ia na contramão de uma imprensa política e ideológica até então levada a cabo pelo movimento. Contudo, descobrir se de fato o mensário cumpriu as expectativas é objetivo desse trabalho, além de entender o que ele representou naquele contexto, o que se revelará nas páginas que seguem.

Anauê! transitou em período conturbado da história nacional, no qual o país, sob a égide do governo de Getúlio Vargas, acompanhava intensa contenda política entre correntes opostas, as quais transitavam, grosso modo, pelo comunismo, liberalismo e fascismo. Essas muitas maneiras de ver o mundo social e político num mesmo contexto é o que permitiu a Bernstein suspeitar da noção de uma cultura política partilhada no âmbito nacional, preferindo

utilizar o conceito de *culturas políticas* no plural (1998, p. 354). Daí a importância de se fazer, também, uma história política, tal qual sugeriu Sirinelli, não se preocupando apenas com comportamentos coletivos e seus efeitos, mas também com as percepções e sensibilidades, interessando-se pela transmissão das crenças, normas e valores, ou seja, pela cultura política de um grupo, que nada mais é que um conjunto de representações partilhado (1998, p. 412-414). *Anauê!*, como semióforo da AIB, funciona, assim, como um objeto significativo, compartilhando a cultura material de um momento específico e ligada a um movimento político-social com interesses ideológicos.

O lançamento da revista estava conectado a um contexto político tenso, no qual diferentes forças digladiaram-se em torno de um projeto político nacional, que acabava de sair da formação de uma Assembleia Constituinte que, por sua vez, decidira pelo pleito presidencial em 1938. Essa disputa estimulou a participação mais ativa de determinados grupos na cena nacional, com vistas ao executivo da República, situação que colocou o líder do movimento da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado, como concorrente direto de Vargas nas eleições.

Como não poderia deixar de ser, naquela disputa um dos principais instrumentos de persuasão e propaganda eleitoral foi a imprensa, que se valeu de jornais, revistas e emissoras de rádios para destacar os candidatos e suas propostas a público mais amplo. No entanto, embora a imprensa política fosse tradicional no Brasil, as primeiras décadas do século XX assistiram a uma intensa modernização nas grandes cidades do país, salientando-se Rio de Janeiro e São Paulo, o que causou modificações singulares em comportamentos, modas, gostos e educação. Grande parte dessas tendências era divulgada pelo periodismo que, junto às cidades, modernizava-se, lançando títulos variados e não apenas políticos. Foi dentro desse segmento que *Anauê!* emergiu, com intuito de ocupar um nicho de mercado vibrante nos anos 1930. Interessava a ela copiar o formato mais sedutor das revistas ilustradas, mas diferenciar a essência. Enquanto estas exaltavam os avanços da modernidade, aquela privilegiou o nacional, o interior, a terra e o índio. Os grupos se armavam com instrumentos parecidos para defender ideologias divergentes.

Ela poderia, a partir daquele momento, com roupagem mais moderna que o restante da imprensa integralista, levar a palavra do movimento a público amplo, e contribuir para sua expansão em todo o país. Colocava-se, portanto, num ambiente bastante concorrido, com já renomadas publicações, com a tarefa de inovar a forma de apresentação de sua ideologia. Aí reside um aspecto importante de análise, pois como salienta Beatriz Sarlo, o tecido discursivo

das revistas pode ser visto como laboratório de propostas estéticas e ideológicas, instrumentos da batalha cultural e política, definindo-se tanto pelo o que discutem como pelo o que “esquecem” (1990, p. 14). Assim, atentar ao discurso de *Anauê!*, seja ele escrito ou imagético, revelou muito de suas propostas e intenções, assim como suas falhas e fracassos.

O mais interessante, porém, é perceber que simbolicamente a revista representou elemento importante de resistência ao discurso dominante da modernidade, mesmo que não pudesse competir mercadologicamente com as grandes revistas. Como percebeu Angela de Castro Gomes, a maioria das elites culturais, econômicas e políticas queria construir um Brasil moderno, urbano e industrial naquele momento (2013, p. 42), o que não era compartilhado com as intenções da AIB. Como não sofreu perseguição e censura – até dezembro de 1937 -, *Anauê!* pôde trabalhar com mais paciência a opinião pública, diferente de outras publicações mais radicais e efêmeras.

Sarlo (Idem, p. 15), de acordo com os métodos historiográficos aqui empregados, ainda pondera que as revistas estão entre os objetos mais adequados para a leitura sócio-histórica, servindo de mapas das relações intelectuais, além de rede de comunicação entre a dimensão cultural e política. Sirinelli também vê o gênero revista como instrumento importante para compreender essas relações, já que nele se fermenta o debate intelectual, caracterizando-se como privilegiado espaço de sociabilidade de grupos ideológicos (1996, p. 249). *Anauê!* representa muito bem esse espaço, pois se configurou em ferramenta de discussão pública por parte de alguns intelectuais ligados à AIB, ou seja, projeto de formação da opinião pública a partir de concepções localmente determinadas.

Por isso que as revistas, como a imprensa no geral, tornaram-se nas últimas décadas fonte e objeto importante na análise historiográfica, revelando muito das atuações, intenções, projetos e contendas de diversificados grupos em sociedade. Mergulhar, portanto, nas páginas de *Anauê!*, pode ajudar a melhor compreender não apenas o projeto político e ideológico da AIB, importante partido de massas do período, como também a forma de se fazer jornalismo naquele ínterim, quando as políticas de massas avultavam por todo o mundo e novas diretrizes para a disputa político-partidária entravam em cena, com destacado papel do periodismo.

O presente trabalho, inserido no campo dos estudos *da e por meio* da imprensa, atentando para suas práticas culturais e políticas, pretende contribuir com uma vertente historiográfica que vem ganhando força nas últimas décadas, a dos estudos sobre o integralismo, na qual o Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT) tem preponderância; num aspecto mais largo, contribuir com os estudos sobre a extrema direita e suas congêneres no

Brasil, destacando, sempre que possível, as similaridades estratégicas entre os diversos partidos e movimentos fascistas no âmbito internacional.

O integralismo é um tema peculiar no campo das pesquisas acadêmicas no Brasil. Foi praticamente deixado no ostracismo por quase 30 anos, já que apenas dois trabalhos trataram do assunto ainda nos anos 1930,¹ ambos desenvolvidos fora do país e, depois, um grande tempo se passou até aparecerem novas pesquisas.² Apesar de alguns textos jornalísticos esporadicamente abordarem o tema, no campo dos estudos científicos, especificamente, o integralismo só voltaria a aparecer com Héglio Trindade, em 1971, obra originada de seu doutoramento e que se tornou referência para pesquisadores do assunto. Trata-se, na verdade, de um trabalho pioneiro, que relançou o integralismo no campo da pesquisa. A partir daí, pode-se elencar três fases de estudos, segundo Oliveira (2009, p. 31). Na primeira, destacaram-se os trabalhos do próprio Trindade, de Gilberto Vasconcellos (1979) e de Chasin (1978). Fase polêmica, pois marcada por interpretações divergentes entre os autores, sendo o mais contundente Chasin, já que negava qualquer influência do fascismo na formação da AIB. Contudo, tal postura não é dominante entre os estudiosos da área, já que a maioria não nega o peso da ideologia fascista na formação do movimento integralista, ainda que uns a destaque mais que outros. Neste primeiro momento, o objetivo era entender a AIB a partir da organização nacional e do pensamento das principais lideranças do movimento, como Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso.

A segunda fase alterou o foco. Em vez de pesquisas mais amplas, que tentavam abarcar aspectos do integralismo em caráter nacional, observou-se estudos regionais, os quais pregaram que ações locais foram importantes junto à sociedade. Nesse ínterim, destacaram-se os trabalhos de René Geertz (mestrado e doutorado) e Josênio Parente (1986), o que não significa que outros autores não produziram trabalhos de fôlego. A bibliografia se estende e não cabe aqui enumerá-las. Trata-se de observar que as discussões acerca do integralismo em âmbito regional (que foram muitas e continuam a existir) suscitaram novos questionamentos, o que engendrou nova “fase” de estudos. Ao chamar a atenção para novos objetos, já que

¹ O primeiro sob a autoria de Carlos Henrique Hunsche, em 1937, tese de doutoramento defendida na Alemanha, com o título de *O integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil*. Em seguida apareceu o trabalho de Arnaldo Nicolau de Flue Gut, defendido também na Alemanha, em 1938, intitulado *Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro na literatura brasileira* (OLIVEIRA, 2009, p. 29).

² Um trabalho interessante de Victor Lustosa aponta algumas possibilidades de tal esquecimento. Para ele, após a tentativa frustrada dos integralistas em dar um golpe no Estado Novo, ocorreu um processo de construção negativa do movimento. As atitudes e o fracasso de um evento específico foram tomados como representação geral da AIB, o que possibilitou a formação e a construção de uma memória equivocada sobre o integralismo. Diz ele: “Ao ser recordado, o que se anuncia é o seu esquecimento, uma vez que, a derrota dos integralistas apagou as marcas do movimento de massa que ocupou papel de destaque nos anos 1930” (LUSTOSA, 2004).

permitiu a visão do integralismo em escalas, os estudos regionais permitiram que nova onda de pesquisas se destacasse nos anos 1990, buscando dar conta de temas que possuíam espaço marginal inicialmente. Nesta terceira fase, então, o militante de base “ganhou voz”, a mulher integralista emergiu como sujeito ativo, os símbolos e os rituais tomaram proporção considerável e o integralismo no pós-Segunda Guerra tornou-se alvo recorrente de pesquisadores.

O assunto está tão em voga que, além do espaço angariado na academia, põe-se em relevo o retorno do integralismo como ideologia política, contando com muitos adeptos espalhados por todo o país. A Frente Integralista Brasileira (FIB), lançada em janeiro de 2005, é um exemplo disso, explicando sua organização nos seguintes termos:

Baseada no legado deixado pelo maior movimento nacionalista da história do Brasil, a FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA surge no século XXI, fundada por patriotas da nossa terra, com o objetivo de criar uma escola de cultura e civismo, inspirada em valores cristãos, para despertar o nosso povo em torno das reais possibilidades da nação, elevando sua auto-estima e afirmando-se para a construção da mais bela civilização do século XXI! (www.integralismo.org).

O grupo encontra-se tão organizado que possui até mesmo brigadas atuando em seu nome. São várias células que têm o objetivo de cooptar cada vez mais adeptos ao integralismo do século XXI. Contudo, a FIB não está sozinha nessa empreitada. Outro grupo que também atua em função do integralismo, denominado Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B), mantém um sítio na internet e desenvolve pesquisas sobre a história da AIB (ver CARNEIRO, 2007 e CRUZ, 2007).

Vê-se, pois, que o período de esquecimento da AIB há tempos não vigora. O que ocorreu nas últimas décadas foi uma retomada do tema, o que possibilitou o desenvolvimento de vários trabalhos que abordaram o movimento criado por Plínio Salgado. Seguindo as tendências historiográficas recentes, é possível encontrar facilmente numerosas pesquisas acerca da AIB em muitos programas de pós-graduação do país, muitas delas dentro da perspectiva das citadas Nova História Cultural e Nova História Política. Novas abordagens e métodos possibilitaram enriquecer a história do integralismo e enxergar problemas e questões que práticas historiográficas anteriores não permitiam. Apenas para dar alguns exemplos, Lustosa Victor (2004 e 2013) resgatou a memória sobre o integralismo, mostrando de que maneira memória e história se confundem muitas vezes de forma equivocada, além de demonstrar que estas memórias e imaginários sobre determinados eventos são constructos socioculturais em constante embate na sociedade. Giovanny N. Viana (2008) abordou o modo

como os jovens integralistas eram doutrinados entre 1934 e 1937; Christofolletti (2002) se dedicou a entender como foram organizadas as comemorações e as festividades no aniversário de 25 anos do integralismo e suas representações; Simões (2009) preocupou-se com a educação do corpo do militante; Jefferson R. Barbosa (2012) e Rafael Athaides (2012) debateram a essência ideológica da AIB, oferecendo visões diferenciadas. A lista é enorme, o que comprova a produção em larga escala de estudos sobre a AIB e seus resgates durante a história.

Com intuito de contribuir com estas pesquisas, oferece-se aqui uma análise pormenorizada da revista *Anauê!*, que se justifica mediante a importância dada pelo próprio movimento ao mensário e ao destaque que a historiografia relativa ao integralismo concedeu ao mesmo. Importa compreender quais as estratégias discursivas e editoriais utilizadas para doutrinar o leitor, os recursos técnicos empregados para tal fim, os investimentos financeiros e humanos aplicados e porque as expectativas frente à revista eram tão altas. Ademais, a ideia é operar uma revisão quanto a real participação de *Anauê!* dentro da propaganda política e ideológica da AIB, alocando-a em seu verdadeiro posto. Parte-se da hipótese de que a revista pode ser um indício de como toda a estrutura de imprensa integralista era fragilizada, não ocupando espaço indelével na expansão do movimento por todo o país. Neste caminho, sempre atentando não apenas ao impacto que tal empreitada causou (ou pode ter causado) no meio social, político e cultural, mas principalmente às pretensões e projeções de mudanças estruturais propostas via uma doutrina autoritária que flertava mais com o apelo emotivo que com o debate racional.

Tomar apenas uma revista como foco principal de análise não é ceder à vertigem do individual, à exaltação intempestiva do seu objeto. Como ensinou Revel, é bastante fértil variar a escala de observação, ir do micro ao macro e vice-versa, pois assim se contribui para a compreensão da estrutura de forma “folheada”, sem generalizações precipitadas. Não significa que uma ou outra escala de observação seja mais real; elas se completam (1998, p. 14-16). *Anauê!*, como publicação destacada na estrutura de imprensa integralista, observada com mais acuidade, denuncia uma situação bastante complicada daquela estrutura, pouco profissionalizada e com sérios problemas de inserção no mercado leitor. Revela algo mais: que a tentativa desesperada de se autoclassificar como forte criou uma memória histórica que não converge com as práticas e técnicas levadas a cabo naquele momento. A imaginação dos integralistas e a representação que faziam de si próprios fez, em muitos casos, tomar-se o

logro como verdade, ao ostentarem os signos visíveis como provas de uma “realidade” que não o é (ou foi).

Relativizar a ação de *Anauê!*, assim como levantar dúvidas sobre toda a imprensa integralista, sugere o grau de ligação prática que a AIB estabeleceu com os fascismos, pois fica evidente que não foi no campo das ideias, do debate público, da discussão teórica, da proposição racional de novos rumos que o partido conquistou sua força. Foi no terreno emocional, nos desfiles e paradas, nas caravanas ao interior, na construção de um inimigo temeroso, nos símbolos e estandartes expostos com estardalhaço. Ainda que tenham publicado uma centena de periódicos e dezenas de livros, é preciso compreender em que sociedade estes circularam, qual o mercado para tais veículos de comunicação, quais as capacidades materiais e técnicas dessas publicações, sua periodicidade, os dirigentes, abrangências etc.

Por outro lado, reposicionar *Anauê!* na história da imprensa e do partido não retira seu valor como objeto significativo e nem tampouco as contribuições ofertadas ao campo da pesquisa histórica. Pelo contrário, ainda que a revista não tenha sido tão influente, é preciso atentar para seu papel no campo da história das ideias, ideologias e intelectual, pois desnudava as propostas políticas de um movimento ultranacionalista no Brasil dos anos 1930. Mais que isso, era consequência de uma tendência autoritária em âmbito internacional, apenas refletindo de forma particularizada um ideal de época. Se o capitalismo entrava em crise, não faltaram soluções de momento aos problemas internos dos países. No Brasil, o integralismo representou uma dessas formas, dialogando intimamente com o fascismo.

Dentro deste projeto integral, *Anauê!* representou uma alternativa ao estilo jornalístico do movimento, revelando preocupação dos dirigentes quanto ao modelo de informação transmitida ao público. Era evidente que as publicações com maior sucesso eram as ilustradas e variadas, sendo a revista *O Cruzeiro* o exemplo mais factível disso. Assis Chateaubriand e seu conglomerado de imprensa – os Diários Associados – eram dois dos alvos principais dos integralistas, pois propagandeavam um modelo de mundo oposto ao pretendido pela AIB. Contudo, a estrutura periódica integralista, da forma como se apresentava, não tinha condições de disputar mercado e/ou influência com a grande imprensa, o que levou ao lançamento de *Anauê!*: trincheira de resistência conservadora, ultranacionalista e autoritária contra o bombardeamento feroz de uma imprensa cosmopolita.

Para debater, portanto, a real representatividade da revista (reposiciona-la) e a forma como se apresentou no campo de batalha ilustrado do período, a tese se divide tal como segue.

No primeiro capítulo objetivou-se trabalhar a questão da imprensa e do integralismo nos anos 1930. Para tanto, optou-se por fazer um breve levantamento da evolução do periodismo nacional nas primeiras décadas do século XX, para se estabelecer em que contexto da imprensa brasileira *Anauê!* surgiu e, posteriormente, como se colocou nesse mercado. Essa discussão se faz necessária para colocar em sincronia com outras publicações não apenas a revista ora em foco, mas toda a estrutura de imprensa integralista, o que contribui para entender as dificuldades deste periodismo verde frente ao mercado e sua opção por uma revista ilustrada.

Claro que se leva em conta, aqui, os objetivos precípuos de um jornalismo político-partidário, cuja existência ultrapassa a questão mercadológica, mas é preciso situa-lo para perceber a emergência que levou a AIB a se valer de uma revista ilustrada e, como complemento, requerer uma imprensa menos pesada e doutrinária. Somente em sincronia com a grande imprensa do contexto é possível compreender o momento da publicação de *Anauê!* e seus possíveis diálogos com a mesma, método bastante plausível, como bem mostrou a historiadora Tania R. de Luca no primeiro capítulo de seu *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil* (2011). O panorama, portanto, é importante para compreender tanto os papéis específicos de cada estilo de imprensa como seus projetos *para* e suas representações *da* realidade.

Em seguida, também foi relevante apresentar um breve histórico da AIB e sua organização, pois é imprescindível compreender como se organizou o movimento e o partido para buscar entender sua imprensa. Na dinâmica acelerada dos anos 1930, na qual as questões políticas alternavam-se seguidamente, a AIB movimentou suas engrenagens adaptando-se às conjunturas que surgiam, o que afetou sua imprensa e a revista *Anauê!*, como ficará claro no desenvolvimento do trabalho.

Nesse sentido, pareceu indispensável apresentar a estrutura dessa imprensa verde comandada pela AIB. Discutiu-se como o movimento lidava com os periódicos que atuavam em nome do integralismo e, em seguida, apresentou-se as principais folhas desta estrutura, rol do qual a revista *Anauê!* fez parte. Ao observar os formatos e projetos desses jornais e revistas ficou mais fácil visualizar de que maneira o mensário ilustrado se diferenciava do restante, ocupando lugar específico nesta engrenagem. Na esteira desta discussão, indagações foram levantadas acerca da representatividade desta imprensa na atuação e no crescimento da AIB, tomando com mais afinco a questão eleitoral para discernir sua contribuição nessa empreitada, o que demonstrou a não efetividade destas folhas nos resultados finais dos pleitos. *Anauê!*,

especialmente em sua segunda fase, era a representação de um novo jornalismo, sem dúvida partidário, mas também mercadológico, que visava objetivos eleitorais dentro de um novo contexto da AIB. Era a tentativa de sucesso antes não alcançado.

Repensar esta estrutura periódica integralista foi o que permitiu encarar *Anauê!* com desconfiança, não aceitando a memória de sucesso reproduzida sobre ela como verdadeira. Procurou-se separar as intenções e propostas do resultado final, o que possibilitou rever sua efetividade como recurso diferenciado do partido. Embora sejam inegáveis algumas de suas inovações, *Anauê!* teve sérios problemas administrativos e adaptativos ao estilo ilustrado. Sendo assim, julgou-se necessário levantar a forma como revista foi abordada na historiografia, tarefa que ajudou a perceber que os estudos acadêmicos, devido às indagações pontuais feitas ao objeto, acabaram reproduzindo uma descrição exagerada da revista quanto aos seus sucessos, não apenas dentro do movimento como no cenário geral.

Cercado por tais informações foi possível tomar a revista *Anauê!* individualmente. O segundo capítulo, portanto, apresenta um histórico da publicação, desde seu primeiro número, atentando, também, para as figuras responsáveis por sua direção nas duas fases. Neste momento é que as falhas e insucessos da revista ficaram mais aparentes, pois suas inconstâncias na circulação, na estrutura interna, na paginação e no grupo gestor justificaram sua pouca efetividade, principalmente em sua primeira fase, sob a gestão de Eurípedes de Menezes.

Não apenas essas questões físicas e administrativas acusaram os problemas, mas ao se dedicar à análise temática do periódico, ficou evidente a dificuldade da revista em inovar quanto ao discurso recorrente do restante das folhas verdes. Esta dificuldade foi amenizada na segunda fase, sob o comando de Manoel Hasslocher, mas o tom doutrinário nunca deixou de pesar sobre a publicação. Contudo, ainda que a maneira de informar não tenha sido tão radicalmente transformada, foi valoroso perceber o discurso simbólico empregado pelos camisas-verdes para enfrentar a fala dominante da grande imprensa.

As representações de raça, mulher e política da AIB ficaram bem expostas, o que forneceu argumentos para se sustentar a hipótese de que *Anauê!* tenha sido o espaço de resistência simbólica – ainda que se desejasse efetiva – do pensamento ultranacionalista e autoritário no campo das ideias e ideologias no embate discursivo da imprensa como um todo. E foi esta revista a trincheira, e não qualquer outro veículo, exatamente porque se propôs enfrentar o “inimigo” em seu campo de batalha, com as armas dele, visando salvaguardar, no mínimo, seus já militantes, quando não a possibilidade de conquistar novos.

As capas também foram alvo nesta segunda parte do trabalho, já que se apresentaram como importante via de comunicação com o leitor, valendo-se de simbolismos, cores e imagens que resumiam a doutrina integralista; por outro lado, as mesmas capas denunciavam que a revista compartilhava princípios estéticos internacionais, como se perceberá no decorrer do trabalho. Era uma estratégia comum nas políticas de massa daquelas décadas, o que se pôde perceber no mensário em questão. Por fim, coube ao capítulo discutir a segmentação do conteúdo de *Anauê!*, o que se concretizou de fato com as seções temáticas – especialmente na segunda fase –, e avaliar de que forma a publicidade em suas páginas foi importante para sua manutenção, na maioria das vezes não levando em conta os princípios doutrinários típicos da AIB, que vai totalmente contra o mercado liberal.

O terceiro e último capítulo dedicou-se ao posicionamento político e ideológico da revista no que se relaciona às ideologias internacionais mais em voga naquele íterim. Primeiramente importou abordar os recursos imagéticos utilizados por *Anauê!* para transmitir sua mensagem, o que demonstrou a maneira como aos poucos a publicação foi aprendendo a se valer de recursos lúdicos e menos maçantes para publicizar sua doutrina. Isso ficou claro na veiculação de cartuns, tirinhas e charges, como também no uso recorrente de fotografias. Este capítulo também reservou uma análise detida da forma como *Anauê!* tratou a questão do comunismo e do fascismo em suas páginas, o que explicou muito sobre sua organização durante toda a sua existência. De fato, foi seu posicionamento ideológico e político que direcionou seu conteúdo, moldando um mensário partidário que dificilmente escapou ao tom doutrinário.

Para tornar possível tal estudo, empregou-se trabalho de levantamento de dados que produziu dezenas de quadros avaliativos que, em conjunto, somaram centenas de páginas de fichamentos, detalhes, observações e dados. Todos os artigos, imagens, seções, autores, mudanças na diagramação, capas e aspectos relevantes foram catalogados e classificados de acordo com os interesses em cada um. A publicidade foi analisada uma a uma, determinando seu tamanho, cor, segmento mercadológico e espaço ocupado na revista. Este tipo de trabalho produziu quantidade muito grande de informações que, em determinados momentos, ameaçou a organização do texto com a mesma síndrome a qual se referia Tocqueville: a do mineiro.

Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro (Citado por SIRINELLI, 1996, p. 244-245).

Sem as devidas ferramentas e métodos historiográficos, o excesso do objeto poderia sufocar em vez de recheiar a pesquisa. Foi num árduo trabalho de seleção, análise,

interpretação e cortes, cujo ajustamento organizado do resultado configura um corpo inteligível escrito, que se apresenta esta tese, que pretende essencialmente reconstruir a trajetória da revista principal dos integralistas, reestabelecendo seu lugar na história da imprensa dos anos 1930 e identificando-a como um objeto (trincheira) diferenciado de defesa dos ideais ultranacionalistas e autoritários no Brasil daqueles anos específicos do Governo Vargas, em que as publicações políticas e ideológicas pouco conseguiram circular sem sofrer censura e perseguição.

CAPÍTULO 1

IMPrensa E INTEGRALISMO

1.1 Periodismo brasileiro nas primeiras décadas do século XX

A revista *Anauê!*, como mencionado, circulou durante três anos, totalizando 22 números. Como se vê, foi um curto período de tempo, se comparada a grandes revistas do período que ultrapassaram um decênio de existência, porém, levando-se em consideração o volátil mercado editorial característico das primeiras décadas do século XX, especialmente os anos 1930, marcado por contendas políticas, perseguições e censura, há de se reconhecer a atuação deste periódico, ainda mais por se tratar de veículo ideológico-político de um partido de massas do contexto.

Parece interessante, portanto, dedicar algumas considerações ao periodismo daquele momento, para compreender o mercado editorial variado que se apresentava frente às publicações partidárias integralistas. Somente assim será possível vislumbrar as dificuldades enfrentadas por jornais e revistas abertamente políticos e de conteúdo doutrinário diante de concorrentes modernos, profissionalizados, que usavam materiais de primeira qualidade e técnicas avançadas de produção. Esse entrave não prejudicava apenas as folhas da AIB, como também do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Levar sua doutrina via impressos periódicos para público amplo era um desafio grande a esses movimentos, o qual foi enfrentado, pelo menos pela AIB, com a tentativa de veiculação de uma revista ilustrada que, ao mesmo tempo em que intentava seduzir pela aparência e formato, oferecia conteúdo ideológico cansativo.

A história da imprensa brasileira demonstrou que o jornalismo por aqui sempre fora tradicionalmente político (COHEN, 2008, p. 104), no entanto, é inegável que à medida que o tempo passou, novas características surgiram, o que contribuiu para a modernização e segmentação do mercado, revelando dinamismo que requer cuidado ao se analisar momentos específicos do periodismo nacional. Muitas dessas novidades encaixaram-se em *Anauê!*, como será percebido posteriormente. Os 40 primeiros anos dos novecentos demonstram bem tais mudanças, as quais revelam a maleabilidade da imprensa para se adaptar aos tempos históricos, claro, não sem percalços.

Nas palavras da professora Tania de Luca,

Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, compareciam os inquéritos literários. Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público

feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais (2008, p. 152).

A despeito do crescimento numérico de publicações no limiar do século, não se pode esquecer das características da sociedade brasileira, com forte resquício do passado colonial, população de negros ex-escravos considerável, oligarquia forte, taxas de analfabetismo gritantes - que beiravam 80% - e população predominantemente rural. Tudo isso influía no mercado impresso, que, até então, contava com público reduzido para as suas folhas. Mais que isso, Eliana Dutra lembrou das críticas do escritor Afrânio Peixoto, em 1938, sugerindo que entre os alfabetizados, cerca de 20 a 25% não tinham hábito de leitura, nem mesmo de jornais, que se caracterizavam por serem mais rápidos e informativos (2013, p. 230). Esse cenário começava a mudar com o ideal de letramento da República (COHEN, *Op. Cit.*, p. 105),³ juntamente com as inovações tecnológicas que chegavam do outro lado do Atlântico e com o processo de industrialização que dava seus primeiros passos, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro.

Esse novos tempos, pautados pelo republicanismo ainda jovial da nação, fomentou o surgimento de uma imprensa cada vez mais profissional e empresarial, consoante os ideais liberais que ocuparam os círculos de debate intelectual no país. Essa característica movimentou as engrenagens das empresas para a otimização da produção, investindo em novas técnicas e equipamentos na feitura jornalística. Cinematógrafo, fonógrafo, gramofone, daguereótipos, linotipo, as marinonis e o telégrafo dinamizaram as redações e deram novas roupagens aos jornais e revistas circulantes. Alguns são símbolos dessa mudança, entre eles, *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro /1891-), *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro / 1827-), *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro /1875-1942), *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro / 1901-1974), *O Paiz* (Rio de Janeiro / 1884-1934) e *O Estado de S. Paulo* (São Paulo / 1875-); na categoria revisteira, destacaram-se *Revista da Semana* (Rio de Janeiro / 1900-1962), *O Malho* (Rio de Janeiro / 1902-1954), *Tico-Tico* (Rio de Janeiro / 1906-1977), *Fon-Fon* (Rio de Janeiro / 1907-1958) e *Careta* (Rio de Janeiro / 1908-1960).

Percebe-se que o Rio de Janeiro comandou o lançamento de títulos que marcaram a história do jornalismo nacional, o que não significa que outras localidades, principalmente São Paulo, não investiram em publicações, como bem aponta o elogiado trabalho de Ana Luiza Martins, *Revistas em revista* (2008). De fato, estas duas cidades destacaram-se no

³ Ainda que o ideal existisse, Ana Luiza Martins matiza ao afirmar que o tema “permaneceu isento de propostas orgânicas para todo o país, não passando de mote meramente discursivo, bradado com vigor oratório, porém, vazio de ação” (MARTINS, 2008, p. 199).

mercado editorial, o que se explica também pela posição que ocupavam no país. Rio de Janeiro ostentava o título de capital da nação, centro das principais ações políticas, ao passo que São Paulo já se apresentava como forte polo econômico brasileiro. Estas situações refletiam em suas populações que apresentavam taxas de urbanização e alfabetização mais altas que do resto da nação, portanto, nicho atraente para o periodismo empresarial nascente (MARTINS, 2008, p. 199-201).

Nesse sentido, as revistas ocuparam espaço de distinção, visando público amplo, com diagramação mais bem elaborada, textos curtos e leves, abuso de imagens, principalmente as apontadas como de variedades e ilustradas. Nelas, o mundo moderno era estampado em cores e letras, sendo chique ignorar o Brasil e delirar por Paris, como bem apontou Nelson W. Sodré (1966, p. 343). Não tardou, nesse ínterim, reação de setores intelectuais contra o cosmopolitismo louvado nas páginas da imprensa, o que se intensificou com a Primeira Guerra Mundial e nos anos subsequentes. Na verdade, *Anauê!* apresentava-se como o baluarte integralista na contraposição ao discurso modernizante e/ou liberal da grande imprensa no ramo revisteiro,⁴ era a antípoda verde contra o cosmopolitismo e a exaltação à modernidade que avultava nos grandes centros urbanos, mas, como ficou evidente, tinha forte concorrência a enfrentar, que contava com empresas bem mais estruturadas do que sua redação.

Todas essas inovações tecnológicas, letramento da população, classe média ascendente, industrialização, urbanização, profissionalização de várias áreas, crescimento do proletariado e contexto internacional, contribuíram para a segmentação do mercado impresso - inclusive para a segmentação da própria imprensa da AIB, que passou a investir em estilos jornalísticos diversificados. O mercado periódico, então, quando não investiu em publicações específicas, como revistas femininas, profissionais, técnicas, religiosas, de esportes, infantis etc, estimulou a variação do conteúdo de jornais e revistas com seções temáticas. No encalço dessa transformação, as revistas de vanguarda apareceram com vigor nos anos 1920, marcando posição no campo intelectual, na maioria das vezes sustentadas por seus criadores e/ou grupos específicos. Nelas, a tendência ao nacionalismo, à defesa da brasilidade, à

⁴ Entenda-se, a partir daqui, que ao mencionar “imprensa liberal” não significa aceitar a condição de ligada ideologicamente ao liberalismo. Trata-se de uma opção que visa demonstrar como a AIB entendia esse periodismo empresarial, muito embora, em alguns casos, de fato, publicações tenham defendido essa linha política. É preciso observar que os anos 1930 foram marcados por um discurso centralizador e autoritário, cujos fascismos ainda não eram o “monstro” característico do pós-2ª Guerra, sendo vistos como alternativa ao fracassado liberalismo que levava à crise econômica de 1929 e à Grande Depressão. Tanto a grande imprensa, como os jornais de partido assumiram esse discurso centralizador em muitos momentos, especialmente com o crescimento burocrático do governo Vargas, que cooptava as folhas, silenciava-as e oferecia subsídios financeiros. Ou seja, ainda que muitos veículos trabalhassem como empresas dentro do mercado capitalista, não comungavam com um regime político liberal (Ver ARAÚJO, 2008; BARBOSA, 2007, p. 105-107).

valorização da história, sujeitos e elementos culturais do país predominaram, em busca da identidade nacional. Eram espaços de debates mais restritos, intelectualizados, não caminhando paralelo à grande imprensa de mercado. Desse movimento nacionalista participaram futuras lideranças da AIB, que já começavam a criar o alicerce ideológico que embasaria o nacionalismo do movimento de Plínio Salgado.

Antes, no entanto, algumas experiências já se posicionavam com afincos ideológicos. A Liga da Defesa Nacional, fundada por Olavo Bilac, em 1916, inaugurou a campanha nacionalista, e a Liga Nacionalista (1917) e o Partido Municipalista, de 1918, do qual Plínio Salgado foi membro, continuaram a empreitada. Na esteira disso, publicações do gênero apareceram, com destaque para a *Revista do Brasil* (São Paulo / 1916-1990), apontada como um dos principais veículos de defesa da brasilidade no período (Ver LUCA, 1999 e 2011), e a revista *Braziléia* (Rio de Janeiro / 1917-1918), embrião de outra organização nacionalista, a Propaganda Nativista (1919). *Panóplia, mensário de Arte, Sciencia e Literatura* (São Paulo / 1917-1919), também foi nacionalista, dirigida por Pedreira Duprat e Cassiano Ricardo. Em 1920 surgiu a Ação Social Nacionalista, que tinha como veículo divulgador de suas propostas a revista *Gil Blas* (Rio de Janeiro / 1919-1923). Teóricos autoritários conservadores também fortaleceram tais argumentos, como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Farias Brito e Jackson de Figueiredo (os dois últimos marcos da renovação católica no Brasil, que culminou no Centro Dom Vital, em 1922).⁵

Nesse período as ideias desses intelectuais supracitados fomentaram debates contínuos nos meios intelectuais e na imprensa, construindo uma visão de Brasil e de nacionalidade próprios, pois não poderiam adotar as teorias europeias sob o risco de ver o futuro da nação condenado. Por exemplo, quanto à problemática racial, muitos estudos estrangeiros contribuíam para a visão de que o Brasil era uma nação degenerada dada a sua característica miscigenada. Acreditava-se nas diferenças qualitativas entre raças humanas, sendo a branca o alicerce para se construir uma nação respeitável. A imprensa elogiava constantemente Charles Darwin e Auguste Comte, pensadores que serviram muitas vezes de fulcro para viajantes representarem o Brasil como condenado racialmente (GIAROLA, 2010). Diante deste quadro, intelectuais nacionais estabeleceram sua própria visão sobre o assunto, valendo-se de seleção de determinados textos. Buscaram adaptar teorias evolucionistas estrangeiras, cuidadosamente

⁵ Maria Helena Capelato demonstrou que essa discussão sobre identidade nacional e nacionalismo era uma tendência em toda a América Latina, variando as questões mais candentes em cada país, mas tendo a mesma essência (Ver 2009, p. 59-79).

ignorando o que soaria estranho e o que poderia inviabilizar o futuro da nação, como a miscigenação (SCHWARCZ, 1993, p. 41).

Nesse quadro, pensadores como Oliveira Vianna e Alberto Torres defendiam o arianismo (como teoria de melhoria racial) e não o racismo. Viam que seria necessária no país uma regeneração racial, que residia na educação moral, intelectual, educacional e física do povo. Santos mostra que Vianna via o branqueamento não apenas como cor de pele, mas como padrão comportamental, ou seja, era preciso mais que clarear a pele, higienizar o comportamento e o corpo (2012, p. 8). Essas discussões que fervilhavam na imprensa e nos círculos intelectuais foram combustível para a elaboração doutrinária integralista que, por sua vez, admirava e indicava constantemente os estudos destes pensadores autoritários. A AIB não aceitava a desvalorização da figura miscigenada típica do brasileiro e criou uma visão própria sobre o assunto como se verá no desenrolar do trabalho.

Foi em São Paulo, em consequência da Semana de Arte Moderna (1922), que se multiplicaram as revistas vanguardistas, como *Klaxton* (1922-1923), *Verde* (1927), *Festa* (1927-1935), *Revista de Antropofagia* (1928-1929) e *Revista Nova* (1931-1932). A imprensa da capital paulista, como discerniu Maria Eleutério, exprimia característica singular em relação à do Rio de Janeiro. Enquanto esta retratava as transformações da cidade, trazidas pelo avanço tecnológico (bondes, prédios, automóveis), aquela discutia a nacionalidade, a brasilidade e o futuro da nação (2008, p. 96-97). É ponto pacífico, contudo, que não há exclusividade em tais posturas, e sim tendências de um lado e de outro.

A oscilação entre a valorização da modernidade/moda estrangeira e a defesa da nacionalidade foi bem percebida por Ana Luiza Martins:

Importa reter que, no curso das transformações aceleradas que marcaram as revistas das décadas de 1890-1920, ressaltam os tempos defasados que coexistiram entre texto e imagem, revelando práticas e conteúdos em descompasso recíproco. Explica-se, em parte, o porquê. Na voragem de destruição do passado, perpetrada pela conexão intempestiva com a modernidade, surgiram grupos em defesa dos valores do País, temerosos da perda das raízes, calcados na herança romântica, imbuídos de nacionalismo, com forte presença nas revistas. Cultivando a tradição, buscando as origens, suas posturas iam do aprendizado do tupi-guarani ao endosso temático dos símbolos do “nacional”, cantando com ênfase ufanista em prosa, verso e agora imagem, os valores da pátria (2003, p. 73).

Vê-se, pois, que os anos 1920 foram inaugurados num cenário completamente novo, no qual os grupos ideológicos e políticos firmavam posição ativa. As contendidas oligárquicas se tornaram mais fortes, e atores novos se fizeram perceber, como os tenentes, descontentes

com os rumos do país. Além deles, liberais e comunistas⁶ também galgavam postos de destaque. Como não poderia deixar de ser, uma das armas principais para suas defesas foi a imprensa, que em muitos momentos criticou acidamente o governo, causando rápida reação. Em outubro de 1923 foi promulgada a Lei de Imprensa (de Adolfo Gordo), que responsabilizava não apenas os autores das matérias, mas todos os membros da redação dos periódicos (LUCA, 2008, p. 164-165). Na esteira do ato, o governo estabeleceu o Estado de Sítio, o que só fez crescer a oposição aos seus desmandos.

A censura, ao mesmo tempo em que calou alguns jornais, alimentou resposta enérgica de outros. Nas hostes da oposição, destacou-se a atuação de Assis Chateaubriand, dono do maior conglomerado de comunicação do período, os Diários Associados. Desde que comprou *O Jornal* (Rio de Janeiro / 1919-1974), em 1924, Chateaubriand deu início ao império que ajudaria a derrubar a 1ª República. Merece menção a revista *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro / 1928-1975), fundada em novembro de 1928 e que desde seus primeiros números atuou em prol de Getúlio Vargas, ou seja, uma revista de variedades que teve sensível apelo político (MIRA, 2003, p. 23). O Chatô, como era conhecido Chateaubriand, estava realmente disposto a derrubar o governo oligárquico, tanto que, em 5 de janeiro de 1929, lançou o *Diário de S. Paulo* (São Paulo / 1929-?), distribuído por um mês gratuitamente, cujas páginas estavam recheadas de elogios à Aliança Liberal (AL).⁷

O grupo liberal empenhou forte rede de veículos de comunicação para atacar o governo, momento em que os jornalistas se travestiram em baluartes da verdade e os ideais das Luzes guiaram suas ações, disfarçadas sob o artifício da impessoalidade e da imparcialidade nas páginas periódicas. Na assertiva de Capelato, a imprensa foi decisiva no processo que culminou no golpe de 1930, que colocou Getúlio Vargas no poder (1992, p. 57-61).

A atuação dos jornais e, especialmente, das revistas neste momento, encabeçados pelas folhas dos Diários Associados, lançava um estilo mais pomposo de se fazer o debate político por meio de uma imprensa não mais artesanal, pequena e partidária, mas uma empresarial, profissional e livre (em questões ideológicas), com recursos modernos que apresentavam estilo mais popular. Isto é, a imprensa estritamente partidária, política e ideológica cada vez

⁶ Em 1922 foi criado o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que a partir de então tendeu a concentrar as ações comunistas no país, assim como os jornais e revistas do grupo. Destacam-se nesse momento a revista *Movimento Comunista* (1921-?) e os jornais *A Classe Operária* (Rio de Janeiro / 1925-) e *A voz do Trabalhador*.

⁷ Coligação oposicionista de âmbito nacional formada no início de agosto de 1929 por iniciativa de líderes políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa respectivamente à presidência e vice-presidência da República nas eleições de 1º de março de 1930.

mais se tornava meio de discussão em círculos fechados, feita para marcação de posição e para orientação doutrinária, já que o conteúdo desses periódicos não interessava elevado número de leitores. Mesmo nas grandes capitais, onde a monta de alfabetizados era maior, esse jornalismo estritamente político não ocupava grande espaço, pois até mesmo grande parte das elites ou classe média estava ávida pelas novidades importadas da Europa que eram propagandeadas nas páginas da imprensa moderna. Assim, a atuação de Chateaubriand foi eficaz politicamente porque soube oferecer ao leitor comum conteúdos de interesses variados mesclados por doses pontuais de crítica política.

A forma como se deu a queda do regime oligárquico traçou os rumos tensos que a política assumiria naquela década. Desta feita, não é de admirar que o tema “política” ganhasse espaço no jornalismo do período. Contudo, a fala aos poucos foi monopolizada pelo Estado e alguns grupos, muito em função do clima pesado que logo sucedeu devido à orientação adotada pelo novo governo. No campo midiático,

O relacionamento amistoso entre a grande imprensa e o governo provisório não durou muito. A instabilidade dos momentos iniciais foi um dos argumentos mobilizados para justificar o cerceamento da liberdade de expressão tanto nos jornais e revistas, que se constituíam nos veículos privilegiados para formação de opinião, quanto em outros meios de difusão da informação disponíveis na época – cinema e especialmente o rádio, que se expandiu exatamente nas décadas de 1930 e 1940 e cuja importância num país de dimensões continentais e com altas taxas de analfabetismo não passou despercebido pelo regime (LUCA, 2008, p. 168).

Em termos políticos, tenentes e oligarquia dissidente também logo se estranharam, dado os objetivos divergentes que cada qual propunha para a continuidade da “revolução”. Na verdade, por contar com inúmeras forças dispersas, cada uma com seus objetivos imediatos, o golpe de 1930 não tardou a mostrar suas fraquezas internas de grupo. Como bem analisa Décio Saes,

O caráter limitado do processo revolucionário deflagrado em 1930 deve-se à própria natureza do movimento político-militar que lhe dá origem: “meia presença” ou “presença difusa” das classes trabalhadoras urbanas, participação de facções da burguesia comercial bancária e mesmo da propriedade fundiária, hegemonia da ala centralista/autoritária do tenentismo. Essa articulação contraditória e desequilibrada entre progressismo popular, conservadorismo burguês e reformismo autoritário acaba por reduzir duplamente o alcance do processo de transformação: de um lado, ausência de transformações democráticas no campo; de outro, transformação não democrática no Estado (1997, p. 458).

Tal situação tornou inevitável crescente centralização do poder no governo federal, com a suspensão da Constituição então vigente e a deposição dos presidentes dos Estados (hoje governadores), aos quais foram apresentados interventores, delineando um regime

autoritário. As oligarquias que apoiaram Vargas logo se indispuseram e iniciaram um movimento pró-constituente, sendo este encabeçado por São Paulo e encampado pela sua imprensa.

Essa questão do regionalismo oligárquico foi recorrente durante toda a primeira República, o que não cessou com o golpe de 1930. Essa era outra problemática de relevo nos debates integralistas, que viam a divisão do país como resultado de um liberalismo ultrapassado, que culminou em dissidências oligárquicas e interesses regionais em detrimento da nação. Percebe-se claramente que a imprensa verde e *Anauê!*, especificamente, entraram em cena naquela década debatendo assuntos que vinham se desenrolando desde décadas passadas, assumindo uma posição específica tanto no mercado editorial como no campo ideológico.

Era natural que o movimento comandado por Plínio Salgado investisse num discurso alternativo ao liberal, pois este setor não deixava de manifestar suas propostas em nenhum momento. Por exemplo, na imprensa liberal, especialmente a paulista e a carioca, encontravam-se críticas à centralização e ao autoritarismo, defendendo certa autonomia estadual, o que incomodava sobremaneira Vargas e os tenentes que o apoiavam, que entendiam como indispensável a centralização do poder. Ângela de Castro Gomes resume da seguinte maneira aquele momento:

Os tenentes procuravam emprestar ao Estado uma orientação claramente **centralizadora**, de reforço dos poderes intervencionistas da União, inclusive na área econômica e social. A execução desta proposta deveria estar pautada em padrões técnicos de administração, sendo sua eficácia garantida por um regime político forte, isto é, pela permanência da ditadura como meio de sanear costumes e de redefinir os ideais da nação. Desta forma, os setores “revolucionários” do tenentismo, ao mesmo tempo que despolitizam o campo da política – transformando-a em atividade administrativa, particularmente nas esferas estaduais e municipais -, defendiam um modelo de Estado nitidamente antiliberal, na medida em que a crítica à oligarquia confundia-se com a crítica ao liberalismo utópico e desvirtuador da República Velha. Os setores oligárquicos divergentes insistiam na manutenção das prerrogativas de autonomia estadual, na limitação dos poderes da União, enfim, na defesa do **federalismo** como ponto chave da organização política do país. Lutavam, por conseguinte, pela defesa dos princípios políticos liberais que respaldavam e possibilitavam sua hegemonia ao tempo da Primeira República (1980, p. 28-29).

Esse cenário era alvo de constante crítica por parte dos integralistas, pois apenas contribuía para a separação das regiões brasileiras, minando as bases de um verdadeiro nacionalismo. Esforçavam-se para disseminar seus ideais autoritários e centralizadores como forma de salvar o país da fragmentação e da invasão estrangeira, por isso em muitos

momentos eram coniventes com Vargas e este condescendente com as ações públicas dos camisas-verdes durante os anos 1930.

Vargas, em março de 1932, contra essas críticas ao seu governo, lançou o Decreto 21.111, seguido de outro, em abril, o 21.240, cujos conteúdos iniciavam o controle sobre as publicações da imprensa, do cinema e do rádio, permitindo, inclusive, a censura. Os Diários Associados, forte aliado antes do golpe, naquele momento defendeu o movimento radicalizado que exigia a Assembleia Constituinte, atitude que levou o conglomerado quase à falência, além de render prisão a Assis Chateaubriand e seu irmão Oswaldo (LUCA, 2006, p. 53). Conhecido como Revolução de 1932, tal movimento se tratou de um golpe dentro do golpe. Elementos descontentes com o rumo tomado pelo governo Vargas se uniram e intentaram derrubá-lo. Mais uma vez importam as palavras de Ângela de Castro Gomes para esclarecer aquela ocasião:

Para a convocação da Constituinte de 1934 influíram decisivamente as pressões de setores que, mesmo tendo realizado a Revolução de 1930, encontravam-se marginalizados do aparelho do Estado. Transcorridos dois anos de governo de arbítrio, diversas facções políticas radicalizaram suas demandas pela constitucionalização, levando o país a uma guerra civil. Desta forma, poderíamos caracterizar a Constituinte de 1934 não como um fruto da revolução e sim como uma exigência da contra-revolução. Num primeiro momento, portanto, a luta pela Constituinte vai funcionar como polo aglutinador, reunindo desde elementos explicitamente contrários à Revolução de 1930, até elementos nitidamente revolucionários, dentre as quais figuravam até mesmo partidários do governo Vargas. Somente num segundo momento é que o Governo Provisório encampa esta proposta, esvaziando-a de seu conteúdo oposicionista e colocando-a como intenção legítima de toda a nação, defendida e encaminhada por aqueles que estão no poder, particularmente o próprio Vargas (1997, p. 12-13).

Devido a esse caráter centralizador e oportunista, aproveitando-se de episódios específicos para se colocar como agente de políticas não próprias, o governo Vargas conseguiu minorar as consequências de ataques inimigos e da própria revolução constitucionalista de 1932. Começava a partir dali os trabalhos para a formação da Assembleia Constituinte, prato cheio para as páginas do periodismo nacional e para as intrigas e jogadas políticas. Todos os projetos de nação eram expostos nas páginas de jornais, abordando temáticas que iam desde o formato de governo até as políticas raciais da nação, passando por questões femininas, sindicalismo, religião, entre outros.

Vargas desejava a formação de um único partido nacional forte (tal como defendiam os integralistas), contando com a arregimentação de forças regionais levadas a cabo per seus interventores. Contudo, o mais próximo que chegou disso foi com a União Cívica Nacional,

com base no Norte e Nordeste, não conseguindo ocupar outros espaços com vigor. Assim, para a formação da Assembleia, diversos partidos se digladiaram, sem que algum tenha se destacado enfaticamente. Afinal, como explica Marly Vianna, naquele período não existiram partidos organizados a ponto de obterem força nacional – daí a rápida expansão da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Ação Integralista Brasileira (AIB) (2003, p. 65-66) -, o que em muito exprime o formato adquirido pela Constituinte, marcado por diversas bancadas e interesses regionais, aos moldes da República Velha (GOMES, 1997, p. 33). O embate ficou caracterizado pela dicotomia centralização x federalização.

O cenário bastante inconstante politicamente ainda contou com a crise econômica advinda da quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, que atingiu ferozmente as finanças brasileiras. Os anos 1930 foram marcados mundialmente por consequências desse fato, o que causou graves problemas sociais e políticos em diversos rincões do planeta. O ideal liberal sofreu forte revés, o que incitou o pensamento autoritário a ocupar cada vez mais espaço no mundo. No Brasil não foi diferente. Havia simpatias a movimentos fascizantes não só promovidos por conjuntos politicamente organizados, mas também no seio social, contando com empresários, parlamentares, religiosos, intelectuais etc (DUTRA, 2012, p. 24).

A imprensa da AIB se colocou no embate aproveitando o contexto e defendendo regimes autoritários como modelo de governabilidade, o que muito se viu nas páginas de *Anauê!*. Contra o liberalismo, a modernização, a emancipação feminina, o comunismo e a urbanização a revista integralista movimentou suas armas para contrapor aquele discurso, apontado como o destruidor da moral feminina, dos costumes religiosos suprimidos pelo materialismo e como desvirtuador da família permitindo a entrada do comunismo nos lares. Somente uma figura forte, um líder carismático como Plínio Salgado, poderia tirar o Brasil daquele caminho perigoso que se intensificava com a crise financeira da década de 1930. Esse tipo de discurso de certa forma dava base ao governo Vargas, que seguia diretrizes muito próximas ao que o integralismo projetava, embora o líder carismático fosse outro.

Aquela conjuntura afetou o mercado editorial, pois as importações de papel, maquinários e novas tecnologias ficaram prejudicadas, levando a uma inflação que forçou o aumento dos preços dos periódicos (SODRÉ, 1966, p. 437-38). Por outro lado, se a importação estava difícil, isso incentivou o mercado interno, que passou a produzir editorialmente com mais afinco. Tania de Luca demonstrou que houve exponencial crescimento no mercado livreiro, sendo que em São Paulo subiu 600% entre 1930-1936 (2011, p. 118), oportunidade em que se publicou grande parte das obras dos autores

integralistas, ficando claro que não apenas na imprensa informativa decidiram atuar, mas no campo da teoria também, investindo em livros mais analíticos.

Eram tempos de inflexão, nos quais os movimentos de vanguarda sucumbiam frente às demandas sociais que exigiam da arte e da literatura posicionamentos interventivos. O romance social vigorou e a imprensa adotou tons cada vez mais políticos. Pagariam caro por isso. Ainda que a nova Constituição, de 1934, tenha sido confeccionada em tons democráticos, trazia em seu corpo elementos preocupantes, como a possibilidade de se decretar o estado de sítio. Vargas fora eleito indiretamente pela Assembleia como presidente, e já havia colocado em plena atividade o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), ligado ao Ministério da Justiça e dirigido por Lourival Fontes até 1939, quando se decreta a Lei nº 1915, de 27 de dezembro, que cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Esses fatores, aliados à inflação, tornava difícil a manutenção dos periódicos, situação agravada pela ameaça comunista vociferada pela imprensa quando dos constantes conflitos entre integralistas e membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL)⁸, que aos poucos erigiu as bases necessárias ao endurecimento do governo Vargas. Em julho de 1935 a ANL foi colocada na ilegalidade por força da Lei de Segurança Nacional (LSN), por conta de uma carta lida pelo estudante Carlos Lacerda, de autoria de Luís Carlos Prestes, que finalizava convocando o povo para derrubar o “governo odioso de Vargas”, com o mote “Todo poder à Aliança Nacional Libertadora”. Como bem aferiu Victória Silva, a associação desta última frase com a proferida por Lênin em 1917 (“Todo poder aos *Soviets*”), na revolução de outubro russa, foi o suficiente para a radicalização governamental (2004, p. 2).

Em novembro, atos revoltosos ligados a insatisfações eleitorais (em outubro de 1935 ocorreram pleitos estaduais) produziram o episódio conhecido como Intentona Comunista, prato cheio para a imprensa liberal, integralista e governista criarem pânico geral. O inimigo principal estava eleito. Faltava o golpe de misericórdia. Intitulado Plano Cohen e forjado pelo capitão integralista Olímpio Mourão Filho, trazia detalhes de uma revolução comunista arquitetada para breve e orientada por Moscou. O Plano foi veiculado em setembro de 1937 pelo jornal *O Globo* e em seguida pelas ondas do rádio, no programa A Hora do Brasil (hoje A voz do Brasil).

⁸ Movimento organizado por diversos setores da sociedade, com significativa participação do PCB. Tenentes de esquerda, descontentes com os rumos da Revolução de 1930, aliados a comunistas e grupos antiintegralistas, antiimperialistas e antifascistas, reuniram-se para colocar em funcionamento essa frente de luta, oficialmente lançada em 30 de março de 1935 (Ver VIANNA, 2003 e PRESTES, 2006).

A fiscalização sobre a imprensa e oposicionistas intensificou-se, ficando sufocante com a instauração do Estado Novo, em novembro do mesmo ano. Os periódicos foram submetidos ao governo com o artigo 122 da nova Constituição (a Polaca), que os via como serviço de utilidade pública, proibidos de se recusarem a publicar comunicados oficiais (MARTINS; LUCA, 2006, p. 64).

O Estado Novo se tratou de um verdadeiro golpe de misericórdia na imprensa do período, especificamente a imprensa política, que já vinha sofrendo com os diversos mecanismos de controle estatais e a inflação crescente, vendo-se calada a partir daquele momento. Obviamente, ao se afirmar que o jornalismo foi silenciado, não se pode levar isso às últimas consequências. Trata-se de reconhecer que o campo de ação política de publicações e jornalistas se viu comprimido, porém, sem nunca desaparecer, como comprovou o estudo de Sheila Garcia sobre a revista *Careta* (2005), ao demonstrar os subterfúgios encontrados pelos periódicos para burlar a censura. Ademais, é preciso reconhecer que muitos periódicos calaram-se sem muita resistência diante das subvenções e financiamentos oferecidos pelo governo, o que revela a complexidade dos estudos sobre a imprensa do período.

Não apenas a imprensa, como qualquer organização política, à exceção o governo de Vargas, foi sufocada. Os dois maiores partidos de massa do contexto se viram fechados. ANL e AIB, em lados extremamente opostos, foram tomados pela nova lei com o mesmo rigor. Isso significou pancada mortal na imprensa integralista e, portanto, na revista *Anauê!*, que era partidária, logo, ilegal. Se até aquele momento a imprensa da AIB tinha contado com significativa liberdade de atuação (afinal tinham ideais próximos ao de Vargas), a partir da promulgação do Estado Novo o cenário foi diferente. Muitos jornais foram fechados de imediato, sobrando alguns que não resistiriam mais que alguns meses.

O procedimento do novo regime frente aos integralistas causou estranheza, dado o posicionamento ideológico da AIB e sua considerável subserviência nos últimos meses de 1937. No entanto, para compreender os atos finais daquele ano em relação aos camisas-verdes, é preciso atentar à trajetória do movimento naquele período. Afinal, a relação da AIB com o governo Vargas foi marcada por descontinuidades, por aproximações e distanciamentos, e por posturas diferentes em determinadas regiões. Entender como o integralismo lidou com o contexto, com as contendas políticas, com a modernização do país e, principalmente, como interpretou e representou a situação aos seus militantes é imprescindível para o presente estudo. Isso só será possível compreendendo a história da AIB nos anos 1930, suas origens, seus líderes e seus projetos, por isso a seguir se focará no

movimento integralista para se conhecer as estruturas que sustentaram o discurso de *Anauê!*, pois como bem aconselhou Antoine Proust, só é possível compreender as representações que partem de determinados espaços quando se conhece de que são elas representações, sob o risco de perder-se no caminho (1998, p. 136). Portanto, é preciso historicizar o movimento, coloca-lo em evolução, assim sendo possível compreender não apenas a função da imprensa integralista, como especificamente o porquê de se lançar uma revista com as características de *Anauê!*.

1.2 A AIB nos conturbados anos 1930

Inicialmente pensado como um movimento de ação, revolucionário, voltado para derrubar as bases burguesas da sociedade brasileira e erigir outra em novos moldes, criando a Quarta Humanidade,⁹ a AIB ocupou espaço político paulatinamente, mediante cooptação de novos militantes e a formação de núcleos por todo o país, até adotar a via política, tornando-se um partido como qualquer outro. Sua postura ideológica vergava ao nacionalismo extremado, com forte carga de autoridade e ordem, sustentando discurso cristão em prol da família e da nação.

As raízes da carga ideológica da AIB se encontram ainda no início do século, quando nos anos 1910, alguns grupos se debatiam em busca de regenerar o país, descobrir sua identidade, quando não raro ideias autoritárias foram cogitadas (FREITAS, 1998, p. 16). Ainda com Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, traços de um nacionalismo nascente são identificados, valorizando o interior, o sertanejo e o mestiço como símbolos da brasilidade, em contraste com o litoral europeizado, ideias muito defendidas, posteriormente, pelos teóricos integralistas. Neste caso, a noção de Quarta Humanidade estava ligada à nova raça que seria formada, a brasileira, cuja miscigenação era bem vinda. Importava mais aos integralistas o aperfeiçoamento da raça nacional, via educação moral, religiosa e física, do que as teorias que condenavam o país ao fracasso por conta de sua miscelânea racial.

Há de se lembrar, novamente, os grupos nacionalistas do fim dos anos 1910 - Liga da Defesa Nacional (1916), Liga Nacionalista (1917), Partido Municipalista (1918), Propaganda

⁹ Plínio Salgado dialogava com uma concepção evolucionista da história, e, portanto, via a humanidade em fases. Para ele a Primeira Humanidade foi a politeísta, das primeiras civilizações. A Segunda, a submetida a unificação do mundo europeu feita por Roma, com o domínio do cristianismo. A terceira seria a da desagregação, no mundo iluminado pela razão e pela ciência, o ateísmo prevaleceu, jogando os homens no mundo burguês, do capital. A Quarta Humanidade surgiria da síntese brasileira, e de um modo geral da América Latina, sob a designação de integralismo. Seria a junção das anteriores sob novos pilares e doutrinas (Ver SALGADO, 1995).

Nativista (1919) e a Ação Social Nacionalista (1920) – e os teóricos de base para os camisas-verdes: Alberto Torres, Oliveira Vianna, Farias Brito e Jackson de Figueiredo. Como denota César Ranquetat Júnior, de alguma forma, todas essas agremiações contribuíram para a criação da AIB, em 1932 (2011, p. 13). Por fim, cabe destacar os movimentos fascistas europeus, que se debatiam contra o comunismo e o liberalismo, apontados como os culpados pela aflição de milhões de pessoas atingidas pela grande depressão econômica do entre-guerras.

Essa onda nacionalista não era, portanto, uma exclusividade brasileira. Muito pelo contrário, mostrava-se como uma tendência mundial, posto as tensões entre as nações que marcaram o início do século XX e que se estenderam por quase toda a centúria. No entanto, é preciso diferenciar o nacionalismo brasileiro – que compartilha similaridades com outros nacionalismos de países periféricos – em relação ao das grandes potências ou nações imperialistas. Sendo o nacionalismo, de acordo com Bresser-Pereira (2008, p. 178), produto da revolução capitalista e/ou da modernização, indispensável considerar a posição que o Brasil ocupava naquele contexto. Dentro da escala de competição global o país era fragilizado, dado sua praticamente inexistente produção industrial em grande escala. Além disso, em condição de ex-colônia, com população miscigenada, era avaliado de forma negativa, com baixas possibilidades de crescimento.

Assim, o formato adotado pelo nacionalismo brasileiro possuía características específicas, não convergentes ao dos países centrais. Samuel Guimarães aponta que os nacionalismos, por exemplo, dos Estados Unidos, China, Alemanha, Japão, entre outros, eram baseados em religião, pureza étnica, poderio econômico e força militar, quesitos que não demarcavam a essência brasileira no início do século XX. A religião era importada, a raça miscigenada e o poder econômico e militar defasados (145-147). Nesse sentido, era preciso adotar postura diferenciada, que se caracterizou tal como segue:

Os movimentos nacionalistas nas diversas colônias, com a variação natural de tempo e espaço, foram movimentos de afirmação da nacionalidade, de recuperação de tradições, de idioma, de autonomia política e de independência, em relação inicialmente à metrópoles coloniais europeias, e, mais tarde, se transformaram em movimentos de afirmação política e de desenvolvimento econômico independente dos Estados que se originaram nas ex-colônias (Idem, p. 147).

Claro que o Brasil possui uma especificidade, como adverte Carlos Lessa, lembrando que num primeiro momento essa nacionalidade não se deu de maneira tão aflorada como a dos outros países latino-americanos, que precisaram lutar por sua independência. No Brasil,

diz o autor, não houve nenhum desastre coletivo, nenhuma guerra mais contundente para suas mudanças políticas, tais como a Independência, o fim da escravidão, a proclamação da República etc, o que fez o nacionalismo se desenvolver sem fanfarras nem arrogância (2008, p. 244-245). Contudo, ainda que tardia, a reação aos julgamentos externos quanto à capacidade do brasileiro marcou as primeiras décadas do século XX, o que levou a intelectualidade nacional a buscar e valorizar as riquezas e tradições essencialmente nacionais, isto é, o Brasil precisou “olhar para dentro”, como indicou Angela de Castro Gomes em seu último livro (2013, p. 62).

O nacionalismo passou a ser, desta forma, ideologia forte que marcou a ação de variados grupos, entre os quais a AIB, nos anos 1930, que “olhou para dentro” com tenacidade, rejeitando toda e qualquer manifestação estrangeira em solo brasileiro. A AIB, sem dúvida, foi o movimento de visibilidade que adotou postura mais radical neste quesito, inclusive criticando a urbanização, a indústria e a modernização, fixando suas bases nas raízes da formação brasileira (índio) e das riquezas naturais do país. A solução para o Brasil estava no interior e não no litoral, no seu povo miscigenado e não na pureza étnica do europeu, na produção agrícola e não industrial.

Embora voltado para dentro, é inegável o impacto de políticas externas na formação intelectual dos três principais ideólogos e líderes da AIB, sobretudo em Gustavo Barroso, que assumiu um antissemitismo violento ao estilo nazista. Mas Plínio Salgado, o chefe maior dos integralistas, também não escondia sua simpatia ao fascismo, doutrina que passou a admirar mais quando de sua visita à Mussolini (1930), ocasião em que decidiu também liderar um movimento brasileiro. Rogério Lustosa Victor salientou esse momento lembrando artigo elogioso ao fascismo italiano que o Chefe dos integralistas escreveu no jornal *O Paiz*, em 27 de julho de 1930, intitulado “Mussolini e o Brasil Novo”, como também a carta que o mesmo enviou a Manuel Pinto da Silva, poucos dias depois, afirmando que estava disposto a organizar um movimento semelhante no Brasil (2013, p. 44-46). Por fim, Miguel Reale, ex-comunista, não escondeu sua admiração ao fascismo, tendo inclinações a análises mais econômicas e sociais, resquício de um marxismo prévio que, talvez, ainda não o deixara. Além de ter sua ascendência familiar toda na Itália e ter estudado no Colégio Dante Alighieri, que à época valorizava muito a cultura italiana.

Como em toda doutrina política, é necessário um ambiente de difusão e debate de ideias, o que não foi diferente com o integralismo. É ponto pacífico que sua doutrina criou raízes nos mais de 300 artigos que Plínio Salgado escreveu no jornal *A Razão*, entre 1931 e

1932, quando as palavras “integral” e “integralista” eram recorrentes. Neste período já existiam vários movimentos fascistas e de extrema direita, como a Ação Social Brasileira, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista, Ação Imperial Patrionovista e a Legião 3 de Outubro, mas que não se articulavam nacionalmente.

Plínio foi o elemento aglutinador dessas experiências fascistas, sabendo cooptar líderes e convencê-los a atuar em conjunto por um objetivo maior.¹⁰ Desse prospecto iniciou a junção desses grupos regionais, ao mesmo tempo em que fundou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), cuja primeira reunião para sua formação realizou-se em 24 de fevereiro de 1932, na sede do jornal *A Razão*. Dela, participaram Plínio Salgado, Candido Motta Filho, Ataliba Nogueira, Mário Gracioti, João Leães Sobrinho, Fernando Callage e vários estudantes da faculdade de direito (TRINDADE, 1979, p. 116). Núcleos dessa Sociedade foram criados, a seguir, em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco, não sustentando discurso uníssono, como lembrou Dangelis Silva:

Embora os integrantes da SEP compartilhassem dos mesmos princípios, havia duas tendências distintas dentro da organização: 1) a majoritária, em que se insere Salgado, caracterizada por uma urgência em agir politicamente na realidade nacional; 2) a minoritária, representada pelos patrionovistas — católicos tradicionais e monarquistas —, caracterizada por uma atitude um pouco “diletante” e pouco associada a uma ideia de ação prática (SILVA, 2007, p. 20).

Como presidente da Sociedade, Salgado, na terceira sessão, em maio de 1932, propôs a criação de uma nova comissão técnica denominada AIB (Ação Integralista Brasileira), cuja função seria divulgar ao povo, em linguagem simples, a doutrina da SEP, isto é, seria o órgão da ação. Mesmo não tendo apoio unânime, sua asserção foi aprovada e começaram os trabalhos para se elaborar o manifesto integralista, versão finalizada e pronta para ser apresentada em julho daquele ano, mas impedida pela eclosão da Revolução Constitucionalista em São Paulo. Somente em sete de outubro foi publicitado o manifesto, ao passo que já seguiam ordens de formação de núcleos da AIB em diversos Estados. O mote legitimado foi “Deus, Pátria, Família”, idêntico ao de Salazar em Portugal, máxima que agradava o teor conservador e tradicional do movimento.

¹⁰ Na verdade não se pode creditar apenas à Plínio os esforços de junção desses grupos. Olbiano de Mello foi mediador entre vários líderes, como no caso das conversas entre o futuro líder da AIB e Severino Sombra, o criador da Legião Cearense do Trabalho. Sombra havia comunicado Mello que gostaria de reunir-se com Plínio para discutir a formação de um grande partido fascista, visto que suas ideias convergiam para tal fim. Ambos entram em contato direto, mas não chegam a um termo comum. Plínio via a necessidade de inicialmente formar um grupo de discussão ideológica - de onde sairia a SEP -, opção não aceita por Sombra (SILVA, 2007, p. 19-20).

Estava criada oficialmente a AIB, movimento composto essencialmente pela classe média e apresentando estrutura fortemente burocrática e autoritária. A 5ª e a 6ª doutrina do manifesto rechaçavam os partidos políticos, o que apontava a direção que pretendia seguir o grupo, assumindo postura antiliberal e antidemocrática, além do caráter centralizador, vendo o regionalismo das oligarquias como ônus no processo de fortificação nacional. Sua estrutura organizacional começava a se configurar no I Congresso Nacional da AIB, realizado em Vitória (ES), no mês de fevereiro de 1934. Ali Plínio foi reconhecido como Chefe Supremo dos integralistas, o Conselho Nacional (órgão consultivo do Chefe) formou-se e os seis departamentos de condução burocrática da AIB determinados – Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia e Finanças (BULHÕES, 2007, p. 3). Delineava-se a hierarquia rígida dos integralistas, tendo o Chefe à frente, seguido pelo Conselho Nacional e os Departamentos (responsáveis pela disseminação da doutrina na sociedade).

Antes disso, porém, ocorreu o primeiro desfile de “relevo” dos integralistas, que vestiam camisas verdes e uma braçadeira com a letra grega Sigma (Σ).¹¹ Muitos autores, provavelmente com base em fontes integralistas, afirmaram que 40 mil milicianos estavam presentes na marcha que marcou a candidatura de Miguel Reale à Assembleia Constituinte, todavia, foram quarenta apenas (ATHAIDES, 2012, p. 67). Esse evento colocou um ponto de inflexão sobre as proposições da AIB, já que era vigorosamente contrária às lutas partidárias, mas indicou candidato à Constituinte. Não obstante o paradoxo, os integralistas não tinham outro caminho para serem ouvidos naquele momento, já que os ideais liberais e democráticos pareciam ter vencido a primeira batalha.

Trata-se de perceber, na verdade, que mais que a primeira batalha, o regionalismo estava presente oficialmente desde a Primeira República, quando as oligarquias dominaram o cenário político, situação esta rechaçada pela AIB. Sua defesa ao caráter centralizador e à ausência de partidos políticos, no entanto, não impediu o movimento de participar das eleições. Este fato poderia ser indício de que sua postura revolucionária não fosse tão impermeável, cedendo ao jogo posto sem radicalizar posições. Mais tarde a AIB se tornaria, de fato, um partido.

Uma orientação publicada no jornal *Monitor Integralista*, espécie de Diário Oficial da AIB, ainda em 1934, já acusava a mudança de posicionamento quanto a participação partidária:

¹¹ Os primeiros cristãos da Grécia indicavam a palavra Deus com essa letra, além de significar, também a união de todas as coisas, o que vai ao encontro da ideia de integração proposta pela AIB.

O Chefe Nacional determinou que a AIB em todas as províncias do país tome parte nas próximas eleições para as Constituintes Estaduais e Câmara Federal, tendo enviado uma diretiva sobre o pleito a todos os chefes provinciais. A participação do integralismo nas lutas eleitorais não significa a aprovação doutrinária do sufrágio universal; essa participação tem um objetivo meramente tático, de propaganda de ideias sustentadas pela AIB e de agitação da massa popular. Será uma campanha que dará oportunidade à organização de núcleos integralistas em todas as cidades e distritos do país, assim como à captação de elementos simpatizantes que devemos evitar que assumam compromisso político, através do voto, com os partidos regionais da liberal-democracia. As chapas, depois de organizadas, serão lançadas, em conjunto, pelo Chefe Nacional, fato inédito na história do Brasil, pois a AIB é o único movimento de âmbito nacional (*MONITOR INTEGRALISTA*, nº 7, ago. 1934, p. 1)

O integralismo era composto por doutrinas que regulavam o comportamento social e familiar do militante, era uma regulação não apenas do pensamento, mas do corpo, o que fez com que os desfiles, indumentários, higiene, vestimentas, símbolos e gestos ficassem gravados na história. O modo de agir de um camisa-verde era, antes de tudo, um ato de compromisso com a nação e com o Chefe, tomando ares quase religiosos, dada a ritualística empregada. Essa ritualística era constantemente atualizada pela imprensa verde, incluindo ou retirando orientações do documento conhecido como “Protocolos e Rituais Integralistas”, conformando o batismo, a entrada no partido, aniversários, casamentos e velórios (FAGUNDES, 2012, p. 891). Até mesmo uma milícia foi organizada, tendo aprovado pelo Ministério da Guerra, em 1934, o uso do uniforme integralista, equívoco gritante, já que liberava a uniformização militar de uma organização civil (FREITAS, 1998, p. 55). Com a radicalização dos embates diurnos e públicos, entre camisas-verdes e membros da ANL, o governo proibiu a milícia, extinta em cumprimento à Lei de Segurança Nacional, em abril de 1935.

Essas demonstrações de ordem, obediência e força eram comuns em movimentos de natureza ideológica próxima à da AIB, como atestam os atos públicos dos fascismos e do nazismo europeus. Gentile é categórico ao apontar que as cerimônias e ritos deveriam imprimir no militante o sentido de fé e potencial do movimento, plasmar a mentalidade da massa e criar novas realidades históricas (1988, p. 31). Não se valorizava a capacidade intelectual, e sim a força física, o grupo, o irracionalismo, a obediência cega, gerando uma atmosfera de fanatismo (KLEMPERER, 2009, p. 17 e 58-59). A AIB trabalhou bem próximo disso, pretendendo privar as pessoas de sua individualidade, fazendo-as parte de um conjunto único, integral. Tudo para agregar forças suficientes para uma revolução do espírito, como afirmavam os integralistas, mas que só seria possível transformando o meio político e social.

Aos poucos as lideranças do movimento atinaram que naquele ambiente de loas ao liberalismo e à democracia, provenientes dos trabalhos da Constituinte, a via revolucionária seria o caminho mais duro. Ainda que refutassem o campo partidário, acabaram por ceder. Em março de 1935, durante o II Congresso Integralista, realizado em Petrópolis, os estatutos da AIB foram alterados e, entre as modificações principais, a transformação do movimento em partido.

Esse momento é chave para compreender o papel que *Anauê!* assumiria. Quando a AIB adotou a via eleitoral, a revista já tinha sido lançada, tendo uma edição circulado. *Anauê!* se tratava de uma aposta diferenciada do movimento, um periódico de variedades e ilustrado, que pretendia combater o discurso liberal e modernizador das grandes revistas em circulação. O mensário ilustrado verde estabeleceu-se como uma trincheira de resistência às representações de mundo moderno que transbordavam das páginas revisteiras, afinal, como concluiu Adriana Hassin Silva, este estilo jornalístico tinha uma função pedagógica em relação à modernidade, apelando às imagens e, principalmente, às fotografias – que sustentavam peso de verdade indiscutível – para projetar o que acreditavam como o futuro da nação: um país urbanizado, industrializado e cosmopolita (2008, p. 5-6).

A AIB deixava de lado a postura revolucionária para se entregar à negocial. No *Monitor Integralista*, de 7 de maio de 1935 (p. 2), é justificada a extinção da milícia e a formação do partido por conta da Lei de Segurança Nacional, que exigia tais posicionamentos para o movimento continuar atuando. É bem provável que o crescimento dos camisas-verdes por todo o país tenha gerado pretensões eleitorais, já que, ainda naquele ano, dados encontrados na imprensa do partido – o que deve ser tomado com cuidado - afirmavam que existiam 1123 núcleos organizados em 548 municípios, totalizando 400 mil militantes (MAIO; CYTRYNOWICZ, 2003, p. 43).¹²

Georges Duby oferece norte interessante para se pensar essa situação. Diz ele que é imprescindível situar na cronologia as flexões que pontuam a vida de uma cultura (1998, p. 406). Por isso observar a evolução do movimento na década de 1930 é procedimento fecundo na compreensão da revista ora em análise. A estrutura doutrinária da AIB sofria uma alteração considerável com a nova condição, o que sem dúvida afetou a cultura de grupo dos camisas-verdes. Da repulsa ao sufrágio se conduziram às urnas. Isso fez com que o modo de se transmitir a ideologia aos militantes fosse modificado, incluindo um elemento crucial a partir dali: a necessidade do voto. Essa nova necessidade ficou evidente na imprensa do partido,

¹² Boris Fausto rebate com firmeza tais dados, afirmando que no auge da AIB, em 1937, o partido chegou a ter 150 mil filiados (2013, p. 98).

principalmente em *Anauê!*, que recebia a dupla função de doutrinar e seduzir novos eleitores. As duas fases da revista, que serão tratadas nos capítulos subsequentes, evidenciam bem essa mudança de postura.

Diante dos novos interesses, além das imposições à imprensa, novas medidas burocráticas foram executadas, sendo criados os seguintes órgãos:

- Câmara dos Quarenta: instrumento consultivo do Chefe.
- Conselho Supremo: Secretários Nacionais e chefes provinciais.
- Corte do Sigma: mais importante criação, composto pelos principais dirigentes dos órgãos de cúpula na hierarquia.
- Os Departamentos tornaram-se Secretarias, aparecendo cinco novas, além das já existentes: Arregimentação Feminina, Arregimentação Pliniana, Imprensa, Relações Exteriores e Assistência Social. Alguns meses depois, com o fim da milícia, recompôs o quadro a Secretaria Nacional de Educação (moral, cívica e física) (BULHÕES, 2007, p. 3). Dentro delas, subdivisões departamentais foram levadas a cabo, a fim de direcionar com mais eficiência os encargos de cada Secretaria.

As ações que visavam conquistar mais militantes foram intensificadas e as “bandeiras integralistas”, que tinham sido criadas ainda em 1933, multiplicaram-se e foram cada vez mais longe. Essa empreitada tinha por objetivo divulgar o integralismo por todo canto, interiorizando a doutrina no território brasileiro, *pari passu* com o que fizeram os bandeirantes no período colonial. Figuras tratadas como heróis pelos integralistas, os bandeirantes eram vistos como responsáveis por desbravar e integrar o território. Essa ação da AIB também pode remeter a uma resposta ao esforço de Prestes nos anos 1920, com sua coluna que atravessou o país chamando o povo a se insurgir. O modo de realizar as bandeiras integralistas lembra bastante a coluna de Prestes, mas também se aproxima dos rituais fascistas. Levando-se em conta a ascensão da ANL, em 1935, é simbólico que os integralistas tenham se dedicado a essa tarefa, não esquecendo os novos interesses eleitorais, o que os obrigava a buscar votos.

Algumas das bandeiras contavam com a atuação dos grandes nomes da AIB, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, além de figuras de menor visibilidade, como Olbiano de Mello, Eurípedes de Menezes e José Loureiro Jr. De norte a sul percorreram o país levando a doutrina do sigma às populações longínquas, o que, contudo, não resultou em substanciais vitórias nas eleições legislativas de 1935. Apenas João Carlos Fairbanks, à

Assembleia Legislativa de São Paulo, e Jeovah Motta, à Câmara dos Deputados, foram eleitos.

O insucesso começou a gerar insatisfações no grupo dirigente da AIB, pois não vinham obtendo resultados no novo campo de batalha. As eleições municipais de fins de 1935 e início de 1936 foram mais férteis aos camisas-verdes, contudo, ainda não suficientes para pleitear o cargo máximo da nação. Tudo isso levaria à revisão da imprensa integralista, o que será discutido nos próximos subitens.

A despeito do resultado eleitoral, as bandeiras e os subsequentes núcleos criados eram importantes para a expansão geográfica da doutrina integralista, assim como o foi para o nazismo. David Welch (1995, p. 13) demonstrou como os núcleos regionais do nacional-socialismo alemão foram cruciais para o partido, pois ficavam responsáveis por fazer a propaganda local, encontros, desfiles etc, mesma tarefa dos núcleos dos camisas-verdes no Brasil, o que acusa o esforço em repetir as estratégias fascistas.

Como acusou Bulhões, a reação integralista à derrota eleitoral veio imediatamente. Ainda em junho de 1935, o Departamento Eleitoral e Sindical publicou a circular nº38 no jornal *A Offensiva*, convocando simpatizantes e militantes a se alistarem e orientando os núcleos a desenvolver intensa campanha de propaganda, estimulando o uso de qualquer subterfúgio que chamasse a atenção da sociedade (2007, p. 4-5). Os integralistas deveriam fazer o possível para crescer politicamente. Uma das vias para isso era sua imprensa, que avultava numérica e territorialmente, lançando tanto periódicos locais como nacionais, ainda que a maioria destes tenham sido de curtíssima duração e de reduzida circulação.

As investidas não se restringiam à imprensa, valiam-se também das bandeiras, desfiles públicos, assistencialismo social, palestras, restaurantes populares, enfermarias, escolas e apoio de simpatizantes, como muitos membros da igreja. Eram certos em seus objetivos, já que iniciavam a doutrinação desde os primeiros anos de vida do integralista (as crianças e jovens eram conhecidos como plinianos), mais um estratagema copiado do nazismo-fascismo.¹³ Nas escolas fundadas pela AIB, ofereciam alfabetização e ensino profissionalizante, serviços que, no futuro, facilitariam o acesso dessas pessoas às determinações ideológicas divulgadas por livros e periódicos, além da formação sindical tal como entendiam os camisas-verdes, no sentido corporativista.¹⁴

¹³ Como a juventude hitleriana (Alemanha) e a juventude fascista (Itália).

¹⁴ Essa linha corporativista tinha como principal teórico integralista Miguel Reale. Influenciado por autores como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, além de autores estrangeiros (muitos italianos), partiu de uma linha conservadora para enfim estabelecer mais concretamente sua ideia de corporativismo. Grosso modo, o corporativismo funcionaria com a reunião numa confederação nacional de sindicatos composto por

Mais que isso, as escolas eram peças importantes no projeto de nação proposta pela AIB, visando a formação de uma sociedade educada e uma raça forte, capaz de fazer frente às outras nações. Afinal, a AIB acreditava na eugenia como ferramenta de melhoria do brasileiro, crendo que características mentais, inteligência e dotes físicos eram transmitidos hereditariamente, tal como anunciava Francis Galton.¹⁵ Daí a importância de investir na criança e no jovem desde a mais tenra idade, pois esses, “aperfeiçoados”, eram prenúncio de nova raça.

Para além dessas formações iniciais, disponibilizavam cursos de Estudos integralistas, realizado pelo Departamento de Estado e supervisionado pelo Departamento Nacional de Doutrina (chefiado por Reale), que tinha o fito de formar as elites dirigentes, com duração de oito meses, cujas disciplinas eram: História Social Brasileira, Introdução à Sociologia Geral, Noções de Direito Corporativo, História das Doutrinas Econômicas, Noções Gerais de organização Política e História Militar Brasileira. Num nível acima, ainda existia o curso de Altos Estudos, com duração de dez meses, no qual se estudava Teoria do Estado, Organização Nacional Corporativa, História do Estado, Filosofia Social e Filosofia da Pedagogia (BARBOSA, 2007, p. 82-83).

Com base nas disciplinas ofertadas pode-se ter uma dimensão da capacidade doutrinária que tais dirigentes teriam, tendo plena consciência que, os próprios cursos, já comportavam carga formativo-ideológica pesada. Preocupavam-se em bem direcionar os dirigentes para que a estrutura, doutrina e administração integralistas tomassem certa coerência, exteriorizando imagem de unicidade e força.

Não obstante, esse quadro não era tão coeso quanto parecia. Existiam divergências internas, inclusive entre os líderes, mas que eram forçosamente mascaradas aos militantes. Para cooptar novos e manter os já filiados, a confiança na firmeza do movimento era fundamental, especialmente no que se relacionava às lideranças. A AIB tinha que passar uma imagem de solidez, de um partido robusto e estruturado, com força e capacidade para assumir as rédeas condutoras da nação. Por isso a doutrina chegava a público homogênea, diluída docilmente nas páginas do periodismo verde. Se os livros teóricos apresentavam clara

representantes das mais diferentes profissões que, em grupo, elegeriam seus representantes junto à Câmara Corporativa Nacional. Esta, em conjunto com corporações não econômicas (sociais e culturais), formaria o Congresso Nacional, responsável por escolher o presidente da República.

¹⁵ Antropologista, meteorologista, matemático e estatístico inglês, Galton foi o criador do termo eugenia e descobridor da individualidade das impressões digitais (1885). Professor da Universidade de Londres, era primo de Charles Darwin (1809-1882), subsidiando as futuras teorias deste, realizando estudos conjuntos sobre antropologia e inteligência humana, orientados para demonstrar o caráter hereditário dos traços físicos e mentais dos indivíduos.

multiplicação de linhagens e posturas, isso amainava nos jornais e revistas, não desaparecendo.

Havia pelo menos três traçados bem definidos em relação à ideologia dos dirigentes. Plínio Salgado, ao lado de Gustavo Barroso, tinha visão romântica, quase mítica da realidade nacional. O Chefe adotou a via “revolucionária” para pensar a AIB, crente de que apenas com a destruição do que existia se poderia erigir novas bases sólidas. Dedicou-se mais à doutrinação que à teorização, algo requerido pelo posto ocupado, já que, num movimento de massa, o chefe precisa ter destaque; isso explica, em muito, sua predisposição em tratar mais dos assuntos próximos ao cotidiano social, como o espiritual e o familiar. Barroso também trabalhou mais no campo doutrinário. De acordo com Rodrigo Oliveira, dos dez livros do autor produzidos no período de existência da AIB, metade se voltou à instrução ideológica militante, um era teórico e, o restante, de cunho antisemita (2009, p. 261). Reale, por sua vez, estava mais voltado à teoria e à realidade. Mais conservador, trabalhava no âmbito de manutenção daquilo já existente, defendendo uma reorganização em certos níveis a fim de garantir as condições para a aplicação de sua proposta integralista (RAMOS, 2008, p. 4).

Existiam outros teóricos de destaque, como Olbiano de Mello, um dos mais críticos à democracia liberal e ao comunismo. Era avesso ao sufrágio universal apregoando o voto profissional, ao estilo do corporativismo de Reale. Pode-se, elencar, ainda, Victor Pujol (mais próximo do pensamento pliniano), Oswaldo Gouvêa, Anor Maciel e J. Cabral (alinhados a Barroso), todos com suas obras amplamente divulgadas nos meios de comunicação integralistas, além de escreverem nos jornais e revistas constantemente.

Vê-se, pois, como a organização administrativa e doutrinária era bem pensada, o que não significa dizer bem executada, focando no controle centralizado de todos os núcleos por meio de uma burocratização severa e na diluição e simplificação das diferenças teóricas nas páginas de imprensa. Assim, a AIB ocupou seu lugar no cenário político brasileiro, causando incômodo nas alas governistas e nas fileiras oposicionistas, entre as principais os aliancistas e os comunistas. Com o movimento bem encaminhado, passaram a investir nas questões eleitorais com mais afinco, destacando-se o ano de 1936.

Conhecido como ano verde devido ao crescimento da AIB, que divulgava em seus periódicos que entre junho e setembro havia ultrapassado o montante de um milhão de militantes – dados que devem ser tomados com desconfiança -, além da criação de núcleos por todo o território nacional, o integralismo obteve melhores resultados eleitorais, elegendo

500 vereadores e 24 prefeitos, contabilizando 250 mil votos.¹⁶ Número expressivo, que levou o governo Vargas a abrir os olhos para os camisas-verdes, tanto que em diversos Estados foram perseguidos e tiveram suas sedes fechadas – Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo, Alagoas e Paraná. Por outro lado, essas perseguições eram regionais, posto que em outros tantos locais contaram com a conivência estatal para suas atividades.

Portanto, os integralistas tiveram que se adequar politicamente às regiões, ao mesmo tempo em que lutavam para manter unicidade e coesão nacional do movimento, o que não significa que em diversas ocasiões não tiveram problemas em locais simpáticos e bons momentos com regiões menos favoráveis. O fato é que para dar um norte eleitoral à AIB, foi lançado, em janeiro de 1936, o Manifesto-Programa, com o qual deveria se apresentar nas eleições presidenciais. Ali, declarou total respeito tanto à Constituição de 1934 quanto às leis eleitorais, o que deixava evidente seu novo posicionamento, e afirmou que, eleito o candidato da AIB, não procederá a qualquer perseguição política violenta, respeitando as liberdades, discurso esse incoerente com o próprio texto que afirmava que um dos programas de governo era combater o comunismo (Manifesto Programa, 1936, p. 1-2).

Além disso, em junho do mesmo ano, apareceram a Secretaria Nacional de Organização Feminina e da Juventude e Secretaria de Imprensa. O Departamento de Doutrina ampliou suas funções, zeloso pela ortodoxia da doutrina com poder de exercer a censura e controle sobre as publicações dos camisas-verdes. Por fim, o Departamento de Organização Política tornou-se Secretaria Nacional das Corporações e dos Serviços Eleitorais. Visto em conjunto, os esforços convergiam para o pleito eleitoral, valendo-se de estratégias de doutrinação voltadas para as mulheres e jovens, sem mencionar o controle mais próximo da imprensa (LEAL, 2006, p. 48).

Importa mencionar que, apesar de certos contratempos enfrentados pelos integralistas em alguns Estados, a relação com o governo Vargas sempre foi razoavelmente amistosa. Trindade ponderou que Vargas utilizou maquiavelicamente a mudança do posicionamento revolucionário da AIB, obtendo, senão a colaboração, ao menos a cumplicidade na instauração, mais tarde, do Estado Novo (1979, p. 178). Isso deu certa liberdade aos camisas-verdes, culminando em conflitos abertos com a ANL, o que fomentou o clima de tensão que dava base ao governo para pressionar o Congresso a adotar medidas autoritárias. O anticomunismo integralista era interessante igualmente, pois inflamava mais o temor em relação às “ameaças” vindas de Moscou, mais um elemento para a centralização autoritária do

¹⁶ Dados que divergem muito, tanto nos trabalhos acadêmicos como nas páginas verdes. Por exemplo, Carlos Moura fala em 3 mil vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais eleitos naquele momento (2005, p. 5).

poder (BARBOSA, 2007, p. 84). Eliana Dutra (2012, p. 24-30) percebeu como o temor ao comunismo foi o grande mote mobilizador, que fez atuar em coesão diferentes setores contra o inimigo comum, a fim de se manter a ordem social. Havia uma projeção do mal no outro, no externo, relegando a ele toda a sorte de infortúnios. Esse pilar discursivo imputava o medo e concebia o controle de multidões, independente das crenças, o que facilitou a atuação da AIB naquele contexto.

Os valores impostos são para o bem, para a felicidade, para o bem-viver e isso justifica o fim da regulação espontânea, a interdição da paixão, e a centralização e uniformização das atitudes sociais. Em nome da fantasia da segurança e da proteção, institucionaliza-se a relação de submissão (Idem, p. 31).

Neste interim a campanha presidencial continuava e o desejo dos camisas-verdes era ver seu Chefe no cargo máximo da nação. Em 1937 foi editado pelo núcleo de Niterói um livro de regulamentos intitulado *Protocollos e Rituaes*, de autoria de Plínio Salgado. Na obra encontravam-se regras de comportamento diário dos militantes, desde o nascimento até a morte, padronizando rituais, gestos, vestimentas, festas etc. Por meio deste controle corporal e mental, procurava-se gerar uma aura em torno do movimento que atraísse mais pessoas, encantadas com a disciplina, a ordem e os valores cristãos pregados por eles.

O esforço em homogeneizar o camisa-verde não era à toa. Como inferiram Leandro Gonçalves e Samuel Mendes, o vestuário revela muito de uma época, bem como de uma ideologia. Ele guarda a memória de cada tempo, bem como a arte de viver de um período e povo. A indumentária é muito significativa, capaz até mesmo de constituir relação intelectual notificadora entre o usuário e seu grupo (2010, p. 192). Os modos de viver e de se comportar de um integralista caminhavam nesse viés, o de estabelecer um vínculo emocional do sujeito com seu partido, de sentir-se parte de algo maior, em que sua força é de grande valia. Deste modo, ser um camisa-verde exemplar tinha significância forte entre os militantes, até mesmo como valor simbólico para se destacar entre tantos.

No outro polo, o não cumprimento das regras poderia resultar em expulsão (só executada pelo Chefe Nacional), momento em que toda uma ritualística era empregada. A sessão de expulsão se desenvolvia da seguinte maneira: “Integralistas! Nosso companheiro (nome) é morto; ele faltou à fé e a sua palavra de honra”. Os presentes respondiam: “seja esquecido”. (Idem, p. 194). Observa-se, portanto, a rigidez com a qual era mantida a regra da AIB. Desviar-se das normas de conduta integralistas tinha como castigo a “morte” para o movimento, a não mais permissão de compartilhar do grupo. Certamente, para o bem ou para

o mal, esse padrão não passava despercebido pelos grupos que rodeavam os camisas-verdes na convivência cotidiana, atraindo a atenção para esse partido que crescia cada vez mais.

Pedro Fagundes bem explicou a essência do ritual:

Em um ritual político, cada gesto corporal cumpre uma determinada finalidade no sentido de transmitir uma "verdade" que deve ser assimilada por todos. Mais do que isso, a repetição gestual é um elemento que explicita a unidade e a aceitação das diretrizes do partido. Levantar o braço, desfilar, repetir uma saudação, enfim, significa mais que simples ações físicas. Representa estar enquadrado e em sintonia com as ideias e ideais do partido.

De fato, o ritual assume uma dimensão que extrapola a simples dimensão da subjetividade. No terreno da política, as cerimônias e celebrações atingem um caráter objetivo, pois, concretamente busca-se alcançar a plena subordinação dos filiados. Para isso, a necessidade das liturgias políticas que hipnotizam as "massas", garantindo ao partido/condutor a primazia na tradução do ritual e efetivo controle do poder (FAGUNDES, 2012, p. 892-893).

Os desfiles, paradas e o trabalho de assistencialismo dos camisas-verdes chamou a atenção do governo. Tanto que Vargas tratou de aproximar-se de Plínio Salgado, para anulá-lo. Em setembro de 1937, Francisco Campos em contato com o Chefe da AIB, abriu o jogo sobre o plano que culminaria no Estado Novo, e pediu seu apoio, garantindo que a AIB seria peça chave no novo regime. Ofereceu-lhe até mesmo uma cópia da nova Constituição, para sua avaliação. O próprio Vargas, em 25 de outubro do mesmo ano, encontrou-se com Salgado para se entenderem sobre o golpe (VICTOR, 2013, p. 58).

Diante desse quadro, todo esforço físico e aporte ideológico que tinha como fim a eleição presidencial de Salgado se perdeu lentamente. Os jornais integralistas lançavam críticas e denúncias contra o comunismo ao passo que a campanha presidencial era esvaziada. Em novembro de 1937, Plínio retirou sua candidatura e, dois dias depois, aplaudiu a promulgação do Estado Novo, crendo que assumiria o Ministério da Educação e que a AIB seria a base do novo regime, o que não aconteceu. Vargas deu o mesmo tratamento à AIB que aos outros partidos, mandando fechá-la em dezembro. Era o fim do período legal de existência da AIB como partido político.

Contudo, o convite ao Ministério continuava de pé, sendo rejeitado por Plínio caso a AIB realmente continuasse proibida. Explicou seus motivos numa longa carta endereçada ao presidente, em 28 de janeiro de 1938. Ali, de maneira polida, mas dura, criticou a atitude de Vargas frente ao integralismo, apontado por Plínio como o principal elemento na construção simbólica que criou o clima para o Estado Novo. O Chefe Nacional da AIB acusou o governo de, tão logo dar o golpe, já estar em conluio com comunistas, o que não poderia ser acatado

por ele e pelo integralismo, que se regiam por princípios éticos (Carta de Plínio Salgado à Vargas publicada em anexo n' *O JORNAL*, 4 mar. 1945, p. 11). Lamentou o tratamento dado a ele e a AIB depois do dia 10 de novembro de 1937, pela imprensa censurada, ambos ridicularizados, sendo Salgado comparado a um pirarucu que o presidente havia “pescado” (enganado) (idem, p. 22).

Por fim, lembrou a Vargas que em diversos encontros este tinha empenhado sua palavra sobre o integralismo, o que não cumpriu. O fato é que o Decreto-Lei nº 37, de dezembro de 1937, continuou valendo, e, portanto, toda manifestação pública, usos de uniformes e indumentárias estavam proibidos. Os integralistas tinham mudado o nome da AIB para Associação Brasileira de Cultura (ABC), teoricamente uma instituição educacional e cultural, sem fins políticos, mas ainda assim não tinham obtido a liberação do Ministério da Justiça até a data da carta de Plínio. Realmente o novo governo estava disposto a enterrar o integralismo, o que se iniciou com perseguições a sedes, prisões e espancamentos. Era o fim da AIB e de sua imprensa que morria lentamente.

Dentre as publicações verdes, uma que sofreu imediato revés foi a revista *Anauê!*, cujo último número circulou em dezembro daquele mesmo ano. Na supracitada carta enviada a Vargas, Salgado chega a citar a proibição do mensário circular na capital, além da apreensão de livros integralistas em livrarias (idem, p. 27). Na memória integralista, tal mensário é apontado como o principal do segmento revisteiro, muito por conta da propaganda de suas edições em alguns dos principais periódicos dos camisas-verdes, como o *Monitor Integralista* e o jornal *A Offensiva*. No entanto, há indícios de que *Anauê!* não tenha sido tão atuante como se convencionou aceitar, problemática que será discutida adiante. Não que a revista não tenha gravado seu nome na história do partido. Pelo contrário, foi única quanto às características e circulação, mas pelos problemas que apresentou e pela dificuldade de dinamizar o conteúdo é possível inferir que não tenha atingido os seus objetivos, especialmente na segunda fase.

O fato é que a imprensa verde era basicamente doutrinária e/ou informativa, com poucos periódicos que atingiram a condição de investir em seções temáticas e sustentar número razoável de páginas por mediano período de tempo. *Anauê!*, como se verá, também foi lançada para o militante, mas em pouco tempo, devido à transformação da AIB em partido, recebeu uma carga pesada, inovadora, eleitoral. Antes, contudo, de tratar especificamente desse mensário verde, é preciso observar a estrutura da imprensa integralista, para ver como ela foi pensada e, a partir daí, perceber porque *Anauê!* causava grandes expectativas.

1.3 “Folheando páginas verdes”¹⁷: imprensa integralista

Ciente de que não é mais possível abordar o receptor do periodismo verde, o que poderia ajudar a medir o impacto de suas ações, o esforço se dará no foco à imprensa frente ao mercado e ao próprio movimento, com o fito de discernir sobre qual a função e os objetivos que a AIB propôs as suas folhas jornalísticas.

Antes de tudo é preciso entender que, embora amplamente divulgada a estrutura de imprensa integralista, pelos próprios integralistas, a maioria dos jornais que circularam foram efêmeros, muitos não passando do primeiro número. Quando anunciavam a quantidade de folhas do movimento, obnubilando suas dimensões, periodicidade e circulação, não se preocupavam em informar se o jornal ainda circulava ou se pretendia produzir mais alguma edição (o que não aconteceu com vários). Poucas publicações conseguiram atingir algum reconhecimento, muito embora não seja possível comparar com o impacto dos grandes jornais e revistas do período.

É preciso notar que a imprensa verde não se enquadra na classificação proposta por Tucci Carneiro (2003, p. 35), que dividiu o periodismo daquelas décadas entre 1) A grande imprensa (capitalista, com estrutura empresarial) e 2) A pequena imprensa (operária, marginal, interiorana). Percebe-se que o jornalismo verde ficaria fluindo no meio dessas duas categorias, ainda que se aproximasse mais da segunda dadas as suas dificuldades. Tinha, sim, algumas folhas que atingiram alguma visibilidade, com estrutura administrativa bem próxima das publicações empresariais, sustentando funcionários e publicidade constante em suas páginas, contudo, a maioria era pequena, exclusivamente partidária e doutrinária, não vislumbrando maiores sucessos quanto à ampliação de público.

No entanto, no grupo dos pequenos, Kossoy coloca os jornais que ele chama de revolucionários, quase sempre clandestinos, perseguidos e apreendidos (2003, p. 11-12). Adotando essa concepção do autor, também não é possível alocar a imprensa integralista no segundo grupo de Tucci Carneiro, pois como a própria historiadora explicou, o periodismo verde contava com a convivência do governo Vargas, o que não acontecia com os outros jornais pequenos, seguidamente tendo seus editores e edições presos (*Op. Cit.*, p. 19-20).

¹⁷ Título do subitem inspirado no trabalho de Ana Luiza Martins, *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras* (2003).

Ainda que as folhas integralistas fossem contestadoras da ordem vigente, não o faziam de forma radical, ameaçadora. A AIB se colocava mais contra uma pretensa ordem democrática existente, baseada no sufrágio universal, do que de fato contra o governo Vargas, de caráter centralizador e, por isso mesmo, em muitos momentos elogiado pelos camisas-verdes. O movimento tinha uma proposta de revolução, mas nunca assumiu postura radical contra o governo estabelecido, adotou a via eleitoral para ampliar seu alcance e até mesmo amainou o conteúdo de seus jornais com o tempo, interessado em fazer frente à imprensa burguesa e ter sucesso em eleições. Tucci Carneiro sintetiza a situação das publicações integralistas no contexto:

Livres de qualquer suspeita, esses jornais circularam garantidos pelo poder local (conservador e católico, por tradição), dedicados a enfrentar o anti-Cristo, personagem simbólico identificado com os males da modernidade: liberalismo, maçonaria, judaísmo e comunismo. O confisco de jornais integralistas em 1935, dentre os quais o *A Offensiva* e *O Integralista*, teve muito mais um sentido preventivo do que punitivo, postura que não se aplicava aos jornais representantes das “ideologias exóticas” (idem, p. 25).

Vê-se, portanto, que classificar a imprensa integralista não é fácil, pois contou com muitos jornais durante a existência da AIB, de dimensões e alcance diversos, embora sempre doutrinários. Foi um periodismo que, no geral, não se pode considerar pequeno, mas também não foi grande e empresarial. Ademais, dizia-se revolucionário, mas não foi radical; contestou a ordem vigente, mas não o governo; antipartidário e contra o sufrágio, mas voltado às eleições. O que se pode dizer é que foi um jornalismo militante e doutrinário, que visava o poder, mas que não se indispôs com o governo estabelecido.

Para iniciar uma discussão dessa imprensa, antes de tudo é imprescindível tratar do jornal *A Razão*, veículo de onde partiram as ideias que embasariam a doutrina integralista. Este jornal foi a matriz ideológica do movimento e polo aglutinador das futuras lideranças, tudo capitaneado por Plínio Salgado.

Fundado em São Paulo por Alfredo Egydio de Souza Aranha, no dia 5 de junho de 1931, o jornal tinha claro objetivo político e pedagógico, tal como Salgado concebia a função da imprensa. Seus redatores principais eram o próprio Plínio Salgado e Santiago Dantas, contando com diversos colaboradores, como Heráclito Sobral Pinto, Alceu Amoroso Lima, Brito Broca, E. Vilhena de Moraes, Laura Jacobina Lacombe, Fausto Ferraz, Mário Gracciotti, Silveira Bueno, Eduardo Rossi, Alberto Conte e André Dreyfuss. Ainda contava com textos assinados de personalidades italianas, inclusive do próprio Benito Mussolini (CPDOC-verbete).

Em carta de fevereiro de 1931, Salgado contava sobre o planejamento do jornal, veículo de um nacionalismo radical, que coordenaria o pensamento conservador, sendo totalmente contrário ao materialismo histórico, mais voltado para regimes de força com o intuito de barrar desavenças de classes (Idem). Portanto, a simpatia pela doutrina fascista seria inequívoca, uma vez que os dirigentes do jornal apreciavam os governos de extrema direita europeus. Em editorial de 21 de janeiro de 1932 ficou clara a posição pró-fascismo de *A Razão*, apontando a doutrina como possível saída para os problemas da nação (Idem).

Nesse caminho, a contrariedade ao movimento constitucionalista paulista foi natural, pois Salgado e Dantas eram adeptos de um governo mais centralizador, autoritário e não liberal-democrático. Contudo, tal postura causou reação das forças paulistas insurretas que, em 23 de maio de 1932, empastelaram a redação, em reação às críticas veiculadas naquele contexto revolucionário.

Salgado foi o mentor intelectual do jornal durante sua existência, o que explica em parte a ideologia predominante em suas páginas. Afinal, Plínio tinha viajado para a Itália, financiado pelo futuro dono da publicação, tendo contato direto com o fascismo e com seu líder, Mussolini. Lá, afirmou que o Brasil precisava de algo parecido, e que trabalharia para iniciar um movimento de massas por aqui. Para tanto, criticava a grande imprensa brasileira, de caráter empresarial, que veiculava informações aleatórias, desprezando a função formativa (OLIVEIRA, 2009, p. 100-101). Para Salgado, o jornalismo teria uma função pedagógica, orientadora, precisando ser em linguagem emotiva, simples e acessível, regras não muito diferentes das comunicações desenvolvidas na Itália e na Alemanha, no mesmo período, como especificou David Welch ao discutir as estratégias de propaganda nazistas (1995, p. 20).

A Razão foi, assim, a tentativa de praticar um jornalismo que primava pela orientação de um público carente e alheio ao poder. Circulava diariamente em São Paulo (distribuído nacionalmente pelos correios), em formato tabloide e contando com dez páginas. Apresentava-se como de informações gerais, abordando variadas temáticas, como as relacionadas a colunas sociais, esportes, teatro, cinema e literatura. Isso, porém, não disfarçava seu conteúdo impregnado pela política, ainda que não de críticas diretas ao governo - sob o risco de ser fechado por força da censura. Era mais voltado a proposições do que a ataques, trabalhando pacientemente sobre a opinião pública. Aí já se delineava os traços da própria atuação da futura imprensa da AIB, tal como discutido anteriormente.

Plínio Salgado, em sua coluna fixa, “Nota Política”, estabeleceu as diretrizes que conformariam essa nova proposta: a doutrina integralista. Já dicotomizava as discussões entre

o materialismo e o espiritualismo, enxergando o mundo de forma generalizante, dividido entre o “bem” e o “mal”, situação bem comum naqueles anos, quando a formação do imaginário via imprensa se dava na relação de pares antitéticos, como assegura Dutra (2012, p. 41). Propunha, pois, a partir de sua coluna, oferecer um caminho à população, de acordo com suas avaliações, como denotava o primeiro texto da coluna:

No Brasil, não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos, ao iniciar a discussão dos problemas que este momento nos suscita, declarar, como base de nossa orientação segura, que não há interesses estaduais diante dos supremos interesses nacionais. Colocando-nos nesse ponto de vista de nacionalismo integral, é que **iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira. Nesta nota diária, iremos traçar a linha de um pensamento político**, procurando marcar os rumos que nos parecem mais acertados às nossas condições e necessidades (A RAZÃO, 05/06/1931, p. 3 – grifos meus).

É evidente a intenção de iniciar um movimento político por meio da ação jornalística, mesmo que, seja bem provável, nem tivesse imaginado algo parecido com a AIB. Mas os caminhos eram delineados pouco a pouco, nos mais de 300 editoriais de sua autoria. Não à toa foi de *A Razão* que saiu o grupo formador da SEP, antecâmara do integralismo. Nesses espaços discutiam a falta de cultura do povo brasileiro, mal formado, que necessitaria de orientação segura para tirar o país do atraso em que se encontrava. Os agentes desse papel seriam, sem dúvida, para os membros da SEP, eles próprios. E a ferramenta mais eficaz para levar a cabo tal projeto seria a imprensa. Nas palavras de Plínio, havia muito a ser consertado:

Somos ainda um povo muito rudimentar. Quase primário. Confundimos cultura com erudição; pensamento com literatura; política com politicagem; governo com administração; estadista com técnico especializado; inteligência com esperteza; valentia com crueldade; honestidade com timidez; coerência doutrinária com partidária; fidelidade a princípios com fidelidade a pessoas; e nenhuma atitude é compreendida sem que se origine de algum interesse pessoal (Plínio citado por OLIVEIRA, 2009, p. 104).

Em sua visão havia muito a fazer pelo povo brasileiro, e a palavra escrita era o caminho mais rápido para atingir os objetivos. Leandro P. Gonçalves é categórico ao afirmar que Salgado havia percebido o potencial da imprensa como instrumento ideológico ainda quando redator do *Correio Paulistano*, entendendo que o consenso tinha muito mais êxito do que a força (2011, p. 22). Isto é, o periodismo deveria ser doutrinário, não se entregando ao mercado. No Código de Ética da Imprensa Integralista, Salgado diz: “faze do jornal um órgão de educação e criação, jamais um órgão passivo, escravizado às massas” (Código de Ética, *Monitor Integralista*, ano V, nº 17, p. 14, 20 fev. 1937), orientação que seria matizada na conclusão do Congresso de Imprensa Integralista, em dezembro de 1936.

A partir de tal concepção de imprensa, há de se considerar o grande número de jornais e revistas colocados em circulação pelos integralistas, o que não quer dizer pela AIB, especificamente. O partido contou muito com ações individuais de militantes aplicados para a fundação de periódicos, haja vista a impossibilidade de controlar e financiar publicações por todo o país e em grande quantidade. Todavia, no que concerne à imprensa declaradamente política, parece ter sido a mais expressiva.

No período de existência legal da AIB foram editados 138 jornais (2 de circulação nacional, 30 regionais e 106 locais), 8 revistas (2 nacionais e 6 regionais), panfletos, cartazes e mais de três mil boletins referentes aos serviços de cada núcleo. Mais que um jornalismo político, pode-se dizer que a AIB se valeu de uma mídia política, pois além dos recursos mencionados, o rádio e o cinema – em menor escala - foram empregados no processo doutrinário, o que demonstra o esforço de ampliação espacial da palavra do sigma. O integralismo, ainda nos anos 1930, procurou utilizar todos os recursos disponíveis em função da política e da doutrina.

Todo esse esforço em divulgar uma nova ideologia “redentora” a partir da imprensa, com investimentos incalculáveis em recursos humanos e financeiros, tinha uma razão de ser, afinal, para Plínio

(...) a imprensa deveria assumir a responsabilidade da discussão dos grandes assuntos que interessam à Nação. E não podem nem devem se circunscrever apenas à matéria mais empírica, aos temas simplesmente práticos. É à imprensa que compete teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-los às claras definições e às atitudes nítidas e fortes. Nem se diga que isso deveria competir às revistas. Pois em todos os países – e basta citar a Itália e a França, de onde conhecemos admiráveis mensários ou semanários de alta cultura – em que a revista desempenha um papel notável junto às classes intelectuais, vivem órgãos de imprensa, destinados ao grande público, que encaminham todas as questões para uma plana elevada. E essa deve ser hoje a missão da imprensa. A de educadora das massas. A de fixadora de direções. Cumpre à imprensa do Brasil assumir uma atitude á altura do nosso momento histórico (citado por LEAL, 2006, p. 44).

A AIB lançou mão, portanto, de três tipos de jornais, como exposto no quadro abaixo:

Quadro 1: circulação dos jornais integralistas

Circulação nacional e coordenados pela chefia nacional	Circulação Provincial ou Regional sob a chefia provincial*	Circulação Local coordenado pelo núcleo municipal (normalmente com tiragens quinzenais ou mensais)**
<i>Monitor Integralista e A Offensiva</i>	<i>A Razão</i> (PR), <i>Século XX</i> (RJ), <i>Anauê</i> (MG), <i>A voz D'Oeste</i> (SP)	<i>O Bandeirante</i> (Caxias do Sul), <i>Voz do Sigma</i> (Bagé), <i>Anauê</i> (Jaú)

*Apenas alguns exemplos citados.

**Apenas alguns exemplos citados.

Essa divisão supõe que a doutrina deveria atingir todos os níveis sociais e regionais do país, sem desprezar qualquer setor ou camada social dentro do território nacional. Objetivo bastante audacioso para uma rede de imprensa nos anos 1930, tarefa que, talvez, nem mesmo maior conglomerado de imprensa do período, os Diários Associados, de Chateaubriand, tenha cumprido.

As dificuldades de se atingir tal meta mostraram-se já na responsabilidade de manutenção dos periódicos. Os custos, distribuição, organização etc, ficavam a cargo dos diretores, não sendo incumbência da direção nacional integralista. Porém, isso não significava que não havia uma padronização a seguir. A Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) e a Secretaria Nacional de Propaganda (SNP) esforçavam-se para controlar a feitura dos periódicos e o conteúdo veiculado, prezando pela homogeneidade doutrinária e ideológica, a fim de não deixar transparecer desentendimentos internos dos líderes.

Tal homogeneidade, contudo, é duvidosa, já que o controle sobre os conteúdos impressos nos mais longínquos núcleos era tarefa hercúlea. Pensando a rede de comunicações e transportes dos anos 1930, é possível que as lideranças da AIB contassem mais com a assimilação da doutrina, a obediência e a fidelidade ao Chefe Nacional do integralismo, do que de fato com o controle exercido sobre os conteúdos veiculados. Nem mesmo a historiografia entra em acordo neste ponto. Mais uma vez fica claro que as fontes, as indagações e os objetivos da pesquisa podem levar a resultados diferentes, o que exige sempre cuidado do pesquisador.

Por exemplo, Rosa Cavaleri é categórica ao afirmar que os jornais menores, de interior, locais, eram organizados a fim de reproduzir os maiores (1999, p. 79). E complementa garantindo que nada existia de diferente num jornal do interior do Nordeste em relação a um do interior do Sul ou Sudeste, quase não encontrando matérias relacionadas a

assuntos locais nesses periódicos (Idem, p. 79-80). Rodrigo Oliveira assume outra postura, defendendo que

A partir da análise que fizemos em jornais integralistas, divergimos de alguns pontos dessas informações [as de Cavalari]. Os jornais do interior não apresentavam uma mera reprodução dos jornais dos grandes centros. Embora reproduzissem a ideologia integralista, esta se dava a partir da leitura feita por esses militantes locais (pela escolha subjetiva desses indivíduos). A maior parte das matérias assinadas que encontramos em nossas pesquisas era de membros dos núcleos que produziam os jornais, e quando reproduziam uma matéria de outro jornal, apresentavam a citação (2004, p. 120).

Mais que isso, o autor demonstrou que os assuntos locais eram comuns nesses jornais, ocupando destacado espaço (Idem, p. 122-123). As diferenças de análises entre Cavalari e Oliveira se explicam pelas fontes adotadas, o que orientou suas conclusões. A primeira se valeu de edições de 22 jornais que se encontravam no Arquivo Público de Rio Claro (SP), no acervo Plínio Salgado, trabalhando, portanto, com amostragem menor. Sem mencionar que, desses 22 jornais, 12 eram de capitais de Estados, 11 se localizavam no Estado de São Paulo (maior força dos integralistas) e 3 no Rio de Janeiro (segunda maior força). Fora desses dois Estados, apenas um jornal de Garanhuns-PE e um de Itajubá-MG eram de interior (CAVALARI, *Op. Cit.*, p. 91).

Já Rodrigo Oliveira, baseado na amostragem que possuía, procurou analisar 88 jornais que apareciam como membros do Sigma Jornaes Reunidos (que será discutido adiante) (2004, p. 123-124). Com universo maior de periódicos em mãos, o autor pôde verificar que não havia a vociferada padronização e controle que a AIB relatava.

Por isso, ficou a cargo da confiança nos líderes locais e regionais a feitura dos periódicos. Estes chefes tinham acesso à doutrina e às orientações de Plínio Salgado por meio do *Monitor Integralista* (que circulava às vezes com quatro meses de intervalo e que todos os núcleos deveriam adquirir) e, talvez, do jornal *A Offensiva*, quando esse chegava aos núcleos. Outros meios eram empregados, como a obrigatoriedade de enviar à SNI e ao Chefe Nacional um exemplar de cada edição, o que possibilitaria, em tese, o acompanhamento dos conteúdos espalhados em páginas verdes por todo o Brasil, e a distribuição de milhares de panfletos e folhetos pelo interior, com mensagens simples e imagens do Chefe, materiais estes de menor custo.

Além disso, o Sigma Jornaes Reunidos foi desenvolvido com o mesmo fito, o de padronizar as publicações verdes. Como revela Oliveira (2009), falar desse conglomerado jornalístico integralista é bastante difícil, pois não há fontes que iluminem suas funções e existência. O fato é que a partir de outubro de 1935 diversas publicações passaram a estampar

o nome “Sigma Jornaes Reunidos”, sem nunca aparecer qualquer logomarca que simbolizasse a organização. O autor afirma também que pouca influência exerceu sobre as publicações, inclusive não havendo a obrigatoriedade destas se ligarem ao conglomerado, cenário modificado a partir de 1937, quando os interesses eleitorais afunilaram os olhares sobre a imprensa verde (Idem, p. 204-206).

A fragilidade evidente dessa empreitada, no entanto, não inibiu a supervalorização da instituição, como se pode observar em texto que apresentava o projeto ao leitor da revista *Anauê!*:

Sigma Jornaes Reunidos – 88 jornaes conjugados no maior consorcio jornalístico da América do Sul

A Secretaria Nacional de Propaganda acaba de organizar o maior serviço de publicidade até hoje realizado no Brasil, pois compreende um conjunto de 88 jornais atualmente em circulação em todo o território da República.

Homogeneamente já unidos pelo SIGMA, os jornais integralistas do Brasil, cujo número cresce cada dia e já sobe hoje a 88, ficaram agora conjugados, para fins de publicidade, sob a direção da Secretaria Nacional de Propaganda, devidamente autorizada pela Chefia Nacional, constituindo, assim, o maior monobloco jornalístico até hoje criado na América do Sul.

Mais um passo pela unificação nacional, pelo pensamento, pela cultura e pela orientação doutrinária.

Mais um passo para o grande sistema de imprensa, cujo futuro tem no Integralismo os seus dias de glória, de prosperidade e esplendor, responsável como é pelos superiores destinos da Pátria (*ANAUE!*, nº 4, p. 56).

É sintomática a menção desse “conglomerado”. Primeiro, porque os Diários Associados eram vistos como o antípoda da imprensa integralista, e possuíam, de fato, uma rede jornalística invejável. Defensores ferrenhos dos ideais liberais, deveriam ser combatidos pela AIB que intentou forjar sua própria rede sob a insígnia de Sigma Jornaes Reunidos. Segundo, para criar a sensação de padronização e ordem na imprensa dos camisas-verdes, mais um mecanismo de controle, embora duvidável, foi criado sobre os periódicos. Se foi efetivo o funcionamento, não é possível afirmar, mas de acordo com as informações disponíveis, tudo leva a crer que não passou de uma estratégia mais simbólica que prática da AIB.

Portanto, produzir consenso garantiria certa tranquilidade aos dirigentes da AIB, porque exercer a censura de maneira contundente seria muito mais trabalhoso. Por isso que, no Congresso de Imprensa Integralista, realizado em dezembro de 1936, foi editado o Código de Ética, objetivando oferecer um norte aos donos de jornais (BARBOSA, 2011, p. 135).

Apenas duas publicações apresentavam características próprias mais visíveis, em certa medida até mesmo empregando outro ponto de vista sobre a mesma doutrina integralista.

Tratavam-se das dirigidas pelas duas figuras abaixo de Plínio, Gustavo Barroso, com o jornal *Século XX* (Rio de Janeiro / 1935-1937), e Miguel Reale, com *Acção* (São Paulo / 1936-1938) (OLIVEIRA, 2009, p. 173). Como tinham ideias particulares, Reale, principal teórico do movimento, buscou dar sua cara ao seu jornal, focando bastante na teoria corporativista-sindicalista do Estado Integral (BARBOSA, 2007, p.113; BARBOSA, 2012, p. 145), e Barroso usou o *Século XX* para estampar na história da AIB uma faceta antissemita.

Remetendo a Cavalari (1999) e Leal (2006), a AIB colocou em circulação oito diários: *A Offensiva* (RJ), *Acção* (SP), *O Imparcial* (BA), *Diário do Nordeste* (PE), *A Província* (AL), *A Razão* (CE), *Acção* (MA) e *Correio da Noite* (RS). Também se contabiliza oito revistas: *Anauê!* (RJ), *Panorama: coletânea mensal do pensamento novo* (SP), *Brasil Feminino* (RJ), *Sigma* (Niterói), *Anauê* (Resende)¹⁸, *Falena* (Campos dos Goytacazes), *Invicta* (PR) e *Única* (Salvador). Destas, as que os integralistas mais destacaram foram as três primeiras, cabendo às restantes papéis secundários e alcance limitado. Por fim, vale lembrar o jornal que se tornou uma espécie de Diário Oficial, *Monitor Integralista*, no qual se publicavam as diretrizes da AIB, estatutos, palavra do Chefe etc.

O professor Pedro Ernesto Fagundes divide em dois momentos o periodismo integralista: um voltado ao militante, com a função exclusiva de doutrinar e unificar o discurso; outro mais flexível, posto em prática mediante interesses eleitorais, a partir da transformação da AIB em partido (2011, p. 245). Contudo, não se pode entender cada qual de maneira monolítica, como se não houvesse espaço para intersecção. Como alertou Oliveira, mesmo que tenha amaciado o discurso doutrinário pesado, a imprensa integralista nunca deixou de ser militante, tendo na verdade dificuldades para reproduzir outro tipo de fala (2009). Fato não admirável, posto que toda publicação integralista era, antes e primeiro de tudo, militante, ligada a um partido e a uma ideologia específica.

Dáí a conclusão de que não se pode equiparar o alcance desse jornalismo aos da grande imprensa, nem mesmo os maiores jornais do movimento. Mesmo com o esforço da AIB em contradizer a imprensa empresarial e de exaltar o poder de suas publicações, não é possível assumir seu discurso e ver nessa imprensa algo grandioso. Por ser um periodismo partidário e militante, estava circunscrito a um público específico. Mais uma vez assumindo as argumentações de Kossoy (*Op. Cit.*, p. 14), para o conteúdo publicado nas páginas verdes só se pode vislumbrar uma “comunidade de leitores” limitada.

¹⁸ Esta não se trata da revista *Anauê!*, objeto da presente pesquisa. Foi uma publicação de pouca expressão do núcleo de Resende, que não deixou quase sinal de sua existência.

Tão logo aconteceu o manifesto de lançamento da AIB, em outubro de 1932, deu-se a fundação do primeiro jornal do movimento. Em dezembro do mesmo ano apareceu, em São Paulo, *O Integralista*, que, organizado por estudantes da faculdade de Direito de São Paulo, era o porta-voz do Departamento Universitário dos camisas-verdes, circulando de forma intermitente durante toda a legalidade integralista, totalizando 10 edições no período.

No ano seguinte, surgiu um jornal com estilo de revista, o *Variedades: Gazeta Literária-Política-Noticiosa*, com conteúdo dividido entre textos doutrinários e amenidades sobre cinema, teatro e literatura. Ainda neste ano, apareceu o *Monitor Integralista*. Tinha circulação interna em relação à AIB, sendo de exclusividade dos militantes, especialmente dos chefes e núcleos. Inicialmente quinzenal, passou a bimestral, trimestral e quadrimestral, preenchendo seu interior com determinações oficiais da chefia nacional. Ali se encontravam regras de comportamento, resoluções, estatutos, diretrizes doutrinárias, padrões de vestimenta etc. O *Monitor Integralista* era o veículo responsável pela tentativa de homogeneizar o movimento, pois circulava de Norte a Sul, levando ao militante amazonense exatamente a mesma orientação recebida pelo gaúcho.

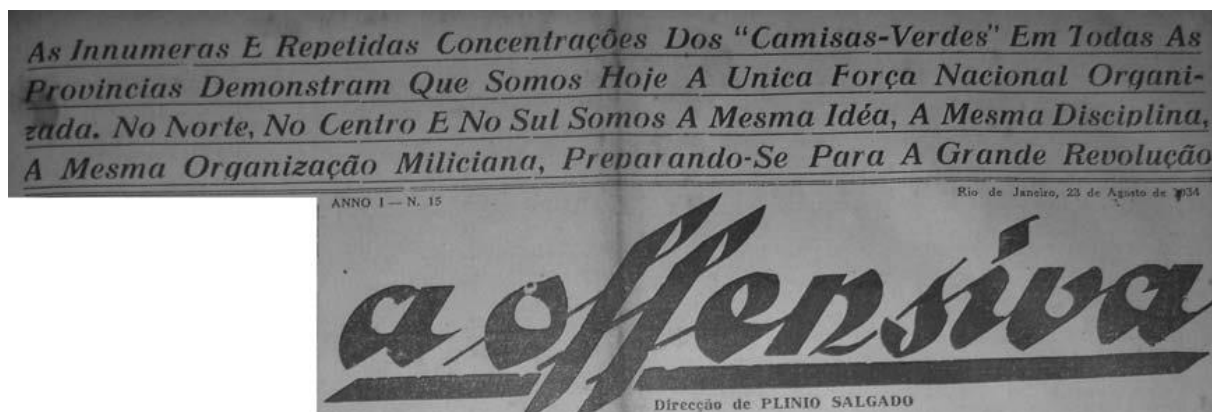
Outras duas publicações também merecem destaque por conta de sua importância dentro da AIB: *A Offensiva*, o diário nacional do movimento, e *Acção*, que circulou no Estado mais desenvolvido da nação (São Paulo). O primeiro foi o mais importante da AIB nos anos 1930, alcançando todo o território brasileiro. Sua fundação esteve nas mãos do secretário nacional de propaganda, Madeiras de Freitas, que dirigiu o jornal junto com Plínio Salgado até 1936. Aqui cabe uma ponderação. É bem provável que o principal dirigente tenha sido Freitas, por conta de todos os afazeres do Chefe, que em incontáveis ocasiões sequer estava presente no Rio de Janeiro, viajando pelo Brasil em bandeiras ou palestrando, participando de debates e inaugurações.

No entanto, *A Offensiva* era apontado como o veículo de orientação direta de Plínio, e sua direção foi atribuída a ele até 1936, quando a campanha presidencial o afastou do jornal. Fundado em 17 de maio de 1934, iniciou com circulação semanal, o que perdurou até janeiro de 1936, e sua venda era mediante assinaturas – os núcleos eram obrigados a adquiri-lo. De acordo com Renata Simões, o jornal passou por três fases distintas, adequando-se aos interesses internos da AIB e ao contexto imediato (2011, p. 47-82), mesma senda de *Anauê!*.

Na primeira fase (nº 1 ao nº 89 / maio de 1934 a janeiro de 1936), com periodicidade semanal, seu conteúdo era claramente doutrinário, sempre alocando no cabeçalho de sua primeira página palavras de ordem com textos curtos, de fácil assimilação, que ditavam os

pontos básicos da mensagem transmitida pelo jornal. Aí sempre se encontrava críticas ao comunismo e/ou liberalismo, como também apontava a marcha do integralismo para a revolução, como pode ser visto na imagem abaixo.

Figura 1: cabeçalho de *A Offensiva*



Fonte: OLIVEIRA, 2009, p. 152

Entre 1934-1935 era impresso nas oficinas do *Diário de Notícias*, assim como vários periódicos integralistas, mantendo poucos funcionários pagos e contando com a colaboração voluntária de vários militantes, dirigentes e intelectuais do movimento. O primeiro editorial de *A Offensiva* apresentava o jornal como o porta-voz de uma alternativa ao governo, que colocaria em marcha uma revolução com sentido lógico, oposta à revolução de 1930. Seria uma revolução de cultura e espírito, que conduziria a humanidade ao caminho correto. Portanto, o jornal seria uma ofensiva não contra um governo ou uma classe, mas sim uma ofensiva contra uma civilização que, por sua vez, vivia sob a égide da liberal-democracia (*A OFFENSIVA*, 17/01/1934, p. 1). Já na primeira edição, portanto, deixava claro que não atacaria Vargas e que revolucionária era a proposta e não a ação.

Ainda na primeira página vinha alocada a coluna de Plínio Salgado, com caráter de editorial, bem parecida com a "Nota Política" de *A Razão*. Com textos simples, voltados ao grande público, objetivava difundir a doutrina integralista. De acordo com Oliveira,

Este exemplo da coluna editorial de Plínio Salgado é significativo, pois demonstra como o integralismo era definido, didaticamente, através da contraposição com os defeitos de outras ideologias. O espaço desta parte destinada a Salgado é fundamental, como instrumento da manutenção do seu poder pessoal dentro do integralismo. Se olharmos com atenção, veremos que ele é o único nome presente em todas as edições do jornal. Nem mesmo Barroso e Reale tem tamanho destaque (2009, p. 154).

Não à toa apareceu como uma espécie de subtítulo no jornal o seguinte: "Orientação de Plínio Salgado". Essa inserção é sintomática. *A Offensiva* se apresentava como o veículo

oficial de divulgação da palavra do Chefe, o que dava um peso maior à publicação. Como estava diretamente orientada por Salgado, todo camisa-verde deveria lê-la, além de seguir à risca os ditames impressos.

O jornal circulava todas as quintas-feiras, o que mudou a partir de 16 de março de 1935, quando passou a sair aos sábados, por conveniência administrativa, já que a maioria dos colaboradores exerciam outras funções durante a semana. Porém, essa periodicidade em breve mudaria com a transformação da AIB em partido político. Visando novos objetivos, a circulação diária do jornal seria mais eficaz para a propaganda eleitoral, tanto que, a partir da edição nº 77, mudou a sede da Rua Sete de Setembro para a Rua da Quitanda, nº 51, espaço maior que comportaria as necessidades de um diário (SIMÕES, 2011, p. 54-57).

Nesse momento, portanto, tem início a segunda fase (nº 90 ao nº 660 / de 28 de janeiro de 1936 a 3 de dezembro de 1937), na qual *A Offensiva* se tornou um diário matutino, que ia a público de terça a domingo. Pelo ritmo mais acelerado e pelas novas metas traçadas, não seria mais apenas doutrinário, dedicando-se a informações variadas, além de ampliar o número e as temáticas das seções – “Integralismo nas Províncias”, “A Semana Internacional”, “Secção Comercial”, “Página Médica”, “Conselho de Hygiene”, “Página Syndical”, “Moda Feminina”, “Secção Universitária”, entre outras, mas sempre de caráter noticioso, preocupado com as questões candentes do dia-a-dia. Não significa, entretanto, que o caráter doutrinário tenha desaparecido. Trata-se de entender que outras temáticas surgiram, o que diluiu o excesso dos textos políticos e ideológicos, mas eles não desapareceram. Muito pelo contrário, em *A Offensiva* essa tendência não minorava, já que era a principal publicação da AIB, o que deveria, conseqüentemente, insistir na doutrina reiteradamente.

Como já não podia contar apenas com colaborações, contratou vários dos articulistas da 1ª fase, e se dedicou mais ao embate partidário, até mesmo lançando a Seção Eleitoral, que instruía o público sobre leis, regulamentos eleitorais e procedimentos. O resultado disso foi a eleição, em 1936, de 500 vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais. A campanha ficou mais intensa no ano de 1937, já que o pleito era pela presidência, alvo principal da AIB. Até que o golpe de novembro de 1937 que instituiu o Estado Novo deu início à última fase do jornal.

Nesta (nº 661 ao nº 748 / 4 de dezembro de 1937 a 19 de março de 1938), qualquer conteúdo doutrinário foi limado, por conta das proibições de Getúlio Vargas à imprensa. Os textos relativos à AIB (que passou a ser ABC – Associação Brasileira de Cultura) restringiam-se a atividades de assistência e cultura. Não se falava mais ao integralista e sim ao brasileiro,

sem utilizar palavras de ordem, mas uma orientação acerca do nacionalismo. A partir daí não tardou a derrocada total do jornal que desapareceria pela inépcia em se tornar um diário comum. Aliás, a própria AIB, travestida em ABC, minguardia lentamente.

A estrutura e a direção da nova associação, a ABC, permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma velada, sua campanha doutrinária. Essa campanha delongou-se até maio do ano seguinte [1938], quando a AIB parece ter mudado de tática. Abandonou-se a tática educativa, a “Revolução do Espírito”, e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder. O atentado a Vargas no Palácio Guanabara, realizado por um pequeno grupo de integralistas em maio de 1938, segundo Cavalari, parece ter sido resultado dessa nova tática. A Intentona Integralista, como ficou conhecida, foi totalmente dominada por Vargas que, em seguida, desencadeou intensa campanha contra o integralismo, com prisão e exílio de seus líderes (Idem, p. 66).

O jornal *A Offensiva* era financiado pela sociedade anônima “Sigma Editora” até 1935, cujas ações estavam à venda para todo integralista que quisesse contribuir, inclusive “as listas de contribuição” ficavam nas sedes dos núcleos. Outra forma de financiamento do jornal era a publicação de anúncios em suas páginas, método comum do jornalismo desde o início do século XX, quando a propaganda deixa o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e incorpora-se à imprensa periódica (BULHÕES, 2007, p. 54).

Após dois anos de existência *A Offensiva* se tornou o diário de maior tiragem do movimento, chegando aos lares mais distantes. Isso indica o potencial comercial adquirido por suas páginas, o que soube ser usado por seus dirigentes. Leandro Pereira Gonçalves e Renata Duarte Simões explicam que nesse período a publicidade de produtos não-integralistas era muito mais numerosa que a dos camisas-verdes, muitas vezes não tendo relação alguma com a doutrina, quando não dela se distinguia (2011, p. 100). Os autores afirmam que a propaganda foi fundamental para manter o jornal, destacando que em algumas edições o número de páginas chegou a dobrar ou triplicar para comportar os anúncios (idem, p. 112).

Evidente que *A Offensiva* discursava para convencer o leitor a adquirir os produtos integralistas, apelando para o amor à causa, à Pátria e ao Chefe, sendo exemplar um camisa-verde que seguisse os preceitos da AIB e usasse seus símbolos, como a camisa, broches, cintos, objetos de decoração, pasta de dente etc. Contudo, longe de se configurar como prática opcional, a propaganda emerge como procedimento coercitivo, obrigando o integralista a fazer uso do que lhe é ordenado, a fim de manter o movimento uno (Idem, p. 112).

Outro elemento de destaque foi a fotografia, mais utilizada a partir de 1936 na remodelação do jornal, momento em que apresentava uma tiragem de 30 mil exemplares (BULHÕES, 2007, p. 59). No entanto, o recurso iconográfico teve maior ênfase na revista

Anauê!, sendo pouco utilizado na maioria dos periódicos, especialmente nos de circulação e tiragem reduzidas, que não poderiam investir muito. Nesta revista ilustrada ficava clara a intenção diferenciada em relação ao jornal *A Offensiva*. Bulhões percebeu que as fotografias de *Anauê!* pretendiam ter contato mais próximo com a militância, com os lares integralistas, chegar na mulher e na criança (2007, p. 79), com o fito de atrair todos os setores, afastar o público feminino da sedução das revistas liberais, além de educar a criança desde cedo dentro dos princípios verdes. Por isso o investimento numa revista ilustrada. Já em *A Offensiva* este contato era mais precário, pois sustentava caráter de seriedade e combatividade bem mais perceptíveis, além do estilo noticioso que não era comum em *Anauê!*.

Antes, porém, de tratar desta revista, importa atentar para o jornal *Acção* e outras publicações de relevância da AIB. A verdade é que *A Offensiva*, *Anauê!* e *Acção* são mormente apontados como os principais veículos de comunicação da AIB nos anos 1930, pois com o tempo assumiram o objetivo de chegar a número maior de leitores, o que ia ao encontro dos interesses eleitorais partidários. Sendo os três periódicos de mais propriedade dentro do movimento, não é de estranhar tais tarefas.

Fundado em 7 de outubro de 1936 pelo advogado paulista e principal teórico da AIB, Miguel Reale, *Acção* iniciou com oito páginas e chegou a ter vinte. Sediado na Rua do Carmo, número 17, dividia sua redação com a do jornal *O Dia*, o que era bastante comum à época. Onze meses após seu lançamento, transferiu seu endereço para espaço independente, na Rua Irmã Simplicia, 17 e 17-A (CARNEIRO, KOSSOY, 2003, p. 62).

Figura 2: jornal *Acção*



Fonte: BARBOSA, 2007, p. 114.

Seu diretor, até seu fechamento em abril de 1938, sempre foi Reale, apoiado por Paulo Paulista de Ulhoa Cintra, secretário geral da publicação. Cintra era advogado também, chefe municipal da AIB em São Bernardo e tornou-se membro da Câmara dos Quatrocentos.¹⁹ Além deles, destacam-se os nomes de Eduardo Graziano (médico e chefe da AIB em São Paulo por um período), gerente do *Acção* durante quase toda sua existência (até 14 de janeiro de 1938), e José Ribeiro de Barros, que assumiu essa função nos últimos três meses do jornal. Por fim, Mario Mazzei Guimarães (chefe municipal da AIB em Colina) e Benedito Vaz (Advogado e jornalista, não teve papel de destaque no movimento) eram os redatores principais (DOTTA, 2011, p. 165-166).

Reale afirmava que *Acção* tinha sido uma iniciativa quase individual, com o apoio de alguns amigos que pretendiam lançar um periódico. Isso demonstra que, embora houvesse um movimento em prol da campanha eleitoral, nem tudo era perfeito na organização da AIB,

¹⁹ A Câmara dos Quatrocentos, órgão consultivo da AIB, formada em junho de 1937 era “composta de militantes de diversas províncias integralistas” (Ver TRINDADE, 1979, p. 175).

sendo que atitudes importantes eram tomadas de maneira unilateral, como o lançamento de uma publicação num dos Estados mais importantes do país. Quanto a sua tiragem, há dados que apontam 78 mil (DOTTA, 2011, p. 167) e outros até 400 mil exemplares (BARBOSA, 2011, p. 137 e 2007, p. 113), o que é uma diferença expressiva, uma vez que ambos se referem ao final de 1937. Provavelmente tal lacuna se deva aos dados apresentados pelos próprios integralistas, que se contradiziam e superdimensionavam suas realizações corriqueiramente. Independente do montante exato, parece que possuía tiragem significativa, o que dava representatividade ao periódico de Reale no universo de publicações integralistas.

Não à toa está elencado entre os principais veículos dos camisas-verdes, pois, primeiro, procurou não se restringir apenas à doutrinação, exercendo papel elevado entre os integralistas paulistas e, por conseguinte, era capitaneado por uma das principais lideranças da AIB. *Acção* buscou se apresentar como jornal moderno, adotando técnicas de ilustração e fotojornalismo e valendo-se de seções variadas. Adequou seu formato, diagramação e distribuição interna com o tempo, tanto que após seu primeiro ano de circulação passou do formato “standart” (60 cm de altura por 48 de largura) para o “tabloide” (49 cm de altura por 33 de largura). Ao mesmo tempo passou de vespertino para matutino (DOTTA, 2011).

De acordo com Jefferson Barbosa, seus eixos principais eram três: 1) Conjuntura política nacional (especialmente a sucessão presidencial); 2) Projeto político e econômico do Estado Integral (visto que Reale era o principal teórico); 3) Conjuntura política internacional (2011, p. 140). Todas se desenvolveram juntas, até o golpe do Estado Novo. Depois disso os dois primeiros eixos praticamente desapareceram, já que as eleições foram canceladas e estava terminantemente proibido manifestações e exposições de qualquer texto, palavra de ordem ou símbolos de partidos políticos. Assim como em *A Offensiva*, *Acção* claramente tinha conteúdo mais combativo, inclusive com discussões teóricas fazendo parte de seu repertório comum, nada admirável sendo que se tratava de órgão proposto pelo principal pensador da AIB. Ainda que buscasse variar seções, não era uma leitura popular, atraente, nem mesmo para a grande massa militante.

Importa lembrar, não obstante, que dentro dos temas mais abordados apareceram o antissemitismo²⁰ (ainda que Reale não se mostrasse abertamente avesso ao judaísmo) e a defesa e admiração aos regimes fascistas e de extrema-direita europeus. Quanto ao primeiro

²⁰ De acordo com Tucci Carneiro, ainda que fosse encontrado por todo o período de *Acção* textos antissemitas, sua maior concentração se deu depois do golpe de Vargas em novembro de 1937. Talvez isso se deva ao revigoramento do xenofobismo dentro do governo estadonovista e ao inicial apoio do jornal ao regime (1995, p. 393). Já Renato Dotta afirma que até o golpe de 1937 o antissemitismo não era comum em suas páginas, o que mudou posteriormente (2011, p. 169).

tópico, tal abordagem fazia parte de uma discussão presente nos círculos intelectuais brasileiros, cuja formação racial nacional era objeto de preocupação. No entanto, especificamente para algumas alas da AIB o elemento judeu não era pernicioso pela sua questão biológica, mas cultural. Aliás, muitos falavam que o judeu poderia ajudar no branqueamento da população. Entretanto, o integralismo o via como agente do liberalismo, do materialismo e da deformação moral, portanto figura a ser combatida.

No que concerne ao segundo tópico, foram muitos os artigos que trataram da Itália, Alemanha e Espanha, sempre com teor positivo. Havia também assuntos variados, como esportes, saúde, trabalhadores, ensino etc, mas que, no fundo, não largavam a intenção doutrinária. Não se pode ignorar, entretanto, que, dado os devidos destaques às temáticas citadas, o ponto alto do jornal sempre foi o próprio integralismo e o ataque fervoroso ao liberalismo-democrático e, conseqüentemente, ao comunismo, ambos interpretados como ideologias irmãs.

Acção sobreviveu com base nas vendas em bancas,²¹ assinaturas e publicidade. Como os outros veículos de destaque da AIB, gozou de sensível apelo comercial, uma vez que sustentava tiragem considerável e atingia público relativamente abrangente. Suas páginas não deixaram de ter anúncios, o que o ajudou a se manter. Essa sustentabilidade financeira, por outro lado, não era item determinante. Em contexto bastante conturbado politicamente, eram posturas ideológicas e doutrinárias que ameaçavam a circulação de um periódico, que poderia ser barrado pela censura.

Renato Dotta, com vistas a esse momento, chamou o processo de dissolução de *Acção* de “lenta agonia”, algo que se iniciou em meados de 1937 e culminou com o fechamento do jornal em abril de 1938 (2011, p. 165-182). Isso porque, ainda durante a campanha presidencial, aos poucos, deixou de citar Plínio e passou a apoiar Vargas (algo acordado por AIB e Salgado), inclusive estimulando a instauração do Estado Novo. Começava a tomar um caminho sem volta. Pós-golpe, manteve o mesmo posicionamento, o que só mudou com a clara e manifesta má vontade do governo com relação aos integralistas. Camisas-verdes foram perseguidos e presos por diversos motivos, e o jornal paulista começava a mostrar resistência velada ao regime, como a publicação de trechos bíblicos sem razão aparente. *Acção* foi ficando cada vez mais opaco diante da pressão política, sendo que o movimento não mais resistiria juntamente com suas publicações remanescentes. Era o fim do principal diário verde paulista.

²¹ Importante lembrar que a atuação de bancas era discreta, pois apenas na virada para os anos 1940 elas passaram a ser comuns (MARTINS, 2008, p. 236).

Por fim, é indispensável tratar das revistas do movimento integralista. Embora o ramo revisteiro não tenha sido usual em sua imprensa, quando surgiram demonstraram algumas intenções programadas, com vistas a públicos determinados. Como dito anteriormente, foram oito contabilizadas até hoje, no entanto, apenas três apareceram com certa expressão, às outras restando circulação e tiragem pouco expressivas. Tratam-se de *Panorama*, *Brasil Feminino* e *Anauê!*. Três revistas que ocuparam local específico entre os camisas-verdes, dedicando-se cada qual a um nicho determinado.

Panorama, a revista de alta cultura do movimento, foi lançada em janeiro de 1936 com o intuito de atender a um grupo específico dentro da AIB, os intelectuais, já que até então a imprensa era voltada para o militante comum. Como os jornais eram doutrinários ou, com o passar do tempo, também de informações gerais, a elite do movimento ficava de fora, pois o que ia para os periódicos eram suas teorias dissolvidas e simplificadas. Portanto, para atender essa demanda, por iniciativa de Ruy Arruda Camargo, foi fundada a revista em São Paulo, sob a direção de Miguel Reale, o Secretário Nacional de Doutrina (LEAL, 2006, p. 63).

Como bem indicou Oliveira, a apresentação da primeira edição deixava claro a que público se direciona:

O Integralismo é, ao mesmo tempo, ação imediata e revolução mediata. Como ação, está vigilante, na defesa da ordem, indispensável ao trabalho paciente de cultura, de revisão, de crítica, de criação das elites do nosso movimento. Como revolução, não se processa nas confabulações escusas dos Catilinas, à paisana ou fardados, que articulam elementos para os golpes à força bruta; pelo contrário, realiza-se no plano da inteligência, pela objetivação segura de uma finalidade inspirada em conceitos doutrinários e consoante as realidades sociais e econômicas dia-a-dia pesquisadas no cenário nacional.

Esta revista está arregimentada neste segundo plano. Suas páginas refletem todo o esforço de uma elite, o anseio de uma geração desejosa de concretizar, em relevos mais práticos, a aplicação de um princípio geral, de um método de estudo e de criação (*PANORAMA*, jan. 1936, p. 1).

De fato, a apresentação dos colaboradores apontava para a elite nacional e regional do movimento, o que levou a uma publicação dedicada aos debates teóricos, às discussões filosóficas e políticas, aos textos mais profundos, consoante aos interesses da alta cúpula. Os recursos gráficos e diagramáticos também não eram os mais atrativos, especialmente se comparados aos da revista *Anauê!* e *Brasil Feminino*, que tinham mais cores e dinamismo em suas feitura. Isso porque o foco não era o mercado, não era atrair militantes ou eleitores, era discutir e desenvolver a doutrina, para que outros veículos a disseminassem.

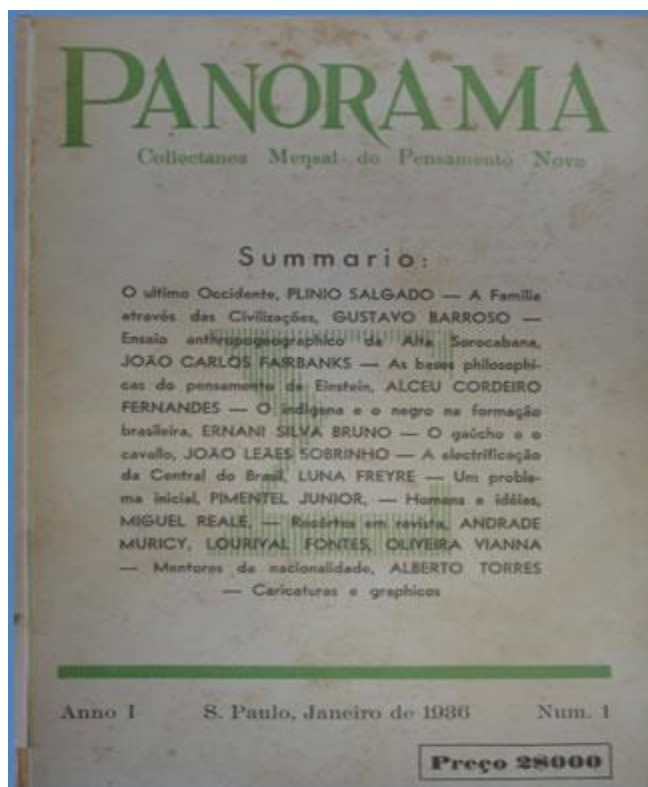
Ainda nas palavras de Oliveira,

A revista era dividida em quatro partes. A primeira era destinada aos artigos de autores integralistas (não tinha uma denominação específica); a segunda, “Homens e Idéias”, e discutia a vida de grandes homens e/ou grandes obras; a terceira, chamada “Recortes em Revista”, e apresentava matérias publicadas em jornais e revistas de várias regiões do país; por fim, “Mentores da Nacionalidade”, apresentando trechos de obras e/ou artigos de pensadores políticos nacionais (2009, p. 197).

Isso demonstra que existia alguma diversidade interna, porém, não caracterizando uma revista voltada para assuntos variados. Embora dividida em quatro partes, todas tinham conteúdo profundo e exigente, até mesmo as que reproduziam trechos de periódicos, posto que o objetivo disso não era informar, mas explicar a forma como a doutrina chegava ao militante, a fim de se realizar análises sobre isso.

Os recursos gráficos mais explorados foram as caricaturas, o que arejava minimamente o interior bastante carregado por textos. Mas ficava nítido que não interessava à *Panorama* atrair o olhar, isso desde a capa, que não apelava para imagens, cores fortes etc, distribuindo apenas o sumário com os autores e títulos dos artigos, como na primeira edição abaixo.

Figura 3: capa da revista *Panorama*



Fonte: www.umhistoriador.wordpress.com

Outra característica marcante era a forma de representação de Plínio Salgado em suas páginas. Diferente de outras publicações verdes, não havia culto ao Chefe, não era visto como

mártir, mas sim como grande estadista. Óbvio que sua imagem não era ignorada e, muito menos, disposta ao mesmo patamar dos outros líderes; o que mudava era a forma de tratamento. Se para os militantes comuns era um salvador, para a elite intelectual era um teórico e político respeitado. Na verdade, *Panorama* serviu bem a Plínio para manter sua imagem como ideólogo do movimento, sendo um dos que mais escrevia na revista, afinal, quem mais se destacava e de certa forma ocupava o cargo de pensador mais eficiente da AIB era Reale, travando “disputa” com o chefe (Idem, p. 198-199).

Em suma, *Panorama* teve função específica no movimento, servindo como polo de discussão ideológica entre a elite integralista, local de fermentação intelectual e produção teórica, alimentando as páginas periódicas da imprensa verde com a doutrina predeterminada. Como todas as publicações da AIB, desapareceu junto com o partido após o golpe estadonovista.

A revista de circulação regional de mais destaque foi a *Brasil Feminino*. Lançada no Rio de Janeiro, no ano de 1932, já apresentava caráter moralista cristão e nacionalista, mas não se tratava de uma publicação integralista. Pode-se inferir que *Brasil Feminino* foi uma reação de setores conservadores diante dos novos ares cosmopolitas que atingiam a capital da República (mesma coisa em São Paulo). As transformações citadinas e o desenvolvimento econômico ofereceram novas possibilidades às mulheres num ambiente antes exclusivamente masculino, o que, com alguma relevância, alterou padrões comportamentais. Katia de Carvalho demonstra que a imprensa feminina do Rio de Janeiro assumiu posição de contestação ao papel da mulher até então definido, especialmente no que tange a ser mãe e esposa. Não tinha a intenção de discutir política, mas transitava com firmeza nos debates morais e moralizantes, propondo novos comportamentos (1995, p. 6).

Diante dessa gaiola que se abria, alguns grupos se viram impelidos pela moralidade cristã a tentar fechar a portinhola novamente. A imagem da mulher moderna, ousada e independente, que chegava dos EUA por meio do *marketing*, desestabilizou o tripé mãe/esposa/dona-de-casa, o que assustou uma sociedade tradicionalmente conservadora.

Brasil Feminino teve cinco anos de dificuldades financeiras, o que era explanado pela sua diretora Iveta Ribeiro. Todavia, devido ao seu caráter moralista-cristão-conservador, a revista atrairia o interesse do Chefe dos camisas-verdes, preocupado também com o processo de emancipação feminina. Assim, Plínio Salgado ofereceu ajuda financeira em troca de nova orientação da publicação, o que ocorreu a partir de sua edição nº 35 (maio de 1937), quando se tornou integralista (MANCILHA, 2011, p. 185-186).

A “nova” revista *Brasil Feminino* possuía um caráter peculiar diante das outras revistas do mesmo período. Enquanto as revistas ilustradas, como *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, tratavam, nas suas páginas, dos assuntos femininos, como moda, comportamento e beleza, a revista *Brasil Feminino* procurava abordar, em seus exemplares, assuntos históricos e questões políticas, uma vez que o periódico “da mulher, pela mulher e para a mulher” integralista tinha como função principal aprofundar a educação feminina (Idem, p. 187).

A partir desse momento a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana (SNAFP), cuja diretora era Irene de Freitas Henriques, exerceu grande influência na revista, orientando a publicação de acordo com a visão integralista sobre a mulher. Os símbolos e imagens da AIB tornaram-se recorrentes, como na seção Arte no Lar, com dicas de artesanato para enfeitar objetos domésticos como toalhas, roupas, utensílios e porcelanas com ícones integralistas. Seria uma invasão da simbologia do sigma nas residências, introduzidos pela mulher, figura de destaque na orientação dos filhos e na condução moral do lar. Ou seja, seria bastante eficaz para a cooptação de toda a família, desde a mais tenra idade (plinianos).

Era uma revista com linguagem simples, atrativa e de abordagem nacionalista, que contou com seções variadas com o intuito de atingir o maior público possível. Também apelou em muitos momentos, chegando a creditar a invasão do comunismo nos lares brasileiros à modernização da mulher, daí o papel crucial do integralismo, surgindo como salvador nesse contexto (Idem, p. 194).

Não se pode esquecer, ademais, que 1937 era o ano chave para os camisas-verdes, com vistas às eleições presidenciais, motivo forte o suficiente para investir com mais afinco na arregimentação feminina, papel que poderia ser exercido categoricamente por *Brasil Feminino*, haja vista suas características ideológicas bem próximas às integralistas. Por isso Plínio Salgado não deixou escapar a oportunidade de prender a publicação à AIB num momento de fragilidade financeira.

Por fim, basta reproduzir o excerto de uma edição do periódico para explicar o tipo de mulher desejada pelo movimento:

Sê pura, por amor à pureza; estudiosa por necessidade de saber para ensinar; verdadeira, em obediência à verdade; crente, por sede de perfeição moral; esforçada, pelo desejo de produzir; ordeira, pelo respeito à ordem; disciplinada, por dever de exemplo; nacionalista, por querer o bem maior da pátria; caridosa, pela graça de Deus; trabalhadora, pelo sentido do progresso comum; e sinceramente integralista, para a glória do Chefe e para o bem do Brasil (*BRASIL FEMININO*, nº 38, nov. 1937, p. 34).

Como se vê, o exemplo de mulher era a mãe, professora, cristã, obediente e integralista. Uma representação bastante conservadora e machista do ser feminino, que tentava barrar o processo de modernização comportamental que se desenvolvia lentamente

nos maiores centros urbanos do país. A AIB tentava salvar a mulher “pura”. Ainda assim, o fazia com certa contradição, pois o integralismo, apesar do esforço de controle e educação, permitiu à mulher muitas vezes assumir postura moderna, forte e decidida, colocando-a no espaço público. Deste modo, era comum ultrapassarem o limite da idealidade feminina não se restringindo ao papel de disciplinada e maternal (MANCILHA, 2011, p. 201-202).

No afã de conquistar mentes, militância e votos femininos, o integralismo impulsionou a mulher, jogou-a no espaço público, deu a ela representatividade e força, ao mesmo tempo em que buscava moldar sua liberdade, impor limites e regras. Trabalhou nesse jogo arriscado que, como consequência, por algumas vezes estimulou a modernização dessa mulher integralista (chamada de blusa-verde). Na dupla preocupação entre a doutrina e a eleição, a AIB ao mesmo tempo retrocedeu e avançou no que tange à libertação e modernização feminina nos anos 1930, sempre se ancorando na sua imprensa.

Por outro lado, é necessário lembrar que, mesmo atuando e ocupando espaços, essa mulher integralista lutou por uma padronização conservadora feminina, o que ia à contramão do discurso veiculado nas grandes revistas ilustradas. Por essa razão, é difícil, mais uma vez, imaginar que tivesse grande apelo mercadológico, ainda mais possuindo um discurso diferenciado ao da grande imprensa, abordando mais questões históricas e morais do que moda e beleza. Somente a blusa-verde, com raras exceções, poderia se interessar por tal conteúdo. Aqui mais uma vez importa perceber as nuances de *Anauê!* em relação ao resto da imprensa verde. Os espaços voltados para a mulher obviamente doutrinavam e transmitiam determinado comportamento, mas não abriu mão de tratar de beleza, moda e até algumas frivolidades, claro, de forma diferenciada em relação à concorrência, com sua própria visão sobre tais assuntos.

Parte-se do pressuposto, aqui, de que *Anauê!* tenha sido a trincheira de combate ao discurso liberal-modernizador. Foi a maneira que a AIB encontrou de cooptar, até mesmo dentro da própria militância, maior número de leitores (de todos os gêneros), local de defesa dos ideais nacionalistas e autoritários que pretendiam impedir que homens, mulheres e crianças simpáticas ao partido fossem seduzidos pelas técnicas e estilo inovadores da imprensa dos anos 1930.

A seguir, empreendeu-se uma discussão sobre o verdadeiro papel dessa imprensa integralista tanto no contexto geral como no próprio partido, com o fito de demonstrar que uma publicação ao estilo de *Anauê!* foi algo estratégico, visando dar novos ares a uma imprensa doutrinária que não conseguia expandir horizontes. Há indícios de que essa estrutura

jornalística não tenha sido tão forte como até mesmo a historiografia aceita, condição que, como se verá no próximo capítulo, estendeu-se até mesmo à *Anauê!*, ainda que ela tivesse recursos iconográficos e estilísticos que todo o resto não apresentou.

1.4 Repensando a imprensa integralista

Como se viu até agora, o periodismo verde se valeu dos recursos disponíveis para abraçar o maior número de leitores e chegar às regiões mais distantes do território nacional. Os jornais focavam mais as massas, enquanto as revistas dirigiam-se aos grupos que escapavam ao discurso mais generalizado, seja por uma questão de gênero, idade ou erudição. Nesse caminho, os integralistas pretendiam enquadrar todos os grupos dentro da rede de difusão ideológica que construíram (OLIVEIRA, 2009, p. 203).

Embora o alcance da imprensa verde tenha sido considerável em algumas situações, é preciso matizar sua classificação dentro da história do jornalismo brasileiro, tal como chama a atenção Jefferson Barbosa. Para o autor, a AIB é facilmente caracterizada como partido de massa, no entanto, sua imprensa não pode sustentar tal alcunha. Primeiro, porque nem mesmo a sociedade brasileira é vista como de massas, pois ainda era predominantemente rural e com um elevado nível de analfabetismo; segundo, porque para se configurar como tal é preciso estar dentro da estrutura do capitalismo moderno, o que não era o caso por aqui nos anos 1930 (2007, p. 66-67).

O Brasil começava a desenvolver e popularizar canais de comunicação de amplo alcance, como a imprensa escrita e falada, o que não oferecia, ainda, as bases necessárias para se estabelecer uma imprensa de massa, especialmente a de cunho político, como o jornalismo da AIB. Brow faz um esboço das características de uma comunicação desse segmento:

Mas o que é comunicação de massa? Ela foi definida como uma comunicação dirigida para um público relativamente grande, heterogêneo e anônimo. Não abarca obrigatoriamente qualquer ocasião em que são utilizados os veículos de divulgação (...) Por um público “grande” temos em vista um público exposto apenas por pouco tempo, e de tal tamanho que o expositor não teria possibilidade de interagir com seus componentes numa relação face a face. O termo “heterogêneo” exclui comunicações a um público especializado ou de elite e significa os aglomerados de indivíduos ocupando grande variedade de posições dentro da sociedade relativamente a sexo, idade, classe, grupo ocupacional, religião, nacionalidade, nível de educação, localização geográfica e assim sucessivamente. Finalmente, o critério do anonimato implica que os indivíduos que compõe tal público permanecem pessoalmente desconhecidos para o agente da comunicação. [...] Mas, na medida em que o agente da comunicação está em jogo, sua mensagem é franqueada a quem quer que queira ouvir ou ver. As

comunicações de massa dirigem-se ao público em geral e tendem a ser rápidas e transitórias, rápidas no sentido de se destinarem a ser utilizadas em prazo relativamente curto e transitórias no sentido de, embora possam ser feitos filmes e gravações, são encaradas como de consumo imediato. Na maioria dos casos, ou assim tem sido considerado geralmente, a audiência de massa compõe-se de indivíduos anônimos com muita pouca interação entre si e de organização bastante frouxa (Citado por BARBOSA, 2007, p. 67-68).

Diante de tal argumentação fica difícil conceber o periodismo integralista como de massa, já que as características da sociedade brasileira travavam o desenvolvimento desse tipo de imprensa. Nelson W. Sodré aponta para essa questão ao diferenciar, no Brasil, *imprensa de meios de massa*. Para o autor, jornais e revistas (imprensa) não se configuram como meios de massa, pois não são de uso comum na maioria da população (SODRÉ, 1999, p. IX-X). De longo alcance numérico seriam, portanto, o rádio e a TV, meios que se enquadram nos pressupostos de Brow, oferecendo conteúdos transitórios, rápidos e de fácil consumo. O rádio, já começava a se tornar popular, mas ainda não era o veículo principal de atuação jornalístico-política da AIB. A TV, sequer tinha chegado ao Brasil.

Tomando por base tais asserções, entende-se que a definição de Jefferson Barbosa é eficaz para mencionar a dinâmica impressa da AIB. Diz ele que a propaganda política integralista, feita por meio de sua imprensa, é entendida como um “canal de difusão ideológica de partido de massa” (2007, p. 69). Ou seja, não se deve confundir agente (partido), veículo (imprensa) e receptor (público), muito menos sob a ótica das intencionalidades, obnubilando dados evidentes. Se por um lado a AIB tinha características de um partido de massa, não se pode dizer o mesmo de sua imprensa.

Não se procura, aqui, estabelecer um estigma sobre o jornalismo verde daquele período, tampouco finalizar o debate sobre seu alcance. O intuito é apenas refletir sobre a ideia geral que vem sendo construída, inclusive na historiografia, sobre a imprensa da AIB, vista como um dos, senão o principal, meio de difusão ideológica e expansão do movimento. Tal postura se ancora nas próprias incoerências facilmente encontradas nos periódicos verdes e nas próprias pesquisas que, muitas vezes, por se focarem apenas em alguns detalhes e nas informações da fonte, constroem verdades duras e que podem não condizer com os fatos.

Por exemplo, Oliveira, concluiu:

Constatamos que o discurso integralista veiculado na imprensa foi um dos grandes responsáveis pela grande expressão social do integralismo e o instrumento que possibilitou à AIB a se tornar um movimento de massas, o primeiro organizado nacionalmente no país (2009, p. 207).

Cavalari, por sua vez, defende que era principalmente por meio do livro e da imprensa que a doutrina chegava até o militante, fazendo com que o movimento se uniformizasse (1999, p. 79-80). Ora, ainda que, sem dúvida, o periodismo fosse visto como recurso mister pelas lideranças, tanto que organizaram secretarias e mecanismos de controle, é difícil conceber que, visto panoramicamente, a estrutura de imprensa da AIB tenha atingido níveis tão altos.

Há de se ponderar, por exemplo, o mercado editorial brasileiro, que cresceu muito nos anos 1930, contando com grandes jornais e revistas em circulação (LUCA, 2011, p. 118), configurando-se em fortes concorrentes ao jornalismo doutrinário, repetitivo e maçante dos camisas-verdes. Além disso, consideram-se outros elementos, talvez tão ou mais importantes que a imprensa, para a expansão do movimento. As bandeiras tiveram papel crucial nesse segmento, pois elas sim levavam a doutrina até os mais remotos locais, sendo responsáveis diretas pela quantidade de núcleos fundados pelo país, 1381 no período de existência legal do partido.²²

Ao se verificar o número de jornais (138) e revistas (8) editados no total, percebe-se que a orientação de se criar um jornal em cada núcleo e/ou província não funcionou bem. Mais que isso, desse montante, a esmagadora maioria dos jornais foi de circulação local (106), com pequena tiragem, poucas páginas, sem periodicidade fixa e de curtíssima duração (OLIVEIRA, 2009, p. 138); e claro, também contavam com concorrência, não apenas nacional e regional, como em muitos casos, local. Dentre as revistas, apenas *Anauê!* circulou nacionalmente, e ainda assim apresentou sérios problemas de gestão e circulação, como se verá.

Portanto, a tão alarmada rede de imprensa integralista, na verdade, foi bastante frágil, dependendo de pouquíssimas publicações mais bem organizadas para circular com mais expressão. Sem dúvida, *A Offensiva* foi o mais importante jornal, confeccionado na capital da República (também de circulação nacional), cujo mercado editorial era provavelmente o mais extenso e forte do país, só equiparado, quiçá, ao de São Paulo, cidade sede de *Acção*.

Tatiana Bulhões, ao se preocupar com a divulgação da AIB em publicações não integralistas, possivelmente ofereceu um caminho para se pensar a relação imprensa/expansão do movimento (2011, p. 305-326). Pode ser que, mais importante que a própria imprensa verde, os não integralistas tenham contribuído sobremaneira para a divulgação do movimento, mesmo que de forma crítica. Numa pesquisa rápida, no site da Biblioteca Nacional (RJ),

²² O integralismo valia-se tanto do exagero nos dados divulgados que, em carta de Salgado a Vargas (*Op. Cit.*, p. 8), o Chefe dos camisas-verdes afirmou que eram mais de 4 mil núcleos da AIB.

verificou-se que alguns dos principais jornais cariocas dos anos 1930 fizeram centenas de referências à AIB, aos integralistas, a ações assistencialistas do grupo, bandeiras, reuniões, discursos, desfiles etc, cada um.²³

Fora das grandes capitais, também o mesmo acontecia em alguns municípios, como demonstrou Ivair Ribeiro, ao estudar o jornal *Cidade de Olympia* que, embora não integralista, assumiu e divulgou constantemente a doutrina verde (2004). Na direção oposta, há experiências de jornais que fizeram propaganda negativa da AIB em cidades do interior, como o *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa-PR, que entre 1935-1938 publicou mais de 200 artigos críticos ao movimento (CHAVES, 1999, p. 70). Aqui fica, talvez, um caminho para se pensar a dimensão da imprensa no que concerne à exposição da AIB.

Quanto às revistas de variedades e ilustradas, o integralismo não foi assunto recorrente, à exceção de *Fon-Fon*, que foi dirigida por um tempo por Gustavo Barroso e contava com sua colaboração desde 1911, com o pseudônimo João do Norte. No período de atuação dos camisas-verdes, esta revista era dirigida por Sergio Silva, membro da Câmara dos 40 da AIB, órgão dos mais importantes na burocracia e organização do movimento, o que explica tal posicionamento.²⁴

A *Cigarra*, em 1935, também contava com um integralista em sua direção. Menotti del Picchia aparecia como diretor geral da publicação, o que revela a incursão de camisas-verdes por vários periódicos da grande imprensa naquele período. No entanto, essa revista não tocou no assunto “AIB” constantemente, talvez por não fazer parte do rol de seus interesses imediatos, posto que atuava como revista de variedades e ilustrada.

Parece, assim, que as razões de menções do integralismo na imprensa geral tenham sido fortes elementos de exposição da AIB: os atos públicos e políticos. Período de analfabetismo gritante e elevada população rural, é preciso pensar no impacto das bandeiras ao entrarem com alvoroço nas cidades do interior, nos desfiles extremamente organizados, nos discursos inflamados dos líderes da AIB, no assistencialismo social realizado por instituições que serviam alimentos aos pobres, na prestação de cuidados médicos, nas escolas comuns e profissionalizantes etc. Tudo, com a mais pomposa demonstração de força, organização, pertencimento e ordem, guiados por ideais cristãos tendo a pátria e a família como nortes. Em muitas dessas ocasiões, o choque imagético era recurso indispensável:

²³ Foram feitas pesquisas com as entradas “integralismo”, “Ação Integralista” e “Plínio Salgado”, nos jornais *A Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *A Noite*.

²⁴ As revistas consultadas, com as mesmas entradas, foram, além de *Fon-Fon*, *O Malho*, *Careta*, *A Cigarra* e *Revista da Semana*.

simetria dos camisas-verdes, uniformes, insígnias, bandeiras, broches, gritos de ordem, saudações encenadas, tudo na mais perfeita execução.

Sem pretender sujeitar um movimento ao outro, é preciso lembrar das eficientes estratégias de políticas de massas, muito em voga naqueles tempos, usadas principalmente pelos fascismos. Em muitos aspectos, dialogam os ardis propagandísticos utilizados por Mussolini e Hitler na Europa, com os empregados por Salgado no Brasil. Lá, alguns autores são firmes ao apontarem os atos públicos como recurso doutrinário e propagandístico mais eficiente dos partidos. Adam Peter, por exemplo, faz a seguinte asserção:

The most powerfull weapon in the National Socialists propaganda arsenal were the mass meetings.

In these mass marches the enthusiasm for the regime was carefully orchestrated in the form of a complex visual arrangement of uniforms and group formations, choreographed like a ballet (1995, p. 82, 88)

David Welch complementa o exposto ao inferir que a imprensa teve pouca influência nos primeiros anos de evolução do nazismo alemão, mesma opinião de líderes integralistas às vésperas do Congresso de Imprensa (Ver *ACÇÃO*, 17/11/1936). Lá, o que concorreu para a expansão foi a atuação dos núcleos regionais do partido, que organizavam desfiles, reuniões, encontros etc (1995, p. 12-13). É muito parecido, pois, a trajetória dos movimentos europeus ao da AIB. A imprensa integralista também foi pouco relevante no início, cabendo às ações diretas a publicização do movimento.

Ainda assim, quando os jornais surgiam, eram quase sempre exclusivamente voltados à doutrinação, sem grandes preocupações com variação temática ou recursos lúdicos (até mesmo pela incapacidade financeira para tal). Vê-se, pois, que havia um problema nesta imprensa que pretendia, a partir de 1935, angariar eleitores. Ser doutrinária não atrairia novo público, e falar para o militante já seduzido não mudaria a força da AIB nas urnas. Diante desta incapacidade de disputar com a grande imprensa, muito mais moderna e atraente – o que inclusive ameaçava a manutenção dos já militantes –, *Anauê!* apareceu para tentar marcar posição no campo de batalha que não era território dos camisas-verdes. Bulhões bem exemplifica isso quando compara a supracitada revista e o jornal *A Offensiva* e percebe as diferentes maneiras de tratar os mesmos assuntos (2007, p. 79).

No que se concerne às eleições, por exemplo, aparentemente não há relação indispensável entre ação periódica e conquistas eleitorais. Amostragem realizada em onze estados esclareceu que em inúmeros locais nos quais não havia periódicos da AIB, ocorreram vereadores e prefeitos eleitos. Outros tantos, com periódicos, não elegeram nenhum ou, no

Figura 4: lista de periódicos integralistas

Fonte: *Monitor Integralista*, nº 22, out. 1937, p. 10.

Ao se observar o mapa de publicações oferecido pela própria AIB, percebe-se que os Estados com maior número de publicações são os com maior contingente militante. Contudo,

isso ocorre por uma lógica específica. Esses Estados são os primeiros a iniciar a formação de núcleos do movimento e leva-los para o interior, o que explica sua concentração na região Sudeste e no Estado da Bahia. Além disso, há de se observar que nesses locais, em especial RJ, SP e MG, a concentração urbana era mais acentuada, o que dava mais suporte a investimentos impressos. Isto é, primeiro a interiorização do movimento se deu com a ação das bandeiras, a formação de núcleos, a organização de eventos públicos e a assistência social, para apenas depois, e em algumas cidades pontuais, fundar jornais.

Alguns autores contribuem para os apontamentos até aqui feitos. Ainda com relação ao Ceará, Regis explanou que a AIB contou com outras forças políticas e sociais para crescer, como a LEC e a Legião Cearense do Trabalho (o que a aproximava mais do operariado que em outras regiões) (2010, p. 7-12). É preciso lembrar, ainda, que nesse Estado a igreja católica desde o início se colocou ao lado dos integralistas, tornando-se forte agente propagandístico (SILVA, 2011, p. 50).²⁵

Em Pernambuco, algo muito parecido ocorreu. Mais uma vez o discurso integralista esteve ligado ao catolicismo e aos seus movimentos, como a LEC e a Ação Católica Brasileira (ACB). Contudo, neste caso, Carlos Moura é mais firme ao exprimir que a publicidade política da AIB teve como importante elemento as ações assistencialistas (especialmente os atendimentos em saúde e educação). “Desta forma, com escolas, ambulatórios médicos, farmácias, entre outras atividades, angariavam votos aos seus representantes nas urnas”, disse o autor (2005, p. 5).

No Maranhão, João Caldeira procurou demonstrar as articulações políticas do partido com as oligarquias (ainda que no discurso a AIB as criticasse), importando-se com a imprensa integralista no processo. No entanto, pelas próprias assertivas do autor, fica difícil conceber que as publicações integralistas fossem de peso, indicando alguns jornais pequenos, de curta duração e muitos sem anúncios. Ele mesmo indica que, no ano de 1937, houve expansão do partido no interior com a fundação de vários núcleos, sendo que contavam também com o apoio católico (CALDEIRA, 1999, p. 63-96). Ainda assim, em março daquele ano, a AIB contabilizava células em apenas 17 municípios, o que revela a fragilidade do crescimento no Maranhão, e seu avanço somente com a formação dos núcleos.

²⁵ Giselda Silva pondera que a relação entre igreja católica e integralismo foi marcada pela inconstância e falta de equilíbrio, ora aproximando-se, ora afastando-se um do outro. Agiam ambos em nome da pátria, da família e de Deus, tendo como inimigos em comum o comunismo. Essa relação só foi mais estável no Ceará, onde a AIB começou ligada à Igreja (ver SILVA, Giselda. *A Igreja Católica Militante e a Ação Integralista Brasileira: aproximações e divergências (1932-38)*. In. MOURA, Carlos; SILVA, Eliane; SANTOS, Mario; SILVA, Paulo. *Religião, Cultura e Política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 33-52).

O mesmo ocorreu no Espírito Santo, que se concentrou em abrir núcleos no período eleitoral da AIB e nas lutas contra a ANL (FAGUNDES, 2011, p. 10). No Paraná, Athaides mostrou que alguns dos núcleos mais ativos e fortes não contavam com nenhum periódico. Rio Negro elegeu 4 vereadores pela AIB, e Imbituva, seis, só não conseguindo maior sucesso porque os comícios, desfiles e caravanas foram proibidos pela polícia, já que o partido foi posto na ilegalidade por sete meses, em 1936, naquele Estado (2012, p. 179-208).

Um dos Estados mais fortes, a Bahia, também apresenta dados que levam a repensar a atuação da imprensa no avanço do movimento verde. Com mais de 300 núcleos e 46 mil filiados, de acordo com dados da AIB, o Estado contou com apenas 12 periódicos durante a existência do partido, sendo cinco de Salvador.²⁶ Nesta capital, apenas um vereador foi eleito, ainda que contasse com o apoio de dois grandes jornais não integralistas *O Imparcial* e *Diário de Notícias*.²⁷

Desses periódicos, quase nenhum foi de grande expressão, ficando patente que os camisas-verdes contaram muito com apoio de publicações que não lhes pertenciam. O jornal oficial integralista foi *A Província*,²⁸ usado quase exclusivamente para doutrinação, o que cerceou sua capacidade de inserção em público amplo (FERREIRA, 2009, p. 51). Na Bahia, como em muitos outros Estados, foram as bandeiras, as formações de núcleos e as ações públicas as responsáveis pelo grande crescimento do partido, ideia partilhada por Lais Ferreira (Idem, p. 26-27) e Amélia S. Neta (2012, p. 63). Já Cristiano Alves reforça tal posicionamento ao recordar que, após visitas e discursos de Plínio Salgado em várias cidades da Bahia, em novembro de 1935, houve sensível crescimento de filiados, o que foi estimulado mais, talvez, pelas rebeliões creditadas à ANL naquele momento (2008, p. 414).

Nos estados do Sudeste, embora a imprensa verde tenha sido mais numerosa, há de se realçar o papel dos mesmos elementos na propaganda do movimento. Na verdade, a junção das várias estratégias combinavam para divulgar a doutrina dos integralistas no seio social e, parece, que a imprensa não tenha sido das mais importantes. Pedro Fagundes inferiu que

Possuir uma ampla rede de órgãos informativos e realizar desfiles era algo que não garantia que os integralistas tivessem fatos concretos para apresentar para seus leitores/eleitores. Entretanto, a partir do momento que adotaram a via eleitoral, por volta de 1936 os ‘Soldados de Deus’ precisariam apresentar às ‘massas’ mais do que apenas a sua retórica doutrinária. Nesse sentido, podemos verificar que foi exatamente nesse momento que ocorreu um adensamento das atividades de caráter social dos integralistas. Os

²⁶ Lembrando que *O Imparcial*, que é listado no *Monitor Integralista*, não era oficialmente integralista.

²⁷ Este último mudou sua postura em 1936 e se colocou na hoste contrária (FERREIRA, 2009, p. 46)

²⁸ Talvez de tão pequena expressão que sequer foi relacionado na lista de jornais integralistas publicada pelo *Monitor Integralista*.

trabalhos desenvolvidos nas escolas, ambulatórios, asilos, enfim, as atividades sociais passaram a ocupar – durante os períodos pré-eleitorais – cada vez mais espaços nos órgãos informativos da AIB (2011).

Como se observou até aqui, é possível reler a imprensa integralista readequando seu papel na AIB, sem adotar o discurso inflamado dos camisas-verdes que agigantavam seus atos para impactar. Não se pretendeu concluir definitivamente que a imprensa não teve papel como até agora se observou na historiografia e nas folhas verdes, mas contribuir para uma reflexão diferenciada e fazer alguns apontamentos de pesquisa. Obviamente, para se concluir qual de fato o peso dessa imprensa, será preciso pesquisas mais pontuais e individualizadas que, em conjunto, podem oferecer um quadro mais estável.

Todavia, foi possível realizar ponderações seguras que, no limite, permitem repensar a estrutura de imprensa integralista e sua atuação política nos anos 1930. Para tanto, este trabalho tomará com mais acuidade a revista *Anauê!*, veículo amplamente divulgado e elevado a status de importância no conjunto de impressos verdes, mas que apresentou severos problemas que eram obnubilados pelos camisas-verdes.

Anauê! é importante tanto para demonstrar a mudança de postura da AIB quando se tornou partido político, como também para traçar contorno mais firme nesta senda de imprensa que não vingou no mercado comum. Parece evidente que uma imprensa política-doutrinária-revolucionária não precisaria, indispensavelmente, lutar por espaço no mercado comum, posto que sua postura deva ser revolucionária e alternativa até na forma de apresentação, mas esse não é o caso do periodismo integralista. Até o foi por um curto período (embora não radical), mas as pretensões nas urnas fizeram a AIB rever não apenas seu posicionamento político (abandonando o discurso revolucionário), mas também o de seu jornalismo.

O Congresso de Imprensa foi a manifesta insatisfação com o que vinha sendo realizado pelas folhas verdes, exigindo até mesmo a minoração do discurso doutrinário em benefício do crescimento eleitoral do partido. *Anauê!* apresentou-se logo após este congresso já com novo diretor e com novos ares. Ela deveria ser o bastião desse novo modelo, propondo inovações diagramáticas e conteudísticas, mas não foi capaz de cumprir com eficácia tal papel. No que concerne ao restante das publicações, conseguiram ainda menos sucesso do que a revista ilustrada. Por não haver, de fato, uma intervenção direta, administrativa e financeira, do partido nos jornais, o controle e as exigências se tornavam menos densos, o que resultou numa imprensa que continuou com as mesmas características do início da AIB.

Se nem mesmo *Anauê!*, que já nasceu ilustrada e diferenciada na apresentação, conseguiu cumprir as expectativas, fica difícil conceber qualquer desvio do restante neste sentido. Por outro lado, não obstante os percalços, a revista foi um ícone do movimento, cravada na memória dos integralistas como a principal publicação popular da AIB. Foi a resistência discursiva conservadora que se utilizou dos métodos modernos de jornalismo.

Porventura tal lembrança se deva ao esforço de divulgação da revista nos principais veículos integralistas, com destaque para o *Monitor Integralista*, único oficialmente ligado ao Partido e cuja obrigatoriedade de aquisição garantia exposição de tudo o que a cúpula dirigente desejava. *Anauê!* esteve no seletivo grupo de publicações que tinha seu nome anunciado no *Monitor Integralista*, ao lado de *A Offensiva*, *Acção* e *Panorama*. Este órgão oficial do integralismo até a sua décima edição não divulgava nenhum periódico, posto que era o único oficial, mas em maio de 1935 passou a fazê-lo (com *A Offensiva*), provavelmente por conta de sua transformação em partido.

Anauê! foi anunciada em agosto do mesmo ano, totalizando cinco entradas durante a existência do jornal. Parece pouco, mas em se tratando do *Monitor Integralista* é algo considerável, já que este não se valia muito de publicidade, nem mesmo das folhas verdes. Também era divulgada nos outros jornais e revistas, o que demonstra as expectativas sobre ela. Colocada sempre ao lado de *A Offensiva*, criou-se uma memória histórica de grande publicação dentro da estrutura de imprensa integralista. Circunscrita nesse ambiente, ela de fato teve seus méritos, no entanto, colocando-a sob análise apurada, revelou falhas e descontinuidades que comprovam sua incapacidade de tornar-se mais popular e menos doutrinária, o que sem dúvida limitou sobremaneira sua circulação.

A própria historiografia acabou se aproximando do discurso da AIB, disseminando em muitos casos essa visão de mensário forte. A seguir poderá se ter dimensão de como a revista foi citada em alguns trabalhos acadêmicos, o que ajudará a visualizar as contestações apresentadas aqui.

1.5 – *Anauê!* na historiografia

Dentre os trabalhos encontrados numa radiografia realizada entre os pesquisadores do integralismo e/ou estudiosos que se preocuparam com a imprensa dos anos 1930, percebe-se a aceitação de *Anauê!* como a mais importante revista da AIB, quando é citada. Porém, em muitos trabalhos – os que não tratam especificamente do integralismo –, sequer é lembrada. É

preciso atentar que, bem provável, ela se apresentou como a mais importante, mas isto, por si só, não significa muito, já que o periodismo integralista não investiu em revistas como meio principal de divulgação da doutrina, até porque os custos eram altos e os responsáveis pela manutenção das publicações eram exclusivamente seus diretores.

Rodrigo Santos de Oliveira afirmou que “A revista *Anauê!*, dentre todos os periódicos do movimento, era o principal instrumento de propaganda da Ação Integralista” (2004, p. 144). Isto é, não era apenas a mais destacada revista, mas o principal instrumento de propaganda do grupo. Para o autor, ela funcionava como elemento pedagógico da doutrina, dada as suas características imagéticas, com conteúdos mais leves (Idem, p. 136). Em sua visão, o anticomunismo era o mote principal, sendo raro o exemplar que não abordava o assunto (Idem, p. 144), posicionamento redimensionado em sua tese de doutorado, quando ponderou que havia outras problemáticas tratadas, como o grande culto ao líder, por exemplo (2009, p. 193).

Rogério Souza Silva, por sua vez, entende que o mensário se constitui em porta imprescindível para se estudar o imaginário político dos camisas-verdes (2005, p. 64). Ele está correto, posto que em suas páginas seja possível reconstruir a representação de mundo e os objetivos políticos-ideológicos da AIB. Também a colocou entre os principais veículos de comunicação do movimento, exaltando sua atuação no cenário editorial do período. Contudo, ao contrário de Oliveira, Rogério Silva procurou mostrar como a revista trabalhou para construir uma imagem sacra da AIB e de seu líder, quase divinos (Idem, p. 69). Na avaliação do autor, “*Anauê!* conseguiu cumprir seu papel” (p. 88), resultado não totalmente compartilhado pelo presente estudo, não porque ela tenha sido um fracasso total, mas pelo fato de ter ficado muito aquém das expectativas.

Na mesma linha dos autores citados, Carine Leal colocou *Anauê!* ao lado de *A Offensiva*, como “o principal veículo de popularização da doutrina do Sigma” (2006, p. 47), sendo acompanhada por Jefferson R. Barbosa (2007, p. 112). Já Tatiana da Silva Bulhões, tomou cuidado em todo o seu trabalho para não medir o grau de importância de *Anauê!*, restringindo-se a analisar algumas imagens da publicação isoladamente e em sincronia com outros periódicos integralistas e não integralistas (2007).

Alexandre Pinheiro Ramos preferiu entender a revista como um dos principais bens culturais produzidos pelo movimento (2010, p. 49) e Murilo Paschoaleto a posicionou como publicação central dos camisas-verdes (2010, p. 42), tal qual Caio César Gabriel (2011).

No geral, como ficou patente, *Anauê!* foi tomada com grande importância. Tais estudos fixam a mensagem de que a revista foi imprescindível para a expansão da doutrina do sigma e para seu crescimento nos anos 1930, isto porque trabalhou de maneira diferenciada em relação à estrutura da imprensa verde, no ramo das revistas ilustradas. Mais que reposicionar *Anauê!* na historiografia – o que será feito na presente tese –, parece importante compreender o discurso veiculado por ela, compreender os mecanismos de doutrinação e as estratégias editoriais levadas a cabo no seu período de circulação, especialmente por apresentar-se como uma proposta inovadora.

Talvez, por nunca ter sido abordada como fonte e objeto principal de pesquisa, ou seja, tomada em sua totalidade, tais avaliações sugerem certo grau de importância que precisa ser matizado. A autoclassificação como revista de destaque e/ou a divulgação do mensário nas páginas do jornalismo integralista com as alcunhas “de mais importante”, “de maior expressão” ou “mais destacada”, não se traduz mecanicamente em realidade. Trabalhos sérios demonstraram como os anos estabelecidos entre as duas Grandes Guerras foram simbolizados pela política de massa, pela criação de mitos, pelo uso de discursos inflamados e superdimensionamento dos fatos, estratégias recorrentes nos movimentos fascistas.²⁹ Contudo, embora supervalorizados em suas próprias páginas, não se descredencia a importância de analisar tais movimentos e suas representações. O mesmo vale aqui.

Por outro lado, é preciso salientar, com justiça, que em outros trabalhos o presente autor também adotou o mesmo discurso supracitado, já que, ainda em fase de pesquisa, não abordara o conjunto da publicação.³⁰ Isso se explica porque, tal como nos estudos elencados, *Anauê!* foi usada como fonte para responder indagações direcionadas, pontuais, o que impedia sua avaliação completa e, conseqüentemente, interferia nos resultados.

²⁹ Ver WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda*. Londres: Routledge, 1995; ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, 1995; GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

³⁰ FIORUCCI, Rodolfo. A revista *Anauê!* e sua organização dentro da estrutura de imprensa integralistas. In: VICTOR, Rogério Lusosa. *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 117-140; FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Vol. 2. Guaíba: Sob Medida, 2012, p. 21-44.

CAPÍTULO 2

ANAUÊ!: A NETINHA QUE NÃO CRESCEU

2.1 A revista *Anauê!*: uma primeira fotografia

Até aqui ficou manifesto o investimento integralista no jornalismo político-ideológico, apresentando fases distintas, mas não estanques. Os anos 1930 foram de grande tensão política, marcados por revoltas, golpes e movimentos sociais e políticos constantes, o que indica a importância de se encontrar mecanismos de divulgação de ideias a numeroso público. Desde a fundação da AIB, seu jornalismo dedicou-se quase exclusivamente à doutrinação do militante e à orientação dos camisas-verdes, escolha que afastou leitores mais diversificados e com outros interesses.

Esse quadro sofreria algumas alterações apenas com a transformação do movimento em partido (1935), quando a imprensa verde ensaiou os primeiros acordes na confecção de um jornalismo mais variado, de interesse geral. Desnecessário lembrar que, quando se diz que ocorreram mudanças, é preciso matizar a dimensão disso, afinal, o complexo jornalístico integralista era pulverizado por todo país e não monolítico. As localidades gozavam de certa liberdade e não recebiam subsídios do partido, o que imprimia ritmo e características próprios às publicações, embora tivessem normativas a respeitar. Portanto, as referidas transformações foram mais perceptíveis nos grandes periódicos verdes, casos em que houve acompanhamento próximo das direções e secretarias com o fito de obter conquistas eleitorais. Isso fica bem claro nas ponderações da Secretaria Nacional de Propaganda, quando publicou um documento chamado “Meios de Propaganda para a Campanha Eleitoral” em que, a certa altura, verifica-se a não padronização e capacidade de acompanhamento e financiamento generalizado por parte da AIB:

É sempre difícil aos núcleos obterem a publicação de notícias referentes ao nosso movimento. Os que conseguirem terão ali um bom meio de propaganda. O pagamento de publicações está quase sempre fora de nosso alcance, mas os núcleos deverão esforçar-se por conseguir publicar ao menos os assumptos mais importantes.

Dentro do contexto de tantas mudanças e conflitos na sociedade e na política brasileiras, a AIB pretendia lançar uma revista diferenciada dos padrões que até então tinha sustentado nas publicações integralistas, tarefa projetada por Eurípedes Cardoso de Meneses. A revista *Anauê!* surgiu, então, para ocupar o posto de mais importante no segmento dentro do movimento, com objetivo de, além da doutrinação, garantir a manutenção dos militantes

no caminho indicado, ofertando conteúdo mais diversificado e ilustrado. Não obstante as orientações da direção quanto às eleições – o que sugere interesse por público amplo -, as primeiras edições da revista colocavam em seus espaços parecidos com editoriais que ela era obra dos integralistas **para os integralistas**, e que eles deveriam recebê-la de braços abertos (*ANAUÊ!*, nº 1, s/p). Ou seja, num primeiro momento o projeto parecia não preocupar-se com o não-integralista, embora sua proposta visual fosse mais atraente e, quiçá, mais eficiente para ampliar o público leitor.

Trata-se de notar, outrossim, que *Anauê!*, inicialmente, parece ter surgido para confrontar o estilo de revista de variedades e ilustrada que até então circulava no Brasil. Isso porque, como explicou Adriana Silva, as revistas ilustradas trabalhavam numa espécie de pedagogia da modernidade, valendo-se de fotos como estandartes da verdade. Isto é, faziam do discurso da modernidade a verdade da nação (2008, p. 5-6). Nas páginas revisteiras o Brasil que avançava, que se urbanizava, que passava a conviver com novas tecnologias era amplamente divulgado, além dos novos estilos de vida, especialmente, da mulher, que deveria ser moderna, usar novos equipamentos domésticos, trabalhar e até votar.

O projeto, portanto, era usar os mesmos recursos lúdicos e visuais utilizados pelas revistas ilustradas, mas transmitir visão oposta aos nelas veiculados. *Anauê!* oferecia uma outra representação do país e propunha outros rumos, algo que não convergisse com o mundo capitalista liberal, tampouco com as ideologias de Moscou. Ao entrar nesse embate, um embate simbólico e discursivo, valeu-se de estratégias que determinavam posições e relações, constituindo sua própria identidade de grupo. Era uma batalha de representações do “real”, como cada qual se via e via os outros. No limite, era uma disputa por poder (Ver CHARTIER, 2006).

Contudo, tal pretensão não implicou sucesso automático, como se observará a seguir. Entrar no mercado das grandes revistas ilustradas dos anos 1930, oferecendo visão de mundo contrastante, exigiria um trabalho árduo, cuidadoso, de linguagem leve e tão ou mais atraente que as das concorrentes. Tarefa que não foi cumprida, sem dúvidas, na primeira fase de *Anauê!*. Esta circulou de forma irregular entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937, somando 22 edições no total. Era impressa em papel *couché*, o que encarecia a produção e demonstrava as intenções e expectativas sobre esse mensário, tendo sua redação sediada na Rua do Carmo, nº 29, local em que se manteve até a última edição.

O próprio título reflete o grau de integração com o movimento que a revista teria. “Anauê” era a saudação usada entre os camisas-verdes e, principalmente, meio de

demonstração de fidelidade e obediência ao Chefe Nacional da AIB, que sempre era saudado com três “anauês”. O significado desta palavra é obscuro, não havendo sintonia nem mesmo entre os próprios integralistas.

Talvez a tenham adotado sem ao certo conhecerem seu significado, pois era de uma língua nativa, o que valorizava a ideia defendida pelo movimento quanto à nacionalidade. Nem atualmente se tem uma concordância acerca do termo, mesmo entre os neointegralistas, pois seus sites apresentam definições diferentes.³¹ A FIB (Frente Integralista Brasileira), adotou o significado mais comum, encontrado facilmente em vários sites da internet, embora sem referências concretas, cuja tradução seria “você é meu irmão”. O Movimento Linearista Integralista Brasileiro (MIL-B) se posiciona com mais cuidado, apresentando um estudo de Luiz Câmara Cascudo, que foi publicado em *Anauê!*, cujo autor reconhece a incapacidade de se definir o vocábulo; não só ele, mas todos que tentaram. Cascudo afirmava que mais de um milhão de brasileiros usava o cumprimento diariamente, inclusive ele,

Mas nós ignoramos seu significado. De minha parte, tenho feito indagações e buscas. Na literatura integralista, só Gustavo Barroso tentou a explicação. Em "O que o Integralista deve saber" (p. 149), o grande erudito brasileiro examinou inteligentemente o vocábulo. Suas fontes de consulta não foram propícias. Couto de Magalhães e Teodoro Sampaio, o mestre do nhengatú, falharam. O dois tupilólogos não escreveram tudo quanto devemos ler para adiantar passo na "bela língua". Teodoro Sampaio estudou mais a toponímia e Couto foi, com os rudimentos de gramática inferiores ao velho padre Anchieta, um magnífico divulgador de lendas e tradições das selvas brasileiras. Gustavo Barroso, habituado a vencer, confessou a simplicidade dos seus orientadores. Nem achou a tradução de yauê, que é apenas 'o mesmo' (*ANAUÊ!*, nº 12, p. 29-30).

Diante desta incógnita, o erudito Cascudo dedicou-se a investigar a palavra, até mesmo pedindo ajuda ao padre Constantino Tastevin, professor no Instituto Católico de Paris e professor de Etnografia, estudioso que esteve vinte anos nos rios amazônicos em contato com tais línguas. Em sua resposta a Cascudo, disse que o termo poderia significar “é verdade”, o que não faria sentido na saudação dos camisas-verdes. Por fim, aceitou que não sabia a real tradução do vocábulo, inclusive revelando que nem mesmo do tupi era proveniente:

Não posso provar, mas sonho que, inicialmente, anauê seja um grito, um sinal, uma ordem de reunião, de coesão, de agrupamento. De Integralismo, evidentemente. Mas, que quer dizer "anauê"? A viagem pelo tupi não aclarou a significação negaceante. Nem podia aclarar. Anauê não é vocábulo do idioma tupi como julguei sempre.

³¹ Ver o site da FIB (www.integralismo.org.br) e o da MIL-B (<http://www.doutrina.linear.nom.br>).

É uma palavra, cujo sentido ignoro, da língua dos Pareci, índios Nuaruacos da província do Mato Grosso. Roquette Pinto recolheu ("Rondonia", fonogramas 14.594 e 14.595) uma cantiga Pareci, onde deparamos o famoso "anauê".

ah ah ah ah ah ah

Noai anauê noi anauê

Noai anauê noi anauê

ah ah ah ah ah ah (Idem, p. 30).

Portanto, o título da revista carrega um termo cujo sentido oficial é desconhecido. Por outro lado, o que mais valia nesses movimentos de massa, não era o conhecimento científico ou a razão, mas sim a emoção, algo que tocasse os militantes e os levasse a estados de espírito eufóricos, o que era bem realizado pelos gritos de “anauês” nos eventos públicos e no dia a dia. Embora as explicações apresentadas pelos teóricos do movimento não chegassem a conclusões corretas, o importante era a simbologia, o significado artificial introduzido à saudação.

Ainda que sem tradução específica, “anauê!” foi o título adotado pela revista, criada pouco antes de a AIB tornar-se partido político, quando já apresentou inovações em relação a imprensa verde, além de investir em elementos típicos do segmento ilustrado do período, com uso de fotografias, imagens coloridas, publicidade e linguagem menos densa. Isso ia contra a noção de imprensa que Salgado defendia em seus escritos do período “revolucionário” da AIB, pois se aproximava do estilo imprensa-empresa tão ferozmente criticada pelo chefe dos camisas-verdes. Isto é, tornar o jornalismo menos crítico, menos denso e mais popularesco não era ideal pliniano, contudo, para adquirir expressão frente ao público integralista, constantemente defronte às revistas “ligeiras” ilustradas, magazines perigosos, sedutores e atraentes, a revista e o movimento cederam. Apresentava-se como revista ilustrada, de informações gerais, com abuso de cores e imagens, tratando de assuntos diversos que iam desde política até moda e comportamento feminino.

Percebe-se, pois, que *Anauê!* surgiu com a intenção de disputar o leitor com as publicações da grande imprensa; mais que isso, assumiu o papel de proteger seu militante desses periódicos, oferecendo-lhes, pelo menos na teoria, uma publicação tão atrativa, variada e ilustrada como as outras. Para tanto, adequou-se às exigências mercadológicas, resignando-se aos padrões capitalistas de imprensa. Afinal, manter uma revista com tal qualidade de papel, imagens e diagramação era empreendimento custoso e que exigia investimento, publicidade e circulação. Este era o caminho mais rápido para encarar a imprensa liberal que

se desenvolvia a passos largos no período, tendo como símbolo maior os Diários Associados de Chateaubriand.

Ou a AIB aceitava tais imposições ou seus objetivos eleitorais e ideológicos seriam comprometidos. Na falta de outra opção tão eficaz, *Anauê!* assumiu o posto de uma das publicações mercadológicas mais importante do integralismo. Segundo dados da própria revista, chegou a ter tiragem de 15 mil exemplares, atingindo um público médio de 120 mil pessoas por edição, sendo bastante comentada e indicada por outros periódicos integralistas, ficando claro seu papel de destaque (*ANAUÊ!*, nº 4, out. 1935, p. 57). Ainda que o estilo adotado fosse menos denso no conteúdo, era mais atrativo ao público amplo, o que ia ao encontro das pretensões da AIB. No seu primeiro número, a apresentação anunciava que a revista pretendia chegar a todos os lares integralistas e que seria feita para todas as idades e classes, além de indicar que a fotografia seria um dos seus elementos principais:

Com o objectivo de divulgar em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista; querendo reflectir, na reportagem photographica de todas as Províncias, a marcha gloriosa das legiões do Sigma; pretendendo ser o espelho da alma integralista, o periodico dos camisas-verdes de todas as profissões, de todas as classes e de todas as idades – surge a revista “Anauê!” amparada pela sympathia unanime de todos os companheiros e jurando também fidelidade absoluta ao Chefe Nacional, na adversidade ou na victoria, diante da vida ou diante da morte!

Ahi está a “netinha” do Chefe: - pequenina, humilde, mas com vontade de crescer e levar avante o importantíssimo programma que lhe foi traçado.

Cumpra agora aos “padrinhos”, que são todos os camisas-verdes da Pátria, amparar a “afilhadinha”, vesti-la com as melhores fotografias, alimenta-la com a vitamina duma colaboração substanciosa mas não indigesta e **tudo fazer para que seja conhecida e amada em todos os lares brasileiros.**

Integralistas! – recebei a vossa revista. Ela é integralmente integralista, - “dos integralistas e para os integralistas”.

Aos irmãos do norte e do sul, do leste e do oeste, ANAUÊ! E a PLÍNIO SALGADO, chefe supremo e insubstituível, encarnação do integralismo, nosso Irmão, nosso Amigo e nosso Guia, - apesar de todas as suas proibições – a nossa comovida homenagem, a nossa imorredoura gratidão, o nosso amor eterno!

Ao Chefe Nacional três bárbaros e tonitroantes ANAUÊS! (*ANAUÊ!*, nº 1, jan. 1935 – grifos meus).

Mais uma vez manifesta-se a intenção reduzida da revista quanto a seu público, num primeiro momento. Autoclassificou-se como integralista, dos integralistas, e **para os integralistas**, ainda que deixasse aberta a ideia de chegar a todos os lares da nação. Essa preocupação detinha-se nos novos rumos que tomava o país. A modernidade era exaltada, a grande imprensa o tempo todo caminhava próxima aos ideais liberais, o comunismo organizava suas publicações e manifestações e Vargas começava a se valer das técnicas de propaganda de massa bem comuns naquele contexto. *Anauê!*, frente a todos estes obstáculos e perigos, precisava oferecer elementos que prendessem a atenção dos camisas-verdes na

ideologia e na doutrina integralista. Diante dessa tarefa hercúlea, há incontestáveis razões para acreditar que a revista não cumpriu seu papel, especialmente na primeira fase, mantendo um tom doutrinário pesado.

De fato esperava-se algo mais dela, tanto que foi considerada a “netinha” do Chefe, ou seja, algo pelo qual ele teria atenção diferenciada, sendo cuidada com apreço.³² Aliás, o casal Salgado, como não poderia ser diferente, era alvo de distinção na publicação. A esposa de Plínio, Carmella Patti Salgado, foi nomeada “madrinha” de *Anauê!* quando de seu casamento com o Chefe. De acordo com a edição nº 10, Carmella já era uma das mais operosas colaboradoras e representantes da revista, propagandeando-a com afinco a partir de Taquaritinga (*ANAUÊ!*, nº 10, mai. 1936, p. 12). Bem provável que apostavam em *Anauê!* para expandir os horizontes da AIB, tanto no campo jornalístico quanto no alcance ao público, ocupando lugar único no rol de publicações verdes, uma vez que era a única revista ilustrada do movimento de circulação nacional. Essa intenção pouco a pouco foi tomando conta da AIB, como se viu no capítulo anterior, muito por conta das pretensões eleitorais. Já não bastava apenas o militante. Outros grupos deveriam aproximar-se do movimento e *Anauê!* apresentava-se como ferramenta potencial, dadas as suas características.

O primeiro diretor, além de criador de *Anauê!*, foi Eurípedes Cardoso de Menezes, figura importante da sociedade cristã carioca nos anos 1930. Sua escolha pode remeter ao caráter espiritualista da AIB, já que era um cristão fervoroso. Nascido em Campinas, em 23 de setembro de 1909, era filho do Reverendo Américo Cardoso de Menezes, figura de reconhecimento nas fileiras protestantes calvinistas até os dias atuais, contando com diversas instituições e ações sociais em seu nome. Por força dessa influência, Eurípedes tornou-se pastor presbiteriano depois de estudar filosofia e teologia, tendo sido diretor educativo da Associação Cristã de Moços, em Lambari (MG).

Era tão ligado à religião que, aos cinco anos, sua brincadeira preferida era pregar um culto para os amigos ou fingir que era Jesus. O divertimento tornou-se realidade e aos 14 anos pregava em muitas igrejas do Rio de Janeiro, adquirindo certo reconhecimento. Como ele mesmo diz, sua fé foi testada um ano depois, quando perdeu a irmã Irene e seu pai num intervalo de 23 dias. Primogênito, viu-se na responsabilidade de ajudar a mãe a criar os irmãos, aceitando trabalho no gabinete do Vice-Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil,

³² No entanto, Plínio Salgado escreveu exclusivamente para a revista pouquíssimas vezes. Apenas na edição nº 12 foi indicado que escrevia especialmente para a revista. Na maioria das vezes eram textos extraídos de outras publicações.

em 1926, momento em que já começava a admirar o catolicismo (MENEZES, 1961, p. 179-258).

Depois de passar por um curso de revisão teológica com o reverendo Hasse, realizou um exame oral e escrito que durou quatro dias, perante uma banca formada no Seminário Concórdia, em Porto Alegre (RS). Aprovado, foi designado segundo pastor da Congregação de Paz, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Serviu ao Sínodo Luterano entre 1933-1935, período no qual esboçou suas aptidões jornalísticas contribuindo assiduamente com o *Mensageiro Luterano* (Porto Alegre / 1917-), periódico voltado aos jovens cristãos, assim como tendo efetivo envolvimento com a comunidade local (JUNIOR, 2008).

Ainda em 1935, período em que já estava à frente de *Anauê!*, Menezes licenciou-se do posto de ministro que ocupava na igreja, pois o Sínodo Luterano não permitia a atuação de um pastor em hostes políticas, então, para não se desligar, afastou-se do cargo. Na verdade, sua verve católica se mostrava cada vez mais forte, o que aguçou com sua excursão de três meses no Nordeste, entre julho e outubro, onde conheceu vários padres que passou a admirar, entre os quais, o Cônego Manoel Marques. Além disso, sua leitura de Elizabeth Lesseur o tocou,³³ cimentando as bases de sua conversão (Idem, p. 274-290). Mantinha-se protestante, mas não atuando na igreja, já que optou pela AIB. Em carta endereçada ao reverendo Augusto Heine (Presidente do Sínodo Luterano do Brasil), explicita suas motivações em recusar o convite para reassumir o cargo de ministro:

Revmo. Presidente:

Ao regressar do Nordeste, onde fora em missão da Chefia Nacional da ação Integralista Brasileira, tive a honra de receber a carta que, a 7 de agosto próximo passado, me dirigiu vossa reverendíssima por intermédio do reverendo Rodolpho Hasse, convidando-me a reassumir meu posto de ministro da Igreja Lutherana. É com imensa gratidão que registro mais esse gesto fidalgo das altas autoridades do Synodo Lutherano. Quando, forçado a optar pelo pastorado ou pelas funções que exerço na AIB, enviei à Congregação da Paz minha renúncia, fizeram-me voltar atrás, substituindo a renúncia por um pedido de licença. Agora convida-me vossa reverendíssima novamente, de modo gentil e captivante, a reassumir o pastorado luterano. Sei, porém, que, apesar da grande sympathia que vossa reverendíssima revela pelo movimento do Sigma, continua a exigir que eu não tome parte activa na campanha integralista. Eis ahi a dificuldade. Vossa reverendíssima confunde integralismo com política, na acepção vulgar desse vocábulo já bem desmoralizado. Como christão não posso deixar de ser integralista, e como integralista sou obrigado a executar as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores hierarchicos. Quando se recebe uma nomeação no integralismo, tal nomeação equivale a uma ordem que tem que ser cumprida.

³³ Elizabeth Lesseur (1866-1914), francesa, foi esposa de um ateu que, após sua morte, lendo seus escritos, converteu-se católico, sendo mais tarde beatificada.

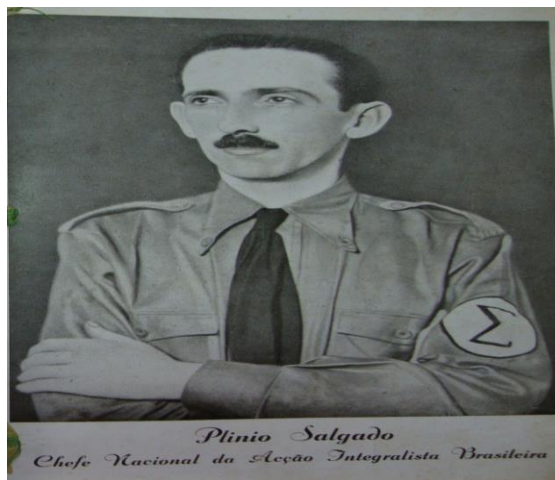
(...) Revmo. Presidente, não é possível cruzar os braços. Meu coração de cristão e de brasileiro palpita por Deus e pela pátria. Convicto de que o integralismo é a aplicação prática dos princípios de Cristo na vida social, atendendo à voz da consciência que me impõe a vestir a camisa verde e de marchar não apenas com os enfermeiros e capelães mas na vanguardas do exército que redimirá a Pátria ou morrerá com ella (...) (*ANAUÊ!*, n° 4, out. 1935, p. 10).

Como se vê, o integralismo era como uma religião para seus adeptos mais fervorosos, tanto que levou um pastor a abandonar sua destacada função religiosa para assumir um posto na AIB. Diante das palavras de Eurípedes tem-se a dimensão da fidelidade que um camisa-verde dedicava ao Chefe e ao sigma. A justificativa do diretor de *Anauê!* ainda exalta a necessidade de se manter no movimento para combater o comunismo anticristão, que buscava substituir a cruz pela foice e o martelo. Termina agradecendo o convite e desculpando-se pela recusa, ao passo que reafirma seu juramento à AIB (Idem, p. 10).

O fato é que, em 19 de outubro do mesmo ano, Eurípedes desligou-se definitivamente do protestantismo e ingressou na igreja católica, atitude que o levou a proferir diversas palestras elucidando suas razões de fé para tal mudança (*A NOITE*, 12 nov. 1936, s/n). Não é possível saber se sua atuação na revista integralista, dentro de um movimento de cunho católico, tenha sido determinante para essa mudança, mas é sintomático que, em pouco tempo atuando como diretor da publicação, o ex-pastor tenha se tornado católico. No entanto, o próprio Eurípedes diz que foi ao Nordeste junto de mais quatro amigos para lutar contra as forças subversivas comunistas que tinham o plano de sublevar-se. De lá, onde lutou pela AIB e conheceu vários católicos, voltou para converter-se (MENEZES, 1961, p. 279-280). Além disso, também não se sabe o que o levou ao cargo de dirigente da revista, mas é importante notar que se tratava de figura conhecida no Rio de Janeiro, com grande admiração dos fiéis protestantes dali, o que poderia atrair muitos deles ao integralismo.

No primeiro número, *Anauê!* cumpriu relativamente as expectativas e apresentou ao leitor uma revista com muitas fotografias de militantes e figuras de destaque da AIB – inclusive um encarte para destacar e colocar num quadro, com a foto de Plínio Salgado (abaixo) -, além de artigos que trataram de cinema, rádio e literatura, o que demonstrava o esforço em inovar, embora o tom doutrinário estivesse presente permanentemente.

Figura 5: encarte de Plínio Salgado em *Anauê!*



Anauê!, nº1, jan. 1935

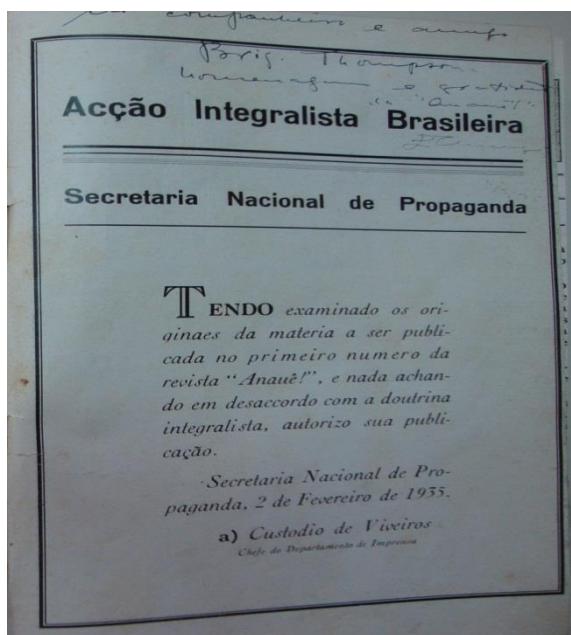
A primeira edição de qualquer publicação sempre é emblemática e busca traçar as características que espera empregar durante sua existência. Com *Anauê!* não foi diferente, tanto que, a despeito da louvação aos líderes do movimento e a variação temática, um elemento importante foram as críticas ao comunismo, com deferência aos artigos de Miguel Reale e Gustavo Barroso. Aí mais uma vez apareceu a postura intencional da imprensa integralista em eleger um inimigo maior para atrair o leitor, pois Reale e Barroso nunca tiveram como foco principal o comunismo em suas teorias, mas na primeira participação na revista direcionaram duras palavras a essa ideologia.

Os artigos foram distribuídos estrategicamente um após o outro, o que denotava a intenção da revista, já que colocou dois dos principais líderes da AIB, em sequência, escrevendo contra o comunismo. Atente-se ao fato, também, de que esses dois textos foram subsequentes aos do Chefe Nacional, o que sugere estratégia da revista para atrair os camisas-verdes, já que em sua primeira edição os três maiores líderes da AIB são os autores dos três primeiros textos veiculados. Se Plínio apenas se prestou a escrever algumas palavras de ordem, louvando o sigma, a pátria, a família e os trabalhadores, Barroso e Reale deram o tom da publicação, colocando em prática as engrenagens pedagógicas integralistas, simplificando a linguagem e diluindo a teoria para atacar o comunismo. Para tanto, o primeiro elogiou o fascismo como arma eficiente de combate aos socialistas e comunistas (além dos judeus), e Reale foi mais fundo, ao tratar da relação do comunismo com os sindicatos, escolas e revoltas.

Nota-se, ainda nesta edição, que antes mesmo da formação do Sigma Jornaes Reunidos (lançado em setembro de 1935) e da Secretaria Nacional de Propaganda (1936), já havia esforço das autoridades da AIB em controlar o que se noticiava em periódicos

integralistas. Mas nesse caso é preciso lembrar que *Anauê!* era uma revista de significativo investimento, de circulação nacional e próxima geograficamente das lideranças, o que justifica a atenção dirigida a ela. O controle de todas as publicações espalhadas pelo país é algo difícil de imaginar. Logo na primeira página, Custódio de Viveiros, chefe do Departamento de Imprensa, escreve o seguinte: “Tendo examinado os originaes da materia a ser publicada no primeiro numero da revista “Anauê!”, e nada achando em desacordo com a doutrina integralista, autorizo sua publicação”.

Figura 6: liberação de *Anauê!* pela Secretaria Nacional de Propaganda



Anauê!, nº 1, jan. 1935

No expediente da primeira edição apareceram os nomes de Menezes, como diretor geral – função que ocupou de janeiro de 1935 a setembro de 1936, período no qual foram publicadas doze edições -, Julio Lopes Guedes Pinto, como gerente, e Duncan Dubugras, no papel de tesoureiro.³⁴ Júlio foi secretário do Centro Carioca (1932), momento em que também assumiu a secretaria da Comissão de Homenagem a Santos Dumont, e um dos fundadores do Partido Nacional da Mocidade – depois que saiu da revista e da AIB -, junto com Rubem Benatton Vieira, Victor Messano, Manoel Ignacio Cavalcanti de Albuquerque e Mario Calasans. Esse partido criticava a extrema esquerda, pela violência e falta de apego à família, religião e pátria, e a extrema direita, por privação de liberdade. Falava em encontrar o verdadeiro sentido da Democracia (*A BATALHA*, 24 set. 1936, p. 2). Duncan Dubugras era

³⁴ No Anexo 2 é possível ver o expediente de todas as edições da revista. Duncan, nas três edições em que trabalhou, foi, respectivamente, tesoureiro, administrador e gerente.

filho do engenheiro, professor e um dos fundadores da Escola Politécnica de São Paulo, Victor Dubugras. Possuía fazenda em Aquidauana, (MT) e casou-se em agosto de 1935 com Edith Rodrigues de Oliveira. (*CORREIO DA MANHÃ*, 25 ago. 1935, p. 6). Duncan também ficaria pouco. Já na 4ª edição seu nome não aparece no expediente e surge o de Afonso Freire na secretaria. Pastor luterano junto a Eurípedes, Freire participou de uma tentativa de nacionalizar a Igreja Luterana no Brasil, inclusive fazendo parte de uma comissão que censurava os textos enviados ao *Mensageiro Luterano* (MENEZES, 1961, p. 259). Foi convidado pelo amigo e o ajudou até a última tiragem da primeira fase, atuando também como jornalista e crítico literário. Converteu-se ao catolicismo ao lado de Eurípedes, anunciando tal feito na mesma oportunidade. Seu irmão, Luiz de Souza Freire Jr. também era integralista, eleito vereador pela AIB em Ribeirão Preto (SP) (*ANAUÊ!*, n. 9, p. 30).

A primeira edição de *Anauê!* trouxe consigo a indicação de revista **mensal** ilustrada, contudo nunca cumpriu cronograma de publicação enquanto Menezes a dirigiu. Por exemplo, a 2ª edição foi propagandeada pelo jornal *A Offensiva* quase quatro meses após a primeira, nos seguintes termos:

"Sairá por estes dias o 2º numero da revista 'Anauê!' "

Dentro de alguns dias teremos o prazer de ver o segundo numero da revista 'Anauê!'(...)

Impressa em papel couchê, trazendo as melhores fotografias do Museu de Petrópolis, este número da revista é um verdadeiro 'museu portátil' do Integralismo, que todos os camisas-verdes devem possuir. É a melhor e mais completa documentação da vitória do integralismo em todos os quadrantes da Pátria (11/05/1935, p. 3).

Como se nota, o segundo número foi lançado apenas em maio de 1935, o que indica problemas de produção e direção. Ainda assim, apenas na segunda edição, ainda por circular, a revista já era anunciada com entusiasmo e grandiosidade, o que não acordava com a realidade. Na esperada edição, o atraso é justificado e se garante a normalização da circulação:

Normalizada a saída da revista, **ella agora irá visitar todos os mezes, pontualmente, os seus leitores**. Conforme anunciamos pel'*A Offensiva*, os assignantes terão direito a doze números. Tomaram-se todas as providencias no sentido de fazer uma distribuição rápida e eficiente para todos os pontos do paiz. Augmentamos o preço das assignaturas para 25\$000 afim de enviar as revistas sob registro.

É mister apenas que todos cooperem connosco. A revista *Anauê!* **é dos integralistas e para os integralistas**. Juntamente com o *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, merece o nosso apoio, a nossa ajuda e a nossa irrestricta solidariedade (*ANAUÊ!*, n° 2, mai. 1935, p. 2 – grifos meus).

Apesar das promessas de regulamentação, o terceiro número surgiu apenas em agosto do mesmo ano. No quadro abaixo é possível observar essa irregularidade nas doze edições sob o comando de Menezes e, também, a periodicidade que vinha estampada em suas páginas:

Quadro 2: Indicação de periodicidade de publicação

ANO	EDIÇÃO	MÊS	PERIODICIDADE INDICADA
1935	1	Janeiro	Mensal
1935	2	Maio	Mensal
1935	3	Agosto	Mensal
1935	4	Outubro	Mensal
1935	5	Dezembro	Quinzenal
1936	6	Janeiro	Quinzenal
1936	7	Janeiro ³⁵	Quinzenal
1936	8	Março	Mensal
1936	9	Abril	Mensal
1936	10	Maio	Mensal
1936	11	Julho	Mensal
1936	12	Setembro	Mensal

É possível fazer algumas considerações apenas com esses dados. Primeiramente, é evidente que a revista não conseguiu manter uma periodicidade padronizada, o que prejudicava bastante seu contato com o público. Ainda que quase toda edição indicasse ser mensal, não chegou ao mercado nos meses imediatamente subsequentes. Pode-se aventar que, para além da inépcia administrativa, problemas financeiros tenham contribuído para tal fato, assim como uma possível desavença entre as pessoas que geriam e representavam a publicação. Na primeira edição, o nome de Julio Lopes Guedes Pinto era colocado como gerente no expediente, o que não mais aconteceu. Foi então que, na edição de agosto, terceira vez que *Anauê!* chegava ao público, Eurípedes Menezes fez um esclarecimento, numa espécie de editorial, intitulado “Reajustamento”:

O título é um pouco liberal-democrático mas cabe bem aqui. Na verdade este numero de “Anauê!” vale como um reajustamento. Ferida logo no seu primeiro numero por um golpe que lhe abalou profundamente as finanças, a nossa revista só á custa de sacrifícios os mais penosos poude dar as duas edições anteriores a esta. Não é mais segredo para ninguém a falta de criterio com que agiu pessoa em quem inteiramente confiavamos e que, abusando da nossa confiança, criou-nos as mais sérias situações. Felizmente, tudo passou. Sobre a indecisão dos dias que se foram, ergue-se agora a rutilante esperança dos dias que hão de vir. “Anauê”, reorganizado seu corpo administrativo e redaccional, entra numa nova phase na qual, com o auxílio dos leitores, se há de afirmar definitivamente, realizando integralmente o programma que se traçou.

³⁵ Nesta edição aparece janeiro nos cabeçalhos das páginas internas da revista, mas no expediente encontra-se o seguinte: “1º Quinzena de Fevereiro”.

Este numero que circula sente-se atingido pelo abalo alludido, mas é já uma prova de nosso esforço. Para os seguintes novos horizontes se abrem. Deus nos há de ajudar e, confiantes nelle, é que nos pomos em marcha na conquista desta nova phase (*ANAUÊ!*, n° 3, ago. 1935, p. 63).

Tal desabafo foi complementado com alguns alertas aos assinantes, nos quais fica claro o tom pesado sobre Guedes Pinto:

Scientes de que pessoas pouco escrupulosas se têm inculcado nossos agenciadores de assignaturas faz-se preciso que esclareçamos o seguinte:

- a) Só os nossos representantes autorisados podem angariar assignaturas para esta revista.
- b) Estas assignaturas são tomadas para 12 numeros.
- c) Os chefes de núcleos são considerados nossos representantes autorizados.
- d) As pessoas que tomaram assignaturas e não receberam ainda a revista devem se dirigir á gerencia, dando o nome do agente e o numero do talão. Com prejuízo, embora, os consideraremos nossos assignantes.
- e) O Sr. Julio Lopes Guedes Pinto deixou há muito a nossa revista, não tendo nenhuma autoridade para usar do nome “Anauê” (Idem, p. 63).

É notável o esforço em relatar toda uma situação em que alguém inescrupuloso atingira a revista, alertando ao fato de que apenas representantes autorizados podem vender assignaturas e, no final, destacar que Julio L. G. Pinto não faz mais parte da redação e não tem direito de se valer de *Anauê!*. Ainda que não seja possível afirmar que ele tenha realmente dado um golpe ou causado problemas financeiros à revista, é inegável que saiu do grupo com sérias desavenças.

Tudo leva a crer que a publicação teve vários problemas parecidos com o indicado acima, referente a assignaturas concretizadas com agentes não autorizados, o que prejudicava tanto o leitor quanto a revista – esta última moral e financeiramente. Foram várias as edições em que elencavam nomes de agentes autorizados e destacavam um ou outro como não autorizado, como por exemplo as edições n° 7 e n° 8, que fizeram questão de citar o nome de Américo Ribeiro como não representante de *Anauê!*. Abaixo pode se observar como orientavam o público quanto aos representantes.

35\$000

**REPRESENTANTES
GERAES:**

M. PAULO — Léo Monteiro — R. Brigadeiro Tobias, 66.
PARANÁ — J. A. Aquino & Cia. — Rua Dr. Mur-
cy, 638 — Curitiba.
S. CATEANA — Arnold Sorrez Cunes —
Florinópolis.
R. G. de Sales Pereira — Rua da Repu-
blica, 435 — Porto Alegre.
RIO DE JANEIRO — Chavira.
ESPÍRITO SANTO — Pery da Silva Quintaes
— Rua do Comércio, 252-Sunder.
BAHIA — Alvedo de Souza — Praça Municipal
Salvador.
PERNAMBUCO — Artur Costa Carvalho —
Rua Barão de São João, 294 — Recife.
ALAGOAS — Luiz de Barros — Rua do Com-
mércio, 71-Celso.
SERGIPE — Omer Mont'Algores — Praça Ignacio
Rio — Rio Largo — Escobar.
RIO GRANDE DO NORTE — Felipe Nery de
Azevedo — Rua João Pessoa, 130 — Ind-
— Natal.
PIAUÍ — Giovanni Costa-Therézina.
PARANAPUÊ — Miguel Ciro & Filhos — Praça
Faria Lima, 100 — Curitiba.
GOIARA — Milton Martins Silveira — Rua Flo-
rentino, 222-A.
PARÁ — Alfredo Corrêa — Belém.
MATOZOS — Paulo Ribeiro — Manaus.
ACRE — Manoel Oliveira — Rio Branco.
GONÇALVES — Manoel Menezes — Manaus.
MATERIAIS DE BOMBEIO — Eng. Edmundo Cavalcanti
— Belém.
— Aquidauana.
PROVINCIA DO PARÁ — Camilo Aristobolo
Monteiro — Belém. Casa ampla auto-
noma com 100 metros de terreno.
BREMEN ARDENDES — Estrada da Foz de Iguaçu
de 100 metros com terreno ao mercado
ESTRECHADOREM

NUMERO AVULSO	
GUANABARA	25000
INTERIOR	25200
ATRAZADO	35000

Anauê!, n° 7, jan. 1936 (capa 2)

101

Figura 8: Leo Landulpho Monteiro



Fonte: Prontuário da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) – APERJ

Foi também na terceira edição que pela primeira vez se mencionou a distribuição da revista para o exterior, com assinaturas anuais no valor de 35\$000, ao passo que a distribuição nacional saía por 25\$000. O número avulso também apresentava valores diferenciados de acordo com a região. Na Guanabara o custo era de 2\$000, no interior 2\$200 e as edições anteriores 3\$000.

Quadro 3: valores das principais revistas ilustradas em janeiro de 1935

Revista	Periodicidade	Número avulso	Assinatura Anual
<i>Anauê!</i> ³⁷	“Mensal”	2\$000 (Guanabara)/ 2\$200 (Interior)	20\$000
<i>O Cruzeiro</i>	Semanal	1\$000	---
<i>Fon-Fon</i>	Semanal	1\$000	48\$000
<i>O Malho</i>	Quinzenal	1\$200	60\$000
<i>A Cigarra</i>	Mensal	2\$000	27\$000
<i>Careta</i>	Semanal	500 réis (Capital)/ 600 (Outros Estados)	43\$000
<i>Revista da Semana</i>	Semanal	1\$500	63\$000

Em sincronia com outras revistas do gênero, percebe-se que *Anauê!* não destoou muito quanto aos valores cobrados, mas ainda assim apresentava o número avulso mais caro em

³⁷ No anexo 3 é possível encontrar todos os valores e alterações durante o período de existência de *Anauê!*

relação às outras, em janeiro de 1935, quando foi lançada.³⁸ Para uma revista nova, ligada visceralmente a um movimento político e de conteúdo doutrinário, é bastante difícil vislumbrar o sucesso de público tão mencionado pelos impressos integralistas. Todas as revistas acima, à exceção do mensário verde, eram bem conhecidas do público, já com algum sucesso mercadológico, principalmente *Careta* e *O Cruzeiro*, que mantinham projeto gráfico mais refinado e, portanto, mais dispendioso, com muitas cores e qualidade irrepreensível para o período.

Estas duas, além de mais bem feitas, eram as de menor custo, sendo que a aquisição de quatro exemplares semanais de *Careta*, custava o mesmo valor de apenas uma edição mensal de *Anauê!*. O custo de um exemplar de *O Cruzeiro* era a metade em relação ao da revista integralista. Portanto, sua inserção no mercado revisteiro ilustrado daquele momento não foi fácil, tanto por seus valores, que não eram competitivos - levando-se em consideração qualidade, organização, administração, periodicidade etc -, como por seu conteúdo, bastante doutrinário na primeira fase. Ainda que seus dois primeiros editoriais tenham assumido o interesse no público integralista, a conversão do movimento em partido político fez não apenas a revista, mas toda a AIB rever seus métodos de atuação, momento em que a imprensa deveria ser crucial para a expansão do eleitorado. Os problemas que vinha apresentando deveriam ser rapidamente sanados.

Posto isto, empenhou-se em ampliar sua distribuição, sendo que na 7ª edição mencionou sua circulação na América (com o custo de 40\$000 a assinatura) e, na seguinte (janeiro de 1936), a revista passou a ter representantes na França (Comptoir International de Publicité) e Alemanha (Herberto Kock).³⁹

Todavia, as pretensões do agora partido político ainda continuavam desconexas com a atuação da revista. Nesta mesma edição em que anuncia sua circulação para fora do país, *Anauê!* comemorava seu primeiro ano de existência, reconhecendo que até então não atingira as propostas e qualidade desejadas, além de mais uma vez reiterar que era confeccionada para

³⁸ Ainda que sua assinatura anual fosse mais barata, na quarta edição já dobrara de preço (40\$000), passando em muito a outra revista mensal do quadro (*A Cigarra*), que mantinha o mesmo valor de janeiro de 1935.

³⁹ Comptoir International de Publicité era uma espécie de distribuidora de magazines internacionais, que já fazia esse serviço para a *Fon-Fon* desde o início do século XX, assim como passou a trabalhar para *A Cigarra*. Não apenas revistas do Brasil, mas da América Latina toda, eram distribuídas por essa representante (ver NAHES, Semiramis. *Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007). Já sobre Herberto Kock, não se encontrou muitas informações, apenas que mais tarde foi encarregado do Serviço de Comunicações do Conselho Federal de Comércio Exterior, em 1949. Tais dados demonstram que a revista, no caso da França, era representada por uma empresa não ligada ao integralismo ou aos fascismos, sendo tomada como qualquer outra; e que os gestores de *Anauê!* também não se importaram em ter como representante uma firma de caráter liberal. Quanto à Alemanha, é difícil fazer alguma ponderação, já que não se obteve informações mais profundas de Kock.

o camisa-verde. Essa insistência em falar apenas com o militante, característica não apenas de *Anauê!*, logo causaria insatisfações nos dirigentes da AIB, como se verá.

Ao cabo dum ano

Encerramos, com este número, o nosso primeiro ano de atividade, de luta e de sacrifício pelo bem do Brasil.

Não fizemos tudo o que desejávamos. Mas fizemos tudo o que pudemos. Só os que já dirigiram uma revista ilustrada podem avaliar o que foi o primeiro ano de vida da revista “Anauê!”. Sem capital, **sem subvenção** de espécie alguma, pagando uma fortuna pelo papel, pela clichêrie, pela impressão, pelo aluguel de casa, com um prejuízo de muitos contos de réis logo no início de nossa empresa, atendendo à correspondência de todas as províncias do Brasil, fazendo a revisão a numeração, a paginação, a distribuição e mil outras coisas, além de constantes viagens de propaganda do integralismo, - conseguimos graças a Deus manter a revista e vencer a primeira etapa!

A revista “Anauê!” é dos integralistas e para os integralistas. É verdade que está longe de ser o que sonhamos. Queremo-la maior e melhor. Antes de sair à rua já sofre tremenda crítica dos seus próprios redatores. Entretanto tudo fazemos para que satisfaça a expectativa de todos (...) (*ANAUE!*, nº 7, p. 2).

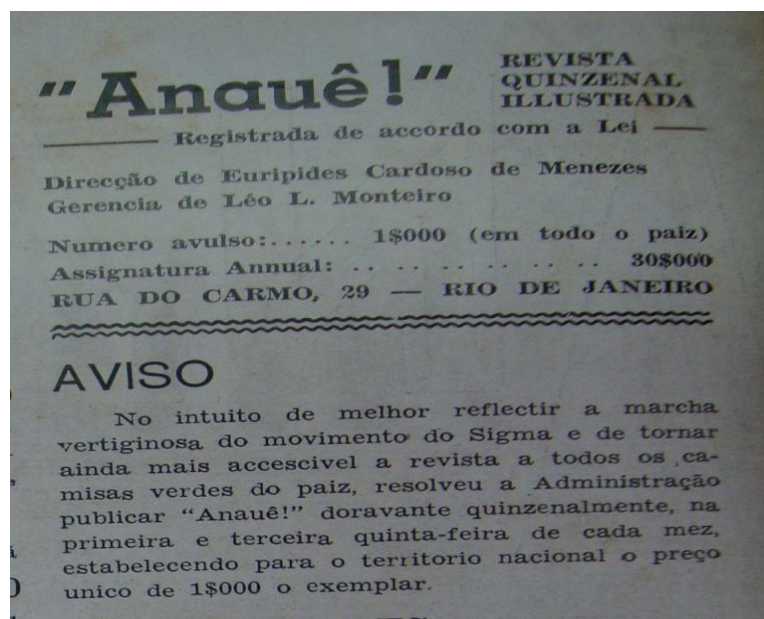
Ao observar a circulação ampliada de *Anauê!* pode-se cometer engano quanto a sua representatividade no período. Independente dos esforços em levar a palavra do sigma para regiões cada vez mais distantes, a revista continuava irregular em sua publicação e organização. Erros de nomes e datas eram recorrentes, além do anúncio constante de mudança de sua periodicidade, que nunca foi cumprida durante a administração de Eurípedes Cardoso de Menezes. Os excertos a seguir exemplificam estas repetidas alterações:

Figura 9: indicação de periodicidade de *Anauê!*



Anauê!, nº 4, out. 1935 (capa 2)

Figura 10: mudança de periodicidade de *Anauê!*



Anauê!, nº 5, jan. 1936 (capa 2)

Em março de 1936, na 8ª edição, o cabeçalho já imprimia o subtítulo “Revista **Mensal** Ilustrada” novamente. Ficam patentes as complicações administrativas, sem mencionar que seu número de páginas diminuiu consideravelmente (50%) a partir da quinta edição, passando de 64 para 32, quantia que se manteve até a saída de Menezes da direção. Entretanto, não se pode creditar tais problemas apenas aos possíveis golpes sofridos. Pequenos detalhes demonstram que não havia um zelo aprofundado no feitiço de *Anauê!*, como por exemplo, seu sétimo número indicar no expediente que a publicação era da primeira quinzena de fevereiro, ao passo que as páginas internas vieram grafadas no cabeçalho com “janeiro”. É algo irrisório, mas que, numa revista que apresentava sérios problemas de manutenção e organização, denuncia que os entraves não eram apenas externos ao grupo dirigente.

Há de se reconhecer, porém, que erros de feitura eram comuns na imprensa brasileira do período, o que, por outro lado, não isenta *Anauê!* de suas responsabilidades e falhas. Semirames Nahes sustenta tal padrão ao estudar outra revista ilustrada do período:

“A análise do aspecto formal da revista permite concluir que a orientação jornalística da *Fon-fon* era precária e amadora. Esse fato demonstra a maneira singular de fazer imprensa magazine, no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. As falhas de programação e estruturação da revista, por parte do grupo que a editava, evidenciam-se nas falhas de impressão, diagramação, paginação, enfim, confusão própria de uma época em que as pessoas estavam apenas aprendendo a fazer jornalismo, já que o que se tinha antes era literatura impressa e ilustrada, seja sob a forma de imprensa diária, seja semanal, caso em que *Fon-Fon*” (2007, p. 124-125).

Por exemplo, nem mesmo o local onde *Anauê!* era impressa foi constante. A historiadora Tatiana Bulhões descobriu que inicialmente *Anauê!* era rodada nas oficinas Gráficas de Villani & Barbero, de acordo com documento de Matrículas de Oficinas Impressoras, de 30 de abril de 1935 (BULHÕES, 2007, p. 67 – ver nota 26 de seu trabalho), mas a 5ª edição já anunciava outra empresa, a gráfica Santo Antonio, localizada na rua do núncio nº 66. A partir do 13º número, já sob a direção de Manoel Hasslocher, essa tarefa era responsabilidade da gráfica Mendes Júnior, com sede na rua Riachuelo, nº 192/194.

Talvez as outras incumbências do diretor-geral tenham contribuído para os reincidentes problemas administrativos. Eurípedes Cardoso de Menezes, junto com Ordival Gomes, Mayrink e Almeida Salles, foi homem de destaque nas bandeiras de penetração do interior nordestino, com a bandeira “7 de Outubro”. Como apontado anteriormente, essa bandeira foi parte da viagem de três meses de Eurípedes pelo Nordeste (julho-outubro), a qual ele mesmo descreve nos seguintes termos:

O que foi aquela memorável campanha de três meses, em que, debaixo de balas e alvejados por bombas, realizamos intensa propaganda anti-comunista, tanto nos bairros operários e nas fábricas minadas pelos bolchevistas, como nas praças, nos cinemas e pelo rádio – em Recife, na zona agreste e no sertão -, daria para um volume dos mais interessantes (1961, p. 279-280)

Figura 11: Bandeira 7 de Outubro



Anauê!, nº 4, out. 1935, p. 15

A bandeira que penetrou o centro da província pernambucana, sendo parte da “7 de outubro”, chamada “Spinelli” e chefiada por Menezes, foi até o alto sertão, percorrendo Vitória, Altinho, Bebedouro (atual Agrestina), Bezerras, Gravatá, São Caetano, Belo Jardim, Caruaru, Pesqueira do Rio Branco (possivelmente atual Arcoverde, que pertencia ao município de Pesqueira), Buíque, Afogados (Afogados da Ingazeira), Alagoa de Baixo (atual Sertânia), Varas (atual Jabitacá distrito de Igaraci), Macacos (atual Igaraci), Espírito Santo (atual Tabira), São José do Egito, Flores e Triunfo.

Regressando do sertão, Menezes foi convidado pelos integralistas de Sergipe e Alagoas a visitá-los, o que atendeu de pronto, deslocando-se de avião. Na capital sergipana discursou para quase três mil pessoas no Teatro Rio Branco. Em Alagoas, também se apresentou a grande público, levando a palavra do sigma ao Teatro Deodoro. Ao fim dessas jornadas, regressou à Recife para se juntar aos companheiros de viagem. É bem provável que esse esforço tenha demandado dedicação considerável do diretor-geral de *Anauê!*, abandonando a redação por considerável tempo. Ora, é preciso destacar que não havia muitos funcionários nos periódicos verdes naquele momento, inclusive em *Anauê!*, ficando quase toda a responsabilidade da produção aos diretores, o que reforça os problemas de organização do mensário.⁴⁰

Outro ponto a salientar é a importância que os textos também tiveram na revista. Óbvio que *Anauê!* foi a publicação integralista que mais recorreu às imagens e depositava nessas grande esperança na doutrinação e sedução dos leitores. O objetivo neste momento não é realizar uma análise de conteúdo mais profunda, seja das imagens ou textos, mas sim de evidenciar uma característica que vem sendo negada ao periódico. Recorrendo à observação de todas as edições de *Anauê!*, é inegável que ela dedicou espaço considerável ao texto escrito, como se observa em várias edições a sequência de páginas apenas com textos e sem imagens (a não ser de publicidade). A maioria com claro fito de doutrinar e formar o militante.

Num estudo sobre a imagem da criança veiculada na publicação, Caio Gabriel afirma que

... a revista *Anauê!* se diferencia dos demais veículos de comunicação oficial do movimento devido a **sua proposta de discurso doutrinário ser voltado quase exclusivamente para a exposição ideológica através do “visual”,** ou seja, por meio de imagens iconográficas, em especial a fotografia (GABRIEL, 2008 – grifos meus).

⁴⁰ Algumas vezes foram anunciados novos colaboradores, que se tornariam fixos, mas nunca mais apareceram, como no caso de Helio Ribeiro, apresentado como contista da revista a partir daquele momento (Edição nº8), mas com apenas uma participação em toda sua existência.

Outro autor, Rodrigo Oliveira, afirmou de forma mais moderada que “a doutrina é transmitida nesta revista mais pela imagem do que pelo texto” (2009, p. 136), ou seja, ainda que a imagem tivesse papel preponderante, os textos também exerceram função de doutrinação, em muitos casos sendo mais expressivos do que as imagens. É notável, por exemplo, que *Anauê!* tenha veiculado muitas imagens de lideranças integralistas, de manifestações estaduais dos integralistas e de militantes em atividades cotidianas, como casamentos, aniversários e velórios. Em todas se observa um estilo de comportamento do integralista, uma postura corporal e simbólica, o que expõe o caráter pedagógico da revista em educar o corpo, o que também aconteceu em *A Offensiva*, como bem demonstrou Renata Simões (2009). Essa tendência também se observa no trabalho de Caio Gabriel, ao demonstrar que as crianças eram orientadas desde cedo em seus comportamentos. Enfim, realmente a doutrina se aplicava em grande parte pela imagem.

No entanto, é preciso apontar os elementos característicos de *Anauê!*, que a individualiza frente aos outros periódicos verdes. Mesmo que *A Offensiva* e outros jornais trabalhassem a questão do comportamento do integralista, ou ainda que se referissem a eventos particulares de militantes, faziam de forma diferente em relação à *Anauê!*, como bem percebeu Tatiane Bulhões. A historiadora revela que em *A Offensiva* a imagem de lideranças e as menções a particularidades do cotidiano se davam de forma mais informativa, sem grandes apelos, assim como as fotografias de crianças, quando apareciam, eram mais para enfatizar os acontecimentos em que os pequenos estavam do que de fato para evidenciá-los. Isso não ocorria na revista ilustrada verde, que tinha como foco o militante (criança ou adulto), intentando aproxima-lo do movimento. Neste mensário toda e qualquer desavença interna de grupo era ignorada, privilegiando os aspectos harmônicos e ordeiros.

No jornal *A Offensiva*, bem mais do que na revista *Anauê!*, seu caráter combativo e fortemente político conduz o leitor a páginas e mais páginas de ataques contínuos aos inimigos da AIB. Provavelmente a tentativa de expor um cotidiano “harmonioso” da militância na revista integralista não comportava o investimento maior em ataques aos inimigos do movimento, pois isso evidenciaria aspectos da realidade que *Anauê!* precisava silenciar (BULHÕES, 2007, p. 100).

Neste sentido, a doutrinação ideológica só seria completa ao dissolver e simplificar as justificativas teóricas e históricas dos líderes por meio dos textos em que qualquer imbróglio desaparecia. Por isso que o texto não foi ignorado na revista, afinal, em muitos momentos, foi o texto que orientou a leitura da imagem. Há na verdade uma junção entre imagem e texto, na qual um complementa o outro, atuando juntos na doutrinação completa do militante,

inculcando nestes tanto os padrões comportamentais e corporais, por meio das imagens, como a ideologia, por meio dos textos didatizados dos conteúdos teóricos.

Não se trata aqui de negar a importância das imagens, muito pelo contrário, mas de explicar que não se pode tomar a autodefinição de “revista ilustrada” como determinante na avaliação de *Anauê!*. De fato ela era ilustrada e valia-se muito das imagens, o que não implica o menosprezo ao texto escrito. Apenas uma folheada rápida nas edições já demonstra que o periódico depositava também grande confiança na palavra escrita. Portanto, a doutrinação não se limitava às imagens.

Na verdade, tudo começava pela capa.⁴¹ Em todas as edições apresentava imagem forte, o que representava o primeiro impacto à visão do leitor. Elementos simbólicos foram expostos em todas elas, como Plínio Salgado, o Sigma, a cor verde e figuras que destacavam o nacionalismo na visão dos integralistas, como o índio e heróis nacionais, conteúdo bastante diverso ao ofertado pelas revistas ilustradas do período. As capas eram usadas para destacar os símbolos integralistas, ao passo que o interior se dedicava a assuntos mais variados, mesmo que os textos e as imagens focassem com prioridade a doutrina, os líderes e os eventos integralistas.

Com os objetivos de doutrinar o militante, mantê-lo fiel, afastá-lo das publicações sedutoras do mercado e, posteriormente, conquistar novos para as fileiras da AIB, *Anauê!* era vista como peça fundamental para o movimento, pois foi a publicação que mais adotou elementos da modernidade utilizados por grandes periódicos nacionais. Sendo assim, a organização da revista deveria ser tomada com zelo, o que em alguns aspectos não vinha acontecendo, como já exposto. Trata-se de notar que, diante das falhas e das novas volições partidárias, toda a imprensa integralista foi alvo de uma revisão, como demonstrou o Congresso de Imprensa Integralista, realizado em dezembro de 1936, convocado pela necessidade de articular o papel da imprensa no ano vindouro. Já que os objetivos passaram a ser políticos e não revolucionários, era importante organizar as publicações de maneira focada, para que a AIB se destacasse ainda mais no país.

Às vésperas desse congresso, o então secretário nacional de doutrina, Ernani Silva Bruno, concedeu entrevista em *A Offensiva*, apontando as pretensões daquele evento:

Acontece ainda que nos preocupamos, no momento, com a questão da imprensa integralista no Brasil. **Porque a imprensa atual do Integralismo não nos satisfaz.** Ainda não conseguimos realizar o jornalismo que reputamos satisfatoriamente para o país e **para as necessidades do nosso movimento.**

⁴¹ Estas serão analisadas separadamente em seção específica.

Reconhecemos o esforço de quantos trabalham e orientam os irmãos integralistas. Sabemos que quase sempre eles não podem fazer coisa melhor, porque as circunstâncias limitam o desenvolvimento da sua ação.

Vamos por isso estudar em conjunto, todos nós que trabalhamos na imprensa, os meios de atuação mediante os quais vamos dar uma organização mais perfeita ao nosso jornalismo e os processos através dos quais vamos fazer dele um instrumento mais sensível de expressão do nosso pensamento político e de **orientação da opinião pública nacional** (*A OFFENSIVA*, 15/12/1936, p. 1-2 – grifos meus).

É patente o descontentamento com a prática de imprensa integralista, que não atendia às expectativas das lideranças do sigma, especialmente no que concerne às transformações exigidas nos conteúdos e diagramação para suprir as novas demandas políticas. Nesta mesma entrevista, Bruno revela clareza quanto ao consumo de escritos no país, que se voltava principalmente aos jornais e revistas ligeiros, deixando de lado os livros, as bibliotecas e as conferências educativas (Idem, p. 1). Diante desse quadro, via na imprensa verde a salvação do público na oferta de conteúdo de qualidade, livrando-o do jornalismo deficiente dos periódicos liberais. Porém, noutro sentido, reforça a ideia aqui defendida de que o periodismo verde não tinha grande apelo junto ao público, dadas as suas características militantes. E isso era um problema que deveria ser encarado com firmeza, já que não se focava mais apenas no integralista, mas em todos os brasileiros, pois se pretendia orientar a opinião pública nacional.

Aliás, a grande imprensa era reiteradamente criticada pelos camisas-verdes, especialmente a rede de Assis Chateaubriand, vista como o símbolo máximo de um jornalismo que não deveria ser reproduzido. Os Diários Associados, por ser declaradamente ligado à modernização *hollywoodiana*, tornou-se foco dos ataques acres disparados pela imprensa do sigma. Ainda antes do Congresso de Imprensa, Miguel Reale dissertava sobre as dimensões que atingiriam o periodismo verde e o trajeto pretendido por ele, na contramão do jornalismo que vinha sendo praticado no país:

O movimento do sigma cresceu prescindindo do apoio da imprensa, sem o martelar do rádio, sem a cadeia das agências telegráficas. Pelo contrário. Contra o Integralismo se voltaram ameaçadoras dezenas de jornais. Agências especializadas em infâmias e calúnias, procuraram, sem nenhum escrúpulo, enxovalhar o Chefe dos “camisas-verdes” tentando inutilmente cobri-lo de ridículo e opróbrio.

Apesar de tudo isso, não obstante toda essa bateria de infâmias, nós continuamos a nossa marcha (...)

Agora que estamos fortes, que crescemos em virtude da nossa resistência e da nossa força interna, é que estão surgindo os jornais diários do Sigma. Há dois meses só havia um, *A Offensiva*. Depois vieram *A Razão*, de Fortaleza, *A Cidade*, de Recife e *Acção*, de São Paulo.

No dia 18 de dezembro, na ocasião em que será inaugurado o Congresso Integralista de Imprensa, Belo Horizonte nos dará uma folha diária: *A Montanha*. No princípio do ano vindouro, teremos *A Revolução*, em Porto

Alegre, e assim por diante. Dentro de seis meses, o Sigma apresentará a sua rede jornalística desde o norte até os pampas. Mas será um grupo poderoso de jornais independentes feitos para defender os interesses legítimos da nacionalidade.

Se quiser saber o que será a rede dos jornais do Sigma, eu sintetizarei assim: “será exatamente o contrário do que é hoje a cadeia dos Associados” (*A Acção*, 17/11/1936, citado por LEAL, 2006, p. 49-50 – grifos meus).

Percebe-se que dentro do movimento vinha crescendo a ideia de uma imprensa forte e renovada, algo que deveria ser amadurecido durante o Congresso de Imprensa, como também há o reconhecimento de que a AIB crescera sem papel fundamental de sua imprensa, ainda incipiente e, em muitos casos, diletante. Do Congresso participaram 60 representantes de periódicos integralistas que, juntos, discutiram os caminhos de conteúdos e organização das publicações. Presidido por Santiago Dantas, o congresso incentivou que todos apresentassem os problemas de seus jornais, sem temer susceptibilidade alguma (Idem, p. 53-56).

Tudo indica que a AIB mais uma vez reconhecia o papel da imprensa num embate político e na formação da população, tal como Plínio Salgado entendia. No ano seguinte, o jornalismo teria que atuar em consonância com os objetivos partidários da AIB, posto que pretendia apresentar um candidato à presidência. Contudo, a palavra de ordem era o silêncio quanto à sucessão presidencial. Plínio queria primeiro esperar como tratariam a AIB nesse pleito, para somente depois reagir. No Congresso, suas palavras de orientação foram as seguintes:

Doutrinar, educar e influir é a tarefa dos nossos jornais. Possa ella ser compreendida e cumprida integralmente, sem que ninguém se sinta levado a sobrepor um desses termos aos demais. É como devereis agir no cumprimento dos vossos deveres (*MONITOR INTEGRALISTA*, ano V, n° 17, 20 fev. 1937).⁴²

Não significa, entretanto, que não debateram os problemas enfrentados pela AIB em diversos Estados brasileiros, como perseguição de militantes, invasões de sedes e censura em jornais. O maior entrave aos camisas-verdes ocorria na Bahia, o que motivou por parte de Plínio Salgado comentários irônicos:

Temos razão de queixa quanto à social democracia – inimiga da liberal democracia e que é o regimen da Bahia. A liberal democracia permite que nos reunamos em recinto fechado. É um carinho especial; zela pela nossa liberdade e zela pela nossa saúde, impedindo que nos exponhamos ao sereno e à chuva, com perigo de um resfriado (Documento da Sessão Solene de Encerramento do Congresso de Imprensa).

⁴² Diretiva n° 1, do Departamento de Orientação, sobre o Congresso de Imprensa Integralista (resultados), assinado por Santiago Dantas (SNI) e Romulo de Almeida (chefe do Departamento Nacional de Orientação).

Do evento resultou uma Diretiva com as principais determinações quanto às novas características do periodismo do Sigma, entre as quais se destaca o seguinte:

(...) cumpre-nos pôr em fóco a necessidade em que nos achamos de dar aos nossos jornais uma orientação technica que **nos leve a actuar sobre o grande publico** dentro das zonas onde circulam. **Precisamos que as folhas, pequenas e grandes, interessem a massa dos leitores e não apenas os nossos companheiros**: para isso devem ellas se tornar noticiosas, actuaes e informativas, **levando tanto quanto possível a nossa orientação ao exame das questões para que o publico está ou deve estar voltado** (*MONITOR INTEGRALISTA*, ano V, nº 17, 20 fev. 1937 – grifos meus).

Verifica-se, pois, a rendição dos integralistas a um estilo mais leve de jornalismo - ainda que não assumissem equiparar-se à grande imprensa liberal -, e a certeza de que sua imprensa não atingia um grande público, a não ser seu próprio militante. Na verdade, até mesmo exigiram que os diretores de jornais e revistas modificassem suas práticas e visassem o grande público, com o fito de engrandecer o movimento. No excerto em destaque, a recomendação é *fazer o possível* para divulgar a doutrina, mas sem discriminar o texto informativo, atraente e chamativo. Ou seja, não interessava mais apenas a doutrinação dos próprios camisas-verdes, o que exigiu novos métodos de trabalho que, a partir daquele momento, teria que funcionar de fato.

Ainda que exigisse nova postura do periodismo verde, a AIB se isentou de responsabilidades quanto aos conteúdos, o que é uma contradição. Realizou um Congresso para discutir sua imprensa, determinou ações e estabeleceu metas, mas jogou toda a responsabilidade nos dirigentes das publicações, caso a censura governamental se indispusesse por qualquer eventualidade. Não só se eximiu administrativamente, como também financeiramente, deixando claro que cada diretor era responsável pelo sustento de seu veículo.

Da imprensa integralista

Art. 219 – O Chefe Nacional de acordo com o parecer aprovado no Congresso Integralista de Imprensa de Belo Horizonte, resolveu pôr um termo a imprensa officia do integralismo em todas as províncias, conservando essa qualidade a um órgão apenas – o *Monitor Integralista* do Rio de Janeiro -, subordinado, diretamente, à chefia nacional.

Todos os demais órgão integralistas não envolvem nas suas publicações a responsabilidade da Ação Integralista Brasileira, o que entretanto não lhes tira, de maneira nenhuma, o dever de obediência à Secretaria Nacional de Imprensa e das autoridades integralistas provinciais ou locais.

(...) Art. 220 – Os Boletins Internos das Chefias Provinciais e Municipais, ainda mesmo impressos em forma de jornal, não são considerados órgãos de imprensa integralista, limitando-se a publicação de atos oficiais, com a responsabilidade pessoal do chefe provincial ou municipal.

(...) Os jornais integralistas são obrigados a publicar toda a matéria que a Chefia Nacional ou a SNI lhes enviar (*MONITOR INTEGRALISTA*, nº 18, 10 abr. 1937, p. 14).

Independente disso, dentro das novas orientações do partido, *Anauê!* se mostrava como um dos principais veículos para as novas diretrizes, se não o principal. Por isso seu diretor não poderia deixar de estar presente naquela ocasião, principalmente pelo fracasso que vinha sendo sua publicação em termos reais. Eurípedes Cardoso de Menezes participou da oitava comissão, cujo tema estava voltado para as reivindicações de redatores, revisores, gráficos e jornalheiros. Foram oito grupos de trabalhos que levantaram questões e possíveis soluções em todos os pontos da prática jornalística e suas funções. Desses grupos Carine Leal conclui:

Percebe-se que a preocupação dos responsáveis pela imprensa integralista girava em torno de três eixos: a organização própria da estrutura de imprensa, com questões relativas a quantidade e tipos e financiamentos dos jornais; o conteúdo, no qual a questão do jornal doutrinário não é levantada; sendo discutidos somente os pontos sobre sensacionalismo e sobre cultura; e, finalmente, as questões sobre a organização da classe dos trabalhadores de imprensa (LEAL, 2006, p. 58).

Todas essas preocupações convergiam para uma pretensa transformação, para a nova face da imprensa da AIB. E nessa nova conjuntura, *Anauê!* teria que atender as suas responsabilidades. A última edição da revista antes do Congresso foi a 12ª (Setembro de 1936), e a próxima só voltaria em março de 1937. Para uma revista que se dizia mensal, com o peso de ser a mais importante do movimento e com o objetivo de conquistar público amplo, cinco meses sem ir ao mercado representou fracasso singular.

Na verdade, ainda nesta edição, a revista já apresentou no expediente a informação de que pertencia à Empresa Guanabara SA, o que indicava provavelmente a sua venda, no entanto, Menezes continuava como diretor. O número seguinte, que saiu em março de 1937, mostrou um novo diretor-geral, Manoel Ferraz Hasslocher que, segundo informações da própria *Anauê!*, a teria comprado de Menezes em fevereiro do mesmo ano. As informações organizativas mais uma vez demonstravam descompasso, já que em setembro uma empresa que nunca tinha aparecido surgiu como proprietária do periódico, e meses depois Hasslocher é apresentado como novo dono, e a tal Empresa Guanabara não mais.

Diante de todos esses elementos, é possível especular que a revista principal dos integralistas não tenha sido tão representativa quanto se afirma, pelo menos não na sua primeira fase, sob a tutela de Menezes. Talvez o papel desempenhado no ano de 1937, a partir da 13ª edição (2ª fase), com a administração mais organizada, seja o responsável pela

representatividade e memória de *Anauê!* na estrutura de imprensa da AIB, quando de fato se mostrou constante e padronizada. É evidente que as expectativas sobre esta publicação sempre foram grandes, como demonstrou toda a atenção dedicada pelas lideranças e pelos periódicos verdes, contudo, a direção de Eurípedes C. de Menezes não soube equilibrar a doutrina e a modernização impressa com a publicação de variedades e a rigidez administrativa, o que levou a sua substituição na chefia de *Anauê!*, decisão esta que pode ter sido tomada no Congresso de Imprensa, já que, no início de 1937, não fazia mais parte da gestão, assumindo Manoel Hasslocher.

Eurípedes em nenhum momento desviou da doutrina ou conduziu a revista por vieses ideológicos que desagradariam as lideranças do partido, muito pelo contrário. Foi sua fidelidade quase religiosa à crença integralista que fez de uma revista ilustrada um veículo quase exclusivamente doutrinário, o que não condizia com as expectativas. *Anauê!* em sua gestão orientou o militante de acordo com as diretrizes basilares da AIB, com um tom conservador, cristão e nacionalista, tratando também do papel da mulher e da criança na sociedade. No entanto, mais que o conteúdo, o que incomodou foi a forma. O tom continuou pesadamente doutrinário, sem variações temáticas que atraíssem maior público. Aliás, esse é mais um elemento que pode isentar Eurípedes de culpa, afinal, a todo o momento a revista anunciava que era feita para o militante. Na verdade, as expectativas do partido que não foram atendidas pela escolha do diretor no que concerne à popularização do conteúdo. Mediante este fato, a troca foi inevitável.

No dia 25 de fevereiro foi inaugurada oficialmente a nova instalação da revista *Anauê!*, com a visita do Chefe Nacional – o que mais uma vez indica o zelo com a revista em detrimento de outras tantas publicações-, ainda na Rua do Carmo, nº 29, sendo publicada a edição de março no dia 28 de fevereiro. De acordo com a coluna “Shyntese Mensal das Actividades Integralistas”, a recepção do público foi imediata, tanto que em três horas teriam se esgotado os exemplares na capital da República (*ANAUE!*, nº 13, mar. 1936, p. 50). Essa afirmação partiu da própria revista, não sendo possível verificar sua veracidade, no entanto, antes dessa “reinauguração”, houve propaganda dos outros veículos de comunicação integralistas, o que pode ter causado a expectativa que levou ao esgotamento da revista nas bancas. Duas chamadas publicadas em *A Offensiva* exemplificam o esforço coletivo em destacar o mensário verde, assim como o anúncio feito no *Monitor Integralista*:

Com 64 páginas *Anauê!* circulará no dia 1º de março. As admiráveis ilustrações desse numero assinadas por Queiroz e B. Vianna.
(...) As seções serão numerosas: cinema, teatro, infantil, feminina, etc. O seu volume tornará possível a manutenção dessas grandes seções.

Só pelo aumento do numero de suas páginas *Anauê!* demonstra que essa nova fase representa um marco valioso na sua existência.

Os poemas e artigos desse número serão ilustrados por conhecidos e admirados artistas.

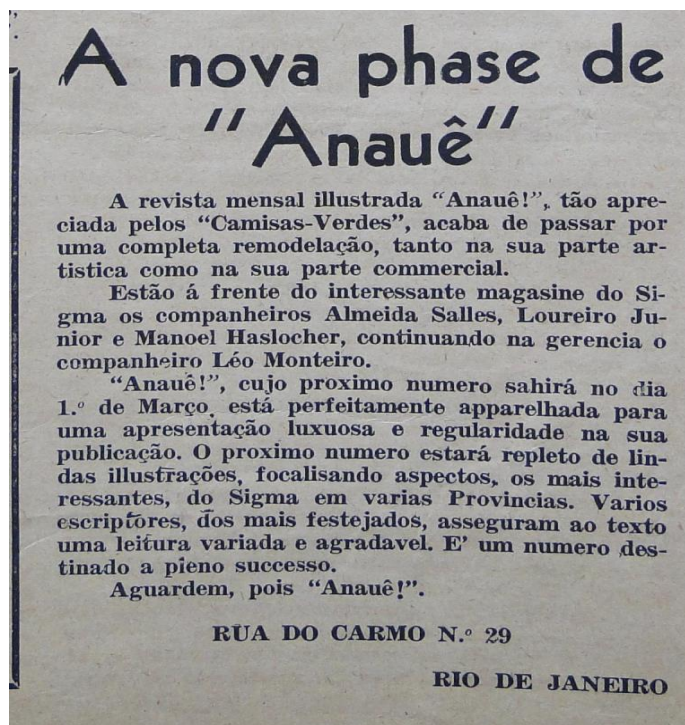
Queiroz apresentará um aspecto magnífico do Rio São Francisco (...) B. Vianna ilustrará o poema inédito de Tarso de Oliveira 'sombas' (...) (A *OFFENSIVA*, 16/02/1937, p. 3).

Anauê! publicará fotografias inéditas da chegada dos presos camisas-verdes da Bahia. Fotografias que valem como depoimento.

Sendo um dos grandes objetivos da revista *Anauê!* a publicação mais completa possível, dos aspectos fotográficos da grande campanha do Sigma.

Nada mais convincente do que uma fotografia. As enormes massas de camisas-verdes de todas as Províncias do Brasil estão constantemente afirmando, nas suas reuniões e concentrações esportivas, a pujança do Movimento Integralista. Surpreender e revelar ao Brasil isso que constitui uma das glórias maiores da AIB - a sua surpreendente força numérica - será um dos objetivos de *Anauê!* que visa com isso, demonstrar a profunda e extensa aceitação que o pensamento integralista vem tendo em todos os setores da nossa população. (...) *Anauê!* publicará, desse acontecimento integralista, uma expressiva e inédita confecção de fotografias, que evidenciará convincentemente, o que representou a extraordinária chegada dos camisas-verdes baianos, transferidos de S. Salvador para o Rio de Janeiro (A *OFFENSIVA*, 18/02/1937, p. 3).

Figura 12: propaganda da nova fase de *Anauê!*



Fonte: *Monitor Integralista*, nº 17, fev. 1937, p. 8

Realmente a revista ressurgiu com uma nova cara, mais vibrante, mais organizada, com conteúdo mais bem distribuído e variado. Até mesmo telefone passou a ter a redação, o que aponta para uma profissionalização e investimentos mais acentuados, visto o alto custo desse serviço à época.

O fato é que os problemas seriam minimizados, já que sob novo comando a publicação se tornaria estável, mantendo padrão em sua periodicidade – saindo todo mês - e aumentando o número de páginas para 64 por edição, sem oscilações. Os responsáveis por essa melhora na organização da revista foram o diretor-responsável Hasslocher e os diretores auxiliares José Loureiro Júnior e Almeida Salles. A gerência se manteve com Leo Monteiro.

Tais nomes representam a importância dada à revista, especialmente por Salgado, que a tinha como sua “netinha” e tratou de ter homens de confiança em sua direção. Hasslocher tinha sido Chefe Provincial do Rio Grande do Sul e mantinha ligações muito próximas com o chefe dos camisas-verdes, além de ser Conselheiro Nacional e membro do Diretório Nacional da AIB. Vinha de uma família de jornalistas e conviveu de perto com a feitura de periódicos. Filho do advogado, político, professor e jornalista Germano Hasslocher e irmão de Paulo Hasslocher e Henrique Hasslocher, Manoel tinha plena capacidade para dirigir uma publicação ao estilo de *Anauê!*, o que provou durante o tempo em que esteve em seu comando. Antes da revista integralista, trabalhou no semanário político *ABC* (Rio de Janeiro / 1915-1934), que foi dirigido por seu irmão Paulo, entre 1915 e 1929. Henrique também não fugia às atividades da família, sendo representante do jornal *La Nación*, em Buenos Aires (1870-). Além disso, Manoel Hasslocher aparece, em novembro de 1937, como diretor do jornal *O Povo* (Rio de Janeiro), o que comprova a circulação de integralistas em outros periódicos que, certamente, usavam para divulgar o movimento (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 6 nov. 1937, p. 1).⁴³

Manoel Hasslocher, além de jornalista, fez parte da Comissão de Boxe, no Rio de Janeiro, nos anos 1920, momento em que esse esporte começava a se profissionalizar em vários países. Talvez, o gosto por lutas esportivas se manifestava em seu comportamento diante das pessoas, pois em alguns momentos se mostrava agressivo perante até mesmo companheiros da AIB. Em certa feita, o chefe de protocolo provincial de Guanabara redigiu uma representação contra Hasslocher por tê-lo destratado dentro de uma igreja onde cumpria uma ordem. Como Hasslocher era chefe de protocolo nacional, fez valer a hierarquia,

⁴³ A família Hasslocher tinha boa circulação nos círculos de poder e de imprensa. Seu irmão, Paulo, era adido comercial do Brasil, nos EUA em 1932, e trabalhava como espécie de espião para Vargas, denunciando ações de pessoas que ajudavam rebeldes no Brasil. (Várias cartas dele a Vargas na Biblioteca Nacional)

inclusive com ameaças, dizendo “O Chefe Provincial não manda nada aqui e retire-se seu cão, cãozinho, senão lá fora dou-lhe uns bofetões” (Coleção Polícia Política, pasta 2 – APERJ). Isso demonstra que não havia tanta unicidade e cordialidade entre os camisas-verdes, como tanto é pregado pela memória e periódicos integralistas, sendo que egos e posições eram postos em prática constantemente. Como vários outros camisas-verdes, foi julgado em 1938 por causa da Intentona Integralista contra Vargas, não obtendo o *habeas corpus*, sendo liberto apenas em dezembro do mesmo ano.

Figura 13: Manoel Hasslocher



Fonte: Prontuário da Seção de Ordem Política e Social – APERJ

Loureiro Jr., além de membro de destaque no movimento como secretário assistente de Salgado, era seu genro, casado com Maria Virgília Salgado Loureiro. Antes, porém, de se casar com Maria, fez parte da Revolução Constitucionalista de 1932 (cursava Direito na faculdade do Largo de São Francisco), como tenente-secretário, líder do 2º e 3º pelotões do Batalhão Ibraim Nobre (*CORREIO PAULISTANO*, 29 jul. 1932, p. 1). Foi designado para lutar na fronteira com o Paraná, na cidade de Ourinhos, onde adoeceu nas trincheiras em razão do frio de julho. No ano seguinte, participou de uma caravana ao norte do país junto com Reale, já nas hostes integralistas. Não se detinha apenas nas atividades políticas do movimento, envolvendo-se em outros setores, como a sociedade na Empresa Loureiro, Costa e Cia, além da participação da gestão do Clube de Futebol C.A. Loja do China, como 1º Secretário e depois presidente, time fundado em 1935 (*CORREIO PAULISTANO*, 22 dez. 1935, p. 14). Em 18 abril de 1936 comemorou sua formatura em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Um ano depois seria parte da direção de *Anauê!*.

Almeida Salles se tornaria grande figura da cultura nacional, crítico renomado de cinema, escritor, poeta e contista, desde os anos 1940 sempre esteve à frente de alguma instituição cultural importante. Boêmio que se impunha, de voz grave e firme, com alto nível cultural, também participou da Revolução de 1932, sendo até mesmo ferido com um tiro na perna, que só não foi mais grave porque atingiu primeiro seu cantil (*FOLHA DE S. PAULO*, 20 de dezembro de 1979). Assumiu a direção auxiliar de *Anauê!* quando exercia a função de Secretário Nacional de Corporações e Serviços Eleitorais. Ficou pouco tempo na revista, pois em meados de 1937 mudou-se para São Paulo, de onde continuaria colaborando com seus escritos literários (isso foi anunciado na ocasião de sua despedida, mas não mais contribuiu). Contudo, um responsável por questões eleitorais da AIB dentro de *Anauê!* diz muita coisa sobre seu direcionamento a partir daquele momento.

As modificações no ano de 1937 levam a crer que houve uma orientação da cúpula alta da AIB para que *Anauê!* tomasse novos rumos e entrasse no mercado com força, já que aquele ano seria de extrema importância para as pretensões políticas dos integralistas (eleições presidenciais). Mais que isso, o Congresso de Imprensa demonstrou que não apenas *Anauê!* foi discutida, mas toda a imprensa verde, com o intuito de cuidar dos conteúdos e organização de cada periódico, voltados, de acordo com as conclusões do Congresso, para a doutrinação do público. Assim, com vistas a objetivos certos, a revista trouxe uma mensagem ao leitor, deixando claro que havia encontrado seu caminho:

“ANAUE!” entra numa nova phase de vida. Isso quer dizer que “ANAUE!” já alcançou o amadurecimento necessario para impôr a si mesma uma norma definitiva de actuação. As revistas nascem como as creanças: sem physionomia. A acção do tempo determina o nascimento dos traços como nas decalcomanias o roçar leve do dedo humido faz aflorar as côres. Se todas as revistas têm uma missão, a missão desta se desdobra agora imperiosamente deante de nós (...)

Essa energia vigilante a **revista fará presente em todos os lares do Brasil**. As suas paginas reflectirão as etapas todas da grande campanha que o Sigma está conduzindo por todo o immenso território do paiz.

Nos episódios mais apagados e nos acontecimentos mais soberbos, sempre poderemos denunciar isto que enche de festa o nosso coração atormentado de brasileiros desta hora – os sinais inilludiveis da grande madrugada da Nação (*ANAUE!*, nº 13, mar. 1937, p. 15 – grifos meus).

Nítido que, nesta nova fase, oficialmente já não se fala mais em ser apenas para os integralistas. Agora todos os lares eram alvos. Essa era a missão do novo diretor que, aparentemente, substituiu Eurípedes sem maiores problemas. Segundo a própria revista, este último continuaria a participar da revista (o que não aconteceu) de acordo com o anúncio de venda e, pelo o que escreveu em seu texto de despedida, na 13ª edição, ele mesmo reconhecia

que não fora capaz de manter a publicação nos níveis desejados, o que requeria novo dirigente:

Entrando no terceiro anno de vida, surge “Anauê!” revigorada e **a caminho de ser o periodico que sempre idealizámos.**

Os dois primeiros annos foram um período de luctas, de penetração, de experiencias e **difficuldades.**

Definitivamente firmada e victoriosa, entra “Anauê!” agora numa nova phase. Manoel Ferraz Hasslocher passou a ser o seu director-responsável. Nada mais se necessita accrescentar.

O nome do illustre Chefe do Protocolo da Chefia Nacional **constitue uma garantia de estabilidade e exito para a revista illustrada do integralismo.**

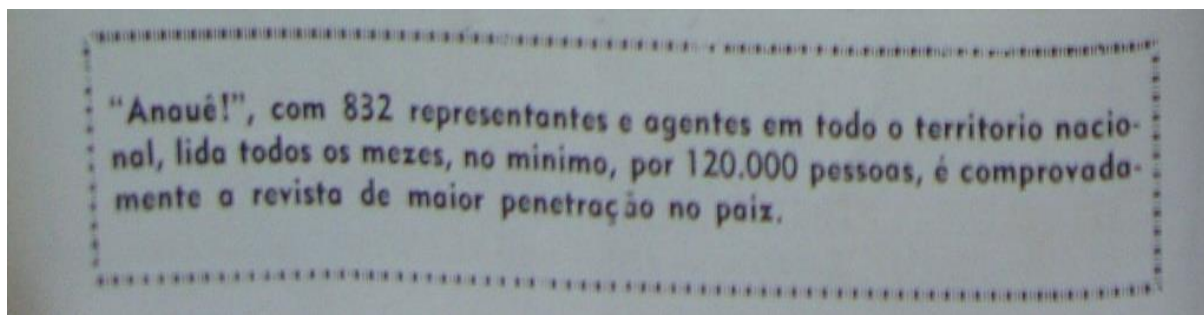
É com justificada satisfação que passamos ao valoroso e dynamico “camisa-verde” a direção de “Anauê!”, que, em suas mãos, **terá de ser, forçosamente, em pouco tempo, a melhor e mais linda revista do paiz** (...)

Dórvante, melhor do que nunca, “Anauê!” poderá reflectir a marcha gloriosa e incoercivel das legiões verdes em todos os rincões da Patria; será um espelho da alma integralista; preciosa collecção de documentos photographicos da maior Revolução Americana; élo de ligação entre todos os soldados dos Sigma; repositório de tudo o que ha de mais delicado e nobre na alma brasileira; cumprirá, enfim, o programma que lhe traçámos desde o seu primeiro numero.

Á nossa querida “Anauê!”, o mais vibrante e sincero anauê! (Idem, p. 29 – grifos meus).

Anauê! realmente manteve um padrão a partir daí e certamente buscou alcançar os objetivos propostos sob a direção de Hasslocher. Passou a se valer de desenhos, charges e cartuns/tirinhas – os dois últimos não apareceram na fase anterior – e da tática da autopropaganda em suas páginas, citando números e potencialidades, numa espécie de autoafirmação, pois era preciso convencer o leitor de sua capacidade e força. É possível dizer que exagerou em certos aspectos, como na primeira tiragem dirigida por Hasslocher, quando destacou que possuía mais de 830 representantes por todo o país, atingindo mais de 120 mil leitores por mês. Para uma revista que ficou cinco meses sem circular e que apresentava irregularidade gritante em sua periodicidade e administração, esses dados parecem um pouco forçados, já que é difícil vislumbrar um público fiel para um periódico que mal sabia quando circularia.

Figura 14: autopropaganda de *Anauê!*



Anauê!, nº 13, mar. 1937, p. 22

A nova fase, porém, passou a ser elogiada pelos integralistas, o que pode significar que houve melhorias quanto a sua distribuição e aceitação junto ao público. Contudo, sempre é preciso tomar com cuidado as asserções integralistas dadas suas verves grandiloquentes. Talvez, mais que reconhecimento, tais elogios se convertessem em esforço de plantar uma realidade inexistente. Em outubro de 1937, Madeira de Freitas, expoente figura verde, teceu elogios a Hasslocher, exaltando, em princípio, a coragem de Eurípedes por lançar *Anauê!*:

(...) Ao que parece, entretanto, a luta se tornou de tal maneira ingente, que teria talvez superado as forças do fundador de “Anauê!”, quando, um outro camisa-verde resolveu tomar a peito o audaz cometimento. E assim entrou “Anauê!” na segunda fase de sua existência, a presente, em que ela vem marcando novos triunfos, por número que aparece.

Hoje “Anauê!” é uma das mais expressivas realizações na imprensa ilustrada do Novo Mundo. Sobre uma feitura material irrepreensível e agradável ao bom gosto do leitor, derrama-se toda a excelência de um texto rigorosamente escolhido, firmado, não raro, pelos nomes mais representativos da cultura brasileira.

(...) Eis porque Manoel Hasslocher se fez credor dos mais sinceros e calorosos aplausos de seus confrades (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 8).

Embora mais padronizada e organizada, não se pode afirmar que escapou do tom reiteradamente doutrinário, sendo que a temática mais recorrente continuou sendo a doutrina, como se discutirá a seguir. Assim, percebe-se que as exigências do congresso de imprensa para um jornalismo mais leve não se refletiu sobremaneira em *Anauê!*, mesmo que seja impossível negar suas evidentes melhorias.

Nessa nova fase, um fato externo pesaria mais que os erros administrativos da primeira. Com a promulgação do Estado Novo, tudo mudaria, mesmo com o apoio dos integralistas ao golpe de Getúlio Vargas. No início de dezembro de 1937, a entrada em vigor do Decreto-Lei nº 37, que entre outras imposições, dissolveu todos os partidos políticos – inclusive a AIB –, significou um golpe fatal ao integralismo e à *Anauê!* que, por suas

características, apresentava-se como revista ilustrada e compunha grande parte de seu conteúdo com imagens das simbologias integralistas e de seus militantes uniformizados. Diante de tais censuras, a revista encerrou suas atividades no mesmo mês do decreto. Era o fim da considerada mais importante revista dos camisas-verdes.

Não obstante, antes desse desfecho, *Anauê!* circulou por todo o ano de 1937, assumindo o estilo de revista de variedades sem abandonar a doutrina, equacionando os interesses partidários com a demanda do mercado. Alguns dos elementos de maior destaque nesse trabalho de renovação foram as capas, as seções fixas, as charges e os desenhos. As primeiras por se converterem na porta de entrada da publicação, no primeiro impacto à visão; meio de sedução do olhar que atrai pelos recursos simbólicos e iconográficos. As seções, espaços de identificação com públicos específicos, mecanismo de fidelização de nichos pontuais, abrangendo maior gama de leitores de maneira segmentada. Os outros, elementos profícuos na variação de estilo, na sedução de novos olhares, na ampliação de opções jornalísticas, na amenização do conteúdo ideológico com o apelo ao jocoso, sem, é claro, deixar de ser doutrinário. A seguir será possível perceber em que aspectos ocorreram variações entre uma fase e outra.

2.2 – Temáticas dos artigos e colaboradores de *Anauê!*

Como se viu até agora, não apenas a revista *Anauê!*, como toda imprensa verde, não obteve sucesso junto a público ampliado, fato reconhecido inclusive por seus líderes, como ficou explícito no Congresso de Imprensa Integralista. Nesse sentido, ocorreu uma revisão de todo periodismo, o que culminou com a substituição de gestão da revista, que a partir dali deveria profissionalizar e estabilizar sua publicação.

É preciso reconhecer que realmente *Anauê!* adquiriu melhor estrutura e administração com a entrada de Manoel Hasslocher, inovando em alguns aspectos e ajustando outros até então deficientes. No entanto, ainda que os conteúdos veiculados tenham sido abrandados quanto ao teor doutrinário e maçante, ele continuou com papel destacado, mesmo que explanado de maneira mais leve – charges, tirinhas, desenhos. Isto é, para o mensário, que tinha sua razão de existir para servir ao partido, escapar ao discurso ideológico e doutrinário se tornou tarefa quase impossível, o que é, por outro lado, bastante compreensível.

No entanto, a incapacidade de mudar o tom, o que se justifica até mesmo por se tratar de uma revista de partido, não obnubila a falha no sentido de ampliar a transmissão da

mensagem integralista a maior número de leitores. A mensagem conservadora, autoritária e nacionalista transmitida pelas folhas verdes, em especial *Anauê!*, não conseguia fazer frente ao processo de modernização do país, o que afetava comportamentos, moda e visões da realidade, sendo a grande imprensa espelho desse novo mundo.

EXPLORANDO OS TEMAS DE ANAUÊ!

Nas 22 edições que circularam da revista, foram publicados 375 artigos isolados – independentes das seções –, o que comprova que, ainda que ilustrada, o recurso escrito foi bastante utilizado pela publicação. Abaixo é possível visualizar divisão por fases:

Quadro 4: artigos por fases de *Anauê!*

Fases	Total de artigos	Média/edição	Média/página
1ª	226	18,8	0,41
2ª	149	14,9	0,23

A primeira fase da revista teve 12 edições, o que ajudaria a compreender o número maior de artigos isolados em suas páginas, contudo, é preciso levantar a média para enxergar a diferença entre uma e outra gestão. Mais que isso, não se pode esquecer que toda a segunda fase (10 edições) contou com número de páginas constante (64/edição) e mais elevado que a primeira,⁴⁴ o que denota variabilidade de recursos muito mais alta sob a direção de Hasslocher. Quando se observa a quantidade de artigos por páginas e não por edição, fica claro que cai praticamente pela metade o uso de textos individuais presentes na segunda fase em relação à primeira. Isso se explica pelo emprego maior de seções fixas, desenhos e fotografias que ocuparam mais espaço que anteriormente.

Por outro lado, elementos novos não implicaram em conteúdos muito diferentes ao que se vinha praticando. A doutrina continuou sendo o mote principal dos escritos, buscando sempre orientar crenças, ideologias e comportamentos dos leitores. O quadro temático revela bem isso:

⁴⁴ Foram: 6 edições com 32 páginas; 2 com 36 páginas; 3 com 64 páginas; 1 com 88 páginas.

Quadro 5: Quadro temático geral por fases

Tema	1ª fase	2ª fase	Total geral
Doutrina	65	51	116
Criação literária	38	41	79
Crítica social	32	10	42
Eventos integralistas	22	4	26
Política nacional	17	9	26
Cultura	11	14	25
Variedades	9	10	19
Comunismo	12	2	14
Nota social	10	---	10
Política internacional	6	3	9
Blusas verdes	5	3	8
Assistência social	---	1	1

As duas fases da revista valeram-se muito de textos doutrinários, como se pode observar. Porém, a primeira abusou, sendo que a temática “Doutrina” teve quase o dobro de entradas que qualquer outra, ao passo que a segunda procurou dissolver melhor os textos, ainda que esse assunto tenha sido o principal. Em “Doutrina” foram classificados textos que privilegiaram as diretrizes da AIB e sua ideologia, como também suas propostas de transformação social e política. É mister perceber que todo o conteúdo da revista tem como objetivo a doutrinação do leitor, no entanto, optou-se por classificar em temáticas diferentes para que fique claro a forma como o mensário procurou cooptar simpatizantes por meio de problemáticas diversas. Os escritos elencados em “Doutrina” se justificam pelo teor do conteúdo, mais explícito e direto quanto às orientações e determinações da AIB.

Explica-se, ademais, que a classificação aqui apresentada não é única, podendo-se chegar a novas. Tratou-se de discernir qual a vertente predominante em cada um dos artigos, para então determinar sua caracterização. Claro que é difícil estabelecer os limites para distinguir cada texto, haja vista a variabilidade de assuntos que podem ocorrer em um só escrito, o que, no limite, ocasiona a ordenação categórica segundo a sensibilidade de quem interpreta. Então, com intuito de melhor enxergar o que, especificamente em “Doutrina”, mais se tratou, elaborou-se o seguinte quadro:

Quadro 6: assuntos tratados em “Doutrina”

Assunto	1ª fase	2ª fase
Nacionalismo	16	23
AIB	19	5
Comportamento	9	5
Interior/sertanejo /índio	9	2
Plínio Salgado	4	4
Religião	2	5
Educação	2	1
Antissemitismo	1	---
Blusa-verde	1	3
Plinianos	---	2
Fascismo	1	---
Regionalismo/centralização	1	---
Episódio Histórico	---	1

Reitera-se que, embora haja assuntos variados que, talvez, pudessem entrar em outra classificação no quadro temático geral dos artigos (Quadro 5), optou-se por aloca-los em “Doutrina” dado a orientação do texto, muito ligado ao papel da AIB na orientação sobre essas questões. Posto isto, evidencia-se a valorização do nacionalismo no quesito doutrinário, assim como do próprio partido, nos escritos de *Anauê!*.

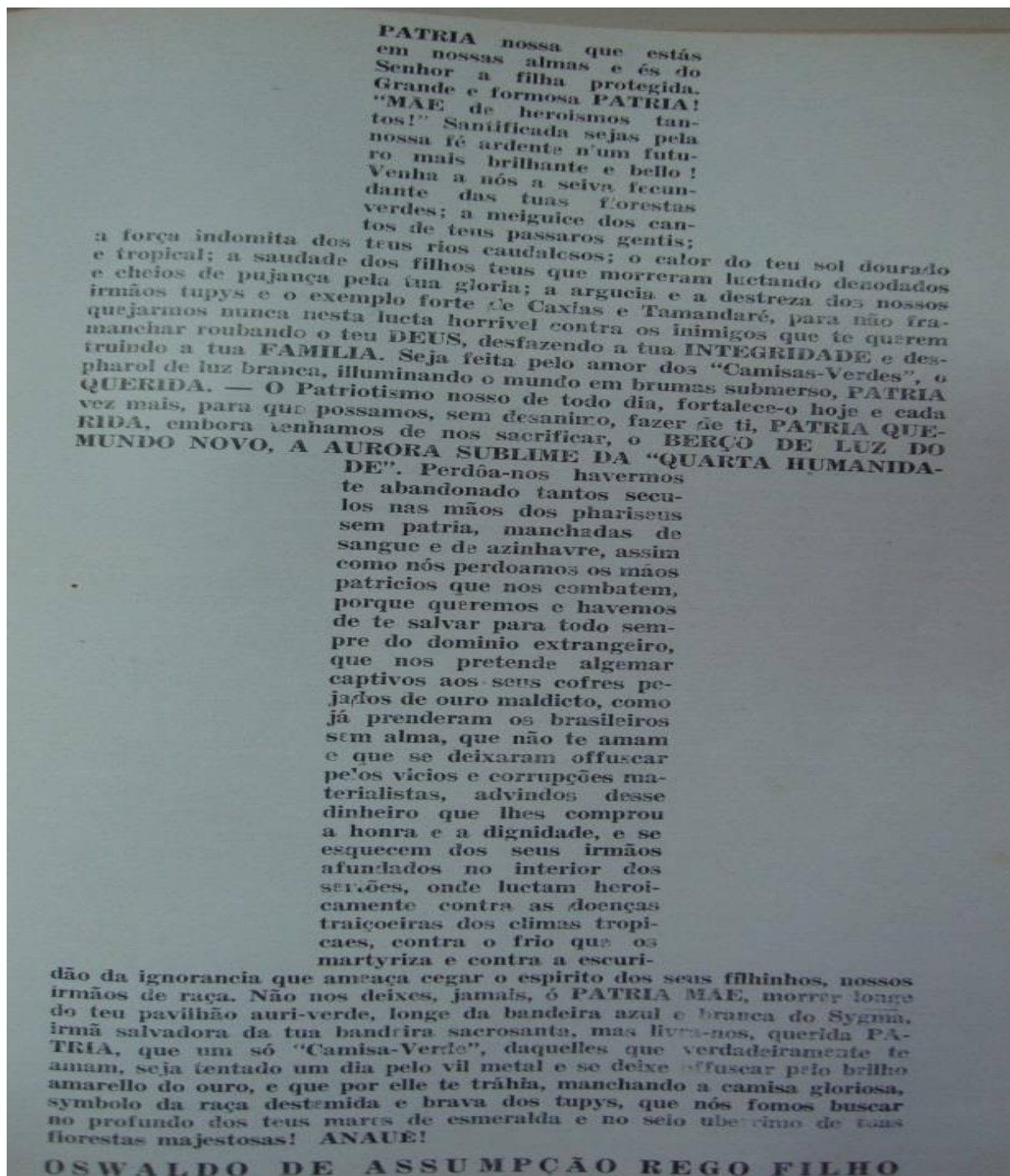
O que mais se destacou quanto ao nacionalismo foram personagens históricos (militares, revolucionários, líderes, monarcas), a riqueza e beleza das paisagens do território nacional e os componentes étnicos da nação, com destaque para o índio, o caboclo e o sertanejo. Ou seja, era um nacionalismo tal qual percebeu Angela de Castro Gomes (2013, *Op. Cit.*), que “olhava para dentro” do país, buscando suas tradições, culturas e heróis, não procurando tornar-se um país imperialista e expansionista (como as grandes nações), mas salvaguardar sua potencialidade, autonomia e independência em relação ao estrangeiro. Samuel Guimarães exemplifica o que seria esse sentimento nacionalista:

Nacionalismo é (...) o desejo de afirmação e de independência política diante de um Estado opressor ou, quando o Estado já se tornou independente, o desejo de assegurar em seu território um tratamento pelo Estado melhor, ou pelo menos igual, ao tratamento concedido ao estrangeiro, seja ele pessoa física ou jurídica. Os movimentos nacionalistas significativos do ponto de vista político, cujas manifestações históricas mais simples decorrem da identidade étnica, linguística ou de pertencimento, no passado, a uma organização política, têm como principal objetivo o estabelecimento de um Estado ou a modificação das políticas do Estado para defender ou privilegiar interesses dos que integram certo movimento (2008, p. 145).

No geral esse era o sentimento exalado pelo nacionalismo integralista, que buscava, a partir de um movimento, transformar as políticas do Estado brasileiro e criar novas bases para

o desenvolvimento da nação, com uma nova raça (a Quarta Humanidade), em um novo país, forte, sertanejo, cristão e interiorano. Na imagem abaixo se tem a dimensão da maneira como trataram esses quesitos, aliado aos símbolos religiosos que são a cruz e a oração “Pai Nosso” reconfigurada em termos integralistas:

Figura 15: valorização de elementos nacionais



Anauê!, nº 7, jan. 1936, p. 29.

Dentro do quadro temático da revista percebe-se que alguns assuntos são reincidentes, com destaque para a valorização do próprio movimento integralista, de figuras históricas, dos grupos sociais símbolos da nação e da questão regional. Nestes quesitos, há também interconexão doutrinária, pois estão ligados na composição ideológica dos camisas-verdes.

Por exemplo, as discussões acerca da formação étnica do brasileiro eram efervescentes já há algumas décadas, o que levava os integralistas a apresentar sua interpretação quanto ao assunto. O objetivo era contradizer as teorias históricas que vinham colocando a raça branca como superior, o que condenava o Brasil ao fracasso dada a óbvia miscigenação do povo.⁴⁵ Para tanto, os intelectuais brasileiros filtraram tais teorias, pinçando apenas o que interessava para dar base as suas interpretações. Criaram a visão de que a miscigenação era boa, pois produzia o branqueamento do povo, a melhoria das raças inferiores a partir da branca, senda dividida com pensadores também não integralistas (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Um texto publicado em *Anauê!* intitulado “Raça e Política” demonstra bem essa capacidade de reorientar as teorias racistas para os interesses da nação brasileira:

Quando alguns países tiraram as primeiras consequências legislativas dos resultados da doutrina moderna das raças, este procedimento foi, por parte de alguns povos, mal entendido e mal interpretado. Levantara-se aqui e acolá, vozes que chamaram de contrário à civilização qualquer introdução de ideias racistas na vida política, ou declarando-a até mesmo perigosa. (...) O pensamento racista não se identifica de forma alguma com o menosprezo de outras raças, nem pretende considera-las inferiores, mas acentua, para todas as raças e povos do mundo, a necessidade de guardar e desenvolver as propriedades características que o Criador lhes deu (ANAUE!, nº 3, p. 20).

Esta conduta interpretativa servia, aos teóricos integralistas, como pano de fundo para defender a origem tupi do Brasil, agregada mais tarde ao branco e ao negro. Ainda na terceira edição da revista reproduziram um trecho do livro de Plínio, *A voz do Oeste*, no qual ele fala da nação tupi. Lamenta ali o desaparecimento gradual desses elementos, mas diz que o sangue indígena teve um grande destino: o de diluir-se nas outras raças, emprestando suas qualidades (Idem, p. 17). Na concepção do Chefe integralista, para se criar uma nova nação seria preciso formar uma nova raça, sobre uma base étnica comum: o tupi. Daí plasmar no Brasil o humano do futuro, mais inteligente, a Quarta Humanidade. Entretanto, Sentinelo adverte que no geral

⁴⁵ Flávio Giarola (2010) oferece uma visão geral dessas teorias que vinham se desenvolvendo desde o século XVI, as quais apontavam as diferenças entre raças humanas, as diferenças qualitativas entre elas, os malefícios da miscigenação e a possibilidade de melhorar algumas raças. É possível citar alguns nomes que contribuíram para essas ideias, como François Bernier (1625-1688), Carlos Lineu (1707-1778), conde de Buffon (1707-1788), Georges Curvier (1769-1832), Blumenbach (1752-1840), Charles Darwin (1809-1882), Spencer (1820-1903), Francis Galton (1822-1911).

a AIB cria no branqueamento para moldar uma nova raça, miscigenada, mas branca (2010, p. 147-148).

Ou seja, ainda que se valorizasse o índio e o negro, a tendência dos teóricos integralistas era pensar no branqueamento, composto pelas características positivas das outras raças. É bem provável que tal visão se origine no pensamento dos intelectuais admirados pelos integralistas, como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Euclides da Cunha, todos eles simpáticos ao arianismo (Ver GIAROLA, *Op. Cit.*; SANTOS, 2012, p. 5).

Ao privilegiar o branco como meta, funcionaram engrenagens eugenistas para higienizar o brasileiro, isto é, limpar a raça das características indesejadas a fim de reproduzir apenas as requeríveis, por isso a educação, a doutrinação, o controle da família e a atividade física eram necessárias. Neste sentido, o índio, assim como o negro, eram vistos como elementos importantes, mas que deveriam ser higienizados, educados. O excerto do artigo de Victor Pujol revela bem como realmente os camisas-verdes defendiam o indígena, contudo, tomavam-no como um agente a ser orientado, missão que a AIB vinha exercendo nos últimos tempos:

(...) Muitas vezes o combate que o civilizado estrangeiro ou brasileiro move ao índio não visa outra coisa que a posse de suas mulheres para desejos indecorosos. Essa é uma das razões do ódio que o gentio volta ao homem civilizado no Brasil.

O contato do índio com a civilização foi a causa da decadência da raça indígena no Brasil. Milhares de selvícolas outrora fortes e vigorosos, são hoje presa do álcool, do fumo e da sífilis, veiculados pela civilização. Que resta hoje em dia dos milhões de índios que habitavam o país? Talvez não atinjam a um milhão. Da nação tupi que cobria uma vasta extensão do território e que nos deu uma língua e criou um espírito de unidade nacional quase ou pouco nada resta hoje.

No entanto, o índio pode e deve ser aproveitado como fator de grandeza nacional. Ninguém melhor que o selvícola, inteligente e destemido, poderia garantir as nossas fronteiras setentrionais por eles habitadas (ainda hoje em completo abandono), transformando-as em “fronteiras vivas”, onde o índio-soldado fosse a sentinela avançada da soberania de nossa pátria. Bastaria apenas que se lhes ensinasse a conhecer e amar a grande Pátria em que nasceram. É o trabalho que vem realizando o integralismo entre os nossos irmãos índios da Amazônia e de Mato Grosso (*ANAUÊ!*, nº 5, p. 18-20).

Percebe-se ainda que o próprio homem branco civilizado foi criticado, aquele que estava mergulhado na vida urbana, repleta de estrangeirismo e vícios, ele mesmo corrompendo as outras raças. Ou seja, para a AIB não se tratava apenas de uma questão racial, mas também cultural. Esse viés ganhou força a partir dos anos 1930, ancorado nos estudos de Gilberto Freyre, que influenciado pela antropologia de Franz Boas, substituiu a noção biológica pela cultural (GUIMARÃES, 2004, p. 12). Por isso a ideia de branqueamento não

estava relacionada apenas à cor da pele, mas também ao aprimoramento comportamental, ponto em que a religião, a moral e a família eram de suma importância para os camisas-verdes.

Não foi à toa que a questão educacional era mister para a AIB, como também não desinteressadamente promoveu a abertura de diversas escolas em várias cidades do país. Nelas, um dos elementos principais era a educação física, setor de destaque na doutrina verde. Ao acreditarem que as características físicas e mentais adquiridas durante a vida eram transmitidas hereditariamente, os integralistas dedicaram-se ao campo educacional.

Por trás dessa visão estava o médico integralista, membro da Câmara dos Quarenta, Belisário Penna. Este era membro da Liga Brasileira de Higiene Mental e adepto do saneamento do Brasil (políticas públicas de saneamento e higiene) e da eugenia. Fora um dos grandes entusiastas do golpe de 1930, pois acreditava que, com a centralização política, os projetos de saúde pública em âmbito nacional seriam mais bem realizados, o que não aconteceu em dois anos de governo provisório de Vargas, decepcionando o médico (HOCHMAN; FONSECA, 1999, p. 73-74). Julgando contribuir para o povo brasileiro, aderiu ao integralismo com o fito de ajudar a construir uma identidade nacional e uma nova condição de saúde pública para a população esquecida pelo poder (SILVA, 2013, p. 67).

Este médico nunca escreveu sobre o assunto em *Anauê!*, sendo o principal articulista na primeira fase da revista o professor de educação física, Hollanda Loyola, com três artigos sobre o tema. Loyola entendia o aprimoramento físico como a principal forma de aperfeiçoar a raça, teoria que defendeu não apenas nas folhas verdes, mas principalmente na revista *Educação Physica* (Rio de Janeiro / 1932-1945), da qual foi editor e diretor entre 1936-1944 (CAMARGO, 2010, p. 71). Logo na primeira edição de *Anauê!* o professor explicou a função que a atividade física teria no movimento e na melhoria do país e de seu povo:

Para um movimento como o integralismo, que se propõe a tornar o Brasil uma nação soberana e forte, grande e respeitada, a educação física tem uma importância capital, um valor decisivo. O homem integral, idealizado pela nossa doutrina, sadio e forte sob o tríplice aspecto – físico, moral e intelectual, não pode prescindir do exercício físico como um elemento inestimável, que lhe vai proporcionar a possibilidade de aquisição de saúde e força, destreza e agilidade, beleza de forma e nobreza de caráter (...). A Ação Integralista Brasileira, compreendendo o alcance da educação física na finalidade de seu grande movimento nacional, não descuidará de sua propaganda e de sua aplicação imediata. Destarte, trabalhamos pela **eugenia de nosso povo**, pela definição étnica de nossa gente; e problema de alta responsabilidade, de tão complexa solução num país como o nosso, pobre, atrasado e, acima de tudo, entregue à displicência criminosa de péssimos dirigentes, só será resolvido pela organização de um plano nacional de educação física que se propague, se vulgarize e se identifique com nosso

povo em função da complexidade de nossas raças, de nossos climas e de nossas atividades (...) (ANAUE!, nº 1, s/p – grifos meus).

Loyola via a necessidade de um povo forte e são sempre em conexão com o contexto, bastante tenso internacionalmente. A iminência de uma guerra obrigava o brasileiro a estar preparado, o que apenas a educação física poderia fazer. Não à toa na quarta edição escreveu sobre as batalhas de Duque de Caxias, exaltando-o como herói e exemplo a ser seguido (ANAUE!, nº 4, p. 60). Não só ele, como vários personagens históricos eram valorizados na revista, sempre referenciando a força, a raça e o sangue destes ilustres brasileiros. A nova raça que o integralismo vislumbrava deveria ser capaz de defender sua nação.

Enfim, é preciso apontar que outras questões foram abordadas na temática “Doutrina”, no entanto, percebe-se que o foco foi valorizar a pátria e a própria AIB, partindo de elementos que são característicos do integralismo, como a valorização do índio, do sertanejo e do caboclo do interior, discutindo a questão racial, não se esquecendo do líder Plínio Salgado e do comportamento do militante. Tudo, pois, em consonância com a ideologia nacionalista integralista.

Voltando ao quadro temático geral (Quadro 5), tem-se “Criação literária” como o segundo ponto mais presente em ambas as fases, sendo que na segunda (27,5% do total) há aumento proporcional em relação à primeira (16,8% do total). Pode-se explicar tal fato pela exigência de novos métodos de abordagem junto ao público, seguindo as orientações do Congresso de Imprensa. Ou seja, era preciso didatizar a ideologia, seduzir o olhar, amenizar a estrutura textual e, para isso, os recursos literários poderiam bem servir. Se sob a gestão Eurípedes a doutrinação ficou repetitiva e direta, com Hasslocher houve inovações para tal fito. A seguir pode-se ver quais os estilos literários mais usados para a transmissão da mensagem:

Quadro 7: estilos usados em “Criação Literária”

Classificação	1ª fase	2ª fase
Versos	22	16
Crônicas	11	8
Contos	5	15
Peça-Sketch*	---	2

*Tipo de peça teatral encenada em rádio.

Os versos foram os mais empregados, provavelmente pelo jogral, pela dinâmica e sedução que produz, e pela rapidez com que se lê. A mensagem era veiculada, neste estilo, de forma acelerada, lúdica e eficaz. Podiam, aí, ser mais diretos no recado, contundentes quanto

à doutrina, ou matizar e tratar de coisas aparentemente alheias ao mundo político, mas indicando o que esperavam de um integralista. Seguem as duas formas, respectivamente, sendo a primeira de Alcyr Madeira Vidigal e a segunda de Marcus Sandoval:

O despertar do gigante

Comunismo-luxúria, infâmia, horror que exulta
Em meio ao sangue num macabro e vil festim.
Aberração da ideia humana que hoje avulta,
Apavorando o mundo inteiro em seu motim.

O comunista a Deus renega, a Pátria insulta
E ocultamente da família prega o fim;
É um monstro abjeto que da essência a voz sepulta
Para dar vaza aos seus instintos de malsim.

Ser comunista é não ter n'alma sentimento,
É macular o amor, a vida, o pensamento,
É ser maldito, é não ser homem, ser boçal!...

E por sentir a angustia enorme do momento
É que o Brasil empunha o Sigma, toma alento,
Brada anauê! e demanda impávido o Integral!!! (ANAUÊ!, nº 7, p. 20)

Palavras ao mar

Eu não gosto de ti; és maior do que eu
Na cólera, na raiva e na maldade!
Se às vezes fico a olhar a imensidade
Das tuas águas, tremo e peço ao Céu
Que te estinga!

(...)

Se nas praias, nos dias de verão,
Te mostras esplendoroso,
É para lambar os corpos nus...
Li...bi...di...noso!

(...)

Eu amo a límpida corrente,
Que se oculta medrosa,
Que canta e chora, que soluça e geme,
Que dá de beber aos que tem sede,
Que acaricia a face austera,
Dos barrancos e das ribanceiras!
Que beija os pés das crianças
E lava roupa com as lavadeiras...

A essa sim, oh! Velho mar, eu amo!
Porque detesto os orgulhosos e tiranos! (ANAUÊ!, nº 19, p. 16)

Os dois versos foram empregados em fases distintas, o que mais uma vez expõe a estratégia renovada de *Anauê!*. Se num primeiro momento a doutrina explícita apareceu imbricada em todos os recursos veiculados pela revista, posteriormente há maleabilidade,

sendo mais pensada a mensagem, já que deveria chegar a conjunto maior de leitores. Quando Marcus Sandoval fala do mar como tirano e cruel, está exprimindo a concepção integralista de que o interior (no caso, o rio) é a raiz da nação e do brasileiro, sendo o litoral (mar) a porta de entrada do estrangeiro, do invasor, do comunista e do capitalista que chega para roubar as riquezas e as almas do país. Esse estratagema se revela nos assuntos abordados em “Criação Literária”:

Quadro 8: assuntos de “Criação Literária”.

Assuntos	1ª fase	2ª fase	Total
AIB (Doutrina)	21	10	31
Variedades	5	21	26
Religião (cristã)	3	6	9
Comunismo	2	2	4
Liberal-Democracia	3	1	4
Nacionalismo	2	1	3
Regionalismo/centralização	2	---	2

É evidente como a revista passou a tratar, na segunda fase, de assuntos variados como amor, fidelidade, natureza etc, para evocar sua doutrina. No caso da eugenia, por exemplo, assunto que já implica a questão racial, feminina e comportamental, no qual o esporte é valorizado, é sintomático que durante a segunda fase a revista tenha investido bastante em veicular fotografias de militantes praticando alguma atividade física, o que não aconteceu na gestão de Eurípedes. A imagem era muito mais forte do que artigos que de alguma forma tentavam comprovar as justificativas científicas para a importância do esporte.

Nessa nova caminhada, algumas vezes *Anauê!* até mesmo abriu mão de mensagens veladas como nos versos supracitados para apenas falar de um sentimento, de uma admiração, como denotam os escritos do jovem Vinícius de Moraes, então simpatizante do sigma, em homenagem a escritora neozelandesa Katherine Mansfield:

O soneto de Katherine Mansfield

O teu perfume, amada — em tuas cartas
 Renasce, azul... — são tuas mãos sentidas!
 Relembro-as brancas, leves, fenecidas
 Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... nas terras percorridas
 Torno a aspirá-lo, aqui e ali desperto
 Paro; e tão perto sinto-te, tão perto
 Como se numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dor! tanto quisera
 Tanto rever-te, tanto!... e a primavera
 Vem já tão próxima!...(Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!)
E no perfume preso em tuas cartas
À primavera surges e esvaneces (ANAUÊ!, n° 15, p. 37)

Outros tópicos foram objeto de preocupação em “Criação Literária”, além da doutrina (AIB) e da variação de assuntos, como a religião, tema caro ao integralismo, sempre destacando o catolicismo e comparando Plínio a figuras santas, buscando uma origem divina da AIB, como bem destacou o estudo de Rogério Souza Silva (2005). Este era um processo comum na política dos anos 1930, o que Lenharo denominou de “sacralização da política” (Ver LENHARO, 1986). Quanto aos assuntos menos discutidos nessa temática, não cabe aqui se alongar, pois serão debatidos em separado à frente.

Importa reter, contudo, que esses textos literários foram importantes na doutrinação porque apresentavam a representação de mundo integralista de forma mais amena. O exemplo seguinte explana o controle comportamental que buscavam, neste caso específico tratando da mulher integralista (assunto que será analisado à frente). Fica bem claro como refutavam os modismos estrangeiros e indicavam o apego à causa e às simbologias verdes como sinônimo de elevação moral e fidelidade ao Chefe e à nação:

À mulher brasileira

Troca os faustos, o luxo de outras vestes,
Pela graça mais simples e atraente
Desta camisa verde que somente
De uma sóbria elegância se reveste.

Sem que nenhum pena te moleste,
Despe adornos gentis, serenamente,
E num gesto de fé, sincera, ardente,
Esta camisa e esta gravata veste.

Se outro vestido mais encanto empresta,
E tua feminil vaidade exalça,
À tua formosura que realça,

Esta camisa, aqui, verde e modesta,
É o verso inicial de uma epopeia,
- não veste o corpo só, veste uma ideia (ANAUÊ!, n° 8, p. 3).

Ciente de que estes recursos textuais mais atraentes funcionavam bem no domínio do leitor (mesmo que este fosse o já militante), importa agora visualizar mais uma vez o quadro temático geral (Quadro 5) para perceber que ainda avultaram “Crítica Social”, “Eventos Integralistas” e “Política Nacional”, nas preocupações de *Anauê!*. O segundo, com esmagadora reincidência na primeira fase, explica-se pela ânsia do movimento em expor seu

crescimento, transmitir imagem de grandeza e força, ordem e obediência, tal como os fascismos bem faziam. Aí tergiversavam sobre as bandeiras, desfiles, congressos, palestras, enfim, todo e qualquer evento realizado sob a insígnia do integralismo. Bulhões percebeu, por exemplo, que *Anauê!* ofertava tratamento diferenciado aos congressos em relação ao *A Offensiva*, sobrevalorizando os aspectos simbólicos e emocionantes dos eventos, como a formação militante, os fãs de Plínio, a grandiosidade e número de participantes; ao passo que o jornal diário prestava atenção às questões formais, como mesa que presidiu a sessão, o discurso, a organização (2007, p. 80). Nesses detalhes que se desenhavam as especificidades da revista em contraste com o restante da imprensa integralista, buscando encontrar seu caminho.

Com apenas 4 entradas no ano de 1937, “Eventos Integralistas” passou a ser menos abordado, já que os interesses se voltavam para a eleição presidencial, tanto que pouco se discutiu textualmente esse tópico, deixando para as fotografias (assim como fizeram com o esporte) a explanação desses momentos, exatamente porque o visual é mais impactante quando se trata de aglomerações, gestos, ordem etc.

“Crítica Social” serviu para debater o comportamento de determinados grupos, momento em que *Anauê!* expunha a orientação do integralismo para os mesmos. Em meio a isso, aproveitou para criticar a liberal-democracia e o comunismo, ideologias que afetavam negativamente a conduta social de muitos, na visão integralista.

Irene de Freitas Henriques, ao tratar de dois meninos (um rico e um pobre) durante as festanças de Natal, envidou esforços para demonstrar as injustiças sociais impetradas pelo regime liberal, como também para atacar os símbolos estrangeiros adotados pelo Brasil, tal qual o personagem Papai Noel. Em texto emocionalmente apelativo, descreve as frustrações da criança pobre que, em sua casa, na noite natalina, espera as horas passarem sob o breu da casa sem iluminação, apenas ouvindo as alegrias que escapam da residência do menino abonado. O desfecho se dá como segue:

(...) Os sonhos realizaram-se! O menino que mora no palacete, brinca com os presentes que ele vira em sonho, e o menino que mora no barracão, vê confirmadas as suas incertezas. A sua alma profundamente contristada, transborda pela vertente de seus olhitos, as lágrimas de um anseio insatisfeito, e diz para o íntimo de sua amargura: “Papai Noel só gosta de meninos ricos!”.

Assim, a criança que até então, nunca havia se preocupado com o seu eu, mas somente com as coisas que a rodeavam, começa a sentir a revolta íntima pela injustiça dos homens (*ANAUE!*, nº1, s/p).

A figura do bom velhinho, proveniente do folclore nórdico, era ironizada e ridicularizada pelo integralismo, o que era fomentado pela onda nacionalista que já vinha desde os anos 1910. Tentaram substituir o mito nórdico por um nacional, adaptando um personagem criado por Monteiro Lobato, o Vovô Índio, mas o fracasso foi inevitável, dada a tradição enraizada pela cultura ocidental quanto ao “bom velhinho”.

Tratou-se, em “Crítica Social”, de discutir as desigualdades sociais e criticar o estilo burguês da classe média, mas, uma vez mais, quando dirigida por Eurípedes, *Anauê!* não conseguiu se desligar do apelo doutrinário, com textos recheados de palavras de ordem e em tom normativo, o que explicita-se abaixo:

Quadro 9: assuntos de “Crítica Social”

Assuntos	1ª fase	2ª fase	Total
AIB (Doutrina)	12	1	13
Desigualdade social	6	1	7
Liberalismo-burguesia	5	2	7
Sertanejo/negros	2	3	5
Educação	3	1	4
Variedades	2	1	3
Religião	2	---	2

Capitaneada por Manoel Hasslocher há evidente diluição dos assuntos, sem o manifesto apelo ideológico da fase anterior. Na verdade, nesta nova etapa do mensário, ao tratar da sociedade, salientou a diversidade da população brasileira, valorizando a mistura racial e, principalmente, os excluídos. Nesse ponto, o integralismo inovou quanto aos fascismos europeus que, em grande parte, elevavam a questão da pureza étnica.

O objetivo era atrair às hostes verdes setores não abraçados pela elite política do país, especialmente o caboclo, o índio e o negro. Num ano de extrema importância eleitoral, quanto mais grupos simpatizassem com o sigma, maior a chance de sucesso no pleito presidencial. Por isso as raças diferentes e as classes baixas entraram no foco de interesse da AIB, sem desprezar, obviamente, os brancos, tomados como elementos que assumiram o negro e o índio sem preconceitos.

(...) Nossa Pátria nasceu da confraternização das raças, das grandes núpcias históricas que fundiram numa só aspiração e num só sentimento as três humanidades. Daí, talvez, a origem do temperamento brasileiro, do nosso gênio hospitaleiro e meigo, pacífico e bondoso; da nossa sensibilidade languida e doce; dos nossos costumes suaves, da nossa capacidade para o sacrifício. Deu-nos a conquista da terra o habito da luta, o destemor dos perigos, a coragem persistente; porém, a fusão das três raças iniciais ensinou-nos o amor da humanidade, e de tal modo ampliou nossa capacidade

de amar, que diante desse sentimento ruíram todos os preconceitos, todas as prerrogativas, como deixaram de existir todos os ódios (*ANAUE!*, nº 19, p. 44).

A revista, assim como a AIB, partia do pressuposto de que não existiam mais diferenças e ódios entre as raças no Brasil, sendo que o povo se tornara amoroso à humanidade como um todo, e que o branco arremessara de si todo o preconceito para abraçar seus irmãos (Idem, p. 44). Obviamente tal concepção estava dentro de uma tendência brasileira de junção teórico-científica com teórico-política para a construção do Estado e da raça (AGUIAR FILHO, 2011, p. 67), o que se encaixava perfeitamente com os interesses dos camisas-verdes. Era um projeto de nação que preferia ignorar certos problemas com o objetivo de plasmar outra realidade.

Esta interpretação da realidade nacional era apresentada de maneira romântica por *Anauê!*, posto que não se traduzia em verdade. O país passava por um momento crítico quanto à questão racial, sem se esquecer dos vários problemas com a imigração que, em muitos momentos, chegou a ser proibida. Na verdade, há contradições no discurso integralista, afinal, Plínio Salgado classificava Oliveira Vianna como o maior dos sociólogos, ou seja, admirava sobremaneira este intelectual, inclusive nas análises raciais. Neste ponto é preciso lembrar, tal como o fez Aguiar Filho, que Vianna em muitos momentos sequer classificava os negros e os asiáticos como raça, apontando-os como níveis de degenerescência (Idem, p. 72-73). Não à toa clamava por uma engenharia racial cuja eugenia seria o agente motivador.

A insistência, portanto, no papel da educação física, moral e religiosa, com o intuito de aprimorar o povo brasileiro, dava-se dentro de um projeto de nação (forte) que a AIB apresentava. Neste sentido, não cabia desprezar as composições étnicas do brasileiro, mas pelo contrário, importava atrair todos os setores para as hostes integralistas, acreditando contribuir para seus aperfeiçoamentos. Embora o sertanejo tenha sido, para *Anauê!*, a síntese ideal da miscigenação, ela por vezes tratou da história e cultura dos negros e dos índios, confirmando suas contribuições à formação da raça nacional, tal como o excerto relativo aos negros demonstra:

(...) o 13 de maio não significa para nós apenas a data significativa da condenação da escravidão pela nação brasileira, mas o “dia do negro”, o momento no ano em que mais carinhosamente proclamamos a influência relevante do negro em nossa formação histórica.

Felizmente nos libertamos daquela mentalidade livresca e refiné que via no negro um motivo de vergonha nacional e repetia, como papagaio, a teoria da inferioridade da nossa raça elaborada pelos despeitados Gabineau de todos os quadrantes (...) (*ANAUE!*, nº 16, p. 25).

De fato o integralismo aceitou o negro em suas fileiras, embora não fosse comum ocuparem cargos de destaque. Porém, é preciso citar o caso de João Candido, líder da revolta da Chibata (1910), que fazia parte da Câmara dos Quatrocentos da AIB. Essa comunidade negra além de ter espaço no integralismo,⁴⁶ também passou a ter sua própria representação, dando um salto de visibilidade em 1931, quando fundou a Frente Negra Brasileira (FNB). Convertendo-se em partido, em 1936, compartilhava de ideais próximos ao dos camisas-verdes, tendo como seu lema “Deus, Pátria, Raça e Família”, cópia do mote integralista acrescido do termo “raça” (DOMINGUES, 2007, p. 105-106).

Petrônio Domingues, em outro trabalho (2006, p. 528), revela aproximações mais contundentes do movimento negro com a AIB, pois um conhecido ativista, Arlindo Veiga dos Santos (Líder do Movimento Patrionovista), teria comparecido ao 1º Congresso Integralista e garantido a Plínio apoio da FNB e de seus filiados.⁴⁷ Mais que isso, o autor revela que Plínio chegou a ter um artigo seu veiculado no principal jornal do movimento, o *A Voz da Raça* (São Paulo / 1933-1937), o que pode indicar reais ligações entre os partidos. Outro fator de aproximação era a admiração que a FNB tinha pelas políticas ultranacionalistas, inclusive elogiando em alguns momentos Hitler e Mussolini.

Parece estranha essa postura, já que o arianismo nazista desprezava outras raças, mas assim como a AIB, os negros se valiam de teorias racistas para ampliarem suas próprias ideologias, tal como expressa o artigo “Basta de Exploração!!!”, escrito por Arlindo V. dos Santos no principal jornal do movimento:

Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro? Isso mostra unicamente que a Alemanha Nova se orgulha da sua raça. Nós também, nós Brasileiros temos RAÇA. Não queremos saber de ariano. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO que nunca traiu e nem trairá a nação.

Nós somos contra a importação do sangue estrangeiro que vem somente atrapalhar a vida do Brasil, a unidade da nossa Pátria, da nossa raça, da nossa língua.

Hitler afirma a raça alemã. Nós afirmamos a raça Brasileira, sobretudo no seu elemento mais forte: O NEGRO BRASILEIRO (*A VOZ DA RAÇA*, 9 dez. 1933, p. 1).

As argumentações do autor se aproximam muito às dos integralistas, a não ser pela exaltação do elemento negro. Na interpretação dos camisas-verdes o negro não era o mais importante e sim fator de composição da nova raça brasileira. Assim, tanto os integralistas

⁴⁶ Inclusive é possível observar várias crianças negras em escolas integralistas, nas fotos veiculadas na imprensa verde, o que comprova o investimento na formação de grupos étnicos diversos. Todavia, é impossível não imaginar um projeto futuro e eleitoral nesta empreitada, posto que alfabetizado e doutrinado, certamente cada criança proveniente dessas escolas seriam um voto contabilizado à AIB.

⁴⁷ É preciso ponderar, entretanto, que Arlindo Veiga dos Santos nunca se ligou, oficialmente, ao integralismo.

como os negros não desacreditavam as teorias racistas, valendo-se delas de acordo com seus interesses. Enfim, o fato é que as posições de ambos os movimentos eram bastante próximas, o que revela considerável proximidade dos negros com o integralismo que, por sua vez, sempre que possível fazia referências a essa etnia.

No entanto, o homem síntese para a AIB, pelo menos nos escritos de *Anauê!*, era o sertanejo, o trabalhador ligado à terra, o homem do interior. Neste residia o caráter nacional e a moralidade simples e pura. Afastado dos males estrangeiros, típicos nos centros urbanos, essa figura poderia servir de base e exemplo para se criar o novo homem pretendido pelo integralismo. Era o avesso do indivíduo cosmopolita citadino, ligado aos bens materiais, às modas externas, aos comportamentos norte-americanizados exaustivamente expostos nas páginas revisteiras, tanto que Leoní Serpa classificou o período (1928-1945) de *belle époque hollywoodiana* (2003, p. 11). O contra-discurso de *Anauê!* mirava esta propaganda externa, estabelecendo padrões totalmente avessos ao que se ostentava na grande imprensa. Em artigo veiculado na 6ª edição da revista, Victor Pujol deixa claro o que entendia como brasileiro ideal:

Gente do Nordeste

Do consorcio selvagem das três raças: o gentio das florestas virgens do Brasil, o negro trazido das florestas africanas e o branco destemeroso, nasceu o tipo brasileiro, expressão étnica de força e de sentimentos aprimorados ao qual Deus confiou a construção de uma grande Pátria.

Nenhum outro exemplar da nossa sub-raça caracteriza melhor o tipo brasileiro que o filho do Nordeste, sobretudo o caboclo rústico do sertão. O caboclo nordestino possui todas as virtudes que só a grandiosidade e a aspereza da terra são capazes de desenvolver. É inteligente e arguto, revelando quase sempre uma sensibilidade e um senso das realidades superiores ao do homem civilizado (...).

O Nordeste é uma terra desumana de gente heroica!

Gente em conflito eterno com a seca, o cangaço e as endemias tropicais! Gente esquecida dos governos que dela só se lembra para os efeitos dos impostos e das eleições.

Acusam o caboclo nordestino de viver indolentemente entre a rede, a viola e a cabocla. No “home” do caboclo reflete uma ponta da filosofia sertaneja: é um protesto mudo contra a civilização. Abandonado a sua própria sorte, lutando contra uma natureza hostil, vencedor ou vencido, o nordestino é sempre o homem resignado, tenaz e corajoso, preso à terra em que nasceu, vivendo feliz entre o amor da família e a poesia do sertão. Por isso ele vive entre a rede, a viola e a cabocla.

Com a alma romântica do caboclo e os primores da natureza do país, fizeram os nossos poetas e cantadores a grandeza do “folclore” brasileiro.

Com esses caboclos construiremos um dia a grande Pátria Brasileira! (*ANAUÊ!*, nº 6, p. 8).

Esse homem inocente, forte e romântico, acometido pelos problemas estruturais e naturais do sertão, só precisaria de orientação para se tornar a base da revolução espiritualista

integral. Por isso que os camisas-verdes eram adeptos da eugenia e da necessidade de sanear o país. Liberto da fome, da indolência, da falta de educação e higiene, das doenças e dos maus políticos, esse caboclo sertanejo seria o orgulho da raça brasileira.

E os integralistas acreditavam ter a solução para esses problemas, pois conheciam bem aquela realidade. O médico Belisário Penna, quando inspetor sanitário no Rio de Janeiro, sob a chefia de Oswaldo Cruz, percorreu todo o Nordeste (além de Goiás e os Estados do Sul) para estudar as condições sanitárias, as doenças, os aspectos sociais, econômicos e culturais, o que ofereceu conhecimento amplo sobre os problemas da região. De acordo com Cíntia Rufino dos Santos,

O sanitarista Belisário Penna acreditava que o saneamento e a educação higiênica para todo o país era a solução para que se construísse a identidade nacional, acontecesse a integração nacional, gerando uma nova sociedade adequada aos ideais de produtividade capitalista e a erradicação de doenças, já que, para ele, o Brasil estava doente e improdutivo (2013, p. 67).

Esta visão se aproximava muito da expressa no Manifesto de Outubro (1932) da AIB, cujo conteúdo tirava toda carga de responsabilidade pelos males da nação das costas da composição racial do país, alocando-a nos que defendiam um regime político inadequado que, conseqüentemente, gerava condições insalubres e ineficazes para o desenvolvimento físico, moral e intelectual da raça brasileira (MANIFESTO DE OUTUBRO).

Vê-se, pois, que no quesito “Crítica Social”, *Anauê!* apresentava sua própria representação da realidade e do ser nacional, contrapondo-se aos comportamentos resultantes de uma política liberal e capitalista, na qual a nação era encoberta pelas tendências de fora, deixando apagadas o que os camisas-verdes entendiam como as verdadeiras riquezas do país: o sertanejo, a natureza, a Pátria e a família. Essa interpretação era consequência de seu local de avaliação, a partir de um movimento ideológico com características bem definidas, ultranacionalista e autoritário. Chartier bem explicou que as representações do mundo social são sempre determinadas por interesses de grupos, daí a necessidade de relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (1990, p. 17), o que deixa bem claro as opções de *Anauê!* quanto às formas com que abordou os temas apresentados.

Voltando ao quadro temático da revista, “Política Nacional” serviu para debater as concepções ideológicas quanto aos arranjos governamentais propostos pela AIB, especialmente no tocante à questão da centralização do poder, na primeira fase, ao passo que na segunda o foco foi a eleição. Cabe, contudo, esclarecer que, em nenhum momento, houve qualquer crítica contundente contra Getúlio Vargas, restringindo-se *Anauê!* a expor as

proposições do partido e, no limite, combater a entidade política no geral, sem apontamentos individualizados.

Quadro 10: assuntos de “Política Nacional”

Assuntos	1ª fase	2ª fase	Total
Regionalismo/centralização	8	1	9
Sistema político-eleitoral	5	1	6
Eleições	1	4	5
Doutrina e propostas da AIB	3	1	4
Perseguições à AIB	---	2	2

Extrai-se facilmente a demanda integralista ao tratar de política nacional em seu mensário ilustrado: a centralização do poder e a mudança do sistema eleitoral, num primeiro momento, e as eleições presidenciais, depois. Ambos eram defendidos pelos camisas-verdes em seus escritos, já que o regionalismo histórico de algumas oligarquias era visto como fator de enfraquecimento da nação, sendo o sistema eleitoral vigente responsável por manter tais estruturas.

Logo na primeira edição da revista, três textos trataram especificamente da questão regionalismo/centralização. Custódio de Viveiros, chefe do departamento de imprensa na Secretaria Nacional de Propaganda, em texto que dialoga com os trabalhos de Gustave Le Bon,⁴⁸ criticou a democracia liberal, que não permitia a participação real das massas, influenciada pelo poder dos inúmeros partidos políticos que, por sua vez, lutam por seus interesses regionais (*ANAUÊ!*, nº 1, s/p). Em seguida, Thiers Fleming, via ataques ao comunismo, também exalta a necessidade de centralização do poder, tarefa hercúlea professada pelo integralismo.

(...) Quando outros motivos não existissem, esses dois serviços ao Brasil, de combate ao “separatismo” e ao “comunismo”, seriam suficientes para justificar nossa simpatia ao “Integralismo” – que procura vencer pela palavra e pela persuasão, sem o recurso à violência. Que Deus guie seus passos para a grande vitória!!! (Idem, nº 1, s/p).

Por fim, um texto intitulado “Centralização e descentralização”, cujo autor a redação não sabia o nome, pois perdera o original – mais um elemento que prova a desorganização administrativa -, vai no mesmo caminho, mas dessa vez atacando o Estado liberal:

A descentralização política tem se propagado assustadoramente em nosso país, devido ao regime que permite este retalhamento da nacionalidade que só redundará em prejuízos ao país.

⁴⁸ Psicólogo social, sociólogo e físico amador francês. Foi o autor de várias obras nas quais expôs teorias de características nacionais, superioridade racial, comportamento de manada e psicologia de massas.

(...) Com as cisões partidárias liberais multiplicam-se os partidos políticos que são as ofensas internas ao Estado-liberal e esses partidos políticos por sua vez arranjam as suas bandeiras que lutam entre si, desprotegendo ou mesmo atacando o verdadeiro símbolo totalitário, representado entre nós pelo auri-verde pendão.

(...) Em tempo surgiu a Bandeira do Sigma que irá apagar os limites regionalistas, amparando e enaltecendo a Pátria Integral, semeando e multiplicando as grandezas da nossa terra e da nossa gente, descentralizando a administração e centralizando a política para um dia podermos dizer a Fernão Dias que as esmeraldas que ele encontrou eram falsas, mas que a verdadeira esmeralda é essa engastada no diadema sul americano: - o Brasil! (Idem, s/p).

Portanto, em três textos, para defender a centralização política, atacaram as oligarquias, o comunismo, o liberalismo e a democracia, o que demonstra como poderia em um só artigo diversos elementos doutrinários serem empregados para cimentar as bases ideológicas da AIB na mente do leitor. Essa foi a toada característica no quesito política nacional, insistindo em ironizar os liberais que, por sua vez, entendiam como a “vontade do povo brasileiro” os votos de 2.657.155 eleitores inscritos no país (ANAUÊ!, nº 7, p. 26).

Essa preocupação dos camisas-verdes na primeira fase da revista devia-se ao típico regionalismo brasileiro desde a Primeira República que, ao adotar os princípios liberais e democráticos, propiciara a fragmentação política do país. Maria do Carmo C. Souza chama atenção para essa questão, alertando que o federalismo é um problema subestimado como conceito analítico, o que é um problema, já que de fato o embate centralização *versus* federalismo foi constante até 1946, quando a Constituição adotou de vez a segunda como modelo (2006, p. 7-8). Inclusive a autora afirma que é após 1930 que as tensões entre centro/Estado vieram à tona com mais violência (Idem, p. 17). Aspásia Camargo compartilha desse entendimento, afirmando que a questão do federalismo é um dos pilares mais importantes e decisivos para a compreensão dos conflitos e dos arranjos políticos que marcaram o Brasil entre 1930-1937, tanto que uma das grandes preocupações de Vargas era o problema regional, como bem atestam suas correspondências com companheiros políticos de sua confiança (1999, p. 39-40).

Se até a o golpe de 1930 o “estadualismo” era ponto pacífico, a partir dali a tendência pendeu para a centralização, não só manifesta pela excessiva burocratização administrativa imposta pelo governo provisório e constitucional – concretizada com o Estado Novo -, mas também debatida e alardeada por diversas correntes intelectuais no pós-Crise de 1929. No entanto, não se pode imaginar que as oligarquias dissidentes ao golpe tenham aceitado passivamente tal imposição. Trataram logo de exigir uma constitucionalização do país, a fim

de criar possibilidades de participação política. A constituinte foi o campo de batalha ideal para os grupos opositores. Instalados os trabalhos legislativos, a situação foi a seguinte, na avaliação de Angela de Castro Gomes:

É fora de dúvida que o confronto marcante a que se vai assistir na Constituinte se dá entre regionalismo e centralização política. Importa, contudo, qualificar que estas duas propostas políticas não se chocam de forma maniqueísta. Assim, muitos dos defensores da federação reconhecem a necessidade do intervencionismo do Estado Moderno, enquanto diversos advogados da centralização curvam-se ante as diversidades regionais que impõem níveis de autonomia estadual (1980, p. 33).

A imprensa no geral percebia esse embate na constituinte, algumas vezes se posicionando, como no caso do *Correio da Manhã* que, em janeiro de 1934, chamava a situação política do país de “politiquice regional”, criticando a atuação de São Paulo nos trabalhos (*CORREIO DA MANHÃ*, 3 jan. 1934, p. 4). Portanto, é inegável que existia uma tensão entre estas duas tendências e entre forças regionais oligarcas, o que, por outro lado, não significa conflito radical entre as partes, como aferiu Gomes acima.

Na verdade, a Constituição de 1934 efetivamente durou pouco, pois já no ano seguinte a Lei de Segurança Nacional, de abril de 1935, dava maiores poderes ao governo central, sob a justificativa de que os embates públicos em consequências das contendas eleitorais e políticas entre partidos, especialmente entre ANL e AIB, além da resistência dos trabalhadores em se adequarem ao enquadramento sindical proposto por Vargas (leia-se controle estatal dos sindicatos), geraram conflitos que só um poder centralizado e autoritário poderia conter.

Anauê!, dentro deste contexto, não deixou de manifestar seu descontentamento com os resultados das escolhas da constituinte, que mais uma vez levava o país a embates regionais, prejudicando a unidade nacional. Diante do quadro, veiculou um artigo de Ribeiro Couto (diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras) anteriormente publicado na *Revista da Escola Militar* (Rio de Janeiro), cujo autor apelava ao exército, clamando por sua intervenção e defesa dos ideais verdes:

Esse mundo que os portugueses deram à coroa dos Braganças; esse mundo que os mamelucos e mulatos da colônia defenderam da cobiça comercial dos holandeses, franceses e outros marinheiros; esse mundo que a estouvada incultura do bom rapaz Pedro I deixou uso e indivisível, para o brinquedo austero do imperador menino; esse mundo que os positivistas românticos destinavam à felicidade humana e repartiram em vinte e uma republiquetas – está agora diante de um problema: unidade ou morte.

Temos de acabar com os Estados fortes e os Estados fracos. O poder nacional não pode ser o resultado de combinações partidárias entre os “leaders” eleitorais das republiquetas maiores. Deve surgir das qualidades de

comando, da capacidade de espírito, da ação e construção dos homens surgidos da grande massa brasileira.

De um movimento nacional tem que surgir os condutores nacionais.

Desde a meninice estamos acostumados a ouvir capítulos teimosos da comédia sempre igual: “A pasta da Justiça será para a Bahia”. “O Paraná vai ter a Agricultura”. “O vice-presidente deve sair da bancada mineira”. “O sucesso do futuro presidente será um paulista”.

Que exprime tudo isso diante das necessidades materiais ou espirituais de nossa Pátria? (...).

Um regime unitário, com a desapareição de fronteiras entre as vinte e uma pátrias – e a organização do país em departamentos e territórios, com obediência política ao poder central, é o único meio que se pode opor à desagregação à caminho (...).

O integralismo veio criar no Brasil o clima necessário à pesquisa das soluções. Os princípios que o orientam são bastante largos para que neles caibam todas as boas vontades construtoras (...).

Em face da desprezível situação de virtual servilismo e de passividade concreta a que chegou o povo brasileiro, brinquete permanente de aventuras pessoais, que fará o exército de amanhã? Os que têm 20 anos não podem pactuar com este triste papel de ordenança da democracia ilusória, uma democracia sem princípios, sem orientação intelectual, sem rumos claros, sem autoridade.

(...) O Exército novo preferirá acomodar-se?

Não foi o exército, em todos os tempos, nossa maior força de unidade?

O telegrafista de terceira classe, perdido em Goiás, talvez esteja preparando as malas para a marcha sobre o Rio de Janeiro. O exército novo tem de definir-se: ou com o integralismo, ou com a confusão (*ANAUÊ!*, nº 2, p. 10 e 12).

Foi este clima que gerou conflitos e que garantiu a gradual centralização do poder sob a tutela de Vargas. Ainda que isso garantisse as intervenções nos Estados, o resultado não foi um controle tranquilo do governo central, afinal, muitos interventores uniram-se às lideranças regionais, mantendo sempre uma faísca de tensão no ar. Ao cabo, de acordo com Maria do Carmo Souza, o golpe de 1930 redundaria numa política de governadores, já que desde o início fora uma revolução de governadores. O tenentismo (interventores) teria sido uma mera troca de oligarquias, que só acabaria em 1937 (*Op. Cit.*, p. 19).

Não obstante essa manutenção das forças regionais, ainda que sob o controle atento de Vargas, o caráter centralizador agradou à AIB, o que se manifestou nos escritos do comandante e engenheiro da Marinha de Guerra, Thiers Fleming, sob o título de “Pelo Brasil novo (centralização e administração)”:

(...) A grande força de Mussolini na Itália avulta pela sua brilhante administração, pois a velha política não permitia os surtos do progresso. Salazar em Portugal conseguiu o equilíbrio entre a receita e a despesa e mesmo saldos orçamentários, fazendo renascer a velha Lusitânia. Hitler rasga novos horizontes à Alemanha. Roosevelt, pelos seus novos métodos administrativos, subjuga a crise americana. No entanto, o Brasil, com sua enorme riqueza latente, vegeta na pobreza porque é mal administrado... A

República Nova, continuando a liberal democracia, poucos males da República Velha tem conseguido eliminar... As esperanças voltam-se ao integralismo.

O Governo Provisório, em pleno regime discricionário, não conseguiu resolver os problemas nacionais como todos esperavam. Não se lhe pode condenar sem pleno conhecimento de causa, pois ele desejaria resolvê-los como nós, e, se não o fez, houve justos motivos. Somente não os avaliará bem quem não assistiu ao tumulto de ambições e ao caos que o “após-vitória” trouxe. A Assembleia Nacional Constituinte procedeu no caso acima, de modo semelhante ao Governo Provisório. Na elaboração de sua carta magna predominou o regionalismo sobre o espírito da brasilidade e em lugar de uma “centralização” permitindo melhor administração, houve uma “descentralização”, bem intencionada embora, mas favorecendo males diversos, como sejam o separatismo, o comunismo etc (...).

A Constituição de 16 de julho de 1934 consagrou, como a sua antecedente, a descentralização à *outrance*, mas, no espírito público, dia a dia, se revigora uma forte tendência para a centralização a bem da união brasileira (...) (ANAUÊ!, nº 3, p. 13; 58-59).

Percebe-se clara satisfação com a tendência centralizadora, muito embora eleve a incapacidade governamental de resolver os problemas que, em sua visão, apenas o integralismo conseguiria. Isso porque, conforme outro texto, desta vez de autoria de Victor Pujol, no Brasil, a figura do coronel ainda se mantinha viva, dominando os currais eleitorais regionais. Classificou esse agente como herança da monarquia, que bem se adaptou à política liberal democrática da República. Continuava mandando no município, no juiz e até na polícia. Escolhia quem seria eleito em seu “curral” e corrompia, assim, a prática política correta. Para Pujol, essa figura existia apenas no Brasil e era fruto do liberalismo democrático. Por isso o integralismo seria necessário, pois não faria conluíus com essa gente e proporia outra forma de governabilidade (ANAUÊ!, nº 7, p. 8).

Mas antes dessa nova realidade projetada, seria preciso alcançar o poder pela via tradicional, o que exigia que a questão eleitoral se tornasse recorrente. O Congresso de Imprensa deixou bem claro isso e *Anauê!* realmente alterou a rota que vinha fazendo, tornando-se mais variada e focando as urnas.

A segunda fase mudou radicalmente o alvo nos debates sobre política nacional. O regionalismo deixa de ser preocupação latente e a eleição entra em voga pela demanda imediata. Já não mais se criticava com veemência o sistema eleitoral, posto que Plínio disputaria por meio dele a cadeira de presidente do Brasil, o que desviou o discurso para a propaganda partidária. Também apontaram as armas textuais para a perseguição que o integralismo sofria na Bahia, tendo sedes invadidas e fechadas, todavia, mesmo assim, a preocupação era eleitoral, já que os camisas-verdes baianos estavam impedidos de realizarem

manifestações públicas e eleitoreiras. Sendo a Bahia uma das principais províncias da AIB, a preocupação era justificada.

Para elevar a imagem de Plínio Salgado a imprensa integralista e, também, *Anauê!*, tratou com grandiloquência as aparições e discursos de seu Chefe, com termos como “grandioso”, “delirante”, “arreatador” e “triunfante”, tal qual exposto:

Foi, sob todos os pontos de vista, a maior das revelações políticas dos dias atuais.

Pode-se afirmar, sem receio de engano, que o nome do candidato integralista à presidência da República está plenamente triunfante em Minas Gerais.

(...) Não se descreve o que passou em Belo Horizonte. Uma massa popular avaliada em mais de trinta mil pessoas enchia a estação e derramava-se pela praça fronteira em gritos exaltados de patriotismo e de fé.

(...) No centro da cidade a massa reclamava a palavra de Plínio Salgado, que teve de subir ao segundo andar de um prédio e aparecer à janela, recebendo uma delirante ovação.

(...) O povo erguia vivas ao futuro presidente da República. Os camisas-verdes erguiam seus anauês! Era um espetáculo arreatador (...) (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 30).

É obvio o deslocamento de posição entre as duas fases de *Anauê!*, na temática “Política Nacional”. Em vez de debater a doutrina com mais afinco, como na fase anterior, preferiu orientar os leitores a se posicionar nas eleições em prol da AIB. Isto é, foram da crítica veemente ao sufrágio universal para a propaganda eleitoral constante.

Também se percebe como assuntos mais mundanos e cotidianos passaram a ser mais abordados nesse novo momento. As temáticas “Cultura” e “Variedades” apareceram mais vezes (ver Quadro 5), no esforço de diversificar os conteúdos da publicação. Na primeira, foram comuns resenhas, apresentação de livros, debates sobre filmes, entrevistas e discussões filosóficas, claro, dando visibilidade a trabalhos que convergiam com a ideologia integralista. Por isso era normal aparecer filmes alemães, livros contra o comunismo, o liberalismo e o judaísmo, festas religiosas e obras nacionais, momento em que defendiam a cultura interna.

Em “Variedades” realmente os artigos circularam livremente, indo desde comentários sobre um congresso de medicina até elucubrações sobre saudade. Quanto aos outros tópicos da temática geral, cabe apenas alguns apontamentos necessários, já que serão tratados especificamente.

O comunismo, inimigo maior eleito pela imprensa integralista para dialogar com o leitor, não aparece no quadro geral entre os principais assuntos, o que revela o esforço em diluir a ideologia e não massacrar o público com contendas políticas. Até mesmo na primeira fase, cuja maleabilidade discursiva apresentou-se menos flexível, a temática pouco se repetiu.

Na verdade, o comunismo foi vilipendiado em inúmeros textos, mas não como objeto principal de análise, o que explica o montante reduzido de entradas – 12 na 1ª fase. Se nesse momento já foi pouco abordada diretamente a questão, no esforço de inovar, sob a direção de Hasslocher, praticamente desapareceram os artigos que discutiram o comunismo diretamente – apenas duas entradas na 2ª fase. Não obstante os dados por ora apresentados, há uma razão para essa queda drástica: as imagens assumiram o papel de criticar a “ideologia de Moscou”.

O tema “Nota Social”, diferente dos outros, desapareceu na segunda fase. Isto porque abordar casamentos, festas, aniversários, velórios, recepções e nascimentos, por meio da escrita, não se mostrou atrativo para o militante que gostaria de se ver nas páginas de *Anauê!*. Se a mulher da elite e da classe média era exposta como símbolo da modernidade nas revistas ilustradas contemporâneas à *Anauê!*, o mesmo foi feito para apresentar outro comportamento do integralista. Se naquelas a cultura de Hollywood era o exemplo, na revista verde era a ordem, obediência e moral.

Assim, “Nota Social” sofreu alteração gritante na nova direção, também assumida pelo recurso imagético (fotografias principalmente), dado o potencial impactante. Isso não significa que nos dois primeiros anos de circulação o militante não foi fotografado e exposto na revista, mas apenas que, em termos de eficiência, perceberam a vantagem da imagem para tal recurso, dispensando-se o texto elogioso, apresentando, no máximo, uma legenda.

Os últimos temas listados no quadro geral não estão ali por serem menos importantes para a AIB. Pelo contrário, a mulher integralista (blusa-verde) e a política internacional, ganharam seções específicas, nas quais a revista emitiu suas representações da mulher ideal e do cenário político externo. “Assistência Social”, com apenas uma entrada, na segunda fase, não foi foco de *Anauê!*, muito embora tenha aparecido, em outros momentos por meio da fotografia.

Fica exposto, portanto, um panorama geral de como, em seus artigos isolados, *Anauê!* abordou diferentes assuntos, nunca abandonado a veia doutrinária, o que demonstra a dificuldade que essa revista ilustrada teve para tirar o estigma de publicação meramente partidária. Por outro lado, não se omitiu da disputa por posição frente às outras ilustradas, sustentando conteúdo doutrinário e antimoderno, empregando com relativo sucesso os métodos de uma imprensa mais atualizada. A seguir, algumas páginas dedicadas aos responsáveis por tais escritos.

OS COLABORADORES DA REVISTA ILUSTRADA VERDE

Observar o rol de colaboradores de *Anauê!* revela muito sobre as dificuldades que a imprensa integralista teve para manter um padrão. Se a principal revista do movimento não conseguia sustentar corpo de articulistas fixo, mesmo contando com considerável número de anunciantes em suas páginas, tal empreitada para a grande maioria de pequenos jornais era quase impossível.

Em *Anauê!*, assim como em quase todas as publicações verdes, a redação era responsável pelo conteúdo veiculado nas folhas da revista. Em todas as suas 22 edições, o mensário nunca contou com um corpo fixo de colaboradores, dependendo de contribuições voluntárias ou aceites de convites para escritos. Há casos emblemáticos em que algum nome é apresentado com alarde como colaborador e nunca mais reaparece, como o do contista Helio Ribeiro (*ANAUÊ!*, nº 8, p. 22). Para manter a coerência e a homogeneidade da ideologia integralista, apenas militantes ou simpatizantes da AIB escreveram, pois compartilhavam de uma mesma cultura política. De acordo com Sirinelli, cultura política se trata de

... uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política (SIRINELLI citado por BERSTEIN, 1998, p. 350).

Isto é, a confiança na assimilação dessa cultura por parte dos articulistas afiançava o conteúdo desejado pela direção da revista. No entendimento de Berstein, quem compartilha uma cultura política possui discurso codificado (palavras-chave, fórmulas repetitivas), portador de significação, assim como os gestos, símbolos, vestimentas tem papel significante (Idem, p. 351). Para um partido de extrema direita, que se valia das estratégias de persuasão típicas dos anos 1930 na condução das massas, essa afinidade política se mostrou indispensável para a manutenção doutrinária e ideológica da AIB pelo Brasil, assim como para a confecção de artigos para os seus periódicos.

Esse fato revela o quanto *Anauê!* se configurava em publicação partidária, mesmo que se quisesse mercadológica a partir da virada partidária da AIB, já que não aceitava pluralidade de ideias, tampouco autores que não fizessem parte de seu grupo político. No anexo 4 é possível visualizar um quadro com todos os colaboradores da revista em suas 22 edições. O montante de articulistas – com exceção das seções fixas - contabilizou 152 nomes, sendo um deles a própria redação de *Anauê!*, responsável por grande parte dos textos publicados. Dessa lista extraíram-se os seguintes dados quanto às contribuições dos colaboradores:

Quadro 11: relação quantidade de autores/contribuição

Quantidade de autores	% em relação ao total de autores (152)	Total de contribuições por cada autor
101	64,4%	1 artigo
30	19,7%	2 artigos
10	6,5%	3 artigos
5	3,2%	4 artigos
1	0,6%	5 artigos
1	0,6%	6 artigos
1	0,6%	7 artigos
1	0,6%	11 artigos
1	0,6%	13 artigos
1 (Redação)	0,6%	122 artigos

Como se depreende daí, dos 375 artigos publicados por *Anauê!*, 122 (32,5%) foram da redação, o que comprova a falta de colaboradores fixos e a responsabilidade da direção em preencher as páginas do mensário. Em três anos de circulação, apenas cinco articulistas contribuíram com mais de 5 artigos, sendo o diretor geral da revista, na primeira fase, Eurípedes C. de Menezes, o mais recorrente, com 13 entradas. Ou seja, fora a redação (da qual já se deduz que o diretor geral faça parte), o maior partícipe com escritos isolados foi o próprio diretor.

Dos 152 nomes, 141 não passaram de três artigos, sendo que 101 (64,4% do total) desses cooperaram com apenas um. Havia, portanto, circularidade manifesta de colaboradores, sem qualquer fidelidade com a revista, embora a lealdade com o partido fosse condição *sine qua non*.

Outro elemento chama a atenção. Com a mudança de gestão, percebe-se que poucos nomes da primeira fase se repetem na segunda (apenas 15), configurando-se, obviamente, nos que mais cooperaram, ou seja, o diretor anterior (apenas com escritos de despedida) e algumas lideranças da AIB. Isso revela total desligamento com a gestão passada, o que, talvez, seja indício de uma transição nem tão calma como aparenta. A despeito disso, o fato é que, tanto numa como noutra fase, a falta de colaboradores constantes era certa.

Plínio Salgado, o “avô” da revista e Chefe maior do integralismo, teve 11 contribuições à *Anauê!*, sendo duas delas excertos de uma conferência e de um livro, respectivamente, além de alguns outros textos já veiculados em outros periódicos, o que era bastante comum na imprensa verde, pois a palavra do líder era reproduzida em tantas folhas quanto fosse possível. Isso demonstra que, ainda que *Anauê!* fosse a netinha do Chefe, não recebeu muito sua atenção, já que em apenas uma oportunidade salientou-se que os seus

escritos tinham sido feitos exclusivamente para a revista, estratégia comum para valorar qualquer periódico integralista que recebesse tal distinção. Acusar isto, portanto, apenas uma vez, leva a crer que foi a única ocasião em que o “avô” dedicou-se à neta.

No limite, é possível afirmar que *Anauê!* conseguiu se manter circulando graças à fidelidade partidária dos camisas-verdes, que se revezaram na contribuição de textos, a maioria não sendo figuras de destaque nacional ou regional do partido; e, sem dúvida, pelo esforço dos gestores, que preenchiam o interior da publicação durante a constante falta de conteúdos.

2.3 Ideologia, doutrina e política nas capas de *Anauê!*

A utilização das imagens como dispositivos discursivos de propaganda atendia a finalidades políticas muito claras, que os próprios teóricos do poder não escondiam. Sua intenção era espalhar essa carga emotiva e sensorial, de modo a atingir facilmente o público receptor, detonando respostas emotivas que significassem, politicamente, estados de aceitação, contentamento, satisfação – reações passivas e não críticas (LENHARO, 1986, p. 16).

Essas palavras remetem às estratégias imagéticas de persuasão utilizadas pelo nazismo, contudo, poderiam muito bem servir a uma análise das aplicações iconográficas promovidas pela AIB em seus meios de comunicação. Como já apontado, a grandiosidade, o exagero, a ordem, a força, os símbolos etc, foram elementos de propaganda do movimento durante os anos 1930, recursos estes bastante comuns em todo fascismo europeu. A AIB se valeu do que Walter Benjamin chamou de a “estetização da política” para disseminar sua ideologia de forma mais eficiente, como vem se demonstrando até aqui. O autor falava da utilização das novas técnicas e tecnologias para deixar a política “bela”, com novo visual. Com elas, até a guerra poderia ser bela, pelo espetáculo que produzia. Diz ele que somente a guerra (ou sua ameaça) poderia conduzir massas e aliená-las, argumento bem utilizado pelo fascismo (2012, p. 117-125). No caso da AIB, mais do que a guerra (cuja sombra sempre esteve presente naqueles tempos), era a ameaça de invasão externa, do inimigo, do não nacional. Daí os nacionalismo extremados naquele contexto, pois os políticos souberam utilizar argumentos e instrumentos motivadores e emotivos, que criavam sentimento de grupo, de apego à nação, de proteção à família.

Trata-se, agora, de lançar o olhar sobre as estratégias de doutrinação aplicadas nas capas da revista, já que se entende que são tão importantes quanto o interior, posto que, em normas gerais, a capas são o rosto das publicações, trabalhadas com acuidade para passar de

imediatamente a primeira mensagem desejada pelos seus dirigentes. Na esteira dos estudos que se desenvolveram a partir dos anos 1960-1970, impulsionados pela semiologia, importa compreender como os recursos iconográficos num meio de comunicação carregam significações e discursos importantes, sendo tão úteis na prática de doutrinação ideológica e política como os textos escritos.

Antes, contudo, importa explicar o que aqui se entende como *ideologia* e *doutrina*, interpretação que vale para todo o trabalho. Embora sejam conceitos que se completam, muitas vezes utilizados como sinônimos ou em síntese (doutrina/ideologia), tal como fez Errico Malatesta (2008) - para o qual doutrina/ideologia se configura num conjunto de princípios que possuem como fundamento posições ético-valorativas e que estabelecem objetivos normativos pautados na aspiração de um conjunto de agentes sociais (CORRÊA, 2013, p. 12) -, aqui se faz uma sutil mas sensível diferenciação.

Não se adota aqui o referencial marxista, encontrado em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 1989), em que o conceito é visto de forma negativa, produtor de deturpações da realidade com o fito de efetivar uma dominação elitista sobre as demais classes. Para além desta interpretação, que sobreleva as condições materiais como determinantes, Ricouer (1977) oferece três instâncias analíticas, tendo a ideologia funções de 1) mediadora na integração social, 2) de produção de crenças legitimadoras e, por fim, a mais próxima da visão marxista, 3) de deformadora da realidade. Esse caminho é mais útil para se pensar a questão ideológica da AIB, que oferece uma representação e interpretação de mundo que ultrapassa a questão da vida material, transitando em setores comportamentais, de gênero, religiosos, culturais, filosóficos, históricos e políticos.

Sobre ideologia, Zaia Brandão contribuiu com a seguinte interpretação:

A ideologia situa-se no campo da ação social, é marcada por experiências, pela condição social e trajetória dos agentes em diferentes campos no espaço social; orienta-se pela ética da convicção e se caracteriza pela não formalidade e pelo seu papel na definição da ação social e política (2010, p. 850).

Assim, entende-se a ideologia integralista como um conjunto de valores e ideais nacionalistas e autoritários, em consonância com tendências internacionais – portanto não desligada de sua realidade -, que tem na doutrina seus princípios reguladores, normativos, legais, comportamentais e educativos. Isto é, enquanto a ideologia se converte no sistema geral, no elemento fulcral para a interpretação e representação da realidade, a doutrina aparece como reguladora deste sistema, determinando as características específicas do nacionalismo, da religiosidade, do modo de se vestir, do gestual e do autoritarismo na visão integralista.

Posto isso, cabe retornar às capas de *Anauê!* para ajudar a entender como o integralismo revolucionou a propaganda política brasileira nos anos 1930, valendo-se das experiências contemporâneas de regimes autoritários de extrema direita que cresciam e se espalhavam pela Europa. Rádio, cinema, literatura, jornais, revistas, fotografias, uniformes, desfiles, panfletos, utensílios domésticos, emblemas, broches, e até pasta de dente, entre outras coisas, transformaram a política em espetáculo. As estratégias se revelaram tão eficazes que o Estado Novo copiou muitas das diretrizes integralistas no campo da propaganda política (BULHÕES, 2007, p. 45).

Como já se mencionou, as décadas de 1920-1930 vivenciaram a expansão do fotojornalismo e das revistas ilustradas, com exponencial uso e abuso da iconografia. Periódicos como *A Cigarra*, *Fon-Fon*, *Careta*, *Revista da Semana*, *A Semana Ilustrada*, *O Cruzeiro*, atenderam a uma demanda relativamente nova da sociedade que se modernizava, tratando de assuntos variados, ditando comportamentos burgueses, comentando moda, cultura, intrigas ministeriais etc. Esse tipo de publicação ganhou sucesso rapidamente, pois oferecia ao leitor conteúdo mais leve e atraente, seduzindo mais pela imagem do que pelos textos.

Anauê! apareceu como a principal publicação integralista nesse segmento, com o objetivo de popularizar o conteúdo jornalístico verde. Foi a revista que mais se valeu de imagens e das cores para chamar a atenção dentro da AIB. Considerando-se que o número de analfabetos brasileiros nos anos 1930 era expressivo, trabalhou no sentido de educar o olhar do leitor, que não precisava ler as matérias da revista, desde que se familiarizasse com os ritos, os emblemas, os comportamentos e a doutrina de Plínio Salgado e seus seguidores. *Anauê!* investiu pesado na divulgação de fotografias, especialmente de eventos, manifestações e desfiles integralistas, como também na divulgação da imagem dos líderes da AIB (Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso) e na apresentação do cotidiano da família integralista (aniversários, casamentos, velórios etc).

No entanto, o recurso à imagem não se restringiu às fotografias, mas abarcou também a charge (menos expressiva) e o desenho (principalmente nas capas). No caso desse último, é preciso entender que a configuração da capa é mais que decorativa, nela estão presentes importantes elementos de significação que ajudam a vislumbrar o horizonte ideológico e as estratégias de convencimento empregadas. Em *Anauê!*, percebeu-se o esforço em transformar as capas em signos sintéticos da ideologia, estabelecendo uma lógica linear em cada edição, como se observará a seguir.

Como discerniu Chauí, “o discurso integralista tinha a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos”, até mesmo transformando os conceitos em imagens, valendo-se de uma linguagem panfletária, repleta de palavras em maiúsculas (1978, p. 40, 46). A repetição constante, o destaque a certos termos e figuras, a construção de um inimigo e a exposição de um clima de medo reconstruíam o mundo real em imagens fixas para o leitor-militante.

Ficou evidente na análise que as capas privilegiaram os elementos doutrinários em sua maioria. Embora, no discurso, tenha entrado no mercado para disputar espaço com as revistas ilustradas da época, demonstrou dificuldades em se adaptar a esse tipo de jornalismo, visto que toda imprensa integralista não se prestava a esse modelo até então. Mesmo com as intenções eleitorais da AIB, a partir do início de 1935, a revista demorou a encontrar um caminho que a marcasse no mercado editorial, como ficou explícito durante a direção de Eurípedes.

Ainda que o teor doutrinário fosse o mote principal dos desenhos de entrada de *Anauê!*, é preciso reconhecer que via imagem esse conteúdo causava maior interesse, já que as cores, imagens e traços comunicavam de forma mais eficiente a grande número de leitores. Se as revistas ilustradas mais conhecidas representavam as questões daquela atualidade mediante seus ditames ideológicos, *Anauê!* fazia o mesmo a partir da maçante doutrina integralista. Em *Careta*, por exemplo, foi bem comum a crítica ao processo centralizador do Governo Vargas (Ver GARCIA, 2005, p. 162-163), ao passo que *O Cruzeiro* expunha com regozijo as obras da modernidade em suas capas. As duas principais revistas ilustradas do período reproduziam, portanto, ideais avessos aos desejados pelos camisas-verdes, uma apresentando considerável simpatia aos regimes liberais democráticos e a outra louvando os deuses da modernidade urbana, com valorização aos elementos estrangeiros, especialmente norte-americanos.

As imagens abaixo demonstram Getúlio, em *Careta*, explicando ao “Zé” que todo aquele aparato não era para proteger a liberal democracia, mas para se defender dela. Já a capa de *O Cruzeiro* ilustra uma cidade com prédios, holofotes, pontes e aviões, tal qual retratavam os filmes de Hollywood; não era à toa, portanto, que ela se autointitulava de a revista dos *arranha-céus*. Ambas iam contra as ambições integralistas para o país.

Figura 16: capas de *Careta* e *O Cruzeiro*



Careta, 23 fev. 1935.



O Cruzeiro, 2 ago. 1930.

A concorrência era acirrada e a qualidade dessas revistas era considerável, por isso mesmo *Anauê!* precisava inovar o periodismo verde para poder fazer frente a elas. Mesmo com os problemas recorrentes (já mencionados neste capítulo), não se pode deixar de apontar o trabalho de qualidade apresentado pelo conjunto das capas da publicação, que ficou a cargo de poucos desenhistas durante seus três anos de existência. O nome mais marcante foi o de Arthur Thompson Filho, nascido em 5 de outubro de 1893, engenheiro da Central do Brasil, brigadeiro da milícia integralista até sua extinção, em 1935, integrante da Câmara dos 40 e um dos fundadores do primeiro núcleo no Rio de Janeiro. Foi o membro fixo da revista de maior posição política dentro da AIB, mas não estava em suas duas primeiras edições, aparecendo apenas na terceira como diretor artístico.

Sua assinatura apareceu em seis capas da revista (durante a primeira fase – Direção de Eurípedes), mas há possibilidade de que tenha criado outras até março de 1937. Ainda nesse período há a colaboração do famoso artista Oswaldo Teixeira, membro da Academia Brasileira de Belas Artes, da Academia de Arte do Rio de Janeiro e da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa. Teixeira foi o autor do retrato (em tamanho natural) do presidente Getúlio Vargas existente no Ministério da Fazenda e o do Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, exposto na Igreja da Candelária (RJ). Sua contribuição se deu na segunda edição, como indica anúncio interno da revista, mas provavelmente, foi responsável também pela primeira capa, dado as características parecidas entre ambas.

Ao que tudo indica, Teixeira não era militante da AIB, mas demonstrava certa simpatia a movimentos autoritários como o nazi-fascismo (KERN, 1987). Apresentou-se como um dos intelectuais ativos durante o Estado Novo, inclusive escrevendo o livro *Getúlio Vargas e a arte no Brasil*, no qual exaltou a figura do presidente como mecenas.

Outras assinaturas encontradas, todas na segunda fase, sob a direção de Hasslocher, foram de Ernani (1), Poswsebnny (1) e Orthol (3) – os dois últimos certamente são pseudônimos de autores não identificados. Dez capas apareceram sem assinaturas, mas há grande possibilidade de que sejam obras dos autores acima, dado as características dos traços em algumas que podem ser remetidas a eles.

A atenção dada às capas de *Anauê!* se justifica porque são exemplos de como a AIB procurou explorar todos os recursos possíveis para fazer sua propaganda política, como por exemplo, entrar no mercado das revistas ilustradas, aproximando-se de um jornalismo mais leve e de variedades, como fazia a grande imprensa. Numa revista ilustrada, que deveria ser de mercado, a estetização da política poderia ser feita de forma mais eficaz, já que objetivava público amplo.

Nas imagens veiculadas nas 22 capas do mensário, entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937, estão situados todos os elementos ideológicos e doutrinários dos integralistas de forma visual e em cores. Nelas percebe-se o esforço dos desenhistas em transmitir iconograficamente e de forma eficiente a mensagem do chefe, o que permitia a leitura (não verbal) para um público mais abrangente, atraídos pelos coloridos, personagens e objetos veiculados. Como aponta Ana Cristina Teodoro da Silva,

As capas de revistas são símbolos do funcionamento dos grandes meios de comunicação. Mais que isso, as capas são exemplos de imagens sintéticas que povoam o mundo contemporâneo e que representam uma certa forma de pensar, à qual está associada a uma economia de tempo e espaço. As imagens sintéticas comunicam porque utilizam com habilidade as linguagens do mundo, exploram seus potenciais, fazem associações que geram sentido em pouco espaço/tempo (2003, p. 134).

De acordo com Tania Souza, a imagem não funciona apenas como ilustração, mas também exerce o papel de linguagem, o que não significa que deva ser lida através do verbal. Em sua avaliação, falar da imagem muitas vezes é descrevê-la, segmenta-la, traduzi-la, sem revelar a sua matéria iconográfica. É a visualidade que permite sua existência e não sua correlação com o verbal. Explica que a leitura depende da interpretação e, nesse sentido, é preciso conexões com aspectos culturais, sociais e históricos do leitor (1998). Aí se estabelece a transmutação do conceito em imagem.

Trata-se de observar que *Anauê!* trabalhou bem com a visualidade de suas capas, transmitindo seu recado sem apelar para o verbal. Apenas duas delas, em toda a série, apareceram com uma pequena legenda, únicos casos em que a leitura da imagem pode ter sido orientada pelas palavras. Ainda assim, foram escritos rápidos, sem muita intervenção na leitura. Na capa da 5ª edição apareceu a legenda “Dedicada ao Congresso de Blumenau” e, na 11ª, “O integralismo vigia”.

O sucesso da interpretação das capas pelo leitor e até mesmo a eficiência em transmitir a mensagem por meio das imagens muito se deveu ao uso competente dos recursos simbólicos e ideológicos do cenário político dos anos 1930. As cores, por si, dizem muitas coisas, especialmente quando são trabalhadas minuciosamente para revelarem qual o objetivo do desenho. Fica mais claro enxergar isso ao se analisar a capa da edição abaixo, na qual as cores verde e vermelha nas mãos retratadas transmitem claramente a visão de mundo dos integralistas.

A mão vermelha (o comunismo) com o punhal remete a um ato covarde de ataque pelas costas a um indígena (segmento defendido pela AIB como ícone da nacionalidade), que só não se concretizou devido à intervenção heroica da mão verde (integralismo). Ou seja, uma ideologia estrangeira, não brasileira, agindo para assassinar, sorrateiramente, a nacionalidade, o país. Em segundo plano, é possível vislumbrar ainda o contraste entre o espaço urbano, com suas chaminés industriais, e o campo mais ao fundo. Como se percebe, a cidade é retratada com cores escuras, local sombrio e sufocante, enquanto o campo aparece colorido e bonito, com belas paisagens, que remetem à natureza, ar puro, tranquilidade. É claramente observável a distinção que faz o integralismo entre o interior e o litoral, entre o brasileiro original, caipira, sertanejo ou indígena, e a burguesia que se rende à cultura estrangeira, como estrangeiro também era o comunismo.

Figura 17: capa nº 9



Anauê!, nº 9, abr. 1936 / Autor: Thompson.

A captura da mensagem pode não ser a mesma para todos os leitores, algumas características podem ser percebidas por uns e não por outros, mas fica evidente o recado central (o anticomunismo e o antimodernismo). Essa leitura se fazia mais facilmente nos anos 1930 devido ao momento histórico, aos simbolismos disseminados no meio social sobre o comunismo em âmbito internacional, além da propaganda política intensa que os camisas-verdes realizavam por todo o país. Como já apontou Dutra, havia movimento fascistizante amplo, que disseminava essas representações acerca do comunismo e da modernidade em várias partes do mundo (2012, p. 24-25).

Além disso, a valorização do interior, do campo, do camponês, em detrimento da cidade, da burguesia e da influência externa não foi novidade com os camisas-verdes. Tanto o fascismo italiano como o nazismo alemão se valeram dessas estratégias, exaltando a pátria, a origem, o simples e o nacional. Nesses, a glorificação da vida rural abraça um tom romântico anticapitalista, avesso à industrialização e à cidade (LENHARO, 1991, p. 67).

Ao educar o olhar e a mente das pessoas em relação a aspectos simbólicos e metafóricos, tais imagens se davam à leitura mais facilmente; e a AIB investiu pesado na divulgação de suas ideias por meio de imagens, acostumando a visão a certos elementos iconográficos. No campo de batalha do visual, no qual as revistas ilustradas predominavam, somente se valendo das mesmas armas e estratégias discursivas e imagéticas *Anauê!* poderia

ter alguma chance de cravar posição, realizando oposição ao discurso modernizante e salvaguardando seus simpatizantes da tentativa exposta por essas folhas revisteiras.

Pode-se também creditar essa conexão entre imagem e leitura ao que Ana Maria Mauad chamou de *círculo social da imagem*,⁴⁹ incluídos aí todo o processo de produção, circulação e consumo iconográfico (1996, p. 80). Nesse sentido, completa a autora, é possível restabelecer as condições de emissão e recepção da mensagem, bem como as circunstâncias sociais envolvidas em sua elaboração, o que contempla texto e contexto, permitindo entender o porquê as capas de *Anauê!* podem ser apontadas como eficientes no processo de transmissão da mensagem doutrinária.

Mauad, em outro trabalho, empresta mais um elemento valioso para se analisar imagens (2008, p. 33-50). Quando a autora fala de *engajamento* no olhar fotográfico, ou seja, na opção deliberada, na escolha direcionada e na influência ideológica do produtor do retrato, esclarece que nenhuma ação humana de produção social, política ou cultural é imparcial. Empregando tal concepção na observação do potencial comunicativo das imagens veiculadas nas capas da revista, é impossível discernir o produto iconográfico do suporte. Por se tratar de publicação integralista com a função principal de doutrinar a militância e novos leitores, não se pode desconsiderar a postura política e ideológica da AIB, que era amplamente divulgada por variados recursos comunicativos.

Portanto, a produção engajada das imagens que compuseram toda a série de capas de *Anauê!*, remete à configuração de uma gama de imagens em torno de determinados assuntos, acontecimentos, sujeitos, espaços geográficos, atitudes, podendo todos se cruzarem. As capas corroboram o processo de construção de identidades doutrinárias, religiosas, políticas e ideológicas, cujos consumidores se identificam ou, no mínimo, compreendem de maneira mais ou menos efetiva e afetiva a mensagem veiculada.

Embora haja grande dificuldade em se encontrar os significados das imagens e/ou as intenções do autor, não se pode crer na ideia de que isso torna a análise inviável. Joly defende que nem mesmo o autor domina toda significação da produção, pois esta se dá na *relação*, isto é, na ponte entre produtor e receptor. É necessário ter ciência da convenção sociocultural que existe nesse processo, o que pode oferecer mecanismos eficientes de análise e interpretação. A autora ainda indica dois caminhos profícuos: o estudo da função (como linguagem, ferramenta de comunicação) e do contexto de surgimento da imagem (1996, p. 40, 44 e 49-55). Assim, cercando-se de informações pertinentes ao objetivo do projeto, pode-se encontrar um veio de

⁴⁹ Na verdade a autora usa o termo *círculo social da fotografia*, mas aqui se entendeu que é perfeitamente possível se valer da ideia para analisar um desenho.

análise que permita decifrar o funcionamento das imagens em determinados meios, momentos e segmentos.

DUAS FASES DISTINTAS: ENTRE A DOCTRINA E A ELEIÇÃO

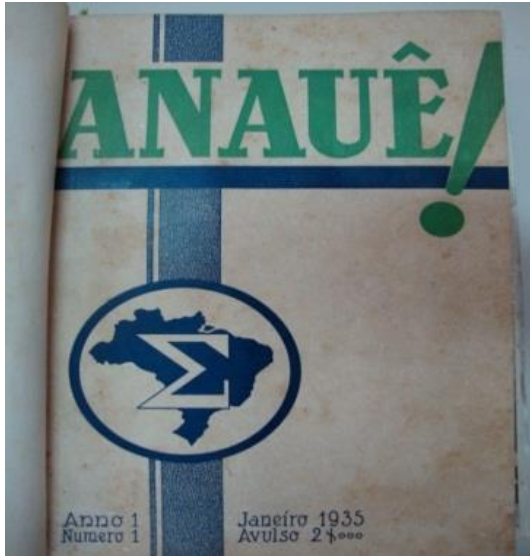
Na série de 22 capas, observou-se duas tendências principais no uso desse espaço de *Anauê!*, uma mais **doutrinária** e outra **eleitoral**, no encalço, portanto, de toda a imprensa integralista. A primeira se estendeu da primeira à décima segunda edição (jan. 1935 a set. 1936), sequência na qual os aspectos simbólicos e ideológicos foram movimentados com o intuito de dar visibilidade à AIB, ou seja, a doutrina e a orientação do militante foram os alvos principais nas escolhas, como provam as temáticas apresentadas pelas imagens veiculadas.

- Congressos da AIB (4)
- Anticomunismo (1)
- Expansão da AIB pelo Brasil (2)
- Defesa de elementos nacionais-nacionalismo (2)
- Blusas-verdes (1)
- Plinianos (1)
- Bandeiras integralistas (1)

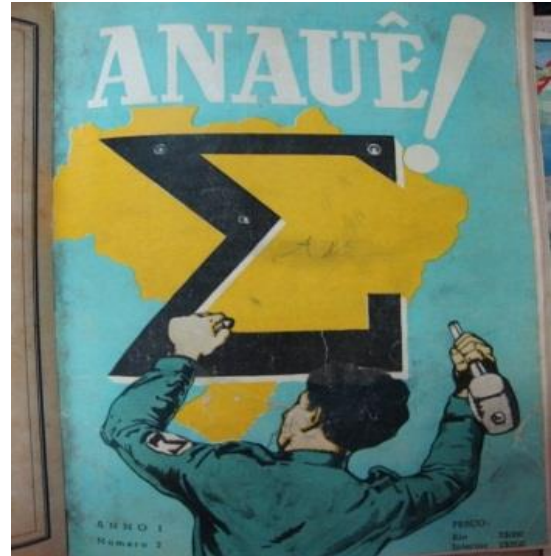
Todos esses eixos temáticos remetem à pregação da doutrina ao militante e à divulgação do movimento nacionalmente. Em nenhum momento houve maior preocupação em apresentar elementos mais populares, como festividades, datas comemorativas, feriados nacionais. Era, ainda, uma revista **dos** integralistas **para** os integralistas. As capas seguiram a tendência geral do conteúdo interno de *Anauê!*, priorizando a simbologia e a ideologia integralista – embora o anticomunismo tenha sido relevante internamente. Isso revela, já a partir das capas, como a revista, embora num primeiro momento não preocupada com o grande público, não conseguiu escapar a esse início estritamente doutrinário.

A primeira capa foi a mais asséptica de toda a série, sem explorar as cores e figuras, apenas com um pequeno mapa do Brasil do lado esquerdo, sobre o qual se estampava o Sigma. A segunda, de autoria de Oswaldo Teixeira, trazia o mesmo recado, mas dessa vez com abuso dos elementos gráficos modernos. Um jovem integralista pregava com suas próprias mãos o Sigma sobre o Brasil.

Figura 18: capas n°s 1 e 2



Anauê!, n° 1, jan. 1935



Anauê!, n° 2, mai. 1935

Ambas exploram a ideia do movimento se espalhando pelo país, levando a doutrina do Sigma para toda a população brasileira, embora a segunda seja mais enfática na demonstração de que para realizar tal empreitada seria necessária a participação do militante. Ademais, a edição n° 2 apresentou impacto visual mais coerente com a proposta da nova revista integralista. A imagem aí veiculada se tornaria famosa dentro do movimento, e estamparia a partir daquele momento diversos panfletos, cartazes e até objetos de decoração e de uso pessoal confeccionados pela AIB. Isso porque apresenta um jovem camisa-verde trabalhando pelo ideal no qual crê, produção esta inspirada no realismo heroico, estilo artístico de propaganda muito utilizado pelos movimentos políticos nos anos 1930. Com cores fortes, exalta o poder nacionalista no típico amarelo da nação, mas sem ofuscar a presença do militante ativo.

Estas duas capas abririam o caminho para que a mensagem doutrinária fosse transmitida, numa espécie de construção sógnica e simbólica de como a vitória integralista seria conquistada. Num primeiro momento, estampou o que deveria ser feito (espalhar a palavra do Chefe Nacional por todos os rincões do país – como alardeiam os dois exemplos acima); posteriormente, as capas dessa primeira fase apontaram para as ações e os agentes que poderiam contribuir enfaticamente no propósito maior. Numa observação atenta, identificou-se uma linha de pensamento elaborada pelas imagens das capas, nas quais o segundo passo foi destacar as atitudes dos camisas-verdes para a interiorização da doutrina.

Das seis capas seguintes, quatro se voltaram para congressos e uma para a ação das bandeiras de interiorização integralistas, das quais participava o diretor de *Anauê!*, Eurípedes de Menezes. Trata-se de evidente divulgação das manifestações dos camisas-verdes por todo o Brasil, num duplo viés de apresentar a força do movimento e de estimular militantes a fazerem o mesmo. Os Congressos eram espaços de divulgação da ideologia, de levar a palavra de Plínio Salgado à base, de elaborar as estratégias de ações da AIB e de orientação ideológica. As bandeiras, por sua vez, tinham o papel de levar a mensagem integralista para o interior, para a população mais afastada.

Figura 19: capa nº 3



Anauê!, nº 3, ago. 1935.

Na imagem da capa se lê “1º Congresso provincial de Guanabara”, sob o olhar cuidadoso do Chefe Nacional.

A própria redação explica a imagem, após apresentar seu novo ilustrador, Thompson Filho:

No alto saem de um facho chamas esverdeadas. É o “fogo verde” que o “minuano da pátria” sopra por todo o Brasil, segundo a expressão do Chefe Nacional, num memorável discurso. Ao centro, a reprodução da placa comemorativa do 1º Congresso Integralista da Guanabara. Trabalho plasmado em bronze por Thompson Filho e que representa aquela outra frase do Chefe: “E o Brasil despertou e marchou”.

Embaixo estilização de mais uma página do Chefe. É aí evocado aquele período d’O Esperado: “Quarenta milhões de brasileiros. 80 milhões de pés que marcham inexoravelmente...” (*ANAUÊ!*, nº 3, p. 53)

Figura 20: capas n°s 5, 7 e 8.



Anauê!, n° 5, dez. 1935

Anauê!, n° 7, jan. 1936

Anauê!, n° 8, mar. 1936

As quatro capas acima remetem aos congressos mais importantes dos integralistas naquele momento. A primeira destaca o 1º Congresso Integralista de Guanabara, no entanto, o interior daquela edição pouco mencionou esse evento, dando apenas uma nota curta e algumas fotos, o que revela descompasso entre a chamada de capa e o conteúdo interno. A edição de dezembro dedica-se ao Congresso de Blumenau, como fica explícito na capa. Ao contrário da anterior, esta veio recheada de fotografias do evento, ocupando grande parte do interior da revista. As fotos privilegiaram quadrantes focados em aglomerações, a fim de transmitir grandiosidade, a ideia de multidão, das fileiras crescentes do movimento.

Nesta edição é manifesta a similaridade dos gestual e das aglomerações integralistas com as atividades públicas nazistas. Num olhar desatento facilmente se acreditaria ver uma fotografia de nazistas louvando seu *führer*, dado os uniformes com insígnias gregas nas mangas das camisas e a posição dos braços esticados e inclinados levemente para cima. Quase é possível escutar bramidos de “Heil Hitler”, mas na verdade dali saíam três brados de “Anauê”, em respeito e cumprimento ao Chefe Nacional dos camisas-verdes.

Os números 7 e 8 focaram suas energias no Congresso Universitário de São João del Rey (MG). A capa de janeiro trouxe a Igreja de São Francisco, da cidade de São João del Rey, famosa por ser ornamentada pelo artista mineiro Antonio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Ela já remetia ao congresso que ocorreria a partir de 10 de fevereiro de 1936. Além disso, não à toa escolheram uma igreja para simbolizar a cidade, afinal, a doutrina

cristã estava por trás de toda a ideologia do movimento, sempre unindo os princípios morais religiosos ao comportamento exemplar de um militante.

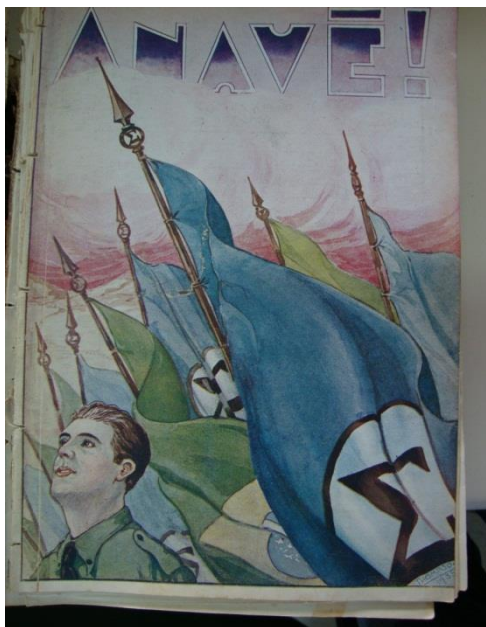
A edição seguinte traz um jovem camisa-verde uniformizado, carregando em um dos braços a bandeira do sigma e, com o outro, esforçando-se para salvar uma mão acorrentada. Remete à importância dos Congressos e bandeiras, que vão arrastando consigo sujeitos marginalizados e perdidos em meio aquele clima de tensão, seduzidos tanto pelo materialismo exposto nas revistas ilustradas, como pelas matizes estrangeiras perigosas. No caso, aí se inclinava ao povo mineiro, como bem explana a paisagem ao fundo, com muitas elevações, típica topografia de São João del Rey. No limite, o integralismo se apresentava como o salvador do povo brasileiro, imerso na ignorância informativa e educacional veiculada pela imprensa liberal. Esta edição também dedicou espaço interno ao evento, com fotos, relato e textos.

Ainda que o Congresso Universitário tenha sido amplamente divulgado e comentado pela imprensa verde, pôde-se observar que, mais uma vez, os integralistas esconderam informações dos leitores quanto à realização do evento. Este não ocorreu devido à proibição imposta pelo Estado de sítio, que não permitia eventos políticos em espaços abertos. Ainda assim, o delegado da cidade, Oswaldo Machado, permitiu a realização do congresso mediante duas exigências: que ninguém portasse armas de fogo e que se realizasse em ambiente fechado. Entrementes, Plínio Salgado divulgou uma nota elucidando sobre o ocorrido com palavras duras ao delegado que, por sua vez, cancelou o Congresso totalmente. Plínio regressou ao Rio de Janeiro no dia seguinte (11 de fevereiro), e o chefe municipal da AIB, José Sabá, foi preso (*CORREIO DA MANHÃ*, 12 fev. 1936, p. 3 e 5; *A NOITE*, 11 fev. 1936, p. 9).

Anauê! tratou diretamente do evento em dois artigos, um de Ernani Silva Bruno (nº 8, p. 1-3) e outro de Aben-Attar Netto (nº 8, p. 9-10), ambos elogiando a cidade, o povo mineiro, as belezas da geografia e o sucesso do congresso. Em nenhum momento mencionaram os contratempos com o delegado Oswaldo Machado e, tampouco, a não realização do evento. Pelo contrário, decidiram descrever como foi a chegada do Chefe, a multidão que o seguia e seu discurso na sacada do hotel. Típica conduta de *Anauê!*, elencou os elementos mais emotivos, impactantes, para representar o congresso, focando na fidelidade dos militantes, ou melhor, na tietagem destes em relação ao Chefe, além do discurso proferido no Hotel. Não importava à revista se o congresso não tinha se realizado, mas sim os aspectos simbólicos que marcavam a força do Chefe frente a seus seguidores.

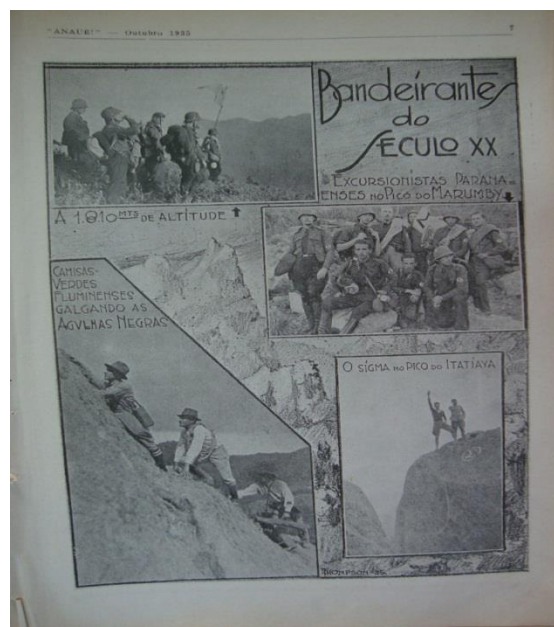
Mais uma vez fica explícito como a propaganda política da AIB servia, de fato, para propagar uma determinada visão de mundo, um viés recortado da realidade, obnubilando percalços que poderiam diminuir a importância de seus feitos.

Figura 21: capa nº 4



Anauê!, nº 4, out. 1935

Figura 22: bandeirantes do século XX



Anauê!, nº 4, out. 1935, p. 7

O 4º exemplar de *Anauê!* deu ênfase à atuação das bandeiras integralistas. As fotografias internas à edição mostram “bandeirantes do século XX”, carregando o sigma nos braços, ultrapassando obstáculos, escalando íngremes acidentes geográficos, atingindo o cume de montanhas, tudo para demonstrar o esforço do movimento em resgatar a nação e seu povo do esquecimento ao qual eram expostos. Mostra que a solução para o Brasil estava na sua interiorização e na sua integração, tarefa que as bandeiras verdes vinham cumprindo como tentam provar as imagens veiculadas.

Quanto à capa, novamente a questão doutrinária se destaca. Um rosto jovial trajando uniforme verde, amparado por diversas bandeiras do sigma e do Brasil, reporta à ação. Isto é, a imagem valoriza a juventude como peça fundamental para a transformação do país, para a marcha revolucionária conduzida pela AIB, na qual a pátria é o foco e o nacionalismo sentimento indispensável. Nesta edição, como era comum, o recurso fotográfico aparece como veredito de verdade, de expansão e engajamento dos camisas-verdes, vencendo todos os obstáculos para levar a palavra do Chefe a todos os brasileiros. Mesmo trajeto de cooptação foi empregado pelo nazismo alemão, com apelo à iconografia e aos simbolismos do nacional

socialismo, como se observa nas imagens abaixo. Aí a juventude é exposta como ferramenta indispensável ao Chefe nazista, que conta com sua força e fidelidade.

Figura 23: força da e apelo à juventude nazista



Fonte: WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda*. New York: Routledge, 1995.

Legenda da primeira imagem: “Esta mão (de Hitler) orienta o Reich: juventude alemã a segue dentro das hostes da juventude hitlerista”.

Legenda da segunda imagem: “Juventude serve ao *Führer*. Todos de 10 anos de idade juntem-se à juventude hitlerista”.

Figura 24: capa nº 6



Anauê!, nº 6, jan. 1936

Apenas a sexta edição desviou do eixo temático dessa sequência, trazendo estampada a figura do tradicional Papai Noel sendo expulso por um jovem integralista uniformizado. Aí o teor nacionalista do movimento se revelou como protagonista, ancorado na repulsa aos simbolismos estrangeiros. A escolha dessa mensagem, em detrimento da linha que vinham seguindo, é totalmente compreensível, posto que o Natal se tratava (trata) de uma comemoração bastante popular. Contudo, não é totalmente deslocado tal desenho, já que a figura do jovem uniformizado de novo toma frente nas ações de defesa do nacional, iluminado por um sol marcado pelo sigma. Era a luz-guia ideológica que comandava em prol da pátria a ação dos brasileiros.

Todos os desenhos das edições entre os números três e oito foram elaborados por Thompson, com exceção às capas de dezembro de 1935 (nº 5)⁵⁰ e de janeiro de 1936 (nº 7), que estamparam fotos referentes a congressos, ocorridos em Blumenau e São João Del Rei, respectivamente.

Após a demonstração de força por meio de congressos e bandeiras e das ações efetivadas pelos camisas-verdes, as capas da revista passaram a se dedicar a outros elementos, tais como o anticomunismo, as mulheres e as crianças. Isto é, primeiramente apontaram o objetivo (espalhar a doutrina), depois as formas coletivas de se realizar a tarefa (congressos e bandeiras) e por fim os agentes que, em grupo, integrados, concluiriam o trabalho (integralistas, mulheres, juventude e crianças), lutando sempre contra os inimigos da nação (o comunismo e os estrangeirismos). De maneira simplificada, portanto, a revista valeu-se das imagens de capa para produzir um sentido em sua atuação dentro da AIB e da sociedade brasileira. Sentido este estritamente doutrinário.

A edição nove trouxe a visão que a AIB repassava sobre o comunismo, bastante incisiva e agressiva (já analisada). Já dentre as três subsequentes, duas capas apostaram na doutrinação das chamadas blusas-verdes (nº 10) e dos plinianos (nº 12), ao passo que uma apostou na tarefa de todo camisa-verde quanto à vigília e proteção do Brasil (nº 11). O integralismo tinha uma ideia própria sobre a família e se dedicou em muitos veículos de informação a este assunto. Assim, não poderia se esquecer das mulheres e das crianças, apontadas como sujeitos importantes para a organização do movimento, para a organização da família cristã e integral. Como se viu até aqui, há evidente similitude entre as maneiras de atuação propagandística dos fascismos europeus e do integralismo brasileiro. Os temas, os

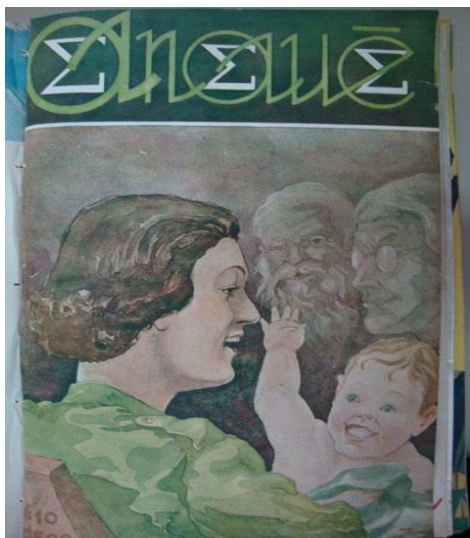
⁵⁰ No mês de dezembro de 1935 *Anauê!* tornou-se quinzenal – no oitavo número voltou a ser mensal -, o que permitiu, portanto, a publicação dessa edição referente ao congresso e em seguida a capa dedicada à expulsão do Papai Noel.

alvos, os gestos, as formas, os símbolos, em conjunto, representam quase que uma cópia da ritualística fascista, o que se repete quanto à família, às mulheres e aos plinianos (ver ADAM,1995, p. 129-175).

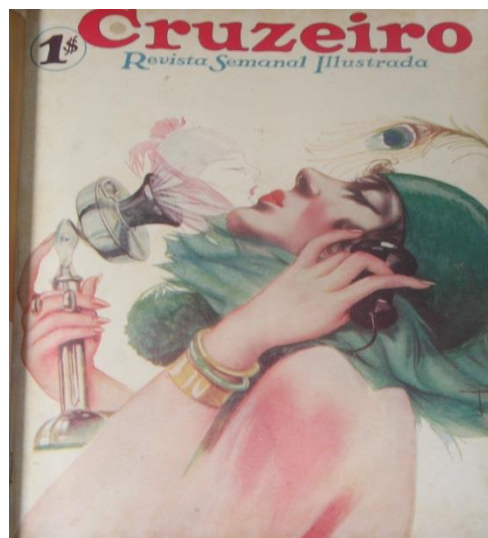
Na décima edição apareceu uma blusa-verde com um bebê no colo, o que já insinuava o papel feminino pregado pelo integralismo, o de esposa e mãe dentro da família. Ao fundo, homens observam e velam a enternecida relação entre mãe e filho, o que simbolicamente deixa espaço para entender que a presença masculina era importante para dar proteção e subsídio ao lar, para que a esposa cumprisse com dignidade sua função. Em oposição à maneira como os outros meios de imprensa falavam sobre o estilo de vida feminino (moda, comportamento, beleza – mas num tom de libertação), os periódicos integralistas procuravam educar a mulher, elencar quais seriam suas funções e como deveria se vestir e comportar. Muitas vezes culpavam os novos hábitos femininos como responsáveis pela entrada do comunismo nos lares. Na verdade, a AIB pregou uma noção moralista e cristã no que concerne à ala feminina do movimento, manifestando conservadorismo e certo machismo ao tratar da questão. Como observou Renata Simões, buscavam a educação intelectual, física e moral da mulher, na qual era apontada como professora, enfermeira, esposa e mãe (SIMÕES, 2006, p. 9).

As duas primeiras imagens abaixo contrastam para demonstrar os rumos diferentes adotados por *Anauê!* e pelas revistas ilustradas – no caso *O Cruzeiro* – quanto à orientação comportamental feminina. Ao passo que a revista verde optou pela mulher tradicional, mãe, sem maquiagens chamativas e enfeites, o periódico de Chateaubriand estimulava a mulher moderna e independente, sem vergonha de si e do julgamento alheio, com batom vermelho, acessórios, rosto corado por maquiagem, perfumada e ombros e costas de fora, numa atitude ativa e autônoma.

Figura 25: capas de *Anauê!* e *O Cruzeiro*

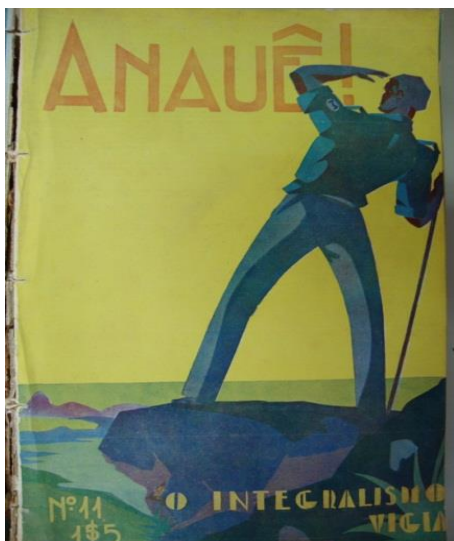


Anauê!, nº 10, mai. 1936



O Cruzeiro, nº 14, fev. 1929

Figura 26: capas nºs 11 e 12.



Anauê!, nº 11, jul. 1936



Anauê!, nº 12, set. 1936

Na edição de julho de 1936, o nacionalismo foi tema novamente, uma vez que as cores nacionais foram destacadas (amarelo, azul e verde) no ambiente litorâneo ocupado por um camisa-verde – com o sigma no braço - atento ao horizonte. Ora, fica mais que óbvia a ideia de proteção das fronteiras brasileiras contra as invasões estrangeiras, fossem elas ideológicas, culturais, mercadológicas ou políticas. E cabia ao integralista zelar pela defesa do país, cuidando do litoral para que o interior (verdadeiro espaço nacional) não fosse contaminado. O comunismo, o liberalismo e toda sorte de ideias externas deveriam ser impedidas de invadir a

pátria. Desta vez olhando para fora, o integralismo pretendia preservar o lado de dentro, as raízes e tradições do país.

De maneira geral, portanto, pode-se afirmar que a primeira fase da revista *Anauê!*, por meio da análise de suas capas, trabalhou no campo da doutrinação, voltada para o militante e não para público amplo, embora a proposta de uma revista ilustrada dos integralistas tenha se transformado com a adoção da via eleitoral pelo movimento, com o propósito de ampliar a rede de leitores por conta dos interesses políticos de Plínio Salgado. Em grande parte delas é inequívoco o traço antimoderno que, tomado em perspectiva ampla, expressa conjunto de valores longe de ser uma criação local, compartilhando princípios estéticos em âmbito internacional. Essa característica não desapareceria sob a égide de Hasslocher, porém as temáticas foram mitigadas de acordo com os novos interesses da AIB.

Na nova gestão, houve certo impacto das novas diretrizes, o que se revelou nas capas, que minoraram os aspectos doutrinários (sem abandoná-los) em prol de temas variados. Essa segunda fase contou com dez edições, circulando rigorosamente todo mês, sendo que em dezembro daquele mesmo ano apresentaria seu último número.

Independente disto, ficou aparente as novas intenções da revista, que apresentou novas seções, passou a tratar de assuntos diversos, praticamente dobrou seu número de páginas e investiu nas fotografias. Com relação às capas, não mais se fez propaganda de congressos nem exagerou nos signos integralistas, dando mais visibilidade a datas comemorativas gerais, eventos históricos e, claro, às eleições. Em linhas gerais, optou-se por classificar desta forma as temáticas da segunda fase:

- Comemorações e eventos nacionais (2)
- Eleições (4)⁵¹
- Defesa de elementos nacionais-nacionalismo (3)
- Anticomunismo (1)

Evidentemente, o interesse por trás de todas as capas era eleitoral, mas não podia se prender apenas a este ponto. Para conseguir mais adeptos para as fileiras verdes, o caminho era variar. Essa diversificação era algo pouco visível durante a gestão de Eurípedes, sendo *Anauê!* carregada no teor doutrinário. O principal desenhista desse período, Thompson Filho,

⁵¹ Uma das capas aí incluídas poderia ter sido selecionada para novo grupo (episódio histórico), já que não apresentou claramente referência às eleições, mas em virtude do conteúdo de *Anauê!* naquela edição, ficou explícito que a reprodução da tomada da Bastilha em 1789 era a demonstração das mudanças que um processo revolucionário poderia causar. Como insistentemente pregou a AIB depois que se tornou partido político, a grande revolução viria por meio do voto.

também marcou as capas da primeira fase com traços mais pesados, enfáticos, apontando com mais agressividade os ideais dos camisas-verdes.

Por isso, logo na primeira edição da segunda fase apareceu o rosto de um indígena, de perfil, sem referências a mais nada, a não ser a natureza que o cercava. Já ficava perceptível que o impacto das capas seria menos incisivo naquele momento, buscando amenizar o tom para ampliar seu mercado. Por outro lado, evidente que não abandonariam a questão doutrinária, bem como orientava o Congresso de Imprensa. Continuavam a doutrinar, mas com recursos menos agressivos. O índio mais uma vez aparecia como símbolo da nacionalidade e da pureza do interior, mas dessa vez não sendo apunhalado pelas costas. Era novamente utilizado com o intuito de apreciar a origem do Brasil, de fomentar aquela máxima pliniana de que o sangue tupi estaria disseminado entre as raças que compunham a miscigenação típica do brasileiro.

Isso não significa, porém, que imagens fortes não circulariam. Na verdade, foi apenas uma em toda a segunda fase que teve tons apelativos. Foi justamente a subsequente ao indígena supracitado. Um anjo descia do céu com um sigma reluzente sobre sua cabeça, iluminando o cenário horrendo abaixo de si: corpos sobrepostos, mutilados, embebidos em sangue. Note-se que a cor vermelha predomina na parcela inferior do desenho, onde está o caos. Pode-se aventar que seja uma referência ao comunismo, doutrina apontada como violenta e assassina pelos integralistas. Isto é, os que estão nas hostes de Moscou, vivem caoticamente. Por isso o anjo integralista aparece trazendo a luz que abaterá as trevas, ocupando a parcela da página na qual predominam as cores da bandeira nacional (amarelo, azul e verde). A palavra “Anauê!”, surge como uma flecha que cai do céu, apontando para os corpos como uma arma celestial que abateria o mal. Assim, uma ideologia pretensamente nacional salvaria o Brasil de uma estrangeira e ineficaz.

Figura 27: capa n°s 13 e 14



Anauê!, n° 13, mar. 1937



Anauê!, n° 14, abr. 1937

Dos quatro grupos temáticos elencados nesta segunda fase, o que apresentou sequência significativa, sem interrupções, foi “Eleições”. Entre julho e outubro de 1937, quatro capas apresentaram signos que remetiam às pretensões eleitorais da AIB. Duas com referências diretas ao pleito (n° 18 e n° 19) e as outras com remissões a aspectos simbólicos (n° 17 e n° 20).

Em agosto e setembro de 1937 as capas apresentaram claramente iconografias relacionadas à disputa eleitoral. A primeira, com abuso de cores fortes e vivas, trouxe Plínio Salgado uniformizado e de perfil, entre as bandeiras do Brasil e do Integralismo, numa referência a um possível comando da nação ancorado na ideologia dos camisas-verdes. Encontrava-se à frente de um redondo sol nascendo, indicando mais que o início de um novo dia, mas o de nova era sob o comando do Chefe Nacional. A segunda, mais explícita, ocupou a capa em dois planos distintos. Na parte superior, integralistas uniformizados montados em cavalos brancos empunhando a bandeira do sigma, cuja mensagem impõe ação dos militantes, como heróis em campo de batalha. Abaixo, o recado mais claro, quase imposição aos eleitores, estimulando-os a votar no candidato integralista. Ao mesmo tempo didática e doutrinária, a imagem representa braços uniformizados com cédulas marcadas com o sigma, prestes a serem introduzidas na urna. Ou seja, a batalha dos integralistas era no campo eleitoral.

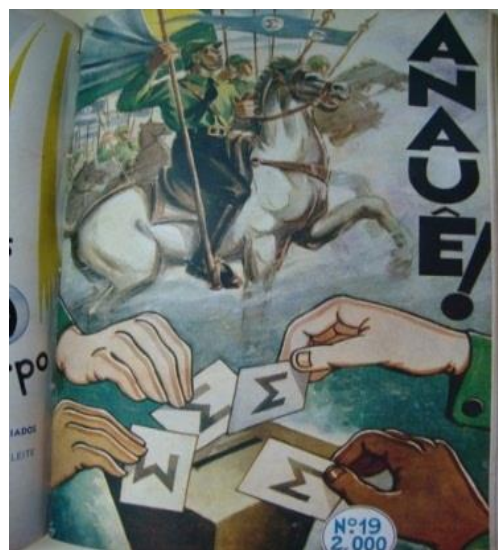
É evidente, nesse sentido, como *Anauê!* mudou sua forma de atuação, não mais privilegiando aspectos puramente doutrinários, mas atendendo a demandas do partido, muito

embora o mesmo não se responsabilizasse pela revista. Mais que isso, rendeu-se ao jogo posto pela democracia liberal, baseada no sufrágio, para alcançar seus objetivos. Se a revolução não poderia ser levada a cabo antes da conquista do poder, o integralismo optou jogar nas regras para então, posteriormente, impor suas propostas de transformação. Além disso, a AIB não batia de frente com o governo Vargas de forma escancarada, para evitar perseguições e censura, o que lhe restava, portanto, atuar de forma mais amena e simbólica, tal como fazia a revista *Anauê!*.

Figura 28: capas nº 18 e 19



Anauê!, nº 18, ago. 1937



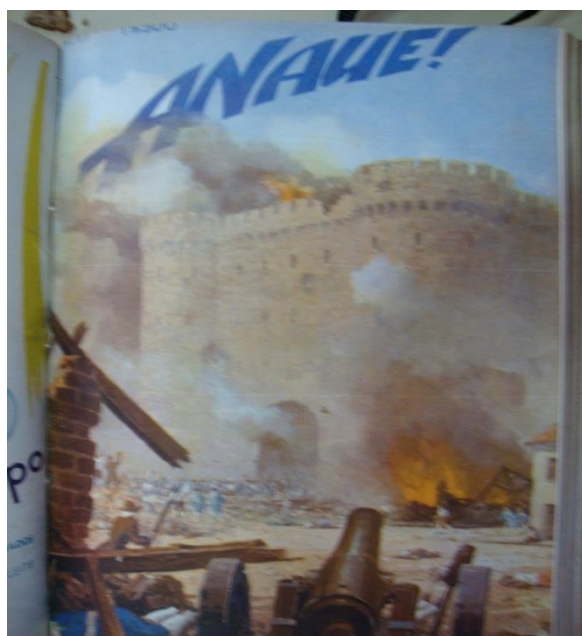
Anauê!, nº 19, set. 1937

De forma menos direta, outras duas capas aludiram à eleição. A primeira trouxe a Bastilha francesa sendo tomada entre balas de canhões, o que demonstra a força de uma revolução (ver nota 51). E como mais tarde deixou claro, a revolução integralista seria nas urnas (ver capa nº 19 acima). Em outubro, a referência se deu por meio da comparação entre Plínio e um herói nacional, Tiradentes. Rogério Souza Silva lembrou que tal equiparação não foi novidade e que já havia acontecido na própria revista, na edição que tratou do Congresso Universitário de São João Del Rei (2005, p. 77-78), afinal, sempre tentavam apontar o Chefe como um herói do mesmo nível dos conhecidos personagens da história do Brasil.

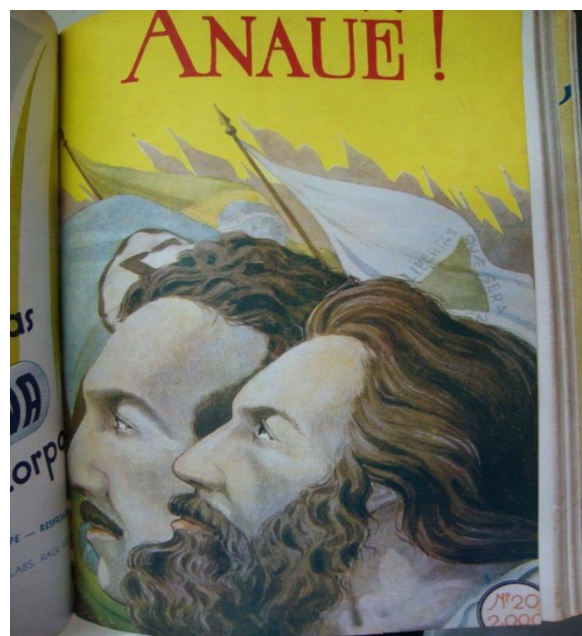
Percebe-se que a AIB, para conseguir a manutenção de seu partido e ideal, transformou a noção de revolução que pregava no início do movimento, para adequá-lo a sua nova configuração, a de partido político, que lutava nas urnas pelas suas conquistas. Assim, o militante, o herói fardado e montado num cavalo branco, faria a revolução via democracia, elegendo o novo presidente da República.

Na imagem o Chefe e Tiradentes aparecem lado a lado, com as tropas atrás empunhando bandeiras nacionais, da AIB e de Minas Gerais, como se estivessem na mesma luta, unidos pelo mesmo ideal, irmãos que entregariam a própria vida se necessário fosse para livrar o país de incursões externas. Se Tiradentes tentava proteger sua terra dos abusivos impostos portugueses, Plínio procurava blindar a nação contra as ideologias internacionais. Percebe-se que há, realmente, as mesmas estratégias propagandísticas dos fascismos europeus. Se o nazismo usava como ninguém a história, as raízes nórdicas e os heróis do passado, o integralismo não fez por menos, sempre apontando Plínio como a reencarnação do messias salvador, o líder carismático que levaria à criação da Quarta Humanidade por meio da revolução, a revolução do voto e do espírito.

Figura 29: capas nºs 17 e 20



Anauê!, nº 17, jul. 1937



Anauê!, nº 20, out. 1937

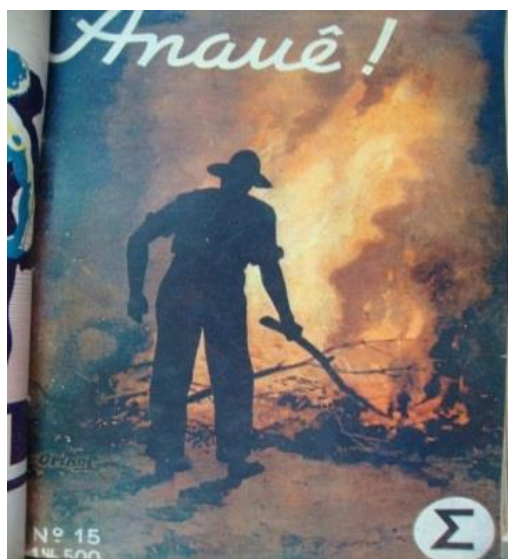
Destacou-se também o espaço concedido a datas comemorativas, como a festa de São João e o dia do trabalho. A primeira imprimiu um balão com a marca do sigma, ao passo que a segunda estampou um homem de costas, tentando apagar um incêndio numa floresta. Embora na edição que homenageou a festa junina a insígnia integralista tenha aparecido, o foco principal foi o balão, o que, pode-se imaginar, tenha chamado atenção dos leitores comuns no mercado editorial. Na segunda não ficou tão claro que se tratava de uma edição em homenagem aos trabalhadores, mas o espaço reservado às palavras oficiais da revista (numa espécie de editorial), afirmava que naquele mês *Anauê!* se dedicava a eles:

Anauê! dedica este seu numero de maio ao trabalhador do Brasil. Queremos com isso testemunhar mais uma vez o sentido fundamentalmente trabalhista do movimento do sigma, do qual essa revista procura ser uma voz sincera e entusiasta, entre as inúmeras vozes que o enaltecem e o indicam à consciência cívica da Nação.

Esta data de 1º de maio dá-nos oportunidade para focalizar certos aspectos do problema do trabalho, cujos termos definitivos terão que ser por nós colocados, se pretendermos encontrar solução real para o problema da organização social (...) (*ANAUÊ!*, nº 15, p. 9, mai. 1937).

Como se vê abaixo, as florestas, símbolos da natureza brasileira, da originalidade da terra, com raízes fincadas em solo brasileiro, pega fogo, sendo destruída por forças avassaladoras. Um homem solitário tenta apagar as labaredas, num trabalho duro que, em grupo seria mais eficiente. Talvez, aí, se manifeste o ideal de organização do trabalhador, que deve ser orientado para que seus direitos sejam atendidos, assim contribuindo para fortalecer a nação, salvando-a dos males que a consomem.

Figura 30: capas nºs 15 e 16



Anauê!, nº 15, mai. 1937



Anauê!, nº 16, jun. 1937

Por fim vale apontar que as duas últimas edições da revista mudaram a temática em relação ao que vinha se fazendo até então. Se as capas (nºs 17, 18, 19 e 20) posteriores a estas expostas acima miravam as eleições (como apontado), há de se perceber sensível desvio nos últimos meses de *Anauê!*, muito em função do cenário político, como se pode observar na figura 31 abaixo. Algumas conversas entre homens de Vargas e Plínio Salgado, desde setembro de 1937, já desenhavam um possível golpe, no qual o Chefe dos camisas-verdes recebia garantias de que a AIB seria a base ideológica do novo regime (VICTOR, 2012, p. 49-

50). Sintomático o fato da última capa com exposição da figura de Plínio ter saído em outubro, pouco depois do início das suas conversas com o governo. As edições eram fechadas no mês anterior de circulação e iam ao mercado nos últimos dias do mês de produção ou no início do seguinte. Assim, bem provável que a edição de outubro não tenha sido alterada ou por falta de tempo, ou por ainda não haver uma definição de Plínio quanto ao caminho a seguir.

No entanto, depois das conversas pessoais de Vargas e Salgado (outubro de 1937), *Anauê!* não mais discutiu a candidatura do Chefe e menos ainda expôs sua figura em imagens ou fotografias como candidato. Interessante também que, no espaço parecido com editorial, foi a primeira edição (nº 20) – após a escolha de Plínio como candidato da AIB e sua aceitação no mês de junho de 1937 – em que não se debateu o pleito presidencial e não se exaltou a figura do Chefe como presidenciável. Fica claro, portanto, que a cúpula dirigente da AIB começava a mudar de postura, crente que assumiria posição de destaque no novo regime, por isso orientou sua imprensa a mudar o tom das publicações.⁵² Pelo menos nos grandes periódicos verdes foi perceptível essa transformação no discurso, o que revela as novas intenções do integralismo. Inclusive, a maior justificativa para a formação do Estado Novo foi o Plano Cohen, elaborado pelo chefe do Serviço Secreto da AIB, Olímpio Mourão Filho, que anunciava uma conspiração comunista de grande escala.

Há de se observar, ademais, que à despeito das capas que retrocederam, internamente, na edição nº 21, *Anauê!* manteve o militante alerta à questão eleitoral, com referências à importância do voto e estimulando os camisas-verdes a providenciarem seus títulos eleitorais. Por outro lado, o conteúdo não mais referenciou Plínio como candidato. Veiculou fotos de eventos e palestras de líderes, louvando o sucesso de público, mas não apontavam a eleição como foco. Tal postura revela certa artimanha política da AIB, que amainou o discurso, mas não se absteve totalmente de explanar a força eleitoral que acreditava possuir. Como Plínio só retiraria oficialmente sua candidatura em novembro, quando esta edição já estava circulando, optaram por abrandar sem se entregar totalmente.

Nesta edição de novembro, penúltima a aparecer nas bancas, foi estampada a imagem de um sertanejo montado a cavalo (perceptível virada de tema na capa). Voltou à baila, pois, a temática nacionalista, deixando as eleições de lado. Grande parte do conteúdo interno tratou do Nordeste, com destaque dado a uma reportagem sobre as paisagens daquela região, além da presença de Gustavo Barroso em várias cidades do sertão nordestino naquele mês. O ideal

⁵² Nem mesmo o órgão oficial do movimento, o *Monitor Integralista*, circulou mais depois de outubro de 1937, não dando qualquer explicação da retirada da candidatura de Plínio.

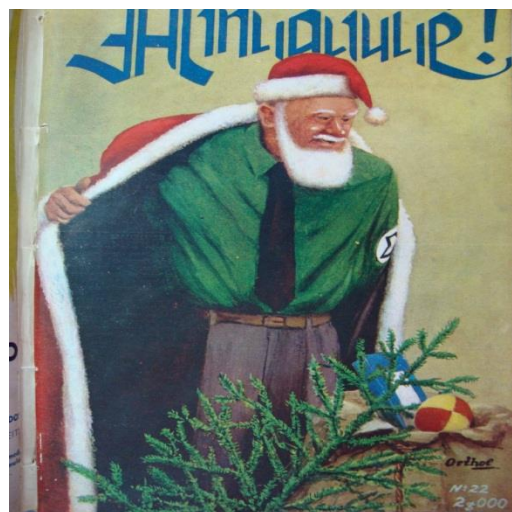
de homem brasileiro voltava a ser representado como o sertanejo nordestino, síntese da miscigenação qualitativa a qual os integralistas desejavam. E a derradeira edição, nº22, mais uma vez optou por representar o Papai Noel tradicional como figura estranha ao integralismo e ao nacionalismo. Um senhor é apresentado com o uniforme integralista sob a fantasia do “bom velhinho”, retirando a roupa vermelha como se revelasse a verdadeira face do espírito natalino: a face nacionalista trajando verde.

Nota-se perfeitamente como estas duas capas voltaram-se para temas aleatórios, esquecendo totalmente a questão eleitoral que vinha sendo seu mote nas últimas edições. A doutrina voltou a ser veiculada por meio de elementos nacionalistas, o que não poderia deixar de acontecer numa revista ilustrada partidária e ideológica, mas o pleito presidencial não foi abordado em ambas.

Figura 31: capas nº 21 e 22



Anauê!, nº 21, nov. 1937



Anauê!, nº 22, dez. 1937

Na última edição a AIB foi apresentada como parceira de Getúlio no golpe que culminou no Estado Novo, com seguidas referências de homenagens ao presidente da República, proferidas até mesmo por grandes figuras integralistas, como Miguel Reale. Isso demonstra a virada na posição do partido do Sigma, que buscou rapidamente se adaptar ao novo cenário, o que não terminaria bem, como comprovou a tentativa de ataque a Vargas empreendida por integralistas, em 1938, e o exílio de Plínio Salgado.

O último número de *Anauê!* foi às bancas no dia 1º de dezembro de 1937, crendo que continuaria a divulgar a mensagem do Sigma no ano seguinte. Contudo, como se sabe, o Decreto-Lei daquele mesmo mês pôs fim à história da revista mais importante da imprensa integralista nos anos 1930.

A divisão em duas fases obviamente não é hermética, já que numa publicação do estilo de *Anauê!* fica difícil estabelecer padrões estanques. Contudo, debruçando-se sobre a história política do momento e a própria história da AIB, somado o esforço de compreensão do objeto, pode-se estabelecer parâmetros confiáveis de análise. É seguro afirmar que as duas fases da revista foram doutrinárias, embora na segunda o foco tenha se ampliado e o objetivo maior fosse a eleição presidencial. Essa diferenciação está ligada à mudança de direção e às cobranças da chefia da AIB quanto à atuação de sua imprensa, como comprovou o Congresso de Imprensa Integralista.

Obviamente, as análises aqui expostas não partem apenas das capas da revista, ignorando seu suporte, produtores e interesses. Seria ingênuo imaginar que as mensagens transmitidas pelo conteúdo iconográfico das capas são independentes, especialmente tratando-se de uma publicação declaradamente política e doutrinária. Porém, abordá-las de maneira individualizada (e não separadas de seu suporte) pôde revelar muito sobre as intenções ideológicas e sobre as práticas de imprensa no período, o que ajuda a entender como as novas tecnologias de produção de imagem, impressão e diagramação, permitiram a expansão do periodismo entre muitas camadas sociais, influenciando no jogo político e no comportamento social.

Estudar a imprensa contemporânea é encarar a multiplicidade de códigos em um mesmo espaço (textos, fotos, desenhos, cores, diagramação etc). E como explica Ana Cristina T. da Silva, as capas das revistas reúnem muitos desses códigos, sendo parte esmerada na produção das edições, o que as transformam em momentos sintéticos do que querem para si (2003, p. 69). As capas de *Anauê!* em suas duas fases demonstraram bem o que pretendiam, imprimindo no rosto da revista o resumo imagético da doutrina e do objetivo. Num momento em que a política se tornou espetáculo, *Anauê!* encarou o desafio de inovar o padrão jornalístico da AIB, obtendo relativo sucesso, embora não sem percalços.

Basta dizer, portanto, que a revista utilizou sua “porta de entrada” não apenas como ornamento, mas como uma ferramenta de propaganda doutrinária, dentro das concepções de Benjamin sobre a estetização da política, presentes nos movimentos fascistas europeus (2012). Nas capas o conteúdo doutrinário foi expressivo na primeira fase e os interesses políticos-eleitorais predominantes na segunda. Foi a partir delas que a educação do olhar começou, seja

para orientar e proteger o militante da imprensa grande ou para atrair o novo leitor com suas modificações.

2.4 Seções: segmentação do conteúdo

À reboque das inovações presentes nas capas, com as cores e imagens em profusão, o conteúdo interno de *Anauê!* também revela uma historicidade própria, marcada por inconstâncias na diagramação, na periodicidade, na colaboração de autores e no estilo. Atentar para esses detalhes internos é de suma importância para o entendimento da dinâmica de um periódico, já que podem revelar as intencionalidades dos grupos dirigentes, além das mudanças de fases e perspectivas de acordo com a estruturação do conteúdo proposta. As escolhas de fotos, páginas, seções, recortes etc., apresentam-se como momentos de definição, instantes de revelação ideológica de um veículo de comunicação, portanto elementos bastante importantes para sua compreensão.

A observação atenta das seções de *Anauê!* oferecem inúmeras dicas sobre seu gerenciamento e objetivos ao longo de suas 22 edições. Assim como nas capas, o interior da revista acusa as dificuldades enfrentadas pelos dirigentes em sua primeira fase, tal como o esforço em modificar na segunda. Ao mergulhar nas seções, confirma-se a tendência doutrinária de *Anauê!* durante a gestão de Eurípedes C. de Menezes, com destaque para a manutenção irregular das seções levadas a cabo nesse período.

À despeito dos problemas, importa salientar que o apelo a seções se devia à própria característica de *Anauê!*, que se pretendia ilustrada e variada. Tal como qualquer revista de variedades do período, ela procurou inovar e diversificar com o intuito de, quando não abranger camadas e grupos sociais mais amplos, pelo menos manter seu público militante, sendo as seções opção potencialmente eficazes para isso. Contudo, como ficou patente nos revezes administrativos, num primeiro momento ela não soube se valer desse estratagema, trabalhando essa variação de maneira bastante instável.

Na verdade, é até mesmo difícil identificar as seções nas páginas desse primeiro momento, posto que mudavam de nome e de caracterização gráfica sem qualquer explicação. Uma leitura apressada às identificaria como artigos soltos nas páginas, afinal, além da não manutenção periódica do espaço na publicação, a própria revista chegava ao mercado sem constância. Era sempre uma surpresa a data de circulação de *Anauê!* em sua primeira fase, sendo divulgada apenas em outras publicações integralistas o mês em que chegaria ao

público. Isso dificultava a manutenção de seções e de responsáveis por elas, pois era preciso primeiro acertar a gerência do periódico para somente depois estrutura-lo internamente. O próprio quadro de colaboradores já indicou o problema em manter seção fixa, posto que foi muito difícil conservar os nomes que contribuíram.

No levantamento aqui realizado identificou-se 19 seções ao longo das 22 edições publicadas, sendo que dez apareceram sob a direção de Eurípedes e as restantes na gestão de Hasslocher. Há clara diferença entre os dois momentos. As seções da primeira fase foram, em sua maioria, de curta duração e inconstantes, ao passo que na segunda percebe-se a padronização desses espaços, com assuntos específicos, estilo próprio e periodicidade regular. Abaixo é possível visualizar todas as seções elencadas.

Quadro 12: as seções de *Anauê!* (1935-1937)

SEÇÃO	EDIÇÕES	RESPONSÁVEL	CONTEÚDO
Pliniana	1, 7, 9, 11, 12	Apenas a primeira teve autor: Mauricio Braz de Araujo	Orientações aos jovens e crianças. Fotografias de crianças.
Cinematográfica*	1, 6, 12	Vários	Críticas sobre o papel desempenhado pelo cinema na sociedade.
Revista dos Livros	2, 3, 4	---	Livros e breves resumos.
Notas Sociaes (Sociaes)**	3, 4, 9, 11	---	Notas sobre casamentos, aniversários, nascimentos e falecimentos.
Brasileiros!	3, 4, 5, 6, 7, 8	---	Divulgação dos Laboratórios Raul Leite
Bibliografia Integralista***	3, 10	---	Livros integralistas
Anauê! Apresenta****	3 a 22	---	Anúncios de profissionais liberais (médicos, dentistas, professores e advogados)
Moda	5, 7, 8, 9, 10, 11	---	Vestidos com moldes e modelos.
Sports	9	---	Defesa de corpo e mente sã.
Nossa Casa	9, 11	---	Projetos de arquitetura para casas.
Cartophilia	13 a 21	---	Voltada para trocas de informações e pedidos entre leitores da revista
Curupira	13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21	Vários	Contos infantis, desenhos, educação.
A Vida das Sombras	13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21	Vários	Resenha crítica de filmes e listagem de filmes em exibição.
Senhora	13 a 21	Nilza Perez	Crônicas, críticas ao feminismo, dicas de moda, beleza e cozinha.
Sintonizando	13, 14, 15, 16, 18	Vários	Críticas e notas sobre o rádio
Synthese das	13 a 21	---	Resumo mensal dos principais

Actividades Integralistas			feitos do movimento.
Theatro	13 a 21	Sergio Benevenuto	Críticas sobre peças teatrais.
Artes	14, 15, 16, 17, 18, 19, 21	Tedesco Jr.	Comentários sobre música, concertos, obras de arte e teatro.
Internacional	14 a 21	---	Cenário internacional, com elogios aos fascismos e críticas ao comunismo.

* "Cinema" (nº 6) e "Cinema Brasileiro" (nº 12)

**Muda nome para "Sociaes" a partir da nº 4

*** Mudou o nome para "Livros" na 10ª edição. Houve destaque para obras integralistas em todas as edições, mas nem sempre no formato de seção (especialmente a partir da 14ª edição).

****A partir da 6ª edição não aparece mais o título, mas o formato e estilo continuam os mesmos.

Outro ponto que merece destaque é a natureza dessas seções entre uma e outra fase. Na primeira elas foram menos trabalhadas, demonstrando pouca acuidade em sua feitura. Sem mencionar que três das dez seções desse período foram ligadas à publicidade e veiculação de mercadorias, não se caracterizando como espaços de discussão, crítica ou reflexão. São os casos de "Brasileiros!", "Bibliografia Integralista" e "Anauê Apresenta". "Brasileiros!" era espaço fixo para o marketing dos Laboratórios Raul Leite, empresa dirigida por um militante da AIB, membro da Câmara dos 40, tratado como amigo por Plínio Salgado.

A menção à empresa se dava via nacionalismo, explicando que aquele laboratório livrava os brasileiros das empresas estrangeiras do setor, demonstrando assim a força da indústria nacional. O peso dos Laboratórios Raul Leite era tão grande na publicidade de *Anauê!* que em sua terceira edição publicou uma foto da visita de Plínio Salgado à empresa em Curitiba (PR), anexando abaixo da imagem carta do Chefe com as impressões dessa ocasião, cujo conteúdo era elogioso, nacionalista e doutrinário (*ANAUE!*, nº 3, ago. 1935, p. 16). Interessante reter que, embora antimoderno e com restrições quanto ao urbanismo, no momento em que uma empresa aparecia gerida por um integralista o discurso virava para a defesa da indústria e da concorrência típica do capitalismo de mercado.

"Bibliografia Integralista" ou "Livros" teve aparição esporádica e curta. Em apenas duas edições (3 e 10) se colocou como espécie de seção, com alteração de nome e estrutura. Nessas ocasiões apresentou uma lista de livros escritos por integralistas, apenas com os dados de referência mais comuns. Esse espaço se dissolveu com o tempo entre as edições, com a alocação de propagandas individualizadas de livros dispersas aleatoriamente em páginas distintas e com tamanhos reduzidos, padrão que se manteve até a 22ª edição. "Anauê Apresenta" era dedicada à divulgação de serviços de profissionais liberais - quase a totalidade camisas-verdes. Os mais comuns eram médicos, dentistas, advogados e professores. Essa foi a

única seção que se manteve entre uma fase e outra, dada a sua característica comercial, mas não foi de imediato apresentada no formato que se reproduziu a partir da 3ª edição. Na verdade, o segundo número que circulou trouxe dois espaços que pareciam seções, mas que não mais surgiram: “Indicador profissional integralista” e “Indicador Commercial”. A partir daí “Anauê Apresenta” assumiu a função de divulgação de profissionais liberais, ao passo que a publicidade de lojas e comércios teve o mesmo fim da relacionada aos livros, dissolvendo-se entre as páginas.

No entanto, essas não foram as primeiras seções de *Anauê!*. Desde a primeira edição a revista apresentou duas, embora ambas sofressem mais tarde modificações gritantes em relação a essa primeira experiência. Foram as ‘Secção Pliniana’ e “Secção Cinematographica” - cujo responsável era Oswaldo Gouvêa, como acusou aquela edição. A dedicada às crianças e jovens veiculou texto apenas na sua primeira aparição, intitulado “Deveres do Pliniano”, no qual o chefe do Departamento da Juventude da Secretaria Nacional de Organização Política, Mauricio Braz de Araujo, apresentou os mandamentos de todo bom pliniano, voltado para a obediência, disciplina e responsabilidade perante a pátria, os mestres, os pais e o Chefe (*ANAUÊ!*, nº 1, jan. 1935, s/p). Nas outras quatro vezes em que o espaço voltado para as crianças surgiu, foi apenas por meio da montagem de fotos de crianças integralistas, sempre uniformizadas e, muitas vezes, gesticulando tal como um camisa-verde – de forma quase idêntica ao cumprimento nazista.

Figura 32: plinianos



Como não é de admirar nessa fase, a “Secção Cinematographica” também mudou. As três vezes em que apareceu foram com nomes diferentes, o que revela mais uma vez a dificuldade de manter um padrão na revista e a falta de organização interna. É difícil compreender qual o objetivo da direção da revista ao observar o surgimento das seções. Elas apareceram e sumiram sem critérios claros, como se fossem tapa-buracos ou experiências indefinidas nas edições. Por exemplo, *Anauê!* já contava com espaço reservado à bibliografia integralista, mas também se valeu da seção “Revista dos Livros”, na qual aparecia além do título e autor, um breve comentário sobre o conteúdo das obras também integralistas. Isto é, ocupava-se o interior do mensário com a menção aos títulos e autores num local e repetia-se, em seguida, reproduzindo obras e autores, mas com algumas poucas linhas de comentários. Claro que nem todos os livros eram na mesma edição “resumidos”, mas reapareciam em edições subsequentes. Fica evidente a forma dispersa e descontrolada com a qual as edições eram tratadas, sem uma revisão mais consistente.

Não é exagero afirmar que as seções eram testadas na prática, nas edições que iam ao mercado, sem critérios mais concretos. Além das já mencionadas, o que dizer das seções “Sports” e “Nossa Casa”? Embora totalmente relacionada à doutrina integralista, com a defesa de corpo e mente sãos, vendo a educação física como eficaz ferramenta de disciplina e eugenia, “Sports” foi impressa apenas uma vez, desaparecendo sem qualquer motivação ou explicação. Importa salientar, porém, que ainda circularam fotografias de grupos de camisas-verdes em práticas esportivas, porém não dentro de uma seção específica.

“Nossa Casa”, lançada com o intuito apreciável de atender às localidades e companheiros de cidades que não contavam com o serviço de arquitetura, apresentou dois projetos e nada mais aconteceu, sendo que a própria revista afirmou que seria um trabalho constantemente ofertado (*ANAUÊ!*, n° 9, abr. 1936, p. 19). Essa última vinha no encalço do que já era veiculado por outras revistas ilustradas, com intuito de prestar serviços e atrair leitor. *Anauê!*, portanto, repetia empreitadas de sucesso presentes em suas concorrentes, embora não fosse capaz de sustentar as novidades.

Figura 33: seções de arquitetura



Anauê!, nº 9, abr. 1936, p. 19

Revista da Semana, nº 51, 30 nov. 1935, p. 2

De todos os espaços que se pretendiam fixos e perenes da primeira fase (que conta com 12 edições), apenas três circularam pelo menos cinco vezes, e “Notas Sociais” quatro. Desses, um era espaço comercial (“Brasileiros”), dois voltados exclusivamente para os militantes (“Secção Pliniana” e “Notas Sociais”) e apenas um de fato tentou inovar (“Modas”).

“Notas Sociais”, ainda que intentasse aproximar a AIB do leitor, o fez apelando ao militante que, teoricamente, já se dedicava ao movimento. Nesse espaço eram alocadas fotografias de integralistas no cotidiano, em batizados, casamentos, velórios, aniversários etc., estratégia que incluía o camisa-verde comum na publicidade da AIB, criando sentimento de pertencimento, acolhimento, força e respeito. Uniformizado e disciplinado, o camisa-verde apresentava-se até nos momentos familiares e particulares como um militante atento, pronto a atender ao Chefe nacional. Tais imagens contribuíam para o estabelecimento comportamental e doutrinário do integralista, demonstrando força e unicidade exterior aos não filiados, porém, pelas características da revista, é difícil vislumbrar que ela atingisse um público amplo exterior à AIB. Ou seja, no limite, não cumpria os objetivos que surgiram com o tempo, o de

angariar novos leitores ofertando conteúdo variado e atraente, ainda que pudesse, talvez, fazer a manutenção do já militante.

Mais uma vez se faz necessário frisar que a ideia corrente de que *Anauê!* tenha sido eficaz publicação verde parece exagerada nesse momento. É preciso mergulhar em suas páginas e historicizar sua existência para se compreender como de fato se deu sua atuação. Parece inegável que a revista ilustrada verde não tenha sido capaz de fazer frente às suas concorrentes dentro do segmento, mas não se pode ignorar o papel simbólico que representava, tanto no movimento, como no processo de resistência ao discurso advindo da grande imprensa. *Anauê!*, com alguma flexibilidade, pode ser inserida dentro do que Kossoy chamou de *imprensa revolucionária ilustrada* (*Op. Cit.*, p. 11-13) – já que na verdade o autor não ofereceu outra classificação entre esta e a grande imprensa -, mas com uma grande diferença: não era clandestina e tampouco foi apreendida ou não teve muitos números.

Assim, dentro dessa tendência de periódicos lançados para fazer contraposição ao sistema político, teve a especificidade de se manter circulando por algum período, sustentando postura de resistência, ainda que dentro do campo ideológico fascista.⁵³ O que se pode inferir, e com justiça, é que nem mesmo ilustrada, com técnicas de produção mais modernas, conivência do governo e recorrendo a seções variadas, foi eficiente naquele contexto, aliás, mais que isso, as seções utilizadas na primeira fase foram apenas mais um elemento aleatório na desorganização da revista.

“Modas”, de fato, foi o único espaço que deu um tom diferenciado no conjunto das seções durante a gestão Eurípedes, não sendo comercial e nem abertamente doutrinário, prestando-se apenas a apresentar modelos de vestidos e a matéria prima para sua confecção. Nada mais. Aliás, menos. Porque em algumas ocasiões sequer explicou a forma de fazer e os tecidos utilizados, restringindo-se a imprimir modelos de vestidos para apreciação. Portanto, mesmo que “Modas” seja apontada como inovadora no conjunto maçante da publicação, seu papel foi mínimo, não valorizando como deveria a função da blusa-verde na AIB, quase a identificando como uma consumidora pura, tipificação bastante liberal para um movimento anticapitalista.

⁵³ É preciso lembrar que nos anos 1930 os fascismos ainda não eram vistos como ideologias perniciosas que, mais tarde, causariam horrores históricos. Muito pelo contrário, devido à crise do capitalismo mundial, as doutrinas autoritárias, ultranacionalistas e conservadoras eram admiradas em vários países pelo mundo.

Figura 34: seção “Modas”



Anauê!, nº 5, dez. 1936, p. 32

Anauê! procurou apresentar seu conteúdo de maneira similar às suas congêneres, tanto que sua diagramação continha estrutura próxima a de algumas publicação do período, com exceção de *Careta* e *O Cruzeiro*, bem mais elaboradas. Percebeu-se que, nas seções voltadas à moda feminina, *A Cigarra* e a *Revista da Semana* já apresentavam o conteúdo de maneira muito similar ao que veio a realizar *Anauê!*, como observável abaixo.⁵⁴ Não só nesse segmento, mas o projeto gráfico da *Revista da Semana* era próximo ao da publicação integralista, assim como as montagens de fotos eram bem parecidas entre esses periódicos, muito por conta das técnicas disponíveis naquele momento.

Isto é, fica patente o esforço da revista ilustrada integralista para se apresentar nos padrões estéticos e organizacionais próximos aos da concorrência, contudo, a má gestão não permitiu a duração das seções. Também a dificuldade em inovar de fato, em variar e escapar à

⁵⁴ Entretanto, as seções de *A Cigarra* e *Revista da Semana*, embora parecidas, muitas vezes ocupavam mais de uma página e ofereciam mais conteúdo e detalhes do que as de *Anauê!*.

doutrina exclusivamente se manifestou nas seções da primeira fase. Elas foram empregadas para apresentar profissionais, livros, fotografias, eventos etc, dos camisas-verdes, o que não configurava conteúdo de apelo amplo junto ao público.

Figura 35: seções “A moda da Cigarra” e “O que está na moda”



A Cigarra, nº 14, mai. 1935, p. 119



Revista da Semana, nº 18, 13 abr. 1935, p. 50

Ao contrário do observado durante a administração de Eurípedes C. de Menezes, sob a égide de Hasslocher *Anauê!* adquiriu corpo e assumiu a alcunha de revista **mensal** e **ilustrada**. Não que no primeiro momento não tenha investido em imagens, mas a essência da revista era conturbada. As seções demonstram bem essa nova dinâmica, pois foram fixas, com variadas temáticas e confeccionadas para público maior. Contudo, continuou sem ter responsáveis específicos por cada espaço, à exceção de “Senhora”, “Theatro” e “Artes”. Outras três nunca tiveram autores (“Cartophilia”, “Synthese das Actividades Integralistas” e “Internacional”) e o restante (“Curupira”, “A vida das sombras” e “Sintonizando”) foi trabalhada por nomes diversos, sem qualquer fidelização, ou seja, o problema para manter colaboradores perenes continuava.

Contudo, a competência para garantir padrão de publicação se consolidou, tendo, a partir de 1937, uma revista mais estruturada, o que se refletiu nas seções supracitadas, tornadas fixas. “Senhora”, por exemplo, que assumiu o lugar ocupado por “Modas” na fase

anterior, ficou sob a responsabilidade de Nair Nilza Perez de Rezende - mais conhecida como Nilza Perez -, mulher de destaque no Rio de Janeiro dos anos 1930. Escritora, jurista, jornalista e advogada militante, Nilza nasceu na zona rural de Leopoldina (MG), em 2 de janeiro de 1919, mudando-se aos quinze anos para a Capital da República, com o intuito de estudar Direito. Foi a primeira advogada trabalhista do Rio de Janeiro e a primeira mulher a fazer uma sustentação oral no Supremo Tribunal Federal, o que salientava seu papel junto às mulheres da cidade, especialmente entre as integralistas.

Tamanha representatividade não foi ignorada pela AIB, que tratou de coloca-la como colaboradora fixa na nova fase de *Anauê!*. Nilza Perez defendeu o papel social da mulher, elevando sua importância não apenas como matriarca da família, mas também como ativa no sustento do lar. Ainda que proferisse discurso cerceador quanto às liberdades femininas, dentro das concepções integralistas, acabou fomentando posturas até mesmo revolucionárias, estabelecendo-as como partícipes do cenário político e social. Suas palavras não ficavam presas ao papel, pois agia de acordo com seus princípios. Casou-se aos 29 anos, numa época em que o comum era adquirir matrimônio aos 18, com um homem quatro anos mais jovem, seu estagiário, com quem viveu até a sua morte, em 12 de agosto de 2011 (REZENDE, 2010).

A nova “cara” da seção feminina equiparou-se a das veiculadas pela concorrência, com mais páginas (entre duas e três) e assuntos tratados em um mesmo espaço. Não só a estruturação da seção, como também o nome já era usado, pois, “Senhora”, também foi uma seção feminina de *O Malho*. A indicação de modelos de vestidos se repetiu, aliado a dicas de beleza com o cabelo, pele e mãos, receitas culinárias e medicamentosas. Se na estrutura e organização “Senhora” copiava outras revistas, a maneira como abordou os assuntos femininos foi bem característico, fazendo oposição à mulher moderna, veiculada principalmente n’*O Cruzeiro*.

Na revista dos Diários Associados, a mulher era associada às mudanças de um país que se urbanizava, despida de suas saias longas e apresentada com biquínis, água de colônia, *blush*, pó de arroz e unhas coloridas. Era uma mulher que nada tinha a ver com a realidade brasileira, mas que passou a ser padrão de representatividade da mulher dos novos tempos (SERPA, 2003, p. 28-29). *Anauê!*, na contramão, usava as mesmas estratégias diagramáticas e estruturais de imprensa ilustrada para defender representação oposta ao da concorrência quanto ao ser feminino nacional. Não só oposta ao estilo de mulher baseado na vida das estrelas de cinema dos Estados Unidos, mas também ao proposto, em muitos casos, pelo movimento feminista, que buscava aproximar a participação social delas aos dos homens, isso

quando não radicalizavam naquele contexto, defendendo o amor livre e o controle de natalidade, como fazia a anarquista Maria Lacerda de Moura (RICHTER, 1998, p. 29).

Neste ponto mais uma vez se revela a dificuldade de lidar com o tema pela revista e até mesmo pelo movimento, pois ao mesmo tempo em que pregavam a mulher ideal como tradicional, mãe e professora, também apontavam o ser feminino como crucial para o novo projeto de país, sendo indispensável em todos os setores, ainda que o principal fosse a família.

“Senhora”, portanto, tinha o objetivo de afastar a mulher integralista da vida fútil e materialista exposta pelas revistas ilustradas e, também, protegê-la do teor libertário anarquista. Além disso, incutia-se da missão de ajudar a aprimorar a raça brasileira, tanto em aspectos físicos quanto morais, contribuindo com a eugenia. Por exemplo, a 14ª edição trouxe comentários sobre a saúde das unhas. Ao contrário do que se propagandeava em outros meios, “Senhora” orientou suas leitoras a não confundirem estética moderna com saúde. Para a seção de *Anauê!*, a beleza da unha dependia da saúde geral da mulher e de cuidados básicos com higiene e alimentação. Aliás, dizia que seria muito bem vinda uma lei que proibisse unhas coloridas, especialmente as com cores muito fortes, como vermelho, azul e violeta (*ANAUÊ!*, nº 14, p. 41).

Um lugar de destaque da seção se concentrava no espaço intitulado “Minha Chronica”,⁵⁵ na qual Nilza expunha sua opinião direta sobre os assuntos mais caros ao integralismo, principalmente o comunismo. Mas antes de tratar disso, importa reter que, quanto ao comportamento feminino, *Anauê!* manteve a mesma orientação em suas duas fases. As três primeiras edições da revista deram o tom que se reproduziria pelos seus três anos de circulação. Nos artigos “Sublime Missão” (*ANAUÊ!*, nº 1, s/p), “O papel da mulher na causa integralista” (*ANAUÊ!*, nº 2, p. 26) e “Decálogo da boa esposa” (*ANAUÊ!*, nº 3, p. 22), todos escritos por homens, configurava-se a missão da blusa-verde: ser mãe, esposa e fiel ao Chefe. Seu papel era orientar os filhos na causa integralista, garantindo as bases do futuro da nação e, igualmente, dar todo apoio aos esposos. Inclusive, no último dos textos supracitados, indica postura de submissão total da mulher ao homem, até mesmo estabelecendo que, se o marido a abandonar, ela deveria espera-lo, pois manteria a honra de seu nome, sendo que um dia ele poderia voltar para ser abençoado por ela (Idem, p. 22).

Não obstante os posicionamentos pouco mais incentivadores às liberdades femininas, propostos por Nilza Perez, o fato é que a essência de seus escritos condizia com os

⁵⁵ Nas duas primeiras aparições da seção “Senhora”, este espaço não existiu. Na 15ª edição veio grafado “Nossa Chronica”, o que mudou para “Minha Chronica” a partir dali. Talvez a personalidade da escritora levou a revista a individualizar suas opiniões, não assumindo diretamente como da redação.

mandamentos integralistas, alternando vez ou outra com um artigo mais alentador, como se observa no espaço “Minha Chronica” da seção.

Ali começou discutindo o papel da mulher e as injustiças às quais estavam expostas, convocando-as para a luta contra essas padronizações. Ou seja, ao mesmo tempo em que Nilza abraçava a doutrina verde, vendo a mulher como bastião do lar, dos filhos e do marido, exercendo seu papel doméstico (no máximo como professora e enfermeira), contradizia-se, inflamando as trabalhadoras a brigar por seus direitos. Nilza entrava nessa seara porque não tinha como ignorar a entrada da mulher no mercado de trabalho, portanto, o integralismo precisaria discutir os reflexos da mulher trabalhadora na sociedade e na família. Apenas para aquilatar essa nova dinâmica, Margareth Rago afirmou que, nos anos 1920, mais da metade da força de trabalho de 247 indústrias têxteis era composta pelo sexo feminino (2007, p. 223). Frente a essa realidade, em sua primeira crônica Nilza asseverou:

(...) A mulher brasileira, consciente e capaz, precisa vir para o campo de luta defender energicamente os direitos das operárias que se depauperam nas fábricas ganhando um salário ínfimo e o das camponesas que se extinguem no interior numa vida áspera e dura. Não mais lágrimas inúteis choradas no cinema ou na leitura do romance barato diante de uma operária que morre de fome. Choremos, sim, mas lágrimas fecundas que, caindo sobre a terra mansa de nosso coração, nos façam mais piedosas e mais solidárias com o sofrimento de nossas patrícias desprotegidas (...) (*ANAUÊ!*, nº 15, p. 41).

Na mesma ocasião, no entanto, ameniza sua opinião anterior e diz que, infelizmente, a mulher ainda é valorizada mais por sua beleza física do que por dotes intelectuais, portanto, que cuidem de suas feições, pois, afirma a autora, “nada mais horrível e desagradável à vista que uma mulher cheia de adiposidades e com um rosto gorduroso e embaraçado”, males que só poderiam ser de fato sanados mediante exercícios físicos específicos para o público feminino. Mais importante que a beleza artificial, cuja maquiagem escondia imperfeições, era a beleza real, de cara limpa, demonstrando beleza física natural (Idem, p. 42).

Afirmava, ainda neste artigo, que a mulher deveria aceitar sua condição e certos preconceitos naquele momento de transição, para que não colocasse em risco a ordem das coisas, pois a família desestruturada, na visão dos integralistas, era uma porta aberta ao comunismo. Vê-se, pois, que ao impelir a mulher à luta, o objetivo era muito mais a preservação dela como ente indispensável à família e à ordem, do que de fato às liberdades mais amplas verificadas nas outras revistas ilustradas.

Nas edições subsequentes (nº 16 e 17), mais uma vez demonstrou a posição dúbia que marcou a seção, pois exaltou personagens femininas históricas e culturais relevantes, como a

princesa Isabel, apontada como responsável pela libertação dos escravos, e poetisas de alto padrão, reiterando a possibilidade de ação feminina em todos os campos da sociedade. Assim, ora “Senhora” louvava a mulher ativa, agente social de mudanças, ora puxava as rédeas e a colocava dentro dos padrões conservadores da época. Aliás, esse tema era alvo de grande variedade de opiniões na imprensa, que ia desde a defesa intensa da liberdade feminina até a mais reacionária postura machista.

A revista *Careta*, para citar uma publicação, abria espaço tanto para a defesa do feminismo e de sua organização política - vide os textos de Peregrino Júnior (por exemplo, as edições 1205, p. 10-11 e 1319, p. 22-24) -, como para os escritos de E. Rieffe, que ridicularizava a mulher chamando-a de incapaz moral e intelectualmente, sendo mais que aceitável, naqueles tempos, o assassinato de uma mulher promovido por um homem, que seria naturalmente absolvido (*CARETA*, nº 1173, 13 dez. 1930, p. 36).

Como se vê a questão era candente, o que levou até mesmo a ser debatida a importância do casamento para a sociedade durante a constituinte de 1934. Esse assunto estava diretamente relacionado à problemática racial no país, pois se, como acreditavam, a raça poderia ser melhorada a partir do branqueamento e do controle higiênico e biológico da reprodução humana, o casamento era crucial para tal empreitada. Não à toa os artigos 144-146 da Constituição indicavam uma avaliação prévia do casal, física e mental, antes da concretização do matrimônio, dentro de uma lógica gênica-social de engenharia racial (AGUIAR FILHO, 2011, p. 113). A AIB seguiu de perto essa orientação, buscando controlar e estabelecer o papel da mulher tanto nos lares como na sociedade brasileira.

Figura 36: seção “Senhora”



Anauê! e Nilza Perez, juntas, enfrentaram um campo simbólico muito forte do período, assumindo postura específica. Além das populares revistas ilustradas, também surgiu a revista *Walkyria* (Rio de Janeiro / 1934-1961), lançada com a justificativa de que não existiam periódicos apenas com contribuições femininas. Marcada por dubiedade, a publicação contava tanto com artigos elegantes e de mulheres da alta sociedade, como com alguns de posicionamento mais radical de esquerda, caso das contribuições de Bertha Lutz.⁵⁶ Possuía um ar internacionalista, o que ia contra uma ala de tendência nacionalista da época e, portanto, contra as proposições integralistas para as blusas-verdes (CALLADO, 1994, p. 346-349).

As últimas quatro aparições da crônica de Nilza Perez em “Senhora” apontaram as armas ao comunismo. Talvez alguma orientação da redação tenha feito a autora tratar das blusas-verdes pela verve política-ideológica, acusando Moscou, Stálin e os socialistas pela desgraça das famílias. Em setembro de 1937 (*ANAUE!* nº 19, p. 58), rechaçou com veemência a criação do Partido Feminista em Minas Gerais, alegando ser ordem do Komintern⁵⁷ para retirar as mulheres do seio familiar, destruir os lares e facilitar a entrada do comunismo no país. Em sua visão, a flexibilização das proibições sobre as mulheres era sinônimo de invasão comunista. Neste texto orienta as blusas-verdes a gritar contra os partidos feministas, pois não importam os direitos civis femininos, quando os direitos cristãos e nacionais estão em perigo. Isto é, convoca o público feminino para lutar contra os direitos que elas vinham adquirindo, mote que obtinha bastante respaldo, haja vista os posicionamentos conservadores de mulheres da alta sociedade e de crença católica afluída.

Na edição seguinte, mais uma vez convoca as mulheres à ação, pois seria inegável o tenso momento político que rondava o país. Lamentava as mulheres que ignoravam as lutas e mortes ao seu redor, fúteis e ignorantes quanto às consequências da vitória do comunismo. Por isso, elas deveriam escolher um lado na batalha entre o Bem (Integralismo) e o Mal (Comunismo), para salvar suas famílias e a pátria de um futuro obscuro. Nilza se valia de recurso recorrente no discurso integralista, que era típico das ideias fascistas, como as oposições bem/mal, luz/sombra, segurança/perigo etc (DUTRA, 2012, p. 28-30 e 113).

⁵⁶ Bertha Lutz (1894-1976), foi uma das principais líderes feministas do Brasil na primeira metade do século XX. Lutou pelo direito do voto feminino e atuou como dirigente do setor de Botânica do Museu Nacional durante anos, onde se aposentou em 1964.

⁵⁷ É o termo com que se designa a Terceira Internacional ou Internacional Comunista (1919-1943), isto é, a organização internacional fundada por Vladimir Lenin e pelo Partido Comunista da União Soviética (bolchevique), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

Em sua última contribuição à *Anauê!*, Nilza reforçou os ideais cristãos sobre o casamento, a família e a mulher, repetindo a mesma cantilena anterior, na qual o marxismo e suas consequências seriam responsáveis pela destruição moral da sociedade. Para transmitir seriedade e segurança no que diz, garante que conhece a teoria marxista e que por isso mesmo pode direcionar tais críticas a essa doutrina:

Quando se combate o comunismo incriminando-o de destruidor da família, muita gente de boa fé protesta, dizendo que não conhecemos a doutrina marxista em relação ao casamento e à família. Conhecemos a doutrina comunista e é fundamentada nela, na sua teoria e na sua prática, que prevenimos aos brasileiros das desgraças dolorosas que o Bolchevismo traria para a nossa Pátria se, pela nossa indiferença, aqui conseguisse dominar (...) (*ANAUÊ!*, nº 21, p. 49).

Percebe-se claramente que a nova seção feminina foi trabalhada com acuidade, com o fito de construir uma representação bem definida da imagem da família, da nação e do comunismo na mentalidade das mulheres. Estas deveriam ser cristãs, temerosas, obedientes e esteios do lar, embora não passivas, atuando nas fileiras da AIB para combater o inimigo vermelho destruidor dos valores morais.

Ainda que fixa e mais bem pensada, a seção “Senhora” pesou no discurso doutrinário, o que não condizia com os interesses variados das mulheres leitoras. Por óbvio incrementaram a seção com dicas sobre o cotidiano e moda, mas a opinião de Nilza Perez era o corpo principal do espaço feminino na revista. Nesse espaço representou o ideal de mulher brasileira sendo esta, antes de tudo, mãe e esposa. *Anauê!* precisava enfrentar a emancipação feminina em curso, a que era defendida nas páginas revisteiras e nas seções específicas, tal como a “Mulheres na Actualidade”, veiculada na *Revista da Semana*, na qual a independência da mulher era vista com bons olhos. Para tanto, Nilza colocou sua imagem à serviço do integralismo, crente de que defendendo uma postura conservadora do gênero feminino, estaria salvaguardando a família, a moral e a raça brasileiras, portanto, protegendo o futuro da nação.

Além da atenção dedicada à mulher na sociedade, *Anauê!* se preocupou também com a questão cultural, abordada em quatro seções distintas, demonstrando como a AIB se interessava pelo poder que o campo artístico, cultural e midiático tinha na condução das massas, algo bem utilizado por Mussolini e Hitler (ver SASSOON, 2009; GENTILE, 1998; ADAM, 1995).

“Artes” teve um responsável específico por suas sete entradas durante o ano de 1937: Tedesco Jr. Atuando como crítico de arte na revista, abordou temas relacionados às artes plásticas, concertos, óperas e relação entre literatura e música. Assim como fez o nazismo

alemão, Tedesco Jr. também criticou a arte moderna e futurista, não vendo nenhum papel formativo nem estético nela, posto que era incompreensível para o grande público. Se Goebbels mandou retirar toda arte moderna dos museus alemães, Tedesco condenou tal estilo ao fracasso por ser inócuo e subjetivo demais. Preferia a arte compreensível, com formas tradicionais, pois tocavam o público e a visão, estimulando sentimentos comuns (*ANAUÊ!*, nº 14, p. 46). Essa seção foi a menos incisiva no que diz respeito à doutrinação, voltando-se mais a críticas de espetáculos e mostras, ainda que defendesse um determinado estilo artístico.

Quanto ao cinema e ao teatro as seções procuraram adotar tom mais enérgico, entendendo esses campos culturais como cruciais para a formação do público mais amplo. Na segunda fase de *Anauê!*, a seção cinematográfica foi nomeada “A Vida das Sombras”, espaço de resenhas e críticas a filmes exibidos no Brasil, além de apresentar listagem de películas em mostra. Sem contar com responsável único, a seção apresentou textos de Francisco Luiz, Maria Amélia e “A.M”, além da redação. Ao contrário do que se criticava em relação à arte plástica, em *Anauê!* foi sustentado discurso no qual os filmes para as massas eram ruins, vazios e fúteis. Defendia-se o papel pedagógico do cinema, que deveria transmitir valores nobres, éticos e cristãos, e não a vida desvirtuada dos astros norte-americanos.

“A Vida das Sombras”, por ter autores diferentes, reproduziu mensagens não uniformes, especialmente quanto ao cinema realizado nos Estados Unidos. Francisco Luiz soube discernir obras de qualidade vindas do Norte americano, elogiando e criticando quando necessário, mas sem abrir mão do sentido formativo da sétima arte, adotando uma senda revolucionária.

Esse sentido revolucionário não tem outra característica senão a integração do cinema na sua verdadeira missão. Hoje não pode haver dois pensamentos com relação à importância da atuação da tela sobre o espírito popular. Por isso mesmo não é mais possível falar em “gratuidade” da produção cinematográfica ou dizer que o cinema foge a toda e qualquer ética disciplinadora (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 36).

Depois de dois textos que elogiaram filmes norte-americanos, a seção ficou uma edição sem aparecer, para, em agosto de 1937, retornar sob a responsabilidade de “A.M” (não foi possível descobrir o nome). Contudo, mais uma vez o escrito elogiou o cinema dos EUA, apontando este como a verdadeira arte norte-americana. Mais especificamente, comenta a habilidade em desenvolver desenhos animados, que expressam a palpitante inteligência humana (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 44). “A.M” não mais contribuiu, ao passo que a autora seguinte, Maria Amélia, tratou de estigmatizar o cinema americano, afirmando que os filmes vindos de

lá, em sua maioria, são feitos para o gosto do grande público, portanto produções que desviam o cinema de sua missão sublime, que é a orientação revolucionária (ANAUE!, nº 19, p. 49).

Quando reassumiu a seção, a redação certamente impingiu sua vontade, pois nas edições nº 20 e nº 21, não só desdenhou o cinema americano e francês, como também teceu elogios às películas alemãs, italianas e portuguesas, vistas como exemplos a seguir, já que o cinema brasileiro não conseguia se desenvolver autonomamente.

(...) Mas, infelizmente para nós, o Governo não pode fazer nada pelo cinema no Brasil, pois se acha escravizado, também na cinematografia, ao imperialismo da América do Norte.

Para que possa a Nação se libertar desses jugos, é necessária a implantação de um regime forte. A Alemanha, a Itália e até mesmo Portugal, disso nos dão provas.

A Alemanha, até bem pouco tempo, costumava ter os estúdios inativos. Porém, o decreto do sr. Goebbels, ministro da Propaganda do Reich, expedido há algum tempo, e ordenando a maior atividade possível no ramo da produção de filmes, veio movimentar de um modo absoluto a arte cinematográfica.

Na Itália, é o próprio filho do sr. Mussolini, e com o apoio deste, que envia todos os esforços na criação de um cinema nacional.

O desenvolvimento da indústria cinematográfica em Portugal é o que temos visto pelas ótimas fitas, perfeitas em montagem, que a Tabis nos tem apresentado (...) (ANAUE!, nº 21, p. 38).

Pelo excerto acima se percebe a importância creditada ao cinema por parte dos integralistas, especialmente os confeccionados em regimes fascistas, com fito orientador. A AIB, vendo a necessidade de repetir o sucesso de Hitler, Mussolini e Salazar, estimulou a criação de sua própria produtora, a Sigma Film (1936), cujos responsáveis eram Fritz Rummert Junior e João Hall. Desde 1935 os integralistas filmavam seus eventos, reproduzindo-os posteriormente em salas de cinema, para que os camisas-verdes que não pudessem fazer parte dos movimentos sentissem a força deles por meio das telas, como os documentários de curta-metragem *Congresso Integralista de Blumenau* (1935) e *Comício Integralista* (1937), ambos de João Baptista Groff (AUTRAN, 2012, p. 300). Tatiana Bulhões também percebeu as semelhanças fílmicas entre a AIB e o nazismo:

A descrição de um filme documentário integralista exibido no Cine-Glória (Dist. Federal) em outubro de 1936, provavelmente produzido pela “Sigma-Film”, indica alguns elementos típicos da propaganda política orquestrada nesta época via cinema. A “massa” integralista em “formaturas”, em filas simétricas, uniformizados, tendo a frente o líder Plínio Salgado. Este uso de imagens de homens e mulheres uniformizados prestando juramento a um líder está presente, por exemplo, nos filmes documentários nazistas. Domenach quando analisa a propaganda política orquestrada no Nazismo aponta a utilização de tais imagens a fim de criar impressões de unanimidade, de assentimento, de disciplina e de domínio. Estas imagens deveriam contagiar a plateia (2013).

Quanto ao teatro, ainda que valorizado pelos integralistas, não tinha a expressão do cinema. No entanto, *Anauê!* dedicou espaço para analisar o teatro nacional, função remetida a Sergio Benevenuto (5 entradas) e à redação (3), oportunidade em que criticaram tanto o teatro voltado para o povo, como o voltado para a elite. No primeiro caso não aprovavam a comédia, pois procurava agradar o público recorrendo à gesticulação mais do que ao espírito. Não pouparam nem Procópio Ferreira, com a peça “O Presidente”, avaliada como, no máximo, uma “pantomima boa” (*ANAUÊ!*, nº 17, p. 30).

Para atingir os objetivos que o teatro deveria ter, Sergio Benevenuto faz loas à censura como ferramenta útil, contudo, vê com pessimismo a realizada pelo governo, ineficaz em sua visão:

Por isso não nos animamos a analisar o que se passa agora no Rio. Conhecemos a impossibilidade do governo para a realização de uma campanha séria e precisa nesse setor. Basta se ver como se faz a censura para se concluir da capacidade dos que a fazem. Patenteiam-se varias vezes incapazes de penetrar em todos os sentidos das peças, apresentadas ao nosso público, afim de descobrir-lhes onde as afirmações causticantes que irão facilitar a obra de destruição dos fundamentos básicos da sociedade cristã (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 56).

Dada a impossibilidade naquele momento de propor ou encenar peças teatrais, a AIB contava com textos publicados que poderiam ser usados por alguém para encenação. *Anauê!* publicou dois *sketch* e abriu mão dos direitos para qualquer um que as quisesse produzir, como alertou em maio de 1937 (*ANAUÊ!*, nº 15, p. 3). Ambas tinham como alvo o comunismo, a primeira tratando de um pai adepto da doutrina vermelha que causou a morte do filho e a última sobre um integralista que se feriu em campo de batalha. Nesta última, Victor Pujol narra uma conversa entre camisas-verdes, na qual dois amigos desconfiam da fidelidade partidária de um terceiro, pois este não levantou o braço em saudação ao hino integralista, ao que de pronto o rapaz avisa não ter braços, já que os perdera em combate contra comunistas (*ANAUÊ!*, nº 14, p. 19).

Na primeira, bem mais dramática, o mesmo autor constrói a historia de um bebê doente, que começou a ser operado em casa pelo médico no exato momento em que a luz é cortada, no que a criança morre de hemorragia. O desfecho é o seguinte:

João

(Entrando, alegre) Ah! Estou satisfeito. Vinguei-me desses burgueses! Viva o proletariado! Viva a Internacional, Maria, cortei o cabo de energia elétrica da cidade. Deixei a cidades às escuras!

Maria

E matou o nosso filho!

(PANO) (ANAUÊ!, nº 13, p. 7 e 56)

Não se tem notícia se algum *sketch* foi produzido no teatro ou, principalmente, no rádio, contudo, ficava a dica de como a AIB vislumbrava a arte de palco eficaz, que deveria ser doutrinária, engajada e anticomunista.

Também aí um esboço do papel do rádio para os camisas-verdes. Na seção “Sintonizando”, em suas cinco aparições na revista, três sob responsabilidade da redação, há manifesta defesa de seu potencial político, ao mesmo tempo em que demonstram preocupação por isso, já que classificavam a maioria das rádios como liberais e que visavam os interesses comerciais, portanto pouco conscientes sobre os riscos de divulgar determinadas ideias com vistas apenas ao capital revertido:

O rádio é um dos mais modernos e eficientes meios de propaganda com que possa contar o Estado moderno. O seu poder é enorme e misterioso. A sua capacidade de ação atinge todas as classes sociais. Em um segundo as suas ondas atravessam o espaço e levam um pensamento ou uma mensagem.

(...) Essa importância não é compreendida nos meios radiofônicos brasileiros, que teimam em supor que o rádio seja simplesmente divulgador de música... Esquecem-se que o rádio está na vanguarda das grandes invenções e que o Estado se serve diariamente de suas vantagens, para executar a sua obra administrativa e política.

Não compreendendo essa importância fazem da rádio uma simples máquina comercial. Na ante-véspera de uma campanha presidencial, em que vamos entrar, esperam ansiosamente que os empreiteiros de candidaturas, venham fazer ofertas para o aluguel de suas ondas.

(...) Serão por isso cúmplices confessos de muitos erros e paixões, que, segunda já se sabe, serão irradiadas a peso de ouro, que virá dos cofres estaduais, a estas horas, naturalmente, já abertos para a campanha do proselitismo liberal (ANAUÊ!, nº 14, p. 38).

Anauê! continuou criticando o uso comercial do rádio por partidos liberais nas edições seguintes, até que, em agosto de 1937, elogiou a Rádio Fluminense e a Rádio Transmissora Brasileira por abrir espaço, desinteressadamente, ao sigma e sua propaganda política, de acordo com as palavras de Florencio Venancio. A Rádio Fluminense abria os microfones sempre que necessário a Plínio Salgado, além de manter “A nota do dia”, uma espécie de crônica diária integralista, às 23 horas, apresentada por algum camisa-verde (ANAUÊ!, nº 18, p. 46).

Entretanto, ainda que as eleições fossem o mote principal integralista naquele ano, as crianças não foram deixadas de lado nas páginas do mensário ilustrado verde. Nessa segunda fase, Hasslocher abandonou o estilo usado por Eurípedes para tratar das crianças - que se resumia em divulgar fotomontagens concentradas de plinianos -, para aprimorar a seção, intitulada “Curupira”, com contos, desenhos, história e versos, tudo exposto na mais pura doutrina integralista. O próprio nome já representa a ideologia verde ao nomear o espaço com um personagem típico do folclore brasileiro, defensor das matas, do solo, dos animais, ou seja, de tudo que de fato era nacional e, principalmente, que se encontrava no interior e não nas cidades cosmopolitas, contaminadas pelas ideologias externas. Ao cabo, todo pliniano deveria ser um curupira.

O objetivo era formar o militante desde muito jovem, integrando-o ao movimento e familiarizando-o com a ideologia. Para isso *Anauê!* não só veiculava textos e desenhos, mas também pedia e publicava trabalhos enviados por plinianos, o que de alguma forma estimulava a participação dos pequenos. Os personagens principais nos curtos contos eram crianças integralistas que se comportavam como verdadeiros militantes, éticos, justos e exemplares; Deus também sempre era mencionado, já que a formação de um pliniano era em conjunto à conduta religiosa.

No encalço desses personagens mais reincidentes, figuras históricas também eram destacadas, já que era preciso conhecer a história nacional, seus grandes heróis, para se criar o sentimento de amor à pátria. Na 20ª edição, em outubro de 1937, excerto do livro *Nosso Brasil*, de Plínio Salgado, foi publicado na seção, valorizando Dom Pedro I e a independência do Brasil. No fim do trecho, afirma que todos devem trabalhar pelo país, a ele tudo doar, sem pedir nada em troca. Na mesma página, ilustrando a seção, outro elemento doutrinário representa a independência na figura de um índio, visto como símbolo da nacionalidade pelos camisas-verdes, livrando-se de correntes.

Figura 37: índio na seção “Curupira”

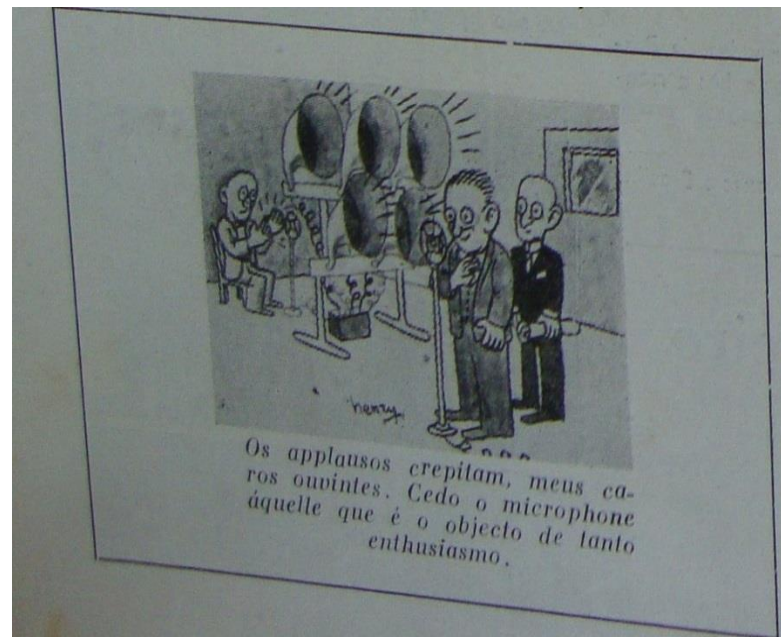


Anauê!, nº 20, p. 56

No limite, “Curupira” serviu para doutrinar o pliniano, o que poderia afastar a possibilidade de ser lida por crianças de famílias não integralistas, já que o conteúdo era bastante militante. O fato é que outras revistas de maior circulação e renome abordavam as crianças de maneira mais leve e atrativa. Todavia, é preciso reconhecer que a revista não era escrita para as crianças, sendo estas alvos secundários e consequentes de uma ampliação de público geral. Aí que residia o objetivo maior de *Anauê!*, pois conseguindo circular em numerosos grupos, atingiria todos os gêneros e idades. Mas a doutrina continuava pesando no conteúdo da revista, muito embora de forma mais bem elaborada, é verdade.

Ademais, quando possível, em meio à seção “Curupira”, também introduziam críticas políticas e eleitorais, como no desenho a seguir. Aí criticaram os subterfúgios eleitoreiros usados pelas rádios para ludibriar o povo quanto à admiração relacionada a determinados candidatos. Enfim, até mesmo o espaço reservado aos plinianos era utilizado ideológica e politicamente.

Figura 38: desenho na seção “Curupira”



Anauê!, nº 14, p. 56

As três seções restantes, da nova fase, foram “Synthese das Actividades Integralistas”, “Cartophilia” e “Internacional”. Esta última não será trabalhada aqui, pois foi voltada exclusivamente às questões externas, o que acusou o seu apego aos fascismos, portanto, será melhor analisada no capítulo seguinte, que tratará das manifestações ideológicas de *Anauê!*. “Synthese das Actividades Integralistas”, era uma espécie de resumo mensal dos principais acontecimentos relacionados à AIB, servindo de quadro geral para o militante e leitor comum de como o partido estava agindo no período eleitoral. Neste espaço eram divulgados eventos, novos núcleos, personalidades que aderiam ao partido – como o poeta Castro Alves –, campanhas pró-candidatura de Plínio Salgado (como a Campanha do Ouro e o Empréstimo do Sigma)⁵⁸, atividades das bandeiras, inaugurações de escolas etc. Abaixo exemplo de como a seção era apresentada:

⁵⁸ A AIB valeu-se de várias formas de arrecadação para manter o movimento, todas contando com a contribuição do militante. A principal era a Taxa do Sigma, valor mensal obrigatório a ser pago por todo filiado, com o objetivo de manter as sedes, financiar eventos etc. A Campanha do Ouro e o Empréstimo do Sigma foram implementados para financiar a candidatura e a propaganda de Plínio Salgado no pleito presidencial.

Figura 39: seção “Synthese das Actividades Integralistas”

Synthese mensal das actividades integralistas
(De 16 de Junho a 15 de Julho)

16 — O Chefe Nacional visita as instalações da S. E. N. C. E., a notável organização integralista de articulação eleitoral que conseguiu, em poucos dias, instalar 4.226 juntas em todo o território nacional com 34.750 funcionários.

17 — “A Offensiva” publica interessante reportagem do serviço filatético organizado pela A. I. B., que já arrecadou cerca de um milhão de sellos que serão vendidos em benefício do movimento do Sigma.

18 — Repercute intensamente em todo o país o lançamento da candidatura de Plínio Salgado a Presidência da República.

19 — De toda a parte do país chegam generosos donativos para a “Campanha do Ouro” da A. I. B.

20 — Recebe o Chefe Nacional telegrammas de centenas de sindicatos hypothecando solidariedade nas eleições presidenciais.

21 — De todo o país chegam telegrammas de adesões à candidatura Plínio Salgado a Presidência da República.

22 — Lança-se oficialmente, e no meio de grande entusiasmo, o Empréstimo do Sigma, que se destina ao custeio da propaganda da candidatura integralista.

23 — O Tribunal Regional do Espírito Santo concede, por unanimidade, o mandado de segurança impetrado pela A. I. B. para fazer livremente sua propaganda doutrinária, usar seus distintivos e a camisa-verde.

24 — De ordem do Chefe Nacional reúnem-se todos os núcleos da Bahia, tendo antes conferenciado com o governador do Estado e procurador da A. I. B. Dr. Othon Barros, que, na Bahia, celebra missa votiva, comunicando a resolução do Chefe. Indescriptível o entusiasmo dos “camisas-verdes”.

25 — D. Clemente, Abade do Mosteiro de São Bento na Bahia, celebra missa votiva, assistida por milhares de pessoas, em ação de graças pela reabertura dos núcleos baianos.

26 — Parte para o sul de Minas em bandeira de propaganda integralista o Dr. Euripides Cardoso de Meneses, Secretário de Estudos da Província Fluminense e nosso companheiro de redacção.

27 — Realizam-se grandes comícios na Capital da República Pró-Plínio Salgado.

28 — Aparecem dois novos livros de Gustavo Barros: “Historia Secreta do Brasil”, 2.º, 1.º, e “Synagoga Paulista” que alcançou grande successo.

29 — Chegam de todo o país valiosas doações para a “Campanha do Sello Usado” na



O sr. Alberto Stein, Prefeito de Blumenau, Sta. Catharina.

30 — Aparece o n.º 17 de “Anauê!”, correspondente ao mez de julho de 1937.

1 — Chega ao Rio o Dr. Othon Barros, cuja missão na Bahia foi coroada de completo exito.

2 — E’ feito pelo desembargador Heraclito Ribeiro o discurso official de lançamento da candidatura Plínio Salgado em Sta. Catharina.

3 — De todas as provincias continuam a chegar telegrammas de solidariedade à candidatura Plínio Salgado.

4 — E’ oficialmente e simultaneamente lançada em toda a Província Fluminense a candidatura Plínio Salgado.

De 300-400 mil pessoas foram movimentadas pela campanha eleitoral nos comícios realizados nesse dia.

5 — “A Offensiva” noticia a fundação de novos núcleos em todo o país.

6 — Em varias camaras municipais é lançada a candidatura do Sigma.

7 — Segue de avião para Viçtoria, E. Santo, o ex-provincial Herberio. Outro para representar o Chefe Nacional na grande concentração para inicio da campanha eleitoral.

8 — Plínio Salgado concede sensacional entrevista a “O Povo”, vibrante voz popular christão e nacionalista que se publica na Capital da República.

9 — Partem de S. Paulo varias bandeiras de propaganda da Provincia.

10 — Segue para Belo Horizonte o Chefe Nacional afim de iniciar pessoalmente a Campanha Eleitoral na Provincia de Minas.

— Ingressa na A. I. B. a familia Fonseca Hermes.

11 — Apothecica e sem precedentes na historia da Belo Horizonte a recepção do povo mineiro a Plínio Salgado. Noutro local publicamos a reportagem photographica do grande acontecimento.

12 — O Chefe Nacional visita Itabirito, M. G., onde conquista todo o operariado para o Sigma.

13 — Regressa de Belo Horizonte o Chefe Nacional que tem no Rio estrondosa recepção.

— Do Rio de Janeiro, pelo radio, o Chefe Provincial Dr. Nestor Coutinho Rodrigues fala aos gaúchos, lançando oficialmente a candidatura de Plínio Salgado na R. G. do Sul.

14 — Estrondosa a recepção de Gustavo Barros na Bahia, por onde passou em excursão de propaganda do Integralismo.

15 — Fala a um enorme auditorio de militares, no Rio, o Chefe Nacional, levado depois em triumpho pelos mesmos militares, de todas as patentes e de todas as armas, pelo Avonido Rio Branco, ex som do hymno “Avante” e do Hymno Nacional.

Anauê!, nº 18, p. 6

“Cartophilia” foi uma tentativa de *Anauê!* interligar leitores-simpatizantes-militantes de diferentes regiões do país, sendo que cada um enviaria seus pedidos e os que pudessem atender o fariam. A seção foi apresentada tal como segue:

No intuito de intensificar cada vez mais os **laços de fraternidade entre os camisas-verdes de todas as províncias**, cooperando destarte dalguma forma na grande obra de união que se impôs o movimento do Sigma, esta revista, por sugestão do distinto companheiro Hogier Malmann da Conceição, de Pelotas (RS), deliberou inaugurar a Seção de Cartophilia, para intercambio de cartas, postais e fotografias, obedecendo à seguinte norma:

Os integralistas que desejarem permutar fotografias ou cartões com vistas, enviarão a esta redacção o seu nome e endereço, que publicaremos na revista. Deverão, outrossim, especificar, em carta à redacção, quais as fotografias que desejam, de que cidade ou província.

Estabelecida a ligação entre os interessados, cessará então a nossa tarefa.

Sendo desnecessário encarecer a importância dessa seção de Cartophilia, estamos certos de que obterá o apoio geral e despertará grande entusiasmo entre os camisas-verdes. A Grande Família se conhecerá melhor e melhor conhecerá outrossim a sua Grande Pátria (*ANAUE!*, nº 13, p. 52 - grifos meus).

Como se percebe, “Cartophilia” se autodenominava espaço para os camisas-verdes, ou seja, excluía de antemão o leitor comum, não militante, da possibilidade de participação no projeto. Isso revela como, mesmo reestruturada, a vocação doutrinária da revista se sobrepunha à mercadológica e até mesmo eleitoreira, já que, ao afastar o não integralista, abria mão, conseqüentemente, de seu voto. Claro que não era esse o objetivo e, talvez, o equívoco se deva a um comportamento padrão dos camisas-verdes, de autodefesa e explanação do próprio movimento, contudo, não deixa de ser, no mínimo, um ato falho na sedução de simpatizantes.

O fato é que a seção foi um fracasso, levando-se em conta a escassa participação dos integralistas. Nas nove vezes em que apareceu, “Cartophilia” veiculou pedidos e ofertas de apenas sete leitores, todos militantes, sem receber muita atenção, já que os mesmos repetiram os pedidos por pelo menos três edições seguidas. Para uma revista que dizia ser lida por 120 mil pessoas mensalmente, e que contava com a fidelidade partidária dos camisas-verdes, o resultado da seção representou manifesto fracasso.

Tanto não foi sucesso que, a partir da 19ª edição, dois integralistas, Nicanor Carvalho e Mattos Pacheco, passaram a oferecer fotos dos locais onde moravam, para ver se obtinham algum retorno. Foram três meses com as mesmas ofertas, até que a seção não mais apareceu em dezembro de 1937 (nº 22), já que todas as seções seriam retiradas naquela edição especial que homenagearia o desfile dos integralistas em apoio a Getúlio Vargas.

A tentativa de trazer o leitor para *Anauê!* não apenas foi mal sucedida com “Cartophilia”, na gestão de Hasslocher. Na primeira fase, em algumas oportunidades, a revista apelou ao leitor para enviarem fotos que se aproveitasse, já que não publicariam qualquer uma (*ANAUÊ!*, nº 4, p. 64). Também lançaram concurso de desenhos na 6ª edição, nunca publicando, ou pelo menos indicando qualquer um que fosse de leitor, e, por fim, inauguraram um concurso de textos sobre o integralismo, que deveria versar sobre o partido, suas realizações, o nacionalismo etc (*ANAUÊ!*, nº 11, capa 2). Sobre este último, há indício de que não tenha recebido nenhuma ou quase nenhuma participação, pois na edição seguinte reiteraram o lançamento do concurso e pediram por mais textos, embora, alegava a revista, tenha recebido muitos até aquele momento (*ANAUÊ!*, nº 12, p. 2).

Todavia, nessa primeira fase de *Anauê!*, não é estranho tal afastamento do leitor, posto a irregularidade do mensário. Já sob a direção de Manoel Hasslocher, a publicação se valeu de estratégias mais lúdicas, além de ser mais fiel aos prazos e promessas de publicações enviadas pelo público. Na primeira edição da nova fase (13ª), veiculou um quadro de palavras

cruzadas, sendo que os primeiros a resolvê-las e envia-las à redação receberiam prêmios e teriam os nomes citados na edição seguinte. Promessa que foi cumprida.

Também relançaram concurso de fotografia na 14ª edição, com a publicação das primeiras fotos já na edição seguinte. Há de se reconhecer a melhor gestão nesse momento, com planejamentos mais efetivos para cooptar leitores. Não é impossível, na verdade, saber o verdadeiro sucesso dessas seções e novidades, como também o número de participações, já que a revista publicava apenas alguns nomes. Contudo, é patente que, com grande ou pequeno retorno, *Anauê!* cumpriu o prometido nesse novo momento ao publicar o que lhe era enviado.

O indício maior, na verdade, da pequena atenção, inclusive do camisa-verde, dada à revista, se mostrou com “Cartophilia”, afinal era uma seção fixa, que saiu religiosamente todo mês, mas que não atraiu o público. Talvez daí possa se vislumbrar que as outras tentativas de cooptação também não foram tão eficazes, no entanto, elas não eram fixas e não delataram o insucesso, como o fez “Cartophilia”.

2.5 Publicidade na revista verde

O campo publicitário também é um bom elemento para se desvendar as transformações entre as duas fases de *Anauê!*, cujas diferenças revelam um pouco das razões que fizeram a revista ilustrada verde se tornar mais profissionalizada. No geral, a imprensa integralista não foi alvo de grandes anúncios, afinal, a maioria de seus periódicos foi de curta duração e pequena tiragem, o que não atraía anunciantes. Contudo, Leandro Gonçalves e Renata Simões ponderam que nos jornais da AIB a propaganda comercial foi importante para as suas sobrevivências, custeando a maior parte dos gastos (2011, p. 97). Há de se matizar tal afirmação, pois toma a imprensa integralista como um todo homogêneo, o que não se sustenta, como já foi discutido no capítulo anterior.

Realmente, os jornais de maior destaque contaram com importante publicidade em suas páginas, mas isso se restringiu a poucas publicações, não sendo rotina. Gonçalves e Simões demonstraram muito bem como o jornal *A Offensiva* veiculou numerosos anúncios, neste caso sendo elemento principal de manutenção do empreendimento (Idem, p. 112). Todavia, *A Offensiva* foi o jornal de maior circulação da AIB, e com maior tiragem, o que explica o seu valor publicitário.

Anauê!, por ter circulação nacional – e internacional, segundo suas páginas - e ser divulgada por grande parte da imprensa verde, também adquiriu valor publicitário, como

expõem suas edições. Foram 861 anúncios distribuídos em seus três anos de circulação, mas não de forma homogênea, como demonstram os dados a seguir:

Quadro 13: total de anúncios nas duas fases de *Anauê!*

Anúncios	1ª fase	%	2ª fase	%
Gerais	234	68,9%	434	94,2%
AIB	106	31,1%	27	5,8%
Total	340	100%	461	100%

Evidencia-se, aí, que a primeira fase contou com praticamente metade dos anúncios veiculados na segunda (sem contar os da própria AIB), o que já aponta a maior capacidade financeira e de manutenção da revista quando capitaneada por Manoel Hasslocher. Além disso, é patente a valorização de anúncios do próprio movimento na primeira fase, com 106 entradas (31,1% do total), acusando o tom doutrinário presente nos conteúdos escritos e imagéticos, também na publicidade. Eurípedes Menezes buscou salientar, principalmente, livros, revistas e jornais integralistas, mas produtos de higiene e vestimentas com a marca do Sigma também apareceram.

Com Hasslocher, a exposição de anúncios integralistas diminuiu drasticamente (apenas 5,8% do total), abrindo espaço para produtos gerais, deixando claro que mesmo sendo uma publicação ideológica e partidária, *Anauê!* não era imune ao mercado. Nessa fase, empresas maiores passaram a anunciar, inclusive algumas multinacionais, como a Pirelli e a Chevrolet. Depreende-se daí que o espaço publicitário da revista não necessariamente apresentava relação com a doutrina, algumas vezes até divergindo, com explanação de marcas e empresas de um universo criticado pelos camisas-verdes.

Por outro lado, sempre orientava os leitores a adquirir mercadorias do Sigma ou que estivessem de acordo com seus ideais. Ou seja, ainda que não concordasse com o mercado liberal, com a ingerência estrangeira na economia nacional, *Anauê!* não abria mão dos recursos provenientes desse setor, talvez para a manutenção financeira de sua capacidade de criticá-lo.

Há de se observar, por outro lado, que essa grande publicidade não integralista muito provavelmente seja menor do que a exposta no quadro acima, afinal, muitos anúncios elencados fora do item “AIB” podiam ser de empreendimentos mantidos por camisas-verdes; outros certamente eram. É o caso, por exemplo, dos Laboratórios Raul Leite, cujo dono era membro da Câmara dos 40, mantendo grande publicidade de seus medicamentos na revista,

inclusive as de padrões mais caros. Durante a segunda fase, foram 16 propagandas de páginas inteiras e coloridas – as mais caras –, sendo 10 de medicamentos do referido laboratório.

Anauê! contava com muitas casas comerciais em sua publicidade, muitas, aliás, de ruas próximas a sua redação e outras do centro comercial da capital. O trabalho de angariar essas propagandas era feito pelos próprios gestores que visitavam esses comércios, sendo muitos deles de integralistas, e outros de estabelecimentos que prestavam serviço para o movimento, confeccionando roupas, broches, enfeites, bandeiras etc. Assim, pagar por um espaço publicitário na revista se tornava quase uma obrigação para estes comércios, visto que recebiam vultosos pedidos de mercadorias dos núcleos da AIB. Cabe mencionar Laurenti & Kourhy Ltda,⁵⁹ que confeccionava emblemas, broches e tudo o que fosse de metal para o movimento, e Magalhães Sucupira e Cia, fornecedora de uniformes, brins e medalhas; além dos comércios cujos proprietários eram militantes, como alguns pequenos laboratórios, farmácias e variados, que se diziam “de integralistas para integralistas”.

Abaixo é possível comparar os quadros de padrões de anúncios gerais e da AIB nos dois momentos da revista:

Quadro 14: padrões de anúncios gerais em *Anauê!*

Dimensões dos anúncios	1ª fase	2ª fase
Inteira – colorida	7	14
Inteira – P&B	28	58
1/2 – colorido	2	1
1/2 – P&B	36	61
1/3 – Colorido	---	4
1/3 – P&B	16	26
1/4 - colorido	---	12
1/4 – P&B	55	70
Pequeno – colorido	1	15
Pequeno – P&B	88	170
3/4 – P&B	---	---
2/3 – P&B	1	3
Total	234	434

⁵⁹ Arthur Thompson Filho, o ilustrador de *Anauê!*, fez muitos trabalhos para essa empresa, o que demonstra a relação próxima que muitos anunciantes tinha com o movimento.

Quadro 15: padrões de anúncios da AIB em *Anauê!*

Dimensões dos anúncios	1ª fase	2ª fase
Inteira – colorida	6	2
Inteira – P&B	1	1
1/2 - P&B	18	1
1/3 – Colorido	1	1
1/3 – P&B	7	2
1/4 - colorido	2	3
1/4 – P&B	26	9
Pequeno – colorido	2	3
Pequeno – P&B	41	5
3/4 – P&B	1	---
2/3 – P&B	1	---
Total	106	27

Se na primeira fase foram 106 anúncios de mercadorias, serviços e produtos da AIB, na segunda foram apenas 27. Se antes foram 10 anúncios não integralistas coloridos, na nova gestão foram 46. E é preciso repetir, veiculou-se praticamente o dobro de publicidade na nova fase. A capacidade financeira de *Anauê!* elevou-se, o que garantiu o padrão de publicação, a paginação fixa, a periodicidade constante e as inovações de conteúdo (diagramação, seções e mais imagens).

O rol de anunciantes que garantiram a manutenção do mensário verde era bastante variado, destacando-se os ramos de medicamentos, finanças e vestuário, nos dois momentos do periódico:

Quadro 16: ramos dos anúncios veiculados em *Anauê!* (excluída a AIB)

1ª fase	Total	2ª fase	Total
Medicamentos	59	Medicamentos	134
Financeiro/Seguradoras	23	Financeiro/Seguradoras	66
Vestimentas	34	Vestimentas	49
Fabril	18	Higiene	35
Profissional liberal	14	Eletrônicos	27
Alimentício	13	Cosméticos	20
Higiene	11	Comercial	15
Imobiliário	10	Automóveis e acessórios	11
Material escolar e escritório	7	Material de Construção	10
Mobílias	6	Emissora de rádio	10
Prestação de serviços	6	Decoração	9
Material de Construção	5	Hoteleiro	9
Eletrônicos	5	Tabaco	9
Comercial	4	Alimentício	8
Editorial	4	Material escolar e escritório	6
Tabaco	4	Imobiliário	5
Turismo	4	Fabril	4

Cosméticos	3	Mobílias	3
Acessórios	2	Prestação de serviços	2
Decoração	1	Acessórios	2
---		Evento esportivo	1

Os medicamentos lideraram a publicidade da revista, o que era comum naquele contexto em muitas publicações circulantes. Os cuidados com saúde e saneamento foram recorrentes nas primeiras décadas do século XX, momento de modernização dos grandes centros urbanos nacionais e, portanto, de necessidade de controle de doenças e pestes em aglomerados populacionais. Não à toa os referentes à “Higiene” também tiveram certo destaque nas duas fases, pois a saúde dos brasileiros era fator de regeneração da raça. Assim, asseado, bem alimentado e medicado, havia grande chance de melhoria étnica do brasileiro a partir da eugenia.

À título de exemplo, em 1900 foram criados os institutos Butantã e Oswaldo Cruz para combater o surto de peste bubônica no porto de Santos, que ameaçava chegar a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Iniciaram sua trajetória de forma modesta, reunindo alguns técnicos dedicados aos exames de laboratório, à produção de soro e vacinas e às pesquisas biomédicas (EDLER, 2006). No entanto, os riscos de epidemias chamaram a atenção das autoridades e de laboratórios internacionais que, juntos, iniciaram a implantação dessas empresas farmacêuticas no país.

Ora, se o produto chegava, sua publicidade se fez necessária, o que já vinha ocorrendo desde o final do século XIX, mas intensificou-se no centenário subsequente, especialmente nas décadas de 1920-1930. Famosos slogans publicitários foram criados naquele momento, destacando-se o poeta Bastos Tigre, com o ainda contemporâneo “Se é Bayer é bom” e as As Bromilíadas (do remédio Bromil), veiculadas na revista *Dom Quixote*, entre 1918 e 1920, que se revelaram uma verdadeira epopeia de 1.102 estrofes e 8.816 versos decassílabos, com estrofação sempre na oitava rima, numa paródia aos *Lusíadas* de Camões (BUENO, 2008, p. 30-31).

Esse ideal de corpo e mente saudáveis encaixava-se perfeitamente com a doutrina integralista, que em muitas ocasiões apresentava o medicamento com textos explicativos em tom científico, garantindo a eficácia do produto e o indicando aos camisas-verdes. No entanto, outro fator seria correlato à doutrina verde: o aumento do número de laboratórios nacionais. Com a Primeira Guerra Mundial, a importação de medicamentos ficou prejudicada o que estimulou a produção nacional, culminando num total de 1329 laboratórios no país em 1930, fator de orgulho para o nacionalismo integralista (EDLER, 2006).

Essa nova realidade exigiu políticas públicas imediatas, como explica Bueno:

Vargas estava tomando o poder para restaurar os ideais republicanos, nacionalistas e positivistas de ordem e progresso. Uma dentre dezenas de medidas tomadas com tal propósito foi a criação, em 14 de novembro de 1930, do ministério da Educação e Saúde Pública, cujo comando foi entregue ao jurista Francisco de Campos. Ao assumir o cargo, o homem apelidado de “Chico Ciência” declarou: “Sanear e educar, eis o primeiro dever da Revolução”.

(...) Era preciso regular a propaganda de remédio. E regulamentar um mercado no qual, para ficar apenas em um exemplo, uma substância como a cocaína era anunciada como se fosse um composto banal e prescrita, inclusive, para crianças. Com o pó, então largamente comercializado sob as formas de cloridrato, salicilato, bromohidrato, tartarato, citrato e fenato, tratava-se quase tudo: tosses em geral, moléstias dos olhos, problemas vaginais, vômitos incoercíveis da gravidez, queimaduras e rachaduras dos seios na lactação. As Pastilhas de Cocaína Cloroborata Midy haviam surgido no início do século, mas na década de 30 continuavam anunciadas sem nenhuma censura prévia (2008, p. 71-75).

Além das empresas nacionais, as multinacionais europeias também avultaram naquelas décadas, com destaque para Bayer (1890), Rhodia (1919), Laboratório Beecham (1922), Merck (1923), Andromaco (1928), Roche (1931), Glaxo (1936) e Ciba (1937). Além destas, vieram as norte-americanas Sidney Ross (1920), Johnson & Johnson (1936) e Abbot (1937).

Esse ramo produtivo revolucionou a propaganda brasileira naqueles tempos, tanto esteticamente como financeiramente. Nos bondes era anunciado todo tipo de medicamento e até mesmo o rádio, quando liberado por Vargas para veicular publicidade, em 1932, mudou muito a sua programação. Os programas de variedade viraram febre e muitos deles eram patrocinados por anunciantes de medicamentos (BUENO, 2008, p. 74). Num país em que o ideal de branqueamento não só da pele, mas da saúde e comportamento, era projeto de governo, a publicidade e venda de remédios era prato cheio para os comerciantes e produtores.

Não à toa lideraram a publicidade em *Anauê!*, pois era um ideal de época essa busca pela saúde e a higiene. Esta última, como se vê no Quadro 16, também em destaque, com 46 entradas, contabilizando as duas fases da revista, nas quais dominaram a publicidade de sabonetes, antissépticos e cremes dentais. Se o intuito era transmitir hereditariamente características aprimoradas dos brasileiros, o recurso à saúde e higiene eram indispensáveis, aliadas, sem dúvida, aos exercícios físicos tão caros à doutrina verde.

O setor Financeiro/Seguradoras foi o segundo em participação publicitária de *Anauê!*. Aí se destacaram bancos, lotéricas, associações de crédito e seguradoras. O caráter mais doutrinário da primeira fase da revista se manifestou nesse ramo também. O Banco Alemão

Transatlântico, das 6 vezes em que apareceu, 5 foram nesse período. Esse banco, criado para estabelecer relações econômicas da Alemanha com o mundo, iniciou suas atividades no Brasil em 1911, sendo fechado durante a Primeira Guerra. Retornou aos poucos em 1919, até abrir filiais em vários Estados. Sendo um dos principais bancos alemães durante o governo de Hitler, não é estranha a publicidade de seus negócios brasileiros nas páginas de *Anauê!*. Tampouco impressiona sua ausência em outras revistas ilustradas, como *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho* e *Revista da Semana*, não ligadas ao integralismo e com discurso menos voltado à doutrinação.

É interessante notar que, no Brasil, existiam bancos de diferentes nacionalidades nos anos 1930 (Inglês, Francês, Espanhol, Norte Americano etc), mas apenas o alemão investiu na revista integralista. Quanto aos nacionais, os principais anunciadores foram Caixa Econômica (11) e Banco do Brasil (9), sendo a maioria das aparições durante a segunda fase, o que também é indício de certa conivência do governo federal com os camisas-verdes.

Não se pode ignorar, ademais, a publicidade da companhia aérea estatal da Alemanha de Hitler, a Condor-Lufthansa, em *Anauê!*. O anúncio reforça os vínculos entre os projetos doutrinários presentes nos movimentos nazista e integralista, avessos ao comunismo e à sociedade burguesa.

O mesmo peso ideológico se repetiu no que concerne à Casa Allemã, comércio tradicional de roupas diversas, situada no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse estabelecimento apareceu 4 vezes em *Anauê!*, sendo 3 sob a gestão de Eurípedes C. de Menezes, o que demonstra como nesse período a questão ideológica tinha mais peso até no setor publicitário, pois, além da própria autopropaganda, comércios que provavelmente tivessem certa simpatia ao governo hitlerista surgiram mais vezes na revista. A Casa Allemã também anunciava em *Inteligência*, outro periódico que simpatizava com os fascismos europeus, o que pode ser indício da afeição desse estabelecimento pelo nazismo.

O terceiro setor que mais publicizou suas atividades em *Anauê!* foi o de vestuário. Nesse caso, à exceção da Casa Allemã e Magalhães e Sucupira, a maioria foi de comércios que não manifestaram nas páginas da revista suas tendências ideológicas. O que pode explicar o grande número de anunciantes desse ramo é o tradicionalismo do setor, que sempre teve muitos empreendimentos espalhados pelos centros urbanos.

Há muitas diferenças entre as duas fases de *Anauê!* acerca dos setores mais presentes nos anúncios, mas, o que impressiona, é a grande quantidade de anunciantes não integralistas e de empresas maiores que não apareceram num primeiro momento. Isso se revela com a

grande publicidade do setor de eletrônicos e cosméticos. O primeiro com nomes como da Westinghouse, Philips e Light no rol de anunciantes da segunda fase, sem nenhuma entrada na gestão anterior. Tais empresas podem ter surgido por um trabalho mais profissional dos diretores quanto à publicidade, mas, e é preciso considerar este fator, também pode ser pela maior expressividade de *Anauê!* no mercado, o que possivelmente atrairia o interesse desses anunciantes.

Quanto ao setor de beleza, o fraco apelo ao feminino presente na primeira fase não cooptou muitos anúncios. Foram apenas três entradas e da mesma empresa, a Degand, que optou por anúncios pequenos e em preto e branco. A seção “Senhora”, por sua vez, mais bem trabalhada, com dicas de beleza e cuidados femininos, pode ter sido fundamental para a publicidade de perfumarias em *Anauê!*, sendo que cinco anunciantes diferentes apareceram, a maioria com publicações de páginas inteiras. Isso revela como a desorganização da gestão Eurípedes prejudicava a saúde financeira da revista.

Por outro lado, mesmo que a publicidade do mensário tenha crescido, não se comparava com a das grandes revistas ilustradas daquele momento. Grandes empresas, nacionais e multinacionais, anunciavam sequencialmente em *Careta*, *O Cruzeiro*, *Fon-Fon* e *O Malho*, como Kolynos, Lupo, Colgate, White Horse, Eno, Gillete etc, só para ficar em alguns exemplos. Além disso, quanto aos medicamentos, também de expressiva participação na publicidade dessas revistas, eram na maioria das vezes de grandes laboratórios, o que não se repetia em *Anauê!*.

Conclui-se, quanto à publicidade veiculada na revista, que não houve critérios ideológicos que proibissem qualquer tipo de anúncio, embora o caráter doutrinário tenha pesado na autopropaganda e na divulgação de empresas simpáticas aos fascismos na primeira fase. Na segunda, nem mesmo esses elementos foram reincidentes, entrando toda e qualquer publicidade nas páginas de *Anauê!*. Isto é, para se manter no mercado, o mensário verde precisou fazer o mesmo que as outras revistas, entregando-se à lógica liberal para sua sobrevivência. Levando-se em conta que não recebia qualquer tipo de apoio financeiro da AIB, *Anauê!* se sustentou via publicidade paga, sem importar-se com ideologias.

CAPÍTULO 3

A IDEOLOGIA EM TEXTOS E IMAGENS: PELO FASCIO (?), CONTRA A FOICE E O MARTELO

Nesta última parte o esforço se dará no sentido de compreender como o conteúdo ideológico veiculado por *Anauê!* foi trabalhado, no que se destacaram três vertentes: o integralismo, o comunismo/liberalismo e o fascismo. Entendidas como doutrinas diferentes, a revista se valeu tanto de imagens como de textos para defender suas ideias, tendendo a exaltar os fascismos europeus e criticar os regimes comunistas e liberais. Para tanto, soube, especialmente na segunda fase, expor sua visão de maneira menos incisiva, com o uso de tirinhas, cartuns, charges e piadas, embora tenha se valido de uma seção que tratou especificamente do fascismo e comunismo, na qual se colocou de forma mais clara a favor da extrema direita.

É importante realizar essa observação porque assim ficam mais evidentes as proximidades ideológicas do fascismo com o integralismo, algo que os camisas-verdes esforçam-se, até os tempos hodiernos, para negar. Além disso, revela as estratégias editoriais como procedimentos intelectuais de persuasão e propaganda, trabalhando os conteúdos doutrinários de forma menos densa a fim de formar o leitor-militante. Já que *Anauê!* contava com a condescendência da censura governamental, mesmo sendo veículo doutrinário de partido político, ela se esforçou para construir uma representação de mundo bastante admirada nos anos 1930, cujos crimes hediondos dos regimes autoritários ainda não tinham sido publicizados. Isso ajuda a compreender, também, os motivos que levaram o governo Vargas a aceitar a atuação livre dessas folhas verdes, afinal, erigia um ambiente propício às suas pretensões políticas, conduzidas para um regime centralista e autoritário.

3.1 A iconografia a serviço da (in)formação do leitor/militante

DESENHOS: A DOCTRINA INTEGRALISTA EM DESTAQUE

O recurso iconográfico esteve presente desde o primeiro número de *Anauê!*, contudo, desenhos não apareceram de imediato – à exceção das capas –, com nenhum na primeira edição e apenas um na segunda. As fotografias foram mais exploradas nessas oportunidades, o que aponta para uma dificuldade inicial quanto à variação imagética.

Talvez os problemas administrativos acusados na 3ª edição sejam responsáveis por essa ausência, o que se buscou resolver dali em diante, já que o número subsequente foi o com maior quantidade de desenhos, como se vê abaixo:

Quadro 17: desenhos por edição da primeira fase*

Edição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Desenhos	--	1	4	16	3	3	5	1	1	1	1	2

*Não estão contabilizadas as capas

“Desenhos”, neste trabalho, tratam-se de representações imagéticas que procuraram, em sua maioria, complementar e/ou representar um texto, ou seja, apareceram como complementos icônicos de escritos. Também se elencou em tal classificação os desenhos publicitários e as molduras confeccionadas por artistas para montagens de fotos. Estes fatores foram determinantes para não aloca-los em outro conjunto de imagens, que apareceram apenas na segunda fase, o qual se classificou como cartum/tirinhas e charges – que serão tomados à frente.

Os desenhos de *Anauê!*, portanto, diferentemente de cartuns, charges-caricaturas ou quadrinhos, não se valeram de ironia, de histórias sequenciais, de exageros em traços para realizar a crítica, mas somente plasmaram uma mensagem direta, complementando o escrito ou a publicidade, quase não aparecendo isolado de qualquer outro recurso. A sua mensagem sígnica, deste modo, não se revelou por si só, mas dependeu, num primeiro momento, de um suporte externo, para propiciar a interpretação, o que não se observou nos outros tipos de imagens presentes em *Anauê!* (ver JOLY, 1996, p. 29).

Estabelecidos os critérios para sua classificação, há de se notar que os desenhos da revista avultaram na 4ª edição, contabilizando 16 entradas, isto é, 42% do total da primeira fase. Na tentativa de reajustar os padrões de *Anauê!* depois das complicações financeiras, investiram pesado em imagens neste número, esforço, contudo, que não mais se repetiu. O quadro acima revela que após outubro de 1935 (nº 4), há queda brutal dos desenhos até o fim da primeira fase, sendo que quatro edições apresentaram apenas um, sendo os das edições nº 8 e nº 11 provenientes de publicidade, portanto, não de produção do grupo responsável pela direção.

O uso de desenhos, excluídos os de publicidade mercadológica, deu-se muito em função da doutrina integralista, com peso na primeira fase. Percebeu-se que, diferente dos cartuns-tirinhas e das charges, os desenhos privilegiaram a exposição da ideologia dos

camisas-verdes, pouco remetendo à política internacional, comunismo ou fascismo. O alvo foi o militante e, apenas posteriormente, sob a égide de Hasslocher, também o leitor comum.

Quadro 18: formas de apresentação dos desenhos da 1ª fase

Ligados a textos	19
Propagandas	6
Molduras para fotomontagem	6
Gráficos	4
Isolados	3
Total	38

A metade dos desenhos foi empregada como complemento visual dos escritos (50%), mas se os de propagandas forem excluídos, o montante vai para 59,3%. Seis foram molduras de fotomontagens e apenas 3 apareceram isolados. Desses últimos, todos voltados para a doutrinação do militante, como moldes de uniformes para as blusas-verdes, uma cidade pintada em tons escuros, o que denota ambiente urbano sufocante, inóspito e pouco agradável, e, por fim, camisas-verdes em saudação de “anauê” dentro de um cemitério em homenagem aos mortos em batalhas, tal qual faziam os nazistas alemães.

A verdade é que a doutrina integralista foi o foco principal dos desenhos nesse momento, e não apenas nos que apareceram isolados. Abaixo um quadro que expõe suas temáticas principais:

Quadro 19: temáticas dos desenhos na 1ª fase*

Tema	Total
Doutrina/AIB	14
Molduras para fotomontagens	6
Religião	5
Fascismo/comunismo	3
Paisagens	2
Personagem histórico	1
Desigualdade social	1

*Não contabilizados os ligados a propagandas.

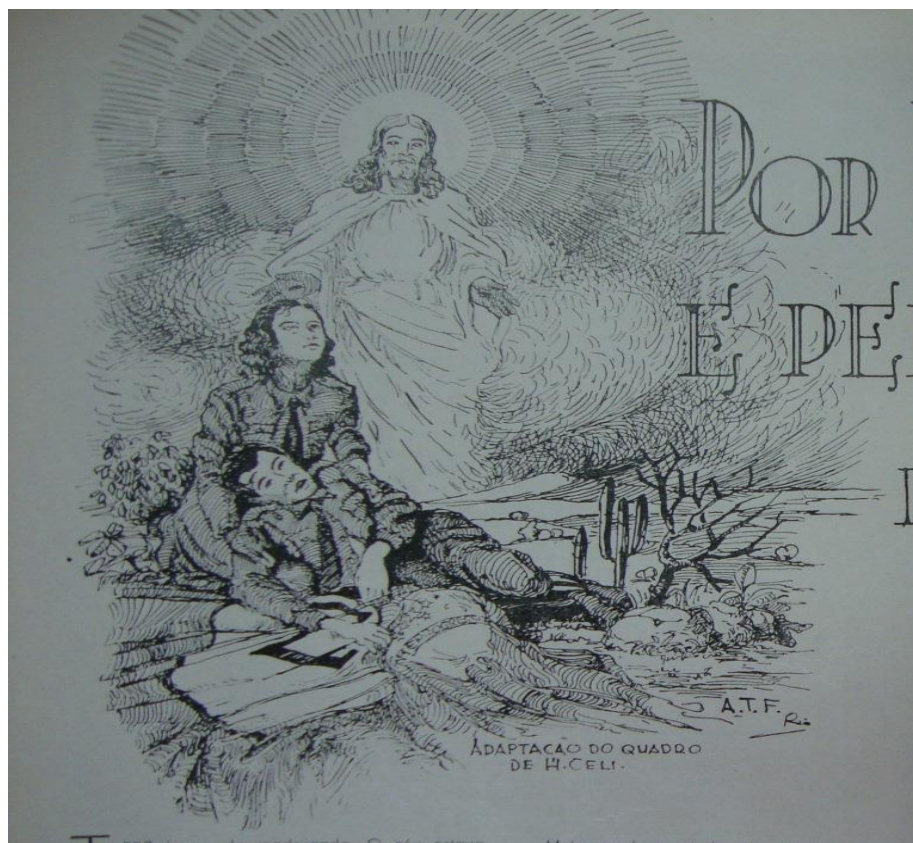
Mais uma vez, o peso doutrinário se revelou durante a administração de Eurípedes de Menezes. No tema “Doutrina/AIB” estão inclusos desenhos que retrataram símbolos e gestos

do movimento, gráficos de crescimento da AIB e elementos básicos do nacionalismo integralista, como a valorização do caboclo, do sertanejo e da mulher, temas já analisados anteriormente.

Na imagem a seguir observam-se os elementos fortemente doutrinários utilizados por Arthur Thompson Filho ao retratar José Luiz Schroeder, considerado um mártir integralista por morrer combatendo os comunistas. O desenho encabeçou o artigo “Por Deus, pela Pátria, pela Família – em memória de José Luiz Schroeder” que, por sua vez, descreveu o dia do jovem camisa-verde desde a hora em que acordou, até o momento da batalha que ceifou-lhe a vida. Salientou o tempo todo Schroeder como um bom garoto, dedicado à família e ao Chefe, honrado e obediente, tal como todo militante deveria ser. Ou seja, a imagem tão somente representou o que o texto explanou, orientando sua interpretação e servindo de exemplo a ser seguido e admirado por todos os integralistas.

Vê-se o jovem trajando sua farda integralista, amparado pela irmã também uniformizada, enquanto a bandeira do Sigma estendia-se ao lado de seu corpo inerte. Ao fundo, Jesus saindo de uma forte luz parecia abençoar ambos, como se aprovasse a luta verde, possibilitando entender que uma de suas mãos amparava a jovem blusa-verde.

Figura 40: desenho de Schroeder assassinado por comunistas



Essas imagens fortes, apelativas, eram comuns, repetindo-se em outras oportunidades. Elas serviam para causar furor e gana no militante, levando-o a se revoltar contra as injustiças praticadas pelos inimigos vermelhos.

Assim como aconteceu nas temáticas dos artigos, nos desenhos também é preciso entender que dificilmente o tom doutrinário não apareceu. Com base no quadro 19, fica evidente como os outros itens também faziam parte da ideologia integralista, exceto “Molduras para fotomontagens”, que eram confeccionadas exclusivamente para enfeitar as fotografias sobrepostas. Portanto, não foi apenas nos escritos que *Anauê!*, em seu primeiro momento, apresentou conteúdo maçante, pois até mesmo na iconografia não fugiu à rotina.

Com a entrada de Hasslocher e seus diretores Loureiro Jr. e Almeida Salles, a doutrina não deixou de ser o foco nos desenhos, mas novamente ela se apresentou de maneira mais bem trabalhada e dispersa. Nesse momento, foram 49 desenhos, sendo 8 de anúncios publicitários. A forma de apresentação dos desenhos nas dez últimas edições foi como segue:

Quadro 20: formas de apresentação dos desenhos da 2ª fase

Ligados a textos	36
Propagandas	8
Isolados	5
Total	49

Dentro desta distribuição, que novamente repetiu o uso dos desenhos como complementos aos textos, tem-se a seguinte classificação temática:

Quadro 21: temáticas dos desenhos da 2ª fase*

Tema	Total
Doutrina/AIB	12
Variedades	9
Religião	7
Personagens históricos	5
Paisagens	3
Negros	2
Data comemorativa	1
Operariado	1
Política nacional	1

*Excluídos os de propagandas

Evidente que a ideologia e a doutrina estão presentes nos itens listados, mas o que é preciso depreender daí é a forma como elas foram tratadas. Ao contrário da fase anterior, quando o tom pesado estava presente em todo momento, com exposição incessante de elementos imagéticos e textuais do sigma, a partir da 13ª edição isto era feito com mais sensibilidade, mesmo que praticamente os mesmos assuntos tenham sido abordados. Hasslocher soube com mais precisão separar os espaços nos quais empregava palavras e imagens mais incisivas dos que deveriam entreter.

O quadro acima demonstra que a nova direção esforçou-se para introduzir novas formas de uso dos desenhos, o que comprova o item “Variedades”, segundo em quantidade de aparições. Ali se veiculou imagens de barcos, crianças observando uma fogueira, rosas sobre uma carta etc, isto é, ícones não ligados necessariamente ao sigma. Quando mais diretamente expunha símbolos integralistas, o fazia sem apelação, mais preocupado em destacar a história da AIB e Plínio Salgado. Obviamente, o caráter menos apelativo deste período é consequência dos textos menos incisivos. Se em sua maioria os desenhos estavam ligados aos textos, era natural que os mesmos tomassem forma mais branda, acompanhando os escritos que complementavam sob a gestão Hasslocher. Aquela missão de contrapor o discurso da grande imprensa concorrente, especialmente a ilustrada, tomava forma em textos e traços mais bem trabalhados, mesmo que o conteúdo doutrinário estivesse presente. Isso poderia ajudar a revista a manter seus militantes fieis aos escritos doutrinários e, para além disso, cooptar alguns novos as suas fileiras.

Os responsáveis pelos desenhos não variaram muito dentro das fases, como pode ser visto abaixo:

Quadro 22: total de desenhos e seus autores nas duas fases da revista

1ª fase	Total	2ª fase	Total
Arthur Thompson Filho*	18	Queiroz	16
Sem identificação	6	Sem identificação	12
Mario Nunes	3	Eladio	5
Manoel Bandeira	2	Acqua (propaganda)	5
Percy Lau	2	<i>Coleção Biblioteca Nacional</i>	3
Délio Sá (propaganda)	1	Luiz Saia	2
G. A. Gouvêa	1	S. Alves	2
Hubert Whatley (propaganda)	1	Alberto Lima	1
Pedrylvo	1	Délio Sá (propaganda)	1
Nestor Rodrigues	1	Juc (propaganda)	1
R. Lilla (propaganda)	1	Marf (propaganda)	1
Tony (propaganda)	1	---	---
TOTAL GERAL	38		49

A dificuldade em manter articulistas foi a mesma para artistas. Poucos nomes apareceram durante os quase três anos de circulação de *Anauê!*, com a responsabilidade concentrada em um colaborador de cada fase e na própria redação. Na primeira fase Thompson, que era diretor artístico da revista, contribuiu com 56% dos desenhos (excluídas as propagandas), mas pode ser maior esse montante, já que outros 6 apareceram sem identificação, do que se supõe que seja proveniente da redação, da qual o referido artista fazia parte.

A tendência se repetiu no ano de 1937, quando Queiroz produziu 40% dos desenhos, sendo que outros 29% ficaram por conta da redação. Esses dados expõem o quanto *Anauê!* foi uma revista concentrada nas mãos de poucos, de partido, que precisou contar com a fidelidade dos militantes para produzir suas discussões. Isso explica em muito os conteúdos dos desenhos, de cunho doutrinário, afinal, eram produzidos apenas por poucos artistas e a esmagadora maioria de militantes ou simpatizantes do sigma. Dentro deste cenário, difícil imaginar uma revista menos ideológica e com mais apelo mercadológico.

Essa abordagem aos desenhos da revista já apontam, pois, que o recurso iconográfico foi tomado como elemento crucial para a transmissão da mensagem do sigma, dado seu potencial de impacto visual e de incursão em públicos mais amplos. Interessante perceber que os desenhos foram utilizados principalmente para a doutrina da própria AIB, para a exposição repetitiva de símbolos, ícones, gestos e padrões do integralismo, com o intuito de familiarizar e naturalizar a ideologia verde no cotidiano do militante. Se num segundo momento ela se mostrou mais branda, isso não significa, porém, que os objetivos mudaram. *Anauê!*, com Hasslocher, trocou a forma, mas o conteúdo era o mesmo: a doutrina.

CARTUNS/TIRINHAS, PIADAS, FRASES SOLTAS E CHARGES – DO BANAL AO ESSENCIAL

Esse conjunto de recursos é específico da 2ª fase de *Anauê!*. Ao contrário dos desenhos, utilizado para a doutrina verde, aqui o conteúdo transitou da piada e do entretenimento à crítica política e de costumes. Isto é, da variação de estilo e conteúdo ao ataque aos eleitos inimigos do sigma e da nação. No primeiro grupo o elemento padrão foi o cartum/tirinha, ao passo que a crítica mais incisiva coube à charge. A classificação de tais imagens nem sempre é fácil, o que exige uma escolha de padrões para a determinação de cada

uma. O suporte conceitual utilizado na presente análise foi emprestado de Edson Carlos Romualdo, que define o seguinte:

(...) compreendemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal. Como cartum, entendemos todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes. Por focalizar uma realidade genérica, ao contrário da charge, o cartum é atemporal, desconhece os limites do tempo que as críticas aos personagens, aos fatos e acontecimentos impõem. A caricatura será compreendida como desenho que exagera propositadamente as características marcantes de um indivíduo. Esclarecemos que, nessa perspectiva, a charge e a caricatura não são excludentes. A caricatura, compreendida de acordo com esse conceito particularizado, aparece, com frequência como um elemento constituinte da charge (2005, p. 170).

Dentro dessa perspectiva, observou-se o uso dos cartuns e das charges durante o comando de Hasslocher, distribuindo-as aleatoriamente nas páginas das revistas. Ao misturar chistes advindos dos cartuns com ataques típicos das charges, *Anauê!* amainou o peso doutrinário da fase anterior, sem deixar de transmitir sua visão de mundo. Divertia primeiro para depois posicionar-se ideologicamente. Contudo, com as charges e os cartuns o foco não foi a doutrina verde, mas o comunismo e temas variados do cotidiano, respectivamente.

A caricatura foi um elemento praticamente ausente das páginas da revista, embora vez ou outra tenha aparecido a imagem de Stálin com traços exagerados. Nem personagens nacionais e nem internacionais eram o alvo principal, mas sim as ideologias que estavam por trás dessas figuras. As tirinhas foram alocadas junto aos cartuns, posto que trabalhavam da mesma forma. Por tirinhas, entende-se aqui uma sequência de quadrinhos que geralmente faz uma crítica aos valores e costumes sociais ou retrata alguma história cotidiana ou engraçada, também não fazendo referência direta a personagens e assuntos políticos da atualidade.

Ainda que a mensagem política (charge) seja mais marcante para o presente trabalho, pois expõe o posicionamento da revista quanto a determinados fatores contextuais, o cartum não pode ser desconsiderado, pois foi o recurso mais utilizado nessa segunda fase, aparecendo em todas as edições (menos na última, dedicada a Getúlio Vargas), sendo a charge utilizada com menos afinco. Nesse aspecto mais uma vez se percebe a arquitetura editorial como recurso intelectual de orientação da opinião pública. As escolhas não eram inocentes, nem mesmo quando os temas tratados pareciam ser banais.

Quadro 23: cartuns/tirinhas e charges em *Anauê!*

Imagens	Entradas
Cartum/tirinhas	40
Charge	11

Nas duas primeiras edições da 2ª fase (nºs 13 e 14) sequer apareceu uma charge, o que veio a acontecer apenas na 15ª. Como se vê, embora houvesse orientação ideológica ao militante, ela era mais dissolvida em meio a recursos lúdicos, não apenas os cartuns/tirinhas, mas também piadas soltas entre as páginas. O estratagema de Hasslocher era mais interessante do que o de Eurípedes, que cansava o leitor com temas maçantes. Nesse 2º momento inúmeras frases soltas, curiosidades e piadas foram veiculadas, o que servia como um atenuante à doutrina, que não deixou de ser o mote principal, como já exposto com os artigos e os desenhos. Ao mesmo tempo em que um texto mais pesado ou uma imagem doutrinária trabalhava a ideologia do leitor, este era “presenteado” com algum elemento engraçado, permitindo a assimilação contínua da ideologia verde, pois se tornava menos cansativa acompanhada desses novos recursos.

No que toca ao conteúdo das charges, há de se notar que o alvo era o comunismo internacional, não necessariamente discutindo sua inserção na nação, o que ficou relegado a outros espaços da revista, como os artigos, seções, desenhos e frases soltas. Das 11 charges, 9 abordaram o comunismo internacional, uma fez crítica à burguesia (judeus) e outra à corrupção. Quando se diz que o comunismo era o foco, entenda-se que toda e qualquer ideologia de esquerda era tomada por comunista, pois a imprensa integralista não discutia a fundo as diferenças entre comunismo, socialismo e anarquismo, dissolvendo todas numa só denominação, para facilitar a assimilação da ideia.

Figura 41: as montanhas russas



Anauê!, nº 15, p. 20.

Acima a primeira charge veiculada em *Anauê!*, exemplificando bem a forma como o comunismo era representado na revista. Tanques russos deslocam-se sobre montanhas de corpos enquanto carregam bandeiras comunistas e distribuem tiros aleatoriamente. Ou seja, os russos, apontados mecanicamente como comunistas, aparecem como seres belicosos e assassinos, divertindo-se ao esmagar pessoas com seus veículos de guerra. Valem-se de forma inteligente da relação com o famoso brinquedo de parques de diversões (montanha russa), para mostrar que a atividade assassina e violenta era um passatempo jocoso promovido pelos moscovitas.

Na mesma página outras duas imagens contrastam para exibir a visão de mundo dos camisas-verdes. Primeiro, outra charge demonstra o que seria uma “missão humanitária” para os comunistas de Moscou, na qual um oficial pede silêncio aos homens desesperados em frente a um paredão onde seriam fuzilados, pois ele queria cumprir sua missão humanitária sem ruídos. Em seguida, uma fotografia revela vários presentes distribuídos às crianças pobres pelos integralistas de Diamantina (MG). A mensagem era mais que explícita: enquanto os comunistas exerciam sua “humanidade” fuzilando pessoas em paredões, os camisas-verdes praticavam a deles distribuindo brinquedos, roupas e alegria a crianças carentes. Aquela dicotomia entre bem/mal, luz/sombra, paz/guerra era bem utilizada por *Anauê!* nos recursos

iconográficos para construir uma representação de mundo específica em torno de ideologias contrastantes.

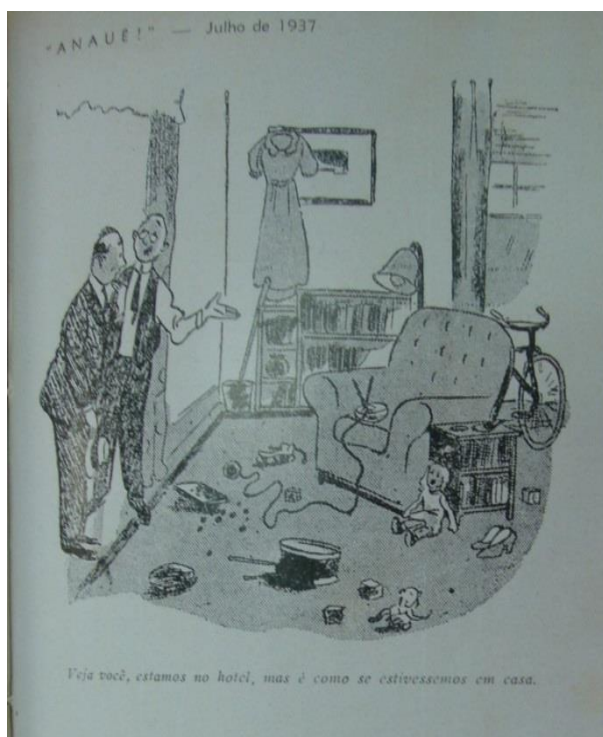
Figura 42: “missão humanitária” de comunistas e integralistas



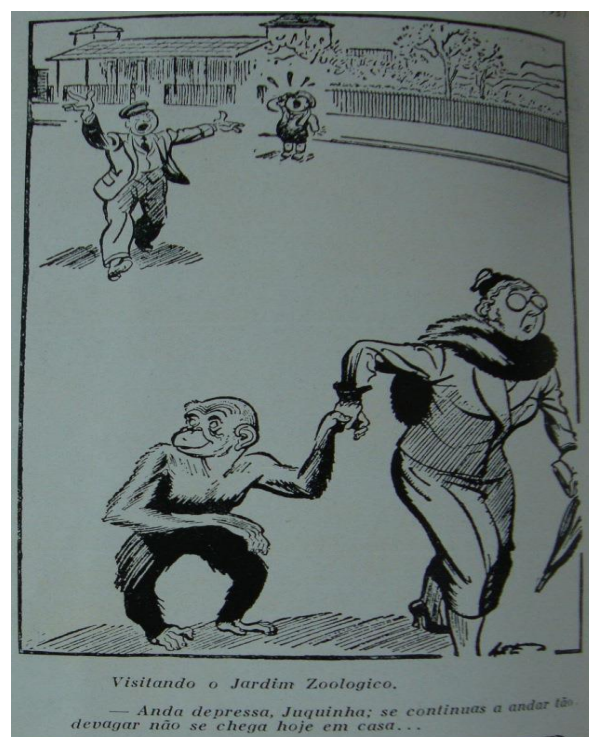
Anauê!, nº 15, p. 20

Nesse caso específico, *Anauê!* trabalhou com a contraposição, ao mesmo tempo em que atacou o comunismo defendeu o seu próprio movimento. No entanto, os cartuns/tirinhas, curiosidades e as piadas eram mais recorrentes para abrandar o conteúdo da revista do que a contraposição escancarada. Nos cartuns/tirinhas, os mais variados assuntos foram abordados de maneira divertida, como as peripécias de assaltantes desastrados, situações constrangedoras em consultórios médicos, idosos e seus problemas relativos à longevidade etc.

Figura 43: exemplos de cartuns/tirinhas



Anauê!, nº 17, p. 39



Anauê!, nº 20, p. 48



Anauê!, nº 13, p. 51

As piadas também se ligavam a eventos engraçados do cotidiano, o que poderia acontecer em escolas, consultórios, igrejas, praça pública, entre outros locais. Elas provavelmente cumpriam sua missão, que era de variar o conteúdo e divertir, atraindo mais leitores e prendendo por mais tempo a leitura da revista. Seguem alguns exemplos das pilhérias veiculadas:

O Diabo Morreu

Um frade velho ia rezando muito devotadamente seu breviário no trem. Nisto chega um pelintra, bate-lhe no ombro e pergunta:

- Então Reverendo, ainda não sabe?
 - De quê, meu filho?
 - Ora, da grande novidade. Todos os jornais noticiaram. Não iremos mais para o inferno, pois o diabo morreu!
 - É verdade meu filho? Pois tome lá quatrocentos réis, que eu tenho muita pena dos órfãos (ANAUÊ!, nº 15, p. 55).
-

Num dos cemitérios do Norte do Brasil foi encontrado o seguinte epitáfio:

- Aqui jaz o João, que foi acender um fosforo no depósito de gasolina para ver se havia gasolina.
 - Havia (ANAUÊ!, nº 16, p. 31).
-

Uma sogra, desejando talvez importunar o pobre do genro morto, foi a uma seção espírita.

Invocando o espírito do infeliz, travou-se o seguinte diálogo:

- Ela: - Como vai?
- Ele: - Oh, feliz, muito feliz.
- Ela: - Mais feliz que quando moravas em minha companhia?
- Ele: - Infinitamente mais feliz.
- Ela: - Que me dizes então do paraíso?
- Ele: - Mas não sei. Eu estou no Inferno! (ANAUÊ!, nº 18, p. 25).

Fica claro que com esses recursos *Anauê!* não procurou doutrinar o militante ou atacar inimigos, mas apenas entreter o leitor. Obvio que ao entreter em meio a imagens e textos doutrinários e políticos procurava facilitar a assimilação da ideologia, portanto, carregava também objetivos doutrinários, o que, por outro lado, não anula o projeto editorial mais eficiente de Hasslocher em relação à primeira fase. Por isso que, como destacado acima, foi preciso atentar para essas opções aparentemente neutras presentes em *Anauê!*, com o fito de compreender os motivos de sua utilização. Se as charges apareceram em menor número e são de fato lugares carregados de significação imediata, os cartuns/tirinhas não são menos importantes, já que serviam de isca para o leitor ao propiciar momentos de divertimento em meio à ostensiva transmissão de mensagens doutrinárias. Eram, pois, ferramentas basilares para a nova fase da revista e para seus objetivos eleitorais.

Foram 170 espaços de chistes dispersos como acima durante toda a segunda fase, o que dá uma média de 17 por edição, distribuídos entre textos, seções e imagens. Além deles,

foi bem comum o uso de frases soltas pela revista, o que esteve presente desde a 4ª edição, com palavras de autopropaganda da revista e de reforço doutrinário ao militante. Contudo, esse recurso não foi perene, desaparecendo por muitos números da revista, mais precisamente na 6ª edição, para depois reaparecer apenas na 16ª.

Foram 40 dessas frases soltas entre as duas fases, sendo 5 entradas na primeira (apenas nos números 4 e 5) e 35 na segunda (a partir da 16ª). Os objetivos também mudaram radicalmente. No primeiro momento, essas frases foram utilizadas para propagandear a própria revista, com intuito de atrair assinantes e anúncios, como os exemplos a seguir:

Sr. Comerciante! Como estás lendo estas linhas, milhares doutras pessoas também o fazem em todas as províncias do Brasil. Neste lugar devia estar um anúncio de vossa casa, não é verdade? (*ANAUÊ!*, nº 4, p. 16).

Sr. Comerciante! Sabe que a revista “Anauê!” tem uma tiragem REAL e COMPROVADA de 15.000 exemplares e que é lida por 70.000 pessoas? Anunciar em “Anauê!” não é somente auxiliar o integralismo: é fazer excelente negócio (*ANAUÊ!*, nº 4, p. 57).

Valiam-se de palavras em caixa-alta e exclamações constantes para chamar a atenção do leitor e anunciante. De certo modo tal estratagema funcionou, já que a partir dali foi comum aparecer anúncios pequenos nos rodapés, em substituição a essas frases soltas que eram veiculadas no mesmo local.

Na segunda fase, o foco principal deste espaço foi a eleição presidencial, da qual Plínio Salgado era candidato pela AIB. Das 35 entradas desse segmento, 30 (85,7%) orientaram o militante sobre o pleito e apenas 5 criticaram o comunismo. Nenhum outro assunto foi tratado aí. As determinações eram incisivas, praticamente obrigando o camisa-verde a providenciar seu título eleitoral e os de seus conhecidos, para fazer campanha pelo sigma:

O integralismo não allicia machinas humanas de votar, mas, pela pregação de uma doutrina nítida, torna o voto consciente e livre (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 3).

O camisa-verde sem seu título eleitoral é um soldado desarmado (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 21).

Camisas verdes! O voto é a arma do integralismo. Se não és eleitor, alista-se imediatamente. Se já és, alista tua mulher, teus filhos, teus parentes e teus amigos (*ANAUÊ!*, nº 17, capa 2).

Isto é, ainda que sob a direção de Hasslocher o conteúdo tenha sido dissolvido, sem discussões políticas recorrentes, a eleição foi abordada de diferentes formas, sem precisar cansar o militante. Tratando-se de revista partidária, mas também ilustrada, *Anauê!* não

precisava fazer grandes análises conjunturais da política nacional (até porque o controle do governo era forte sobre a imprensa do período), pois bastava apenas relembrar o militante de suas obrigações com o movimento e com o Chefe nacional. Por isso, neste caso, essas palavras de ordens distribuídas pelas páginas da revista eram suficientes, sem provocar indisposições com o poder vigente.

O novo projeto de edição da revista revelou acuidade maior em sua feitura, o que orientava com mais propriedade o leitor dentro das concepções integralistas do que a primeira fase, que cansava sobremaneira o olhar com o seu estilo visual e conteudístico. Sem dúvida alguma as charges, desenhos e frases de ordem foram muito mais eficazes na transmissão da mensagem anticomunista e partidária do que os textos analíticos de Barroso, Reale e outros colaboradores eventuais. *Anauê!* aprendia a usar de forma mais efetiva os recursos ofertados por uma revista ilustrada e de variedades, procedimento ao qual há muito a concorrência já recorria com maestria. Na trincheira jornalística cavada pela netinha do Chefe, é inegável o melhor combate empregado por Hasslocher.

3.2 “Verdade fotográfica”: o uso político e doutrinário

As fotografias veiculadas nas páginas de *Anauê!* foram outro fator que revelou o seu conteúdo ideológico constante, além de claramente apontar para uma estratégia de educação visual diferente à utilizada pelas outras revistas ilustradas do momento. Isso se deu pela doutrina diferenciada defendida por *Anauê!*, de caráter autoritário e ligado ao espectro da extrema direita política, o que não acontecia deliberadamente com as outras revistas do segmento ilustrado. Para compreender essa estratégia, seguem-se as diretrizes fornecidas pela Nova História Cultural, especialmente nos quesitos apresentados por Chartier, quando diz que esse ramo da história tem como principal objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 17). Por isso se trata de estratégia, pois o embate de representações do mundo social é determinado por interesses de grupos que as forjam. Daí a necessidade de relacionar os discursos, escritos ou falados, com a posição de quem os utiliza, já que as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros (Idem, p. 17). As fotografias de *Anauê!* revelam bem como há uma mensagem simbólica, forte, construída em sua coleção.

Para analisar o teor fotográfico da revista foi preciso toma-la em sua totalidade, e não apenas em amostragem, para se estabelecer conclusões concretas acerca de seu uso. Essa

metodologia possibilitou melhores resultados, uma vez que a abordagem de um exemplar (ou poucos) foi ultrapassada há muito, muito por conta da contribuição dos estudos semiológicos, que indicam a série ou a coleção fotográfica como objetos mais bem elaborados para a pesquisa (MAUAD, 2005, p. 139-140).

Mais que isso, a leitura das fotos dependem de outros elementos exteriores a ela, tão importantes como a própria imagem, pois dizem muito sobre suas intenções. Por exemplo, o texto que a acompanha, a legenda, a paginação, o veículo que a publicou, entre outros fatores. É preciso perceber como a notícia foi produzida, portanto, quais as condições de produção, qual a conjuntura em que aparece e, dentro desse contexto, qual a mensagem que pretende transmitir. Helena Zanirato chama a atenção para isso ao lembrar que nenhum periódico narra fatos de maneira imparcial, registrando, na verdade, o cotidiano a partir de valores definidos, isto é, os fatos daí provenientes não podem ser tomados como verdades, mas sim como construções humanas com subjetividade – quando não objetividade - implícita (2005, p. 21).

Dentro dessa perspectiva, é impossível não tomar a coleção fotográfica publicada por *Anauê!* como ideologicamente orientada e com objetivos bem definidos. Isso é consequência de uma realidade histórica relativamente nova, cuja fotografia passava a fazer parte do universo impresso das primeiras décadas do século XX. A evolução técnica e química permitiram que as imagens capturadas por um objeto fossem reproduzidas em sua perfeição nas folhas da imprensa, o que assumiu caráter de verdade indiscutível, posto que a imagem veiculada era exatamente a mesma do momento fotografado. Ainda nas asserções de Zanirato, a fotografia tornou-se registro visual da verdade, dentro de uma perspectiva positivista tão alardeada naquele contexto (idem, p. 19).

Para o jornalismo, o advento dessa nova possibilidade garantiu credibilidade alta, já que não precisava, em teoria, da intervenção interpretativa, textual ou subjetiva do autor para explicitar algum acontecimento. A foto, por si, como mágica, tornava o fato morto em vivo, presente aos olhos de quem folheasse as páginas de um periódico. Por isso, tornou-se recurso elementar na imprensa, possibilitando a entrada de um novo método de exposição das informações, conhecido como fotojornalismo, já a partir dos anos 1920, mas com grande visibilidade nos anos 1940 (idem, p. 20).

Embora tenha adquirido tamanha garantia, a fotografia, quando tomada pelo historiador, perde todo o seu caráter de verdade absoluta e se torna um objeto de análise, produzido sócio-culturalmente em determinado contexto e com alguma intencionalidade. Nas palavras de Ana Maria Mauad,

parafraseando Jacques Le Goff, há de se considerar a fotografia simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas e lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (2005, p. 141).

Nesse sentido, ela não é retrato da realidade, podendo significar diferentes coisas para quem olha, sem mencionar que o recorte, enquadramento, centralização, foco, tudo é escolhido subjetivamente ou objetivamente pelo autor. Nos dois casos é preciso compreender que há preferências individuais na produção da imagem, que partem de quem fotografa. Ainda que subjetivamente, foram suas predeterminações sociais e culturais que orientaram o recorte; objetivamente, é mais explícito, pois a mensagem que se pretendeu passar foi intencionalmente pensada (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 42-43).

Nos anos 1930, a fotografia passou a ser usada de diferentes formas (informação, entretenimento, publicidade, política), sendo que no campo da propaganda política configurou-se em eficaz mecanismo de manipulação das massas, orientando posturas, ideias e comportamentos, algo reincidente nos movimentos fascistas e autoritários, o que transformou a política em espetáculo, conformando a realidade.

A AIB, seguindo princípios convergentes aos fascismos europeus, valeu-se de muitos recursos por eles empregados, o que fica visível ao se debruçar sobre as fotografias da revista *Anauê!*. Nelas, percebe-se clara intenção doutrinária, sendo utilizadas para orientar o militante e demonstrar o crescimento do integralismo por todo o país. As lideranças foram destacadas, assim como os eventos públicos e a formação de núcleos por todo o território. Essa prática era semelhante à do nazismo, que soube utilizar bem essas grandes aparições públicas e expô-las, em seguida, nas folhas periódicas. Pedro E. Fagundes confirma tal assertiva:

Durante a década de 1930, o país que realizou de maneira mais monumental comemorações cívicas foi a Alemanha. O grande número de cerimônias e comemorações realizadas na Alemanha durante esse período foi uma tentativa do Estado interpretar ou reinterpretar acontecimentos históricos marcantes, sobretudo tentando estabelecer uma ligação desses fatos com a história do Partido Nazista.

(...) Para esses tipos de regimes, os rituais são o momento em que o povo – e, principalmente, os militantes –, é chamado a demonstrar e a reafirmar sua fidelidade com a causa. No caso dos rituais políticos, uma das mais importantes tarefas é atrair e conquistar simpatia do conjunto da população (2012, p. 892).

De fato o maior exemplo de eficácia na propaganda política de massa dos anos 1930 foi a Alemanha nazista, tanto que seus estratagemas foram reproduzidos em outros rincões do planeta, inclusive no Brasil com o integralismo. Aqui, como acolá, buscou-se explorar a imagem de grandes eventos públicos, de lideranças políticas, de símbolos do partido, de ordem e obediência. O que importava era destacar nacionalmente o integralismo, causar impacto, demonstrar força e coesão. Para tanto se valeram de um total de 1299 fotografias publicadas nas 22 edições de *Anauê!*, isto é, uma média de quase 60 por número circulante, como exposto abaixo:

Quadro 24: total de fotografias veiculadas em *Anauê!*

	Montagens	Individuais	Total*
1ª fase	82 (306 fotos)	274	580
2ª fase	128 (482 fotos)	237	719
Total geral	210 (788 fotos)	511	1299

*Contabilizando individualmente as fotos que compuseram as montagens.

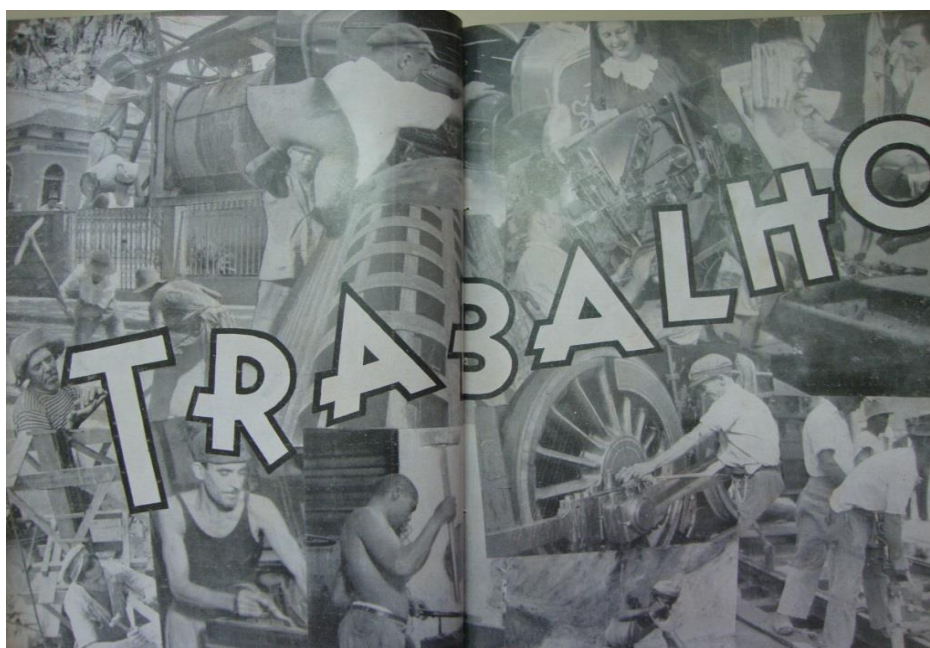
Importa reter que, as montagens, foram utilizadas já a partir da 2ª edição, e se configuraram em espaços fotográficos que continham duas ou mais fotos em sobreposição ou dentro de uma mesma moldura, como também as dispostas juntas numa mesma página sobre a mesma temática (vide exemplo a seguir). Elas foram contabilizadas enquanto montagens como apenas uma entrada, o que revelou o quanto a revista se valeu de recursos mais modernos de diagramação em sua confecção, mas, com o intuito de se descobrir o montante total de fotografias utilizadas pela revista durante seus quase três anos de circulação, também se contabilizou individualmente cada componente das montagens.

Figura 44: primeira fotomontagem de *Anauê!*



Anauê!, nº 2, p. 11

Figura 45: fotomontagem em homenagem ao dia do trabalho



Anauê!, nº 15, p. 32-33

Acima dois exemplos de montagens que diferem entre si. Respectivamente, a primeira fotomontagem de *Anauê!*, que revela padrões mais simples, apenas com a disposição das fotos em conjunto pela página. Em seguida, modelo que já apresenta recursos mais modernos e diagramação mais trabalhada, com imagens e texto sobrepostos.

Abaixo, desnudam-se as temáticas mais reincidentes na coleção fotográfica do mensário verde nas suas duas fases, o que comprova mais uma vez sua veia doutrinária, embora com pequenas alterações entre os dois momentos:

Quadro 25: temáticas por fase em ordem decrescente e com porcentagem por fase

1ª fase	2ª fase
Núcleos – 101 (27,9%)	Personalidade – 42 (8,9%)
Eventos – 82 (22,6%)	Eventos – 37 (7,8%)
Personalidades – 60 (16,5%)	Política – 33 (7%)
Plinianos – 21 (5,8%)	Núcleos – 29 (6,1%)
Nota social – 16 (4,4%)	Nacionalismo – 28 (5,7%)
Nacionalismo – 13 (3,5%)	Comunismo – 24 (5,1%)
Bandeiras – 12 (3,3%)	Assistencialismo – 23 (4,9%)
Assistencialismo – 11 (3%)	Parada integralista* – 23 (4,9%)
Blusa verde – 11 (3%)	Plinianos – 23 (4,9%)
Familiares – 9 (2,4%)	Nota social – 18 (3,8%)
Comunismo – 7 (1,9%)	Blusa verde – 17 (3,6%)
Cultura – 6 (1,6%)	Esportes – 13 (2,7%)
Organização burocrática – 4 (1,1%)	Familiares – 10 (2,1%)
Esportes – 3 (0,8%)	Concurso – 8 (1,7%)
Operariado – 3 (0,8%)	Cultura – 8 (1,7%)
Comercial – 1 (0,2%)	Integralistas – 6 (1,2%)
Desigualdade social – 1 (0,2%)	Nazismo/fascismo – 6 (1,2%)
Religião (católica) – 1 (0,2%)	Organização burocrática – 5 (1%)
---	Religião (católica) – 5 (1%)
---	Bandeiras – 3 (0,6%)
---	Militar – 3 (0,6%)
---	Rádio – 2 (0,4%)
---	Saúde – 2 (0,4%)
---	Operariado – 1 (0,2%)
Total temático: 362	Total temático: 469

Obs. 1: As montagens estão contabilizadas como uma fotografia apenas, já que as temáticas não variavam em cada uma delas.

Obs. 2: Existem mais temáticas do que o montante de fotografias (montagens contabilizadas individualmente) porque em alguns raros casos uma fotografia apresentou duas temáticas claras.

Obs. 3: Estão destacadas em negrito as temáticas que não apareceram na outra fase.

*Essa temática apareceu apenas na edição nº 22, que destacou a parada integralista em homenagem ao Vargas.

As duas fases apresentaram temáticas recorrentes bastante semelhantes, tendo “Núcleos”, “Eventos” e “Personalidades” entre os mais destacados. Contudo, na segunda fase o item “Política” surgiu em terceiro lugar, em razão das eleições que se espreitavam. Isto é, no geral, as preocupações continuaram as mesmas – embora com focos diferenciados –, acrescidas das eleições que se tornaram o objetivo primordial da AIB.

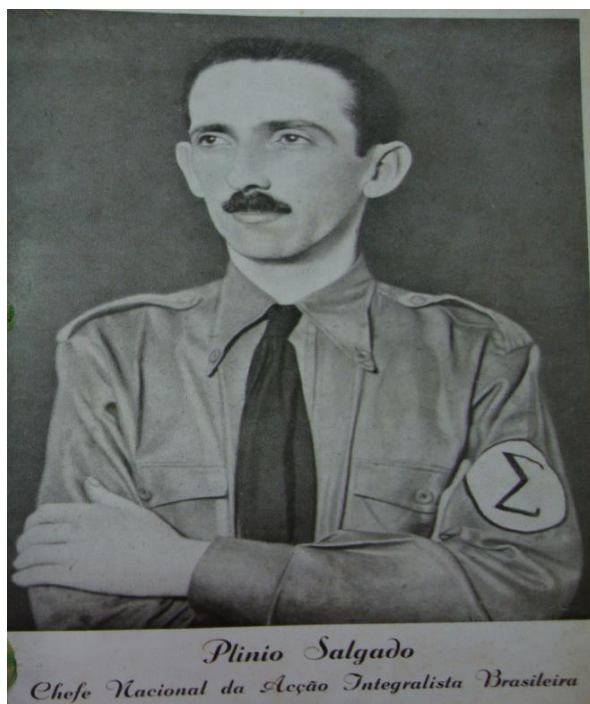
Há de se notar, mais uma vez, como houve esforço em diluir os assuntos retratados, o que se percebe na melhor distribuição temática e na diminuição gradual dos menos recorrentes, na segunda fase. Algo que não ocorreu na primeira, cujos temas principais dominaram o recurso fotográfico da revista, ocupando, os três primeiros, 65% de todo o conteúdo veiculado.

Sob a gestão de Eurípedes de Menezes os esforços voltaram-se para o próprio movimento, com preocupação acentuada em expor o crescimento da AIB por todo o país (Núcleos), as atividades ordenadas levadas a cabo pelos militantes, demonstrando organização e força (Eventos) e as lideranças que serviam de esteio para o grupo (Personalidades), mesma lógica empregada nas capas. Percebe-se como procuravam fortalecer a imagem dos integralistas no cenário nacional, afinal, *Anauê!* surgiu no contexto de transformação da AIB em partido político, o que requeria votos para seu crescimento e acesso a uma fatia do poder.

Nesse momento, com mais propriedade, as fotografias da revista podem ser vistas como documentos/monumentos, pois foram de fato construídas para ser um museu do integralismo, para erigir uma forma de atuação, de comportamento e organização das massas. Buscava-se transmitir ideia de coesão, ordem, pertencimento e força.

Essa engenharia fotográfica utilizada nos movimentos de tendência autoritária repetiu-se no integralismo, que se valeu praticamente das mesmas estratégias que o fascismo e, principalmente, o nazismo, seus contemporâneos. Logo nas duas primeiras edições de *Anauê!* os principais líderes foram retratados uniformizados e muitas vezes trabalhando, servindo de exemplo para os demais. Líderes nacionais, provinciais e locais foram expostos, totalizando 22 fotografias de personalidades apenas nas duas primeiras edições, o que evidencia o esforço em impor autoridade na figura dessas lideranças. Essa opção era idêntica ao do nazismo, que tinha como um dos pressupostos básicos da propaganda a reprodução de retratos de lideranças do partido em diferentes suportes (ADAM, 1995, p. 171). Plínio sempre foi o mais retratado, individualmente, em grupo e no cotidiano, tendo sua imagem quase sacralizada, tornando-se um ícone, o homem a ser seguido, o Chefe Nacional. O modo de veiculação da imagem de Plínio Salgado era praticamente igual ao utilizado com o *Führer* alemão, como se vê abaixo.

Figura 46: fotografias de Salgado e Hitler



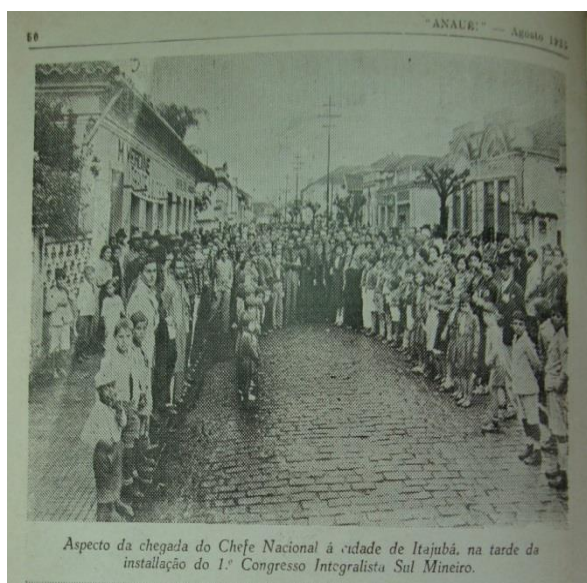
Anauê!, nº 4, s/p



ADAM, 1995, p. 43

Tanto Plínio como Hitler tiveram imagens semelhantes veiculadas aos borbotões em diferentes veículos impressos, mas nem sempre individualmente. Era comum ambos serem fotografados em discursos, desfiles e no trabalho cotidiano.

Figura 47: fotografias de Salgado e Hitler em eventos públicos



Anauê!, nº 3, p. 50



ADAM, 1995, p. 83-84

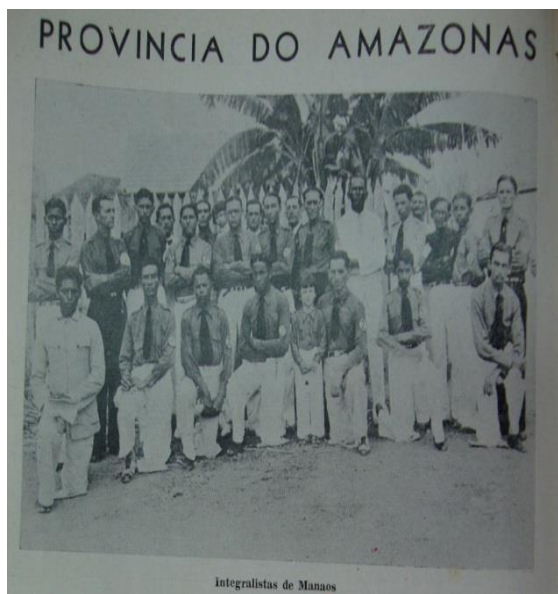
Essas imagens visavam criar o mito do líder carismático, ao estilo do messianismo cristão, o que poderia conduzir massas cada vez mais numerosas para determinados movimentos (WELCH, 1995, p. 83). Tal tendência foi chamada por Alcir Lenharo de sacralização da política, em que elementos e recursos típicos da religião eram empregados no campo político. Nesse caso, Salgado era identificado como o salvador, o messias que levaria o Brasil a uma revolução espiritual. Aliada essa ideia à forte ligação cristã do Chefe e da AIB com o catolicismo, estava alicerçada a base para a política sacra. Nas palavras de Lenharo,

A sacralização da política visava dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres que os tirados da ordem política, funcionando como escudo religioso contra as oposições não debeladas. Da mesma forma, os canais convencionais, alimentados pela religiosidade, podiam ser utilizados como condutores mais eficientes dos novos dispositivos de dominação que o poder engendrava (1986, p. 18).

Essa nova forma de propaganda serviu também a outros aspectos para o integralismo, não apenas para a exposição de seu líder. Na primeira fase, por exemplo, a revista teve quase 30% de suas fotografias voltadas para a exposição de novos e já existentes núcleos. *Anauê!*, como os outros periódicos verdes, procurava comprovar o crescimento do movimento por todo o país e, para isso, nada melhor que o relato fotográfico, visto como testemunho da verdade, portanto, irrepreensível. A imagem garantia a força da AIB, chamando a atenção dos leitores comuns e também das autoridades.

A maioria das fotografias que retratava os núcleos da AIB apresentava o mesmo padrão. Integralistas reuniam-se em determinado local (poderia ser em frente à sede ou em algum local público da cidade), colocavam-se em ordem, com duas linhas de camisas-verdes – ou mais - (às vezes também blusas-verdes e plinianos), uma mais alta e outra mais baixa, uniformizados e com postura e semblantes firmes. Depois enviavam a imagem para a chefia nacional que, por sua vez, tratava de reproduzi-la em diversos veículos de seu domínio.

Figura 48: núcleos de Manaus (AM) e Massaranduba (SC)



Anauê!, nº 8, p. 28



Anauê!, nº 11, p. 25

Na primeira fase a reprodução deste tipo de foto foi exaustiva (101), ao passo que na segunda, embora “Núcleos” estivesse entre os principais temas, contabilizou apenas 29 entradas. A AIB prezava tanto pela menção as suas novas sedes que fez questão de destacar as de outros países, alegando ter militantes em atividade em Varsóvia, Berlim, Zurique, Lisboa, Porto, Roma, Lisboa, Filadélfia, Washington e Montevidéu. *Anauê!* anunciava que esses locais contribuíssem com a Campanha do Ouro, a fim de apoiar a candidatura de Plínio Salgado, porém, nunca publicaram uma foto sequer dessas localidades.

As oito primeiras temáticas elencadas na 1ª fase revelam o tom doutrinário desse período, pois todas são relativas ao movimento e seus militantes. Na 2ª fase, os oito primeiros itens apresentam três temáticas diferentes em relação ao primeiro: “Política”, “Comunismo” e “Parada Integralista”. Ainda que estes três estejam relacionados à AIB, é preciso perceber que o objetivo não era apenas expor o próprio movimento e sua organização, mas sim interferir diretamente e imediatamente no jogo político e social. Se antes se procurava primeiro crescer, ganhar força, atrair militantes, para depois conduzir uma revolução, nesse novo momento partidário da AIB o objetivo era imediato, eleitoral, com data marcada.

“Política” tinha por objetivo destacar os candidatos a cargos políticos locais, estaduais e federais, assim como os já eleitos, além de criticar as perseguições feitas a sedes dos camisas-verdes durante campanhas em diferentes regiões e exibir as secretarias e novos departamentos da AIB criados especialmente para os pleitos.

“Comunismo”, com apenas sete menções fotográficas na primeira fase (principalmente para tratar do levante de 1935 e do comunismo internacional), teve 24 na segunda. Contudo, destas, todas foram a partir da 18ª edição, fato estranho levando-se em consideração a ferrenha oposição entre verdes e vermelhos. Parece que, capitaneada por Hasslocher, até setembro de 1937, *Anauê!* não tinha preocupação excessiva com o comunismo, dedicando-se à eleição de Plínio Salgado.

Tal estranheza se dilui ao se tomar a conjuntura. Foi em setembro daquele mesmo ano que se iniciaram as conversas entre Vargas e Plínio para apoio recíproco, e, coincidentemente ou não, foi naquele mesmo mês, no dia 30, que o plano Cohen, forjado por um capitão integralista, foi “descoberto” pelo governo, criando clima de tensão alimentado pela imprensa, o que justificaria o golpe de Estado em novembro.

Percebe-se, portanto, que “Comunismo” foi uma estratégia política de momento, que se ligou a interesses novos que surgiram. Essa temática está ligada a outra, que só apareceu na derradeira edição de *Anauê!*: “Parada Integralista”. É sintomático que 50% (12) das entradas de “Comunismo” na segunda fase tenham aparecido também na 22ª edição. Nesta, o foco foi o desfile integralista, que ocorreu em 1º de novembro, em homenagem ao presidente Getúlio Vargas, acusando a nova postura da AIB que abria mão das eleições para apoiar o atual presidente.

Com a devida distância temporal, é possível compreender que aquelas edições de *Anauê!* eram um prenúncio do golpe e do apoio integralista, criando o clima de tensão necessário – o ataque veemente ao comunismo a partir de setembro – e oferecendo toda sua organização e força (desfile dos 50 mil) em apoio a Vargas. Nesta última edição o foco foi exibir a força dos camisas-verdes no supracitado desfile e o perigo vermelho, com imagens de integralistas feridos e atentados teoricamente cometidos por comunistas. Construía-se uma imagem pública do comunismo como reflexo do mal, do medo e da tensão, ao mesmo tempo em que apresentava o exército verde como suporte miliciano ao “novo líder”, o presidente Getúlio Vargas. A revista contribuía, portanto, com o ostensivo ataque aos vermelhos ao mesmo tempo em que se colocava à disposição de Vargas para defender o país desse perigo. Nesse interim, aproveitava para demonstrar a força da AIB ao presidente, do qual se esperava o cumprimento dos acordos realizados.

Figura 49: Parada Integralista e feridos por atentado



Anauê!, nº 22, p. 28



Anauê!, nº 22, p. 44



Anauê!, nº 22, p. 39



Anauê!, nº 22, p. 41

Afora esses principais temas fotográficos, ainda se observou que, embora buscassem diversificar os assuntos, o lado doutrinário continuava sempre forte. Novamente houve sim, neste aspecto, certa amenização do bombardeamento ideológico, mas inegavelmente ele continuou. O que deu um tom diferenciado em todas essas temáticas da segunda fase foi o interesse político-eleitoral da AIB, que dividiu espaço com a doutrina. Assim como esta sempre esteve presente, diluída nos assuntos, a eleição também se tornou elemento constante.

Entretanto, em quase todos os assuntos as aproximações com as táticas de propaganda nazista emergiam, pois a técnica publicitária era mister naquela ocasião. Por exemplo, quando tratava do nacionalismo, era bastante comum *Anauê!* reproduzir a vida do sertanejo, no campo, afastado da cidade e de sua modernidade. O nazismo seguia a mesma senda, valorizando o interior, o camponês, o trabalhador forte e dedicado, em detrimento do sujeito urbano. Os dois movimentos buscavam suas raízes no homem comum, no interior, na terra. O que não significa, por outro lado, que outros itens não fossem selecionados, como paisagens, figuras históricas e festas tipicamente nacionais. A trincheira de resistência do discurso conservador e autoritário contra a imagem do homem e mundo modernos da imprensa ilustrada convencional se revelou, pois, em *Anauê!*, não somente nos textos, mas também nas imagens, como bem aferiu esse capítulo. Era uma luta constante do interior contra o litoral, do homem simples contra o cosmopolita, do campo contra a cidade e da arte convencional contra a modernista.

Figura 50: Sertanejo integralista e camponeses nazistas



Anauê!, nº 17, p. 58



ADAM, 1995, p. 77

Enfim, o recurso fotográfico da revista *Anauê!* revela grande proximidade com as técnicas de publicidade política dos fascismos europeus, principalmente o nazismo. Trata-se de reconhecer que tal estratégia foi uma constante nos movimentos de massa daquele período histórico, sejam os de extrema direita ou os de esquerda. No caso da revista verde, os valores defendidos dialogavam com o fascismo, o que a fez, em diversos momentos, defender os movimentos estrangeiros desse segmento e até mesmo coloca-los como exemplos a seguir. Tanto isso é verdade que, nesta segunda fase, a temática “Nazismo/Fascismo” surgiu, embora

com timidez, no agrupamento fotográfico da revista. Contudo, o espaço de maior inclinação ao fascismo se deu na seção “Internacional”, que será analisada à frente.

Importa reter que as técnicas de enquadramento e de posicionamento dos atores e objetos das fotos eram bastante semelhantes em todo o conjunto, em sua maioria centralizando o elemento a destacar, sem oferecer qualquer dificuldade para o leitor identificar a temática principal. Também buscavam padronizar o camisa-verde, retratado jamais sem uniforme, sempre com compostura, interligando a AIB a algo ordenado e sério, no qual o militante fazia parte de uma família sem divisões, sem diferenciações, ainda que hierárquica. No caso dos eventos públicos, o foco era reduzido para as aglomerações, cortando os espaços vagos ao redor, para transmitir a ideia de grandiosidade e de vultuosidade.

No limite, pode-se afirmar que a coleção fotográfica de *Anauê!* era doutrinária e direcionada, ou seja, produzida com intenção clara, predominando a objetividade em detrimento da subjetividade. A fotografia, talvez o principal recurso da revista, apresentava-se de maneira didática e direta, uma pedagogia imagética em função de interesses políticos e ideológicos. A luta do bem contra o mal, do tradicional contra o moderno.

Esses fatores por si eliminam o caráter de verdade absoluta no qual se acreditava naquele contexto, afinal, assim como um texto escrito, a imagem também era produzida, não apenas pela lente imparcial da câmera, mas pelos olhos intencionais do fotógrafo. Seleccionada, angulada e recortada, a fotografia foi usada como qualquer outro meio propagandístico, mesmo que conferisse, naquelas décadas, mais credibilidade. Se não foi possível obnubilar as imagens veiculadas aos borbotões pelos grandes jornais diários e pelas revistas ilustradas, pelo menos *Anauê!*, junto a outras folhas verdes, não deixou de marcar obstinadamente sua posição, atuando da mesma maneira que um militante fiel, quando não fanático.

3.3 Comunismo: o inimigo (inter)nacional

Um dos temas mobilizadores de maior efetividade entre os integralistas era o anticomunismo. Embora a AIB visse liberalismo e comunismo como entes inseparáveis, ambos dentro de um materialismo que se desviava de uma vida espiritual e reta, o primeiro não incomodava grande massa populacional e não mobilizava como o perigo vermelho. Usar a ideologia moscovita como símbolo do mal e do perigo era algo eficaz para amealhar

corações e mentes, isso não apenas por parte dos periódicos verdes, mas por grande fatia da imprensa nacional.

Eliana Dutra defende que o comunismo foi o grande tema motivador de ações e participações em movimentos e debates políticos e ideológicos nos anos 1930, especialmente após o levante de novembro de 1935 (2012, p. 24). A partir daí o inimigo real estava selecionado, sendo o mau identificado com o estrangeiro, inclusive com a atribuição de um rosto a ele: o de Stálin (Idem, p. 45). Não foi por acaso que *Anauê!*, quando publicou alguma imagem de um líder internacional em tom crítico, foi Stálin o escolhido. A AIB apenas fomentou uma onda já existente, não sendo a criadora do anticomunismo. Tanto liberais como fascistas e integralistas se colocaram nas fileiras contrárias aos movimentos de esquerda, erigindo uma visão pública do comunismo.

Sem dúvida, como atesta a bibliografia acadêmica sobre o integralismo, o anticomunismo foi crucial para o estabelecimento de uma postura dos camisas-verdes, sempre autoapresentando-se como defensores do bem contra a enfermidade que representava as ideias de Moscou. Contudo, no que toca à imprensa, há divergências sobre o destaque dado ao tema nas folhas verdes. Trindade afirma que no conjunto de textos ideológicos integralistas a importância dedicada ao antiliberalismo é maior que ao anticomunismo (1979, p. 238). Já Oliveira defende que apenas nos textos teóricos não houve concentração de escritos sobre o comunismo, sendo que a imprensa informativa trabalhou fortemente sobre o tema (2009, p. 212-213).

Sem entrar no mérito da questão, pois apenas pesquisas pontuais sobre os periódicos poderia esclarecer tal dúvida, o fato é que, em *Anauê!*, o comunismo não estava entre os assuntos mais abordados, porém, sem sombra de dúvidas, era tratado com mais contundência e acidez que os outros. Se não era o mais numeroso, era o mais impactante. Diferente dos escritos teóricos de *Panorama* e dos livros, nesta revista, o debate se dava de forma primária e panfletária. O comunismo era identificado com morte, escuridão, assassinatos, doenças etc, sempre de forma superficial, sem aprofundamento e dados objetivos.

Como se evidenciou até aqui, a revista ilustrada dos integralistas mais se preocupou em transmitir a doutrina verde e destacar a expansão do movimento do que de fato desenvolver tratados teóricos sobre política e ideologias. Problema amenizado na segunda fase, mas ainda mantendo certo distanciamento dos debates ideológicos específicos. *Anauê!* buscava novos militantes e eleitores numa nova fase da AIB, o que a colocou como veículo menos dedicado às contendas políticas. Ela queria seduzir mais do que discutir.

No entanto, ainda que o comunismo não estivesse entre as temáticas principais, mostrou-se sempre presente, pouco aparecendo como centro dos artigos, mas muitas vezes citado de forma pejorativa. O Quadro abaixo revela as tendências ideológicas da revista:

Quadro 26: posicionamentos políticos-ideológicos de *Anauê!**

Orientação	1ª fase	2ª fase	Total
Contra o comunismo	41	28	69
Contra a liberal-democracia e o capitalismo	27	11	38
Contra o materialismo	11	1	12
Pró-Fascismos	4	9	13
Antissemita	8	3	11
Contra Getúlio Vargas**	5	---	5
Pró-Vargas	---	---	0

*Total geral, contabilizando seções. Aqui não entraram os recursos imagéticos (fotografias, desenhos, tirinhas e charges) nem frases soltas pela revista.

**Todas bastante sutis.

Como se observa, o comunismo foi citado 69 vezes, mas em apenas 14 artigos apareceu como tema central (ver quadro 5). Isso demonstra como a revista dava importância à questão, mesmo que diluída em outros assuntos. Todavia, também expõe outro lado, que não pendia ao ataque maçante e sistemático ao comunismo. Portanto, pode-se afirmar que, em *Anauê!*, o comunismo não foi temática principal, muito embora seja relevante no conteúdo da publicação. Esse dado por si explica a necessidade de se estudar individualmente as publicações, pois somente assim poderá se construir uma visão mais realista do conjunto da imprensa verde. *Anauê!* contraria tanto a avaliação de Trindade como a de Oliveira, pois nem comunismo e nem liberalismo apareceram como questões centrais em suas páginas, o que não significa ignorar o debate.

Como antípoda da imprensa chamada por eles de burguesa, a revista preferiu num primeiro momento divulgar seu próprio movimento, apresentando-o como alternativa às experiências políticas fracassadas e, a seguir, optou por entrar na disputa eleitoral privilegiando essa questão. Sempre, claro, recheando as páginas de críticas e ironias ao modelo comportamental burguês, ancorado no materialismo e na vida urbana cosmopolita, oferecendo soluções tanto para a política como para o povo (raça) brasileiro. O anticomunismo já era coro não só na imprensa integralista, portanto não precisaria de investimento pesado de *Anauê!*. Mais que isso, o que importava era a própria AIB e suas contribuições para o aprimoramento moral, físico e intelectual da nação que, em certo momento, passou a ser possível apenas pelas urnas, daí a mudança de foco na segunda fase.

Posto isso, percebe-se que, nesta revista, o debate principal não se deu nas filosofias políticas – atividade mais comum nas revistas literárias e culturais -, mas, e isso é preciso exaltar, quando tratou de ideologias, aí sim o comunismo surgiu como alvo preferencial. O antiliberalismo também teve alguma relevância – sempre como elemento secundário -, mas os outros temas elencados são praticamente irrisórios em quantidade (ver quadro 26), levados em consideração os três anos de circulação de *Anauê!*. A não ser a questão do fascismo que, ainda que pouco trabalhada, expõe uma faceta que o integralismo buscou esconder (assunto do próximo item).

O comunismo foi tratado via textos e imagens. Com maior frequência na primeira fase dentro dos artigos (12 entradas) e seções escritas, há considerável redução na segunda, com apenas 2 entradas (nºs 15 e 22). Não cabe retomar as motivações dessa diminuição (pretensões eleitorais), mas apenas entender como o comunismo foi abordado. Na primeira fase o debate concentrou-se no comunismo internacional e nas ações da ANL, em novembro de 1935. Isto é, o alvo sempre foi a doutrina externa, que poderia influenciar maleficamente os brasileiros, ou os “resultados” dela em solo nacional, sendo o exemplo indefectível a chamada “intentona comunista”.

A verdade é que o anticomunismo é elemento fundamental nas organizações de extrema direita. Jefferson Barbosa lembra que era crucial para esses movimentos, no passado ou na contemporaneidade, balançar a bandeira comum do repúdio e afrontamento às organizações de esquerda (2011, p. 41), o que se viu, inclusive recentemente, em algumas manifestações de rua pró-fascistas em certas capitais do Brasil, pedindo ademais a volta da Ditadura Militar. O autor complementa explicando como a AIB atuou naquele ínterim dos anos 1930:

Estas duas dimensões das disputas ideológicas: a sociedade civil e a sociedade política, segundo Gramsci, são ocupadas por duas estratégias as quais denominou guerra de posição e guerra de movimento. A primeira a ocupação de espaço na sociedade civil influenciando a opinião pública e a propaganda política visando à aquisição de novos militantes e, na segunda, a inserção dos militantes nas estruturas políticas institucionalizadas, através da estratégia eleitoral, visando a conquista da hegemonia política.

O integralismo de Plínio Salgado, atuando nestas duas dimensões apresentou-se como proposta de salvaguardar o Brasil, em específico, do “eminente” perigo comunista, e, a atuação dos integralistas na sociedade civil e na sociedade política a partir de 1932 (Idem, p. 42).

Para tanto, valeu-se de uma “lógica” anticomunista nos escritos de imprensa e nos eventos públicos, sempre alertando para um suposto e iminente golpe por parte dos vermelhos. Até mesmo para justificar novos posicionamentos o anticomunismo era usado, como bem

demonstram os textos de Gustavo Barroso, impregnados de antissemitismo. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus levantou a hipótese, bastante plausível, de que Barroso valia-se de uma leitura crítica do comunismo para atenuar os elementos raciais de seu discurso, o que permitia divulgar suas iniciativas antijudaicas em uma aparente crítica política (2011, p. 15). Isso é perceptível em alguns artigos de Barroso em *Anauê!*, na qual estabelece relações superficiais entre o comunismo e a história de Israel (ver *ANAUE!*, nº 1, s/p). Nóbrega de Jesus expõe a “lógica” de Barroso:

A ligação impossível entre capitalismo e comunismo era resolvida por ele, atribuindo aos dois um dominador e um objetivo comum, o judaísmo internacional e o controle da sociedade mundial. Nesse sentido, a passagem de um capitalismo internacional para o comunismo seria possível graças ao elemento judeu, responsável por essas duas formas de desagregação dos valores tradicionais da sociedade (2011, p. 24).

Trata-se de reconhecer que em nenhum momento se realizou discussão aprofundada sobre este tópico (comunismo), prevalecendo o tom panfletário. Essa tendência não era privilégio de *Anauê!*, mas até mesmo de livros menos teóricos. Por exemplo, naquele contexto, o médico integralista Wenceslau Júnior publicou *O integralismo ao alcance de todos*, escrito em linguagem popular e simplista, para chegar ao militante mais humilde e até mesmo às crianças. Ali resumiu as pretensões vermelhas como segue:

O comunismo é uma porção de homens que também querem tomar conta do Brasil, para judiar com seus pais e desrespeitar a sua mãe e as suas irmãs. Se o comunismo vencer, você não será mais de seu pai. Pertencerá ao governo. Não morará mais em sua casa; não viverá com seus irmãos; não poderá tomar a benção de seu Pai e de sua Mãe. O comunismo acabará com tua família (citado por TRINDADE, 1979, p. 241).

A estratégia era criar um clima de medo e tensão, sem nenhum embasamento teórico, apenas com o intuito de atrair militantes para as hostes da AIB. A revista ilustrada verde seguiu o mesmo caminho. Em sua 3ª edição, que circulou em agosto de 1935, as palavras do médico pareciam reproduzidas em outra ordem nas páginas da revista. Em texto intitulado “Pão, Terra, Liberdade!” (lema comunista), a redação contrapõe o mote integralista “Deus, Pátria, Família”, até mesmo defendendo o sistema produtivo dos EUA em comparação ao soviético. Ou seja, para atacar o comunismo pinça como exemplo um modo de produção que também era alvo do integralismo: o liberalismo norte-americano. Mas o objetivo mesmo era denegrir sem cautela a ideologia vermelha:

Sem Deus, sem Pátria e sem Família, não pode existir nem terra, nem pão, nem liberdade.
Quereis a prova?

I – O Pão

Na Rússia um operário precisa trabalhar 17 horas para obter o alimento que um operário nos Estados Unidos obtém em 4 horas. Sabendo-se que o operário americano, no cruel regime liberal-democrático, já não está bem, calcule-se que pão come o operário russo.

II – A Terra

Na Rússia a terra é d camponês, mas a colheita pertence ao governo. Há dias veio um telegrama anunciando o fuzilamento de vários camponeses, por terem escondido um pouco de trigo para alimentarem suas famílias (...)

III – A Liberdade

Acaba de ser anunciada a pena de morte para crianças de 12 anos para cima. Quem anuncia? A agência telegráfica a serviço do próprio Soviet.

CONCLUSÃO

(...) Tereis de trabalhar 17 horas para comer mal. Podereis ter a terra, mas nunca o fruto da terra. Vossos filhinhos serão condenados à morte (...) (ANAUÊ!, nº 3, p. 8)

É explícito o objetivo de impactar, de apontar os russos comunistas como assassinos cruéis de crianças. Mas não só. A ideologia estrangeira destruiria as famílias, os casamentos e os empreendimentos das pessoas honestas, pois apenas os vagabundos, bandidos e prostitutas seguiriam tal movimento. Foi assim que trataram o levante da ANL em Natal:

Das 19 horas de 23 às 4 horas de 27 de novembro, estive a capital Potiguar sob o domínio dos comunistas.

Quase 21 horas de rajadas de metralhadoras, fuzis, tiros secos de armas curtas.

Caminhões cheios de bandeiras vermelhas, gritos, ameaças, insultos! Prostitutas armadas e eloquentes distribuíam prospectos concitando as famílias à adesão. E gritando que “tudo era igual e se acabara essa história de muié casada...”.

Os principais armazéns arrombados pelos embates dos caminhões e saqueadores enquanto a “Junta Governativa Operária” mandava que o comércio abrisse, porque garantia tudo e todos. Assalto aos bancos, cofres abertos a maçarico, a talhadeiras.

Uma multidão de desconhecidos, de vagabundos, de vadios, armados, municiados e **sequiosos de sangue, de morte e de gozo sexual!**

Todos os presos da penitenciária foram libertos e andaram incendiando cartórios e depredando, de fuzil em punho e revólver na cinta. Baixezas incríveis (ANAUÊ!, nº 6, p. 16 – grifos meus).

Essa era a imagem pública do comunismo proliferada por *Anauê!*. uma ideologia que se satisfazia com sangue, morte e sexo. Ora, dessa forma, o projeto de nação forte, saudável e moral tornava-se uma quimera, já que as famílias seriam destroçadas, a violência viraria rotina e a promiscuidade tomaria conta das relações humanas. Todo o esforço integralista se

opunha a isso, zelando pela família tradicional, pela harmonia e pela higiene nas relações sexuais monogâmicas, evitando doenças e, conseqüentemente, a destruição da raça.

Na edição nº 11, de junho de 1936, última vez em que o comunismo apareceu como tema central de um artigo na 1ª fase, a revista veiculou os 10 mandamentos do comunismo, reunindo tudo o que um adepto da doutrina deveria fazer. Eram os seguintes: Odiar o Senhor vosso Deus; amaldiçoar vosso Deus e Senhor; Desprezar o dia do Senhor; Desprezar pai e mãe; Matar; Impureza; Furtar; Mentir; Desejar a mulher do próximo; Preparar a revolução universal. Cada item dessa lista prolixa seguia com uma breve explicação e o texto terminava com apelo emocionado às famílias:

Aí está, brasileiros, o tenebroso plano comunista. Urgo, portanto, a união sagrada de todos os filhos da grande Pátria Cristã, em defesa dos direitos de Deus, da Pátria e da Família (*ANAUÊ!*, nº 11, p. 26).

Na 2ª fase, os dois artigos que abordaram o comunismo foram menos agressivos, o primeiro relatando o ataque desesperado dos comunistas contra o fascismo na Europa (nº 15, p. 17), e o último, na derradeira edição, denunciando um suposto ataque comunista a um trem que carregava integralistas (nº 22, p. 41).

Esse tom menos ácido nos artigos não significou arrefecimento. Muito pelo contrário. A mensagem mais incisiva passou a ser visual e curta, com charges, fotografias e frases soltas, além de rápidas explanações na seção “Internacional”. É notório que as frases soltas de ataque ao comunismo avultaram a partir da 18ª edição, quando iniciam as tratativas entre Plínio e Vargas. Se antes eram usadas para propagandear a candidatura de Salgado, a partir dali também para o anticomunismo. Percebe-se como ao mesmo tempo em que denunciou o comunismo, a revista tratou de elevar o nome do integralismo e de demonstrar o seu apoio às forças governamentais:

Contra um governo de frentes populares e de escravização à Rússia Soviética; contra a tirania plutocrática dos agentes do banqueirismo internacional, - votae em Plínio Salgado, o candidato do Brasil (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 46).

O comunismo será a derrocada do lar. Só uma força se levanta ao lado da armada e do exército contra a onda vermelha: o integralismo (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 61)

Um povo organizado, disciplinado, coeso se levantou para sustar a marcha do Gengis-Khan moscovita (*ANAUÊ!*, nº 21, p. 36)

No caso da iconografia utilizada por *Anauê!*, a mensagem era clara, sem poupar ataques ao comunismo. Durante a segunda fase, a imagem ao lado de críticas veiculadas na

seção “Internacional” foram os espaços de maior concentração de discussões ideológicas, especialmente voltadas para a defesa do fascismo e impugnações ao comunismo. A imagem seguinte resume bem essa tendência, cujo caos é sinônimo de Moscou/Esquerda e a ordem e estabilidade é algo relacionado à Roma de Mussolini:

Figura 51: os caminhos de Roma e Moscou



Anauê!, nº 15, p. 21

Esse tipo de pedagogia visual foi constante nessa fase de *Anauê!* sob o comando de Hasslocher. Diferente de Eurípedes Menezes, que não se valeu de charges ou cartuns, o novo dirigente entendeu que a imagem era eficiente na transmissão de ideias anticomunistas para público ampliado. Predominou, mais uma vez, o foco sobre a política internacional, recurso que permitia à AIB defender sua visão de mundo sem se indispor com forças nacionais diretamente. Também isso pode refletir a pouca força da esquerda brasileira após 1935, quando o governo Vargas impôs leis e controle mais ferrenho sobre suas ações. Ou seja, não encontrando atividades de fato impactantes do comunismo nacional, a saída foi debater o internacional, insistindo nos perigos que poderiam trazer à nação.

Por isso Stálin tornou-se ícone de perversidade, tendo sua imagem e nome associados constantemente ao diabo, à tortura, à mentira e à destruição. Segue uma referência de seu comportamento comparando-o a uma cobra:

Informam telegramas de Moscou que Stálin, ao receber um embaixador vermelho da Espanha, abraçou-o e beijou-o amorosamente. Afora a falta de higiene deste gesto e afora as cócegas do bigode tártaro do sultão do Kremlin, estas carícias não são nada para desejar... As jararacas também lambem as vítimas antes de mordê-la. E os antecedentes do ditador vermelho não são nada recomendáveis. Stálin é um

grande admirador de Judas. Mandou até erguer a estátua do traidor em uma praça de Moscou. Admirador e imitador. Judas, com um beijo e trinta dinheiros entregou e vendeu o Mestre. Com trinta dinheiros e um beijo Stálin quer crucificar a Espanha! (*ANAUÊ!*, nº 16, p. 26).

Interessante notar como em vários excertos a revista faz referência a telegramas, a notícias ou denúncias sobre a União Soviética, sem citar ou oferecer as fontes de suas informações. Cai num denunciismo aleatório e retórico, como franca atiradora, sem se preocupar com o alvo. Não menos interessante é o apelo, sempre que possível, à questão religiosa, fortemente presente na AIB e na sociedade brasileira, comparando o líder soviético a Judas, apontado como traidor e ganancioso. Stálin era convertido, na interpretação bíblica de *Anauê!*, no traidor de Jesus, construção bastante eficaz na doutrinação de cristãos brasileiros.

Essa alcunha de carrasco e cruel foi alimentada constantemente, sendo que o líder soviético não poupava, de acordo com a visão dos camisas-verdes, nem mesmo as pessoas que trabalhavam junto a ele, como seu secretário. A seguir uma charge que expõe a crueldade do regime comunista junto aos trabalhadores, tal como *Anauê!* interpretava:

Figura 52: Stálin e seu secretário



Anauê!, nº 19, p. 24

Já a imagem abaixo revela Stálin como um gigantesco monstro pulando as muralhas do Kremlin, ao passo que cadáveres e ossadas aparecem como consequência dessa expansão da doutrina comunista, escorrendo como esgoto escoado da cidade. O título diz “Quando o Soviet transpõe as muralhas do Kremlin... leva a morte e destruição nos seus passos”

(continuação no centro e à direita da imagem). Já a legenda denuncia a influência soviética na China, o que estava causando revoltas e mortes naquele país: “Essa alegoria impressionante fixa o rastro de Moscou no solo desgraçado da China. Mas os caminhos vermelhos também cortam as nações do Ocidente. E a Espanha é uma etapa atingida – etapa de sangue e de desolações”.

Figura 53: Soviet pulando o muro do Kremlin



Anauê!, nº 15, p. 27

Mas não apenas Stálin era apontado como o culpado por todos os males. O fato é que realmente fora o alvo principal, posto que governava a União Soviética, mas nas elucubrações da seção “Internacional” de *Anauê!* todo comunista era avaliado no mesmo grau, assim como suas dissensões internas eram ignoradas. Por exemplo, quando abordaram o refúgio de Trotsky no México, não mencionaram nada sobre seus desentendimentos com Stálin. Pelo contrário, Trotsky foi acusado de vir para a América pescar militantes e causar desagregações.

Informam notícias fresquinhas do México, que Trotsky, o agitador vermelho de nariz adunco e lunetas de agiota resolveu, “abandonar a civilização” e internar-se pelas florestas para caçar e pescar. Isto de “abandonar a civilização” é conversa fiada, porque na Civilização ele nunca viveu. Mas ainda bem que o diabólico Catilina vermelho resolveu caçar lebres em vez de homens e pescar peixes em vez de conspirações. Não teve sucesso catequizando homens, foi ver se catequizava feras.

Se Trotsky recebesse o meu recado, eu lhe mandaria uma sugestão: não seria melhor que em vez de caçar e pescar, fosse ele cultivar a terra, quer dizer, plantar batatas? (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 24).

Aliás, não apenas os personagens de destaque do comunismo soviético preocupavam os camisas-verdes, como também os líderes que surgiam em outros países. Daí sustentavam a ideia de conspiração internacional que chegava ao Brasil. Em texto que chamavam a atenção para as eleições em todo o mundo e para os comunistas da Europa, finalizam alertando o Brasil sobre os perigos vermelhos pulsantes:

As eleições em todo o mundo estão sendo disputadas entre os comunistas e os nacionalistas. Os partidos liberais envelheceram tanto que ficaram feito os cegos do Ceará: só andam guiados por uma varinha puxada por um menino. E o “menino de cego” de todo esse pessoal é o Komintern.

Menino vadio, perverso, levado da breca que vai metendo o pé em tudo o que está na frente para dar passagem ao seu cego.

O cego da França se chamava Léon Blum. O cego da Espanha se chamava Azaña. O cego da Bélgica é aquele acaciano Sr. Van Zeeland. O menino de cego foi dando pontapé em todo mundo, por toda a parte. Escondendo traquinamente a urna para os Degrelle, os Gonzales e os nacionalistas do mundo inteiro, enfim, não poderem votar.

Há quem busque, quem ache graça nas traquinadas do menino cego... Mas cuidado! É bom não brincar com ele. Ele está no Brasil também, porque o Brasil também tem o seu cego. É cego mesmo, mais cego do que os outros... (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 12).

Como se vê, na avaliação da revista, todo e qualquer comunista era cego, não enxergava a realidade perversa advinda com a ideologia vermelha. Sempre que podia *Anauê!* ironizava ou denegria algum líder ou partido comunista espalhado pelo mundo. Léon Blum, líder da esquerda francesa, esteve entre os mais apontados, sendo acusado de baderneiro e de larápio. Quando perdeu seu posto, a revista não se conteve e proferiu: “Aliás, não é nada de admirar, pois o destino de toda fruta podre é cair...” (*ANAUÊ!*, nº 18, p. 24).

Quanto à Bulgária, a revista comemorou a prisão do considerado braço direito do líder comunista Georgi Dimitroff, em Genebra. E a seguir achincalhou: “ – Pobre Dimitroff! O que irá fazer sem seu braço direito? – Continuar a roubar com o esquerdo mesmo...” (*ANAUÊ!*, nº 20, p. 12). No entanto, na última vez em que a seção “Internacional” circulou, em novembro de 1937, ponderou que o comunismo estava espalhado feito peste em todo mundo porque se baseava em problemas sociais para os quais propunha uma alternativa. Como havia problemas sociais em todo o planeta, garantia seus seguidores. Por isso *Anauê!* afirmou que a solução para expurgar o inimigo vermelho era oferecer programas e soluções melhores e mais

eficientes. Apontou Alemanha, Itália, Espanha e Portugal como exemplos, e claro, o integralismo subentendido como a solução nacional (*ANAUÊ!*, nº 21, p. 30).

É por isso que em diversos momentos, autores integralistas convergiram com as ideias de Plínio Salgado, que em tese não via o comunismo como o alvo principal. Para ele, devia-se atacar as moléstias sociais que propiciavam o desenvolvimento do comunismo entre os trabalhadores. Portanto a meta era oferecer uma alternativa mais coesa e efetiva que os vermelhos. O problema era o materialismo impregnado na sociedade, fomentado tanto pelo liberalismo burguês como pelo comunismo internacional. O mundo material afastava os sujeitos da vida espiritual, sendo a raiz de todos os males (COSTA, 2012, p. 212-218).

Embora essa fosse a visão de Plínio, ficou evidente que em *Anauê!* o materialismo pouco foi citado e o liberalismo apareceu como coadjuvante. Na revista ilustrada verde, cujo objetivo era ampliar a mensagem integralista para grande número de pessoas, o comunismo surgiu como a grande peste, o inimigo internacional a se combater, com o fito de salvaguardar o Brasil de suas influências. Ainda que também não tenha sido a temática principal da revista, é preciso reiterar que, quando tratou de fazer críticas politico-ideológicas, a doutrina vermelha foi acidamente fustigada.

3.4 O fascismo em *Anauê!*: aproximação reticente?

A relação da AIB com o fascismo internacional já foi alvo de muita discussão tanto acadêmica como ideológica, sem alcançar nenhuma conclusão em comum.⁶⁰ Aqui não cabe retomar tal contenda, posto que não se objetiva determinar de maneira conclusiva a base ideológica do integralismo, tão somente entendendo a doutrina verde como próxima a dos fascismos europeus. No entanto, é preciso salientar que a maioria dos estudiosos nacionais e alguns estrangeiros interpretam o integralismo como um movimento de cunho fascista, embora com muitas características próprias.

Na verdade, tampouco existe uma determinação sobre o que é fascismo que contemple por inteiro esse fenômeno político do século XX. Talvez muito se discutiu sobre a natureza fascista de certos movimentos de massas no século passado porque não se levou em conta o

⁶⁰ A principal batalha foi travada entre Helgio Trindade e José Chasin, com Gilberto Vasconcelos correndo por fora. O primeiro afirma ser o integralismo a representação do fascismo europeu no Brasil, com algumas novidades nacionais (1979; 1997); Chasin diferenciava ambos os movimentos, defendendo que o fascismo só seria possível numa sociedade capitalista avançada, o que não era o caso do Brasil (1978). Vasconcelos, partia da premissa de uma recepção mimética e caricata do fascismo em países periféricos como o Brasil (1979; 2010).

processo e as ações, focando muito no discurso. Paxton contesta essa forma de análise, a que procura encontrar uma definição dura (ou um mínimo) para o fascismo, vendo-a como limitante. Por exemplo, quando se diz que todo fascismo exalta o meio rural, contestando a modernidade urbana, no mínimo ignora-se a atitude de um grande líder fascista (Mussolini) que dirigia seu próprio carro esportivo: um Alfa Romeo vermelho. Além de que, quando no poder, ter acelerado o ritmo industrial (2007, p. 24-30). *Anauê!*, do mesmo modo, como discutido, embora defensora do interior, da vida simples e do meio rural, não poupou elogios à indústria nacional quando se destacava, especialmente se fosse empreendimento de um integralista, como comprovou sua deferência aos laboratórios Raul Leite.

Parece claro, pois, que são as atitudes, a forma de organização, o cotidiano, as paixões políticas, que aproximam ou afastam um movimento do conjunto das organizações fascistas espalhadas pelo mundo no entre-guerras. Portanto, o fascismo é uma ideologia que escapa às fronteiras europeias, oferecendo subsídios para grande número de movimentos nacionalistas que surgiram naquele contexto.

Contraditório imaginar que o fascismo se espalhou, posto que fosse ultranacionalista, portanto, não se ligaria a outras nações, quiçá até mesmo vendo-as como inimigas. No entanto, Bertonha acusou a existência de uma Internacional Fascista que atuou no entre-guerras, ainda que de curta duração (2000, p. 99-118), o que confirma que esse fenômeno não foi isolado e nem apenas europeu, embora tenha sua gênese ali. Mario Sznajder ponderou sobre os fascismos fora da Europa:

Os elementos modernizantes que traz o fascismo são facilmente absorvidos, mas não na forma de nacionalismos expansivos e até imperialistas – como são os nacionalismo europeus, nos quais a própria “idade de ouro” proporciona as bases dos critérios imperiais –, mas em nacionalismos defensivos e anti-imperialistas. Idades de ouro são difíceis de serem identificadas no mundo extra-europeu, onde a nação passada nunca existiu, ou ao menos não em termos identificáveis como nação e Estado-Nação, que são conceitos de origem claramente europeia (2010, p. 27).

Para a AIB, como para qualquer movimento ultranacionalista, aceitar influência externa era inadmissível, o que a fez, sempre que possível, afirmar reiteradamente sua originalidade, afastando-se da Itália e da Alemanha. Bem dentro dos critérios apresentados por Sznajder atuou a AIB, negando o estrangeirismo moderno, numa postura defensiva e anti-imperialista. Entretanto, quando atacava o elemento externo, nunca apontava as armas para os países fascistas europeus, restringindo-se a macular os comunistas e liberais.

A AIB vivia uma relação de aproximação e afastamento em relação ao fascismo, já que ao mesmo tempo em que deveria defender, exaltar e apresentar as benesses desse tipo de movimento, precisava mostrar-se como originalmente nacional. Na imprensa, mais uma vez, o debate sobre esse aspecto era diluído em meio a observações tacanhas, sem aprofundamento, apenas destacando os grandes feitos dos fascistas pelo mundo. Em *Anauê*, especificamente, em nenhum momento houve qualquer comparação do integralismo com o fascismo europeu. Na verdade, os diretores foram cuidadosos, apenas ligando o nome da AIB a estes movimentos nos momentos em que eram classificados como **nacionalistas** (ignorando-se o termo “fascismo”).

Isso não significa, por outro lado, que não havia deslizes por parte dos integralistas, inclusive de seus líderes. Gustavo Barroso, em um dos seus livros (*O integralismo e o Mundo*), afirmou, com intuito de colocar a AIB no topo, que o integralismo era o mais bem organizado e o que oferecia melhor concepção filosófica e doutrinária dentre todos os movimentos de caráter fascista (1936, p. 15). Além disso, Bertanha identificou sinais de colaboração de Miguel Reale e Plínio Salgado com órgãos do governo fascista italiano em São Paulo (2001, p. 89-90).

Essa busca de uma originalidade doutrinária, entretanto, não isentava a AIB de ligações oportunistas com as grandes nações fascistas da Europa. O movimento verde não recusou apoio financeiro tanto do nazismo como do fascismo italiano, o que comprova suas aproximações com esses grupos europeus, tanto politicamente, como ideologicamente. Num primeiro momento a Itália fascista não deu atenção ao integralismo, não identificando Salgado como figura forte no espectro político. De acordo com Cantalupo (Ministro das Relações Exteriores italiano), o chamado fascismo brasileiro tinha como chefes pequenos homens sem possibilidade de futuro (TRENTO, 1993, p. 78).

A insistência na brasilidade por parte dos camisas-verdes irritava os italianos, que preferiam apostar em organizações ítalo-brasileiras de tendência abertamente fascista. Isso abriu espaço para a Alemanha estabelecer contato com a AIB, especialmente na figura de Gustavo Barroso, reconhecido admirador do nazismo. Auxílios financeiros e subsídios particulares para alguns dirigentes passaram a ser comum, mediante a propaganda nazista no Brasil (idem, p. 80).

Um documento proveniente da Chefia de Serviços Externos da Alemanha comprova tal ligação. Na carta de Kessemerer (chefe do Serviço Exterior) remetida ao integralista Raimundo Martins Filho, em janeiro de 1937, aquele agradece o camisa-verde por distribuir

os panfletos enviados ao Brasil, como também manda congratulações a Gustavo Barroso por admirar e defender o nacional socialismo alemão. E por fim, prontifica-se a enviar mais 500 manifestos para que seja feita nova distribuição (Coleção Polícia Política - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro).

Essas relações internacionais entre a AIB e os fascismos europeus se manifestaram nas páginas de *Anauê!*, que em sua primeira fase citou mais a Alemanha do que a Itália como exemplo de governo eficiente. É sintomático, aliás, que houvesse representante na Alemanha da revista ilustrada integralista, o que não se repetia na Itália. Isto é, a opinião da imprensa verde caminhava no ritmo das subvenções recebidas dos países fascistas. Já que num primeiro momento a Alemanha deu mais atenção à AIB, foi o nazismo mais elogiado nas páginas de *Anauê!*.

Ainda na 2ª edição da revista, a Alemanha foi citada como exemplo de governo no pós-1ª Guerra (p. 60) e, no número seguinte, a revista já até abria espaço para textos de dirigentes nazistas, como Alfred Rosenberg (Chefe da Repartição de Política Exterior do Partido Nacional Socialista), que se dedicou a contrapor o governo de Stálin ao de Hitler, apontando todos os defeitos daquele e as qualidades deste. Um dos trechos mais importantes tratava da questão racial, em que Rosenberg tentava justificar a política racial nazista e corrigir os enganos de quem a interpreta de forma errônea:

Uma das grandes bases cosmorâmicas do novo Reich é a ideia racista. As manifestações contínuas de interpretações errôneas e de exageros sobre este fato não são devidas a uma atitude de reserva por parte do nacional-socialismo sobre o problema racista. Elas são originadas do sentido errôneo, consciente ou inconsciente, dado por quaisquer intérpretes ignorantes do lado íntimo e científico da ideia de Hitler. O pensamento legítimo do nacional-socialismo sobre a raça está baseado na ligação do povo com a pátria, ou como diz a sua senha: sangue e solo. Ele não se dirige envaidecido ou hostilmente contra um povo estranho, mas quer apenas eliminar do seu povo as influências não alemãs que possam ativar sobre a vida social e cultural da sua pátria.

Esse tipo de pensamento era combustível para a AIB se valer de um discurso ultranacionalista, justificando sua doutrina de acordo com experiências que já funcionavam na Europa. E o alvo era a juventude, assim como na Alemanha, como demonstra a continuidade do excerto supracitado:

(...) Dificilmente se conseguirá familiarizar inteiramente a velha geração, demasiadamente habituada aos princípios liberais, com a necessidade social da educação política racial. Ao contrário, tal empreendimento encontra um ótimo terreno na nova geração.

(...) Uma juventude compenetrada da obra e da história de seu povo não carece de orgulho doentio. (...) Defender esse legado não é apenas um direito

natural do povo alemão, mas um direito justificado na história do mundo (ANAUE!, nº 3, p. 26-27).

A AIB, portanto, via *Anauê!*, defendia um discurso racial eugênico ao estilo do nazista, mas voltado para uma nova formação racial. O vínculo ideológico e financeiro que integralismo e nazismo mantinham abria brechas para esses compartilhamentos ideológicos. Não por acaso a AIB inaugurava escolas e prestava assistência a várias crianças e jovens, pois assim, além de garantir a afeição desse público, agradava aos pais que viam no partido um escape às necessidades da família. Na mesma edição supracitada, *Anauê!* publicou um artigo que subsidiava o viés racista do nazismo e, por consequência, dava base ao ideal eugênico do movimento em solo brasileiro, que valorizava o caboclo, o sertanejo e o mulato, exemplos da raça nova que surgiria, formando a Quarta Humanidade. Gertz lembra muito bem que o integralismo, ao contrário do nazismo que se baseava na raça pura, adotou o discurso da miscigenação (2010).

Enquanto o nazismo mantinha relação amistosa com o integralismo brasileiro e, por consequência, recebia elogios na imprensa verde, a Itália ficou relativamente esquecida, sem muito espaço em *Anauê!* que, por sua vez, chegou até mesmo a criticar a guerra que as tropas de Mussolini iniciaram contra a Etiópia, ainda em suas primeiras edições, como se observa:

O conflito surgido entre Itália e Abissínia continua a preocupar o mundo. Estamos diante de uma perspectiva alarmante de uma guerra de conquista que irá trazer dolorosas consequências aos que nela se atirarem. Sacrifícios econômicos e sacrifícios de vidas preciosas que poderão ser evitados se forem ouvidas a voz do bom senso e os clamores cristãos da solidariedade humana.

Os rumos que os acontecimentos estão tomando, infelizmente, mostram que todas as atividades se voltam para a fatalidade da carnificina e para o aniquilamento de mais uma nação que, certamente, defenderá com heroísmo a sua liberdade e a sua independência (...) (ANAUE!, nº 3, p. 39; 46).

No limite, elogia o heroísmo dos etíopes contra a violência italiana, crítica que em breve mudaria, junto com a guinada da Itália em prol da AIB. Tão logo o integralismo ganhou destaque no cenário nacional, a postura italiana mudou frente ao movimento, sem mencionar o incômodo em observar a aproximação do integralismo com o nazismo. No final de 1936 as relações de Plínio e Mussolini se estreitaram, especialmente depois que Hermes da Fonseca precisou ir à Paris sepultar a esposa e levou uma mensagem de Salgado ao *Duce* italiano. Quem recebeu Hermes foi o Ministro das Relações Exteriores de Mussolini, Conde Ciano, que ordenou, dois dias depois, à embaixada italiana no Rio de Janeiro, que concedesse subvenções aos integralistas (TRENTO, 1993, p. 83-84).

Entrementes, tal ajuda não poderia ser pública, sob o risco de Vargas não ver com bons olhos tal atitude. Por isso essa ligação financeira se deu de forma mascarada, como explica Ricardo Seitenfus:

Ciano está consciente das possíveis implicações de sua decisão. Deve primar a cautela, pois qualquer passo em falso no delicado jogo da diplomacia paralela levaria à ruptura com o Brasil oficial e a consequente não assistência a sua numerosa colônia. Por esse motivo, Ciano ordena que os pagamentos mensais à AIB sejam feitos indiretamente, e que a embaixada italiana no Rio de Janeiro abstenha-se de qualquer contato de natureza financeira com a AIB (2003, p. 50).

O responsável por este contato no Brasil foi o novo embaixador italiano, Vincenzo Lojacono, que chegou até mesmo a sugerir que os integralistas abrissem um núcleo em Roma, o que de fato ocorreu em 25 de maio de 1937, como anunciou *Anauê!* (nº 17, p. 26). Muitas das contribuições aos camisas-verdes se deram via empresas italianas, comandadas principalmente por Martinelli, Crespi e Matarazzo. As metalúrgicas de Matarazzo inclusive anunciaram em *Anauê!*, a partir de maio de 1937, o que comprova a orientação dos dirigentes fascistas, em especial o encarregado de negócios, Menzinger, que aconselhou além dos subsídios, adquirir assinaturas de periódicos integralistas (TRENTO, 1993, p. 81).

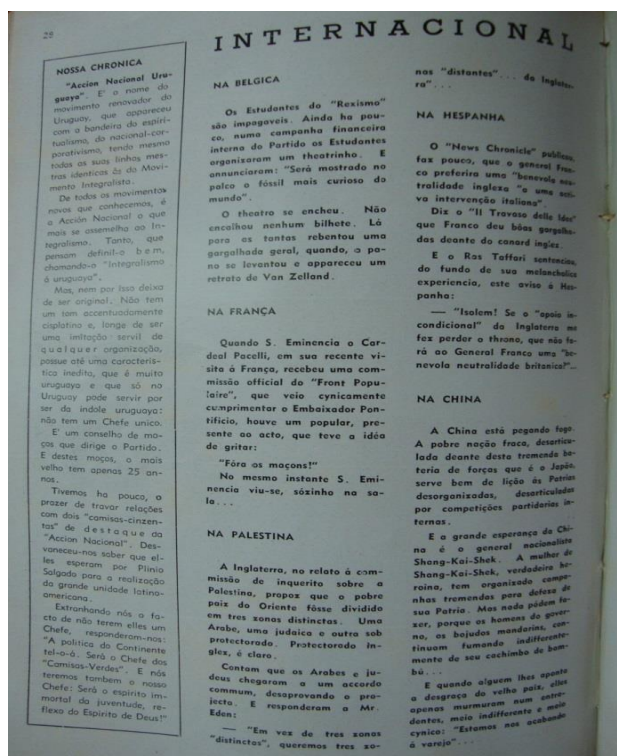
Impressiona como a postura da AIB se mostrava fluida, movimentando-se de acordo com as relações políticas e financeiras com a Itália. Se anteriormente havia criticado a guerra imposta pela Itália contra a Etiópia, de repente passou a apoiar. Essa virada não ficou clara em *Anauê!*, que era uma revista “mensal” e não tinha espaço para tratar das questões cotidianas da política nacional e internacional, mas a imprensa verde no geral expôs tal mudança.

Jaqueline Sentinelo e João Fábio Bertonha demonstraram como em *A Offensiva* a opinião mudou. O texto aponta que, ainda em 1935, as análises ficaram divididas, já que a comunidade negra no Brasil se opunha ao conflito e a AIB visava esse grupo. Mas também é preciso mencionar que a Itália não tinha relações próximas com a AIB neste momento. Os autores deixam claro como, em 1936, contexto da aproximação do fascismo italiano com os camisas-verdes, a opinião cada vez mais pendeu para a defesa dos italianos, com justificativas recorrentes sobre a necessidade do conflito que, por sinal, levaria “civilidade ao povo bárbaro” etíope (2011, p. 83-103).

Não à toa, portanto, na segunda fase da revista as citações ao fascismo foram mais recorrentes (ainda que não numerosos – ver Quadro 26). A seção “Internacional” dedicou-se ou à crítica ao comunismo ou aos elogios aos fascismos, o que deixou mais claro o posicionamento da AIB frente a estes movimentos estrangeiros. A seção era composta por um

texto opinativo (“Nossa Chronica”), que abria a discussão, e vários pequenos trechos com comentários políticos e ideológicos de países pelo mundo. Nessas ocasiões foi contabilizado apenas uma entrada para os temas “fascismo” ou “comunismo”, contudo, trataram de vários países numa só página em todas aparições da seção, como exposto abaixo:

Figura 54: seção “Internacional”



Anauê!, nº 19, p. 28

A primeira crônica de “Internacional” (ANAUE!, nº 14, p. 28) abordou León Degrelle, jovem político, líder do rexismo (fascismo belga), exaltando sua juventude e forma mais leve de fazer política, com humor e até mesmo certa ironia com a oposição. Na verdade, a mocidade sempre era requisitada nestes textos de elogio ao fascismo. Mais que a idade, queriam transmitir a noção de inovação política, de novas fórmulas e formas, o que enterraria o estilo “caduco” e ultrapassado dos velhos homens palacianos. Seguiram o mesmo padrão para tratar dos camisas-brancas dinamarquês, dos camisas-pretas ingleses (comandados por Oswald Masley), de Rolf Henne (fascista suíço), do franquismo espanhol e do engenheiro Mussert, líder do nacional-socialismo holandês e comandante dos camisas-pretas.

Este último foi exemplo, também, de um nacionalismo valorizado pelos camisas-verdes brasileiros. Mussert recebeu loas de Anauê!, pois não aceitou unir-se e submeter-se ao hitlerismo alemão, elevando o brio nacionalista do povo holandês. Isto é, embora o nazismo fosse diretriz, em muitos aspectos, para o integralismo, não poderia ser empregado em outras

nações, sob o risco de se perder a originalidade e o caráter nacional. Ao defender tal postura, a AIB justificava a sua própria.

O fato é que toda forma de nacionalismo era exaltado por *Anauê!*, pois ia ao encontro da doutrina verde empregada no Brasil. Se tivesse alguma semelhança à trajetória de Plínio Salgado, tanto melhor. Foi o caso de Mustafá Kemahl, chefe do partido nacionalista turco. Descrito como um homem que começou sua jornada praticamente sozinho, com poucos seguidores, mas que com perseverança alcançou o poder, lutando pela independência de seu país em relação às potências capitalistas. Tinha sido deputado e jornalista, como Plínio, e esperava-se que seu sucesso se repetisse com o líder integralista (*ANAUE!*, nº 17, p. 52).

Aliás, essa ideia de futuro glorioso advindo após descrédito e ironias era bastante usada na revista, que em diversos textos chamava a atenção do leitor para o fato de Plínio ter enfrentado a chacota contínua dos adversários e incrédulos, mas com perseverança ter erigido um movimento “grandioso” como o integralismo. Os versos seguintes, de Gerardo Mello Mourão, são emblemáticos, não apenas exaltando os feitos do Chefe como também praticamente canonizando-o, ao referencia-lo em maiúsculas (“Ele”):

HONTEM

Quando Ele apareceu, nas voltas do caminho,
Começou a clamar, rebelado, sozinho.
E a turba salpicou de escárnio e zombaria,
O seu clamor de herói e a sua profecia.
Então Ele jurou erguendo ao céu o braço,
Que a pátria marcharia ao ritmo de seu passo.
Jurou, com os pés no tempo e a voz na eternidade,
Que faria surgir a Quarta Humanidade!
E que a terra selvagem, sequiosa de glória,
Romperia cantando nos umbrais da História.
Jurou tirar a Pátria das tristezas das covas,
Para o triunfo da vida e a Luz da Raça nova.
E os cadáveres riram... e Ele passou... sozinho...
Revoltado, a clamar, nas voltas do caminho...

HOJE

E viram-no depois, como um Morubixara,
Com seu grito de guerra alvoroçando a taba.
Trazia nos matizes verdes da couraça,
O sonho e a inspiração febril da nova Raça.
E atrás deles formaram tribos revoltadas,
Trazendo à escuridão a luz das alvoradas.
E traziam da terra a bárbara pujança,
E traziam do céu a força da Esperança.
Marchavam atrás dele, um ritmo alvoroçado,
De quem foge da sombra e foge do passado.
Marchavam atrás dele em milhares de passos,
Erguendo os corações, erguendo a frente e os braços.
E arrastavam a Pátria.. e a Pátria foi rolando,

Atrás dele, de verde, em triunfo, cantando.
(...) (ANAUÊ!, nº 12, p. 2).

A revista não deixou passar, ademais, os reflexos do fascismo na América do Sul. Jorge Gonzales, que encabeçava o partido nazista chileno, assim como Kemahl e Salgado, também foi ironizado quando surgiu, e isso foi destacado por *Anauê!*. Contudo, era apontado como o líder do segundo maior partido nacionalista da América Latina – obviamente o primeiro seria a AIB (ANAUÊ!, nº 15, p. 22). Mas era no Uruguai que residia o motivo de orgulho dos camisas-verdes, pois os camisas-cinzentas da Acción Nacional Uruguaya, diferentemente dos outros movimentos, não tinham um líder único. Esse fato fez com que Salgado fosse apontado como o possível Chefe, não só da AIB e da Accion, mas de todo o nacionalismo latino-americano:

De todos os movimentos novos que conhecemos, é a Acción Nacional o que mais se assemelha ao Integralismo. Tanto, que pensam defini-lo bem, chamando-o “Integralismo à uruguaya”.

Mas, nem por isso, deixa de ser original. Não tem um tom acentuadamente cisplatino e, longe de ser uma imitação servil de qualquer organização, possui até uma característica inédita, que é muito uruguaya e que só no Uruguai pode servir por ser da índole uruguaya: não tem um Chefe único.

É um conselho de moços que dirige o Partido. E destes moços, o mais velho tem apenas 25 anos.

Tivemos há pouco o prazer de travar relações com dois camisas-cinzentas de destaque da Acción Nacional. Desvaneceu-nos saber que eles esperam por Plínio Salgado para a realização da grande unidade latino-americana.

Estranhando nós o fato de não terem eles um Chefe, responderam-nos: “A política do continente tê-lo-á. Será o Chefe dos camisas-verdes”. E nós teremos também o nosso Chefe: será o espírito imortal da juventude, reflexo do espírito de Deus (ANAUÊ!, nº 19, p. 29).

Essas manifestações latino-americanas que dialogavam com o fascismo, todavia, não foram reconhecidas como parte dos movimentos fascistas mundiais. À exceção da AIB, nenhum outro poderia ser considerado uma experiência de fato fascista ou próxima a isso, conclusão compartilhada por estudiosos europeus e latino-americanos (Ver PAXTON, 2007, p. 314; BERTONHA, 2000, p. 102; SAVARINO, 2009, p. 130; PAYNE, 2012, p. 104).

Trata-se de notar que, neste íterim, quando *Anauê!* dedicou mais espaço aos fascismos no mundo, a Itália provavelmente foi quem estimulou esta atitude. A aproximação dela com a AIB refletiu nas páginas da revista, que em algumas ocasiões elogiou Mussolini, apontando-o como a grande figura política europeia:

Para falar conciso e em estilo fascista, Mussolini continua sendo o homem mais notável da Europa. E o mais interessante é que o Chefe do Fascio conserva o seu gênio moço de “enfant terrible”. Conta um jornal milanês que, há pouco tempo, o Duce assistia incógnito a um filme de uma parada

fascista. Quando apareceu na tela o retrato de Mussolini, a multidão prorrompeu em aplausos. Só um inglês, que estava justamente ao seu lado mantinha-se carrancudo e imperturbável. Logo os camisas-pretas deitaram-lhe os olhos. Pegaram-no para indagar as causas de sua antipatia pelo Duce. O homenzinho via-se em maus lençóis.

“Por que o senhor estava tão constrangido?” – E Mussolini, de cuja presença ninguém suspeitava, interrompeu:

“Porque enquanto os Srs. aplaudiam o retrato do Duce, ele estava atônito, vendo-o em carne e osso”. Foi o bastante para salvar o inglês (*ANAUÊ!*, nº 17, p. 52).

Neste trecho o *Duce* é apresentado como líder carismático e bondoso, que salvou o inglês (providencial a presença deste numa apresentação fascista) de uma situação perigosa frente aos camisas-pretas. Esse tratamento amistoso direcionado a Mussolini se devia não apenas aos subsídios, mas também a um ideal universalista que adotou a Itália quanto ao seu regime. No jogo geopolítico dos anos 1930, conquistar aliados era fundamental, o que levou a Itália a mudar o discurso e reconhecer que o fascismo poderia ser uma experiência compartilhada por outras nações. Por isso o CAUR (Comitati d'azione per l'universalità di Roma) foi criado em 1933, o que sugere a intenção de Mussolini conduzir essa expansão do fascismo pelo mundo. Ainda que o CAUR não tenha sido bem sucedido, a política expansionista se manteve e abraçou também os países latino-americanos, ocasião em que a AIB entrou nos interesses italianos (BERTONHA, 2000, p. 103-107), adotando a estratégia de elogiar todos os movimentos de caráter fascista que surgiam em diversas nações.

Dentro dessa estratégia, *Anauê!* não se incomodava em usar medidas diferentes para avaliar situações semelhantes que ocorriam entre nações liberais e comunistas, por um lado, e fascistas por outro. Ainda em sua 3ª edição, a revista concordou com o texto do nazista Alfred Rosenberg, que avaliou o panorama internacional criticando o pacto franco-russo assinado em maio de 1935. Em sua opinião, aquela aproximação, em vez de assegurar a paz, causava uma tensão geopolítica na Europa, pois esse tipo de ligação constituía compromissos entre os signatários e não entre todas as nações. O autor chegou a chamar o pacto de imoral e concluiu que com isso as expectativas de paz no continente ficavam cada vez mais distantes (*ANAUÊ!*, nº 3, p. 60-61).

A imagem a seguir representa bem como *Anauê!* interpretou tal união, pois apresenta um soldado russo e um francês de mãos dadas, amparados por Marte, numa alusão ao Deus romano da guerra. Atrás deles canhões em fileiras, significando que as armas já estavam preparadas para o início de um iminente conflito.

Figura 55: representação do pacto franco-russo



Anauê!, nº 3, p. 60.

Não obstante, quando da formação do eixo Roma-Berlim, em 1936, a postura foi diferente. Ainda que *Anauê!* não dedicasse grande espaço de suas páginas às questões externas (com exceção da seção "Internacional") - e por isso não veiculou nenhum artigo analisando a assinatura deste auxílio mútuo, como o fez em relação ao pacto franco-russo -, deixou claro seu posicionamento ao publicar a charge que segue:

Figura 56: eixo Roma-Berlim



Anauê!, nº 19, p. 24.

Um enorme halter, tendo um lado simbolizado pela suástica nazista e o outro pelo fascio de Roma, exprimia a força dessa união. Em torno dele, caricaturas de franzinos políticos liberais, trajando roupas de ginástica (bandeiras da Inglaterra e França expostas), preparando-se para se exercitar. O recado era claro: nem mesmo todos eles juntos seriam capazes de suportar o poderio do eixo.

Ainda que fique clara a benevolência de *Anauê!* em relação ao fascismo, é preciso reiterar que a revista tomou cuidado na abordagem do tema. Por se tratar de um movimento nacionalista, não poderia assumir oficialmente ligações com regimes de outros países, principalmente ideologicamente. Por isso houve poucas menções ao fascismo durante toda a sua circulação. Como ficou comprovado neste trabalho, *Anauê!* foi uma publicação doutrinária e política, que repetiu os princípios integralistas de forma maçante. Lutavam por confirmar a alcunha de ideologia original, sem interferências estrangeiras. Essa era uma característica de toda imprensa verde, como denota Marcia Regina Carneiro:

Fascistas e nazistas, garantem os integralistas, eram totalitaristas, pois acreditavam que o homem estaria subordinado ao Estado como parte deste. Já a AIB dizia defender o “totalismo”, em que o Estado seria uma das expressões do todo, como parte da síntese que incluiria todas as manifestações nacionais, sociais e econômicas (2010).

Tudo bem que *Anauê!* não entrava a fundo nessa discussão, pois sua função não era debater. Pelo contrário, surgiu com o objetivo de entreter e, ao mesmo tempo, doutrinair, por isso em sua maioria expôs comentários superficiais sobre qualquer questão mais ácida. Coube aos livros e publicações mais teóricas discernir acerca da ideologia do sigma em relação às outras presentes naquele cenário. De *Anauê!* não se poderia esperar nada muito diferente do que foi: defendeu os fascismos e seus líderes com o intuito de sugerir que algo parecido com aquilo seria a solução para o Brasil. Portanto, a solução seria a Ação Integralista Brasileira e seu líder maior, Plínio Salgado. Assumiu postura incisiva neste aspecto, o que não aconteceu com a maioria dos periódicos circulantes, ainda que em muitos momentos elogiassem também os feitos de Mussolini e Hitler. Foi dessa maneira que a revista verde cravou seu nome na história, apresentando um discurso específico, com estratégias editoriais convergentes às dos fascismos, valendo-se do segmento revisteiro ilustrado como recurso de maior apelo popular. Mesmo que não tenha sido forte comercialmente, não se pode deixar de reconhecer seu papel pontual naquele contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As últimas palavras de uma longa trajetória de pesquisa saem sempre com dificuldade. Afinal, o que acrescentar a tudo o que já foi dito? Mais que isso, paira a questão sobre qual de fato a contribuição que o resultado deu ao conhecimento? Num trabalho historiográfico, que lida essencialmente com o passado (remoto ou não), permanece a dúvida dos desavisados sobre as contribuições sociais desse ramo científico. Soa repetitivo e óbvio, mas é preciso relembrar a simples argumentação de Marc Bloch no célebre *Apologia da História*: “A ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação” (2002, p. 63). Parece cirúrgica essa intervenção atualmente, diante do crescimento de políticas e ideologias de extrema direita com propostas ultraconservadoras e radicais para resolver problemas resultantes das desigualdades provocadas pela estrutura do sistema global.

Durante a redação final desta tese, essa mesma indagação pairava no ar: afinal, qual a contribuição deste estudo à sociedade? Sua organização final revela que não só ela, mas todo trabalho historiográfico, carrega em sua origem questionamentos do presente. Mais que contribuir com uma pesquisa acerca de um objeto ainda pouco conhecido nos escritos acadêmicos, este trabalho oferece um caminho para se compreender as estratégias de manipulação de massas, técnicas de propaganda, usos e abusos da imprensa, ideais de época, origens ideológicas e construção de fatos. Estimula um olhar crítico sobre a atuação intelectual de grupos políticos (livros, partidos, ONGs, periódicos, discursos, manifestações, denúncias etc), exige uma reflexão sobre crenças duras que parecem irrepreensíveis no tempo imediato.

Por isso é necessário sempre encarar com cuidado os fatos presentes, já que não se pode ter o distanciamento temporal benéfico para sua análise. Lembrar o contexto dos anos 1930, e ver que as estratégias de persuasão utilizadas pelos fascismos foram extremamente eficazes, deveria ser um alerta sobre assimilações de orientações sem o devido discernimento. Naquele momento, os regimes autoritários ainda não haviam revelado suas crueldades ao mundo, mas só conseguiram executá-las porque tiveram apoio massivo de pessoas “inocentes”. O grande mentor intelectual da propaganda nazista, Goebbels, já afirmava que não se manifestava para dizer algo, mas para obter determinado efeito (ver CAPELATO, 1992, p. 71). Esses efeitos, quando a massa se comporta como rebanho, podem ser devastadores, como comprovou a história.

Olhar para trás e desprezar os ecos do passado não deveria ser procedimento comum. Como relembra Rémond, a crítica de que a política é acontecimental e passageira pode até ser verdadeira em algumas ocasiões e abordagens, mas ela também pode se inserir na grande duração. Suas instituições constantes asseguram a permanência do pensamento. Configurações estáveis como a separação entre esquerda e direita são duradouras, e habitam o imaginário das pessoas, sendo resgatadas sempre que preciso para obter algum resultado, comportamento ou ação (2006).

Nesse sentido, recuperar a história da revista *Anauê!* e, conseqüentemente, da Ação Integralista Brasileira, faz pensar sobre o retorno (se é que algum dia desapareceram) dessas ideologias autoritárias que se apresentam como ferramentas alternativas ao modelo corrente para a gestão de nações. Perceber como este mensário atuou, seus projetos e representações de mundo, com quem dialogava e a quem respondia, revela o constante embate político e intelectual diluído nos bens culturais que tem o público como espectador.

Cabia à *Anauê!* revolucionar a forma de apresentar a doutrina integralista ao público e torna-la mais interessante, afinal, mais que o movimento em si, com o passar do tempo outro objetivo surgiu: a eleição de Plínio Salgado. A grande questão era: como ser moderno, inovador, interessante e ao mesmo tempo rígido, fiel e político? Para além, como ser tudo isso sem subvenções do partido, com toda carga de responsabilidade nas mãos do diretor?

Como se viu, essas dificuldades permearam toda a história da revista, refletindo em sua configuração final. Embora se valesse de alguns elementos atraentes, típicos da imprensa ilustrada e de variedades, *Anauê!* nunca conseguiu escapar a sua matriz, ao seu partido e aos seus dirigentes. Feita exclusivamente *por* integralistas, dentro de regras e padronizações comportamentais herméticos, com o intuito de atender as demandas *do* integralismo, o resultado foi uma revista doutrinária, partidária e cansativa.

Neste ponto interessa mais uma vez retomar uma advertência da professora Tania de Luca (2011, p. 7) quanto a separação dicotômica entre revistas destinadas a divertir e agradar e as que exigiam um leitor disposto a enfrentar textos e/ou temas mais densos. Isso porque é preciso, a partir da análise do próprio material estampado no periódico, desvendar seus objetivos e ultrapassar caracterizações genéricas. Claro que *Anauê!* foi uma publicação que se valeu dos procedimentos, materiais e técnicas típicos das revistas ligeiras em sua contemporaneidade, o que, no entanto, não a colocou totalmente dentro deste segmento no que se relaciona aos conteúdos e atuação. Ainda que ilustrada, seu teor era marcadamente político e doutrinário, tanto na primeira fase (de forma assumida) quanto na segunda. Era

ilustrada e continha seções variadas, mas não tinha como função precípua – ou mesmo secundária - agradar e divertir. Por outro lado, não veiculava grandes debates e contendas teóricas, mas pretendia atuar politicamente e ideologicamente justificando suas orientações doutrinárias. No fim ela não foi nem uma coisa e nem outra, mas acabou se convertendo num amálgama de estilos e procedimentos discursivos e jornalísticos.

Nesta senda, atuando como um meio de comunicação partidário, mas disputando espaço com as ilustradas, o mensário viu-se obrigado a entrar no mercado burguês de publicações e, portanto, adotar certos vieses administrativos próximos ao do liberalismo, pois mantinha publicidade aberta – não só do integralismo -, precisava dar lucro (ou pelo menos não prejuízo) para se manter e adotar elementos modernos de se fazer imprensa, recurso duramente criticado pelas lideranças integralistas, mas que acabou sendo utilizado para não deixar a revista morrer.

Anauê! surgiu para ser a principal revista do movimento integralista, para apresentar novas formas de convencimento e orientação das massas, para obter resultados específicos, portanto. Na ânsia de rebater o discurso que avultava sobre a modernização do país, propôs um jornalismo diferenciado, embora político e doutrinário, que pudesse atrair público mais numeroso. Como se viu, não foi capaz de realizar esta tarefa efetivamente, embora tenha guardado seu nome na memória dos integralistas por sua representação simbólica.

A revista não conseguiu escapar ao tom pesado e doutrinário em sua primeira fase, pois não soube empregar as ferramentas que o estilo ilustrado de revista ofertava. Não bastava ter fotografias, papel de qualidade, cores e desenhos se não soubesse a forma de utilizá-los. A gestão de Eurípedes, portanto, parece ter sido um laboratório, uma experiência jornalística que, de fato, não deu certo. Afinal, como nesse momento o diretor insistiu em editar o mensário para os militantes exclusivamente - o que ele mesmo afirmava -, não se esforçou o suficiente para desviar do formato de imprensa que até então a AIB já colocava em circulação.

Na segunda fase, com a direção de Hasslocher, o peso do partido se fez sentir, e os interesses eleitorais obrigaram a revista a tomar um novo norte. A questão doutrinária foi minorada e as urnas se tornaram foco, até mesmo retirando importância de assuntos largamente abordados no comando de Eurípedes, como o regionalismo e a própria AIB. A candidatura de Plínio passou a ser o mote central, ao mesmo tempo em que os fascismos passaram a ser mais elogiados e o comunismo atacado. Construía-se uma situação em que se apontava uma possível invasão e perigos para o Brasil que, por sua vez, só seriam resolvidos

mediante uma intervenção ultranacionalista liderada por uma espécie de Messias, ou *Duce*, ou *Führer*, como queiram.

O apelo ao estilo ilustrado, sem dúvida, pretendia angariar mais adeptos ao sigma, mas, é preciso perceber, primeiro de tudo importava contrapor a representação de mundo proveniente das grandes revistas ilustradas, em especial *O Cruzeiro*, sob os auspícios dos Diários Associados, que disseminava uma cultura identificada pelos camisas-verdes como cosmopolita e fútil, o que contribuía para a desinformação e deformação do povo brasileiro que, cego, não enxergava as ideologias invasoras, essas sim identificadas como riscos prementes para a nação. Assim, cavou sua trincheira no campo de atuação neste segmento jornalístico, num momento complicado tanto para a política como para a imprensa nacional, o que pôde ser observado no primeiro capítulo desta tese, quando colocada em sincronia com a imprensa do período.

Se a AIB rendera-se ao jogo do sufrágio, não bastava mais ficar agarrada aos seus ideais e a sua imprensa eminentemente partidária sob o risco de perecer. A estrutura do periodismo verde era bastante frágil, como ficou exposto, o que levou a sua revisão no Congresso de Imprensa Integralista, ato que, todavia, não culminou numa transformação substancial do que vinha se fazendo. Neste meio, *Anauê!* conseguiu alguns avanços, mas nada que tenha revolucionado o método anterior, tampouco contribuído de forma incisiva nos pleitos eleitorais.

Por outro lado, a revista foi (é) ícone no imaginário integralista, com um nacionalismo periférico ultraradical que lutou bravamente para valorizar a raça miscigenada brasileira, a família cristã-integral, a mulher tradicional, a força da juventude, o território e as raízes históricas da nação. O segundo capítulo demonstrou como todos esses aspectos foram abordados estritamente dentro da doutrina integralista, o que resultou numa publicação de conteúdo maçante e repetitivo, embora com gradações diferenciadas entre suas duas fases.

Muito dessa incapacidade de inovar pode ser creditada à postura ideológica da AIB, base de todo conteúdo de *Anauê!*. Dialogando com os fascismos europeus, não foi capaz de escapar ao apelo doutrinário típico desses movimentos, que se debatiam contra um comunismo perverso e epidêmico. O terceiro capítulo da tese esclareceu, portanto, com quem a AIB dialogava e os meios com que representou e apresentou os movimentos de extrema direita e os comunistas em âmbito internacional. Nesse momento foi possível vislumbrar o por que *Anauê!* não foi capaz de variar seu cardápio e assumir, de fato, características do periodismo variado e ilustrado. Simples: porque no afã de defender com unhas e dentes a

nacionalidade vilipendiada por perigos estrangeiros, agarrou-se tão forte nas “receitas” dos principais ideólogos verdes, que aplicou doses cavaleares de doutrina em suas páginas, pretendendo desesperadamente convencer e vencer com jargões cansativos e repetitivos. *Anauê!* estabeleceu sua trincheira ideológica, mas cavou raso demais, não garantindo seu avanço e sobrevivência.

Quando poderia aquilatar sua representatividade, pois de fato melhorara sua administração, viu sua existência ceifada pelo Estado Novo. Ao proibir a revista de circular, Vargas matou mais que sua existência, mais até mesmo que seu passado. Matou o futuro, as expectativas grandes, e quando isso acontece, cabe à memória construir o que não foi. No imaginário integralista *Anauê!* foi a publicação de maior representatividade, talvez mais até mesmo que *A Offensiva*, pois era diferente do restante ou, pelo menos, tinha a pretensão e as ferramentas para ser. A netinha realmente não cresceu, mas sobreviveu à sua morte. Foi a espaço de resistência assumido do ultranacionalismo conservador e protofascista em solo brasileiro, contando com a conivência do governo até o final de 1937. Com percalços, é verdade, mas fiel aos seus ideais e ao seu partido. Pretendia ser mais que partidária, mas foi mais do mesmo na essência.

Portanto, inferir que a revista, junto ao partido, tenha desaparecido naquele íterim, não é inteiramente verdade. *Anauê!* sobreviveu no imaginário, e o integralismo jamais desapareceu por completo, assumindo novos nomes e formatos. Nos dias atuais os camisas-verdes continuam existindo, inclusive disseminando a doutrina do eterno Chefe Plínio Salgado. O ideal pliniano esteve presente em muitos momentos da história nacional no pós anos 1930. Figuras marcantes da AIB continuaram lutando pelo autoritarismo, como o general Olímpio Mourão Filho, por exemplo, que deflagrou o golpe militar de 1964, partindo de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro.

Não é difícil ver, ainda, manifestantes vestindo camisetas com a fotografia de Plínio em passeatas em prol de políticas autoritárias, homofóbicas e conservadoras. Os sites e escritos dos dirigentes do integralismo hodierno continuam falando de um possível golpe comunista e pedindo pela intervenção militar. O deputado Jair Bolsonaro, que se popularizou com uma postura preconceituosa e homofóbica, quando não polêmica e falastrona, recebeu defesas acaloradas dos neointegralistas em seus sites (o que pode ser facilmente encontrado numa busca rápida em sítios da internet). Além disso, ficaram famosas fotografias de manifestantes com cartazes “Salvem o fascismo”, nas marchas da família com Deus do século XXI.

Assim, parece mais assustador, hoje, perceber a forma passiva com que se recebem as notícias da mídia como se verdadeiras fossem, inclusive as elucubrações incautas distribuídas em torrente pelas redes sociais, sem qualquer filtro crítico. Sendo as tomadas de posições ainda menos claras atualmente, vigorando o discurso da imparcialidade jornalística, estabelece-se uma via de ação perigosa, com mensagens cifradas e construções simbólicas de medos e tensões. Se antes o inimigo fora eleito e denegrido publicamente, como demonstraram Dutra e Lenharo, agora há um trabalho velado, mas não menos ostensivo.

Retomar *Anauê!*, neste sentido, ajudou a compreender a forma como imprensa e política se entrelaçam, cada vez mais como espetáculo além de ajudar a discernir acerca do discurso ultranacionalista de extrema direita que ronda, fortalecido, a sociedade atual. Parece válido, diante do exposto, reiterar aquela máxima sobre um dos ofícios do historiador, cuja contribuição é, entre outras, (re)lembrar às pessoas o que elas teimosamente insistem em esquecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de. *Dicionário Histórico-Biográfico da propaganda no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV; ABP, 2007.
- ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, 1995.
- AGUIAR FILHO, Sidney. *Educação, Autoritarismo e Eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)*. Campinas: Unicamp, 2011 (Tese em Educação)
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Uma História do Negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Palmares, 2006.
- ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. Uma nova forma de ver o mundo: as revistas ilustradas semanais. *Fatos&Versões*, Uberlândia, vol. 3, nº 6, p. 38-56, 2011.
- ALVES, Cristiano Cruz. O integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. *Antíteses*, v. 1, nº 2, jul-dez. 2008, p. 407-438.
- ARAÚJO, Nelton. Imprensa e poder nos anos 1930: uma análise historiográfica. In: *Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia*. Niterói, 2008.
- ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. Curitiba: UFPR, 2012. (Tese em História)
- AUTRAN, Arthur. Cineastas comunistas no Brasil. In. ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 297-324.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Acção*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no século XX. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 133-164.
- _____. *Sob a sombra do eixo. Camisas verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. Marília, SP: UNESP, 2007. (Dissertação em Ciências Sociais)
- _____. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília, SP: UNESP, 2012. (Tese em Ciências Sociais)
- _____. Plínio Salgado e o anticomunismo dos intelectuais do sigma. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EDUFMT, 2011, p. 35-76.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa. Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.

- BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATISTA, Alexandre Blankl. *“Mentores da Nacionalidade”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias de Brito por Plínio Salgado*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Dissertação em História)
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: ZOUK, 2012.
- BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-364.
- BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre a solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. *Rev. Bras. Polit. Int.*, nº 43 (1), p. 99-118, 2000.
- _____. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 21, nº 40, p. 85-105, 2001.
- _____. Observando o littorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano (1922-43). *Tempo*, nº 9, 1999, p. 155-177.
- _____. O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro. Texto apresentado no 54º Congresso Internacional de Americanistas, Viena (Austria), 15 a 20/7/2012, mesa “Corporatist States and Ideas in Europe and Latin America: Counter and Pro-Mobilisation, Catholicism and Transfer (Austria, Portugal, Brazil and Argentina in the 1930s and 40s).
- BIZELLO, Maria Leandra. Fotojornalismo e Política: o universo político nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* nos anos JK. *Primeiros Escritos*, nº 14, abril 2010.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BRANDÃO, Zaia. Indagação e convicção: fronteiras entre a ciência e a ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 40, nº 141, p. 849-856, set-dez. 2010.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo. *Estudos Avançados*, São Paulo, 22 (62), 2008, p. 171-193.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (*Fon-Fon, Diário de Notícias* e *A Noite Ilustrada*). In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 305-326.

_____. “Evidências esmagadoras de seus atos”: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Rio de Janeiro: UFF, 2007. (Dissertação em História)

_____. Refletindo sobre o poder das imagens a serviço da Propaganda Política no Brasil contemporâneo: o caso da Ação Integralista Brasileira. *Boletim Tempo Presente*, v. 2, 2007. Disponível em <http://www.tempopresente.org>. Acesso em 12 nov. 2013.

BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992, p. 7-39.

_____. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista no Maranhão (1933-37)*. São Paulo: Annablume, 1999.

CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. *Dados – revista de Ciências Sociais*, vol. 37, nº 2, 1994, p. 345-355.

CALIL, Gilberto. Integralismo e propaganda: os jornais *Idade Nova* e *A Marcha* na difusão doutrinária integralista (1946-65). *V Congresso Internacional de Estudos Ibérico-americanos*, PUCRS, 2003, Porto alegre.

CAMARGO, Aspásia. Do federalismo oligárquico ao federalismo democrático. In. PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 39-50.

CAMARGO, Tarciso Alex. *A revista Educação Physica e a eugenia no Brasil (1932-1945)*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010. (Dissertação em Educação)

CAPELATO, Maria Helena. Intelectuais latino-americanos: o caráter nacional em questão. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, nº 28, p. 59-79.

_____. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, nº 23/24, set. 1991 – Ago. 1992, p. 55-75.

_____. *Multidões em cena*. Campinas: Papirus, 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imprensa irreverente, tipos subversivos. In. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-*

1954). São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003, p. 19-61.

_____. *O veneno da serpente*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945) – Fantasmagorias de uma geração*. São Paulo, Brasiliense, 1995, 2a. edição.

_____. Fascistas à brasileira: encontros e confrontos. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico (orgs.). *Tempos de fascismos: ideologia-intolerância-imaginário*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p. 433-464.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Niterói: UFF, 2007. (tese em História)

_____. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. In: *X Encontro Regional de História – ANPUH/RJ*. Universidade do Rio de Janeiro. 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=312>. Acesso em 18 jan. 2013.

_____. Coisa do passado? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 61, out. 2010. Disponível em www.revistadehistoria.com.br. Acesso em 20 ago. 2012.

CARVALHO, José Murilo de. República, democracia e federalismo: Brasil, 1870-1891. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45, p. 141-157, jan/jun. 2011.

CARVALHO, Katia de. A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 1920: um sistema de informação cultural. *Ciência da Informação*, vol. 24, nº 1, 1995.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 354-388.

CAVALARI, Rosa Maria. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria S.C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHAVES, Niltonci Batista. “A saia verde está na ponta da escada”: as representações discursivas do *Diário dos Campos* à respeito do integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*, v. 4, nº 1, Ponta Grossa, p. 57-80, 1999.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação da imprensa. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

CORREA, Crishna Mirella de Andrade. O olhar do fotógrafo e o estudo das subjetividades na produção da imagem. In. PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.). *Dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas*. Maringá, PR: EDUEM, 2005, p. 53-62.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. In. PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia. *Olhares feministas*. Brasília: MÊS/UNESCO, 2007, p. 239-249.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro – relações de raça numa sociedade em mudanças*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Maçonaria e antimaçonaria: uma análise da “História secreta do Brasil” de Gustavo Barroso*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. (Dissertação em História)

_____. O discurso nacionalista de Gustavo Barroso contra a “bucha” maçônica. In. VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 83-96.

_____. Liberalismo e Comunismo: “as duas faces de Satanás” no jornal *A Offensiva*. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Vol. 2. Guaíra: Sob Medida, 2012, p. 207-218.

COUTINHO, David Barreto. A estrutura do integralismo na década de 1930. Arcabouço doutrinário e a prática do movimento. *Recôncavo*, ano 1, nº 1, ago.dez. 2011.

CRUZ, Natália dos Reis. O neo-integralismo: ideologia e memória. *IV Simpósio Nacional Estado e Poder: intelectuais*. São Luís do Maranhão, 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. Ao combate. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 61, out. 2010. Disponível em www.revistadehistoria.com.br. Acesso 20 ago. 2012.

DOMINGUES, Petrônio. O “messias negro”? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, p.517-536, Jul/Dez 2006.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, nº 23, 2007, p. 100-122.

DOTTA, Renato Alencar. *Acção: a lenta agonia de um jornal integralista (1937-38)*. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 165-182.

_____. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938). In. SILVA, Giselda *et alli* (org.). *História da política autoritária – integralismo, nacional-sindicalismo, nazismo, fascismos*. Recife: UFRPE, 2010, p. 349-366.

DUBY, Georges. A História Cultural. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 403-408.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. Cultura. In. GOMES, Angela de Castro. *Olhando para dentro (1930-1964)*. São Paulo: Mapfre/Objetiva, 2013, p. 229-274.

EDLER, Flávio Coelho. *Boticas & farmácias – uma história ilustrada da farmácia no brasil*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2006.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 241-256.

_____. Os primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In. VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 47-64.

_____. Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB). *Varia História*, Belo Horizonte, vol.28, nº 48, p.889-909: jul/dez 2012.

_____. Os integralistas no Estado do Espírito Santo (1933-1938). *Revista Ágora*, Vitória (ES), nº 13, 2011, p. 1-16.

_____. Escolas Verdes: as escolas da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro (1933-1937). *VI Congresso Brasileiro da História da Educação*. Vitória, ES, 2011.

- _____. A Cruz-Verde: a atuação das militantes femininas na província integralista Fluminense. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 25, nº 1, jan-jun. 2012, p. 192-210.
- FAUSTO, Boris. A vida política. In. GOMES, Angela de Castro. *Olhando para dentro (1930-1964)*. São Paulo: Mapfre/Objetiva, 2013, p. 91-142.
- _____. *O crime do restaurante chinês: Carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. O Estado Novo no contexto internacional. In. PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 17-21.
- FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. *Animus – revista interamericana de comunicação midiática*, vol. 18, jul-dez. 2010, p. 91-106.
- FERREIRA, Adriano de Assis. O Marxismo de Miguel Reale. *Prisma Jurídico*, São Paulo, vol. 5, p. 45-58, 2006.
- FERREIRA, Lais Monica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da história política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 265-271.
- FIGUEIREDO, Cláudio. Humor e Política nos anos 30. *Piauí*, nº 64, jan. 2012, p. 62-65.
- FILHO, Antonio Rago. J. Chasin: a crítica ontológica do anticapitalismo romântico típico da “via colonial” – os integralismos. *Verinotio*, nº 9, ano V, nov. 2008, p. 187-220.
- FIORUCCI, Rodolfo. A revista *Anauê!* e sua organização dentro da estrutura de imprensa integralistas. In. VICTOR, Rogério Lusosa. *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 117-140.
- _____. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Vol. 2. Guaíba: Sob Medida, 2012, p. 21-44.
- FREITAS, Marcos Cézár de. *Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998.
- FREIXO, André de Lemos. Fantasma de qual geração? A questão do anti-semitismo no Rio de Janeiro da década de 1940 à luz de um estudo de caso. *Anais das Jornadas de 2007*. PPGH/UFRJ.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

GABRIEL, Caio César. *A construção da mitologia integralista por meio da iconografia da revista Anauê! (1935-1937)*, 2008. Disponível em www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/autores.html. Acesso 10 abr. 2011.

GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-45)*. Assis, SP: UNESP, 2005. (dissertação em História).

GAVA, José Estevam. *Momento Bossa Nova*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

GENTILE, Emilio; FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988.

GERALDO, Endrica. *Entre a raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930*. Campinas: Unicamp, 2001. (Dissertação em História)

GERTZ, René E. Quase dois irmãos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 61, out. 2010. Disponível em www.revistadehistoria.com.br. Acesso 20 ago. 2012.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Racismo e teorias raciais no século XIX: principais noções e balanço historiográfico. *História e-história*, 24 ago. 2010.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

GOFF, Jacques Le (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In. NOVAES, Fernando; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 489-559.

_____. A representação de classes na Constituinte de 1934. In. In. GOMES, Angela de Castro (Coord.). *Regionalismo e centralização política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 427-492.

_____. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In. FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997, p. 9-75.

_____. Introdução. In. GOMES, Angela de Castro (Coord.). *Regionalismo e centralização política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 23-39.

_____. População e Sociedade. In. GOMES, Angela de Castro. *Olhando para dentro (1930-1964)*. São Paulo: Mapfre/Objetiva, 2013, p. 41-90.

GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel Mendes. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. *CES Revista*, v. 24, Juiz de Fora, 2010, p. 187-200.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. A propaganda no jornal *A Offensiva*. In. VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 97-116.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2004, vol. 47, nº 1, p. 9-43.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, Nacionalismo, Estado. *Estudos Avançados*, 22 (62), São Paulo, 2008, p. 145-159.

HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina M. O. O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937-1945. In. PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 73-94.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Revista Gil Blas e o nacionalismo de combate (1919-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EDUFMT, 2011, p. 15-34.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

JUNIOR, Arnaldo Érico Huff. Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas. *Rever*, ano 8, mar. 2008. Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_huff.htm. Acesso em 29 abr. 2011.

JUNIOR, Cesar Alberto Ranquetat. A campanha cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional. *Publ. UEPG Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts*, Ponta Grossa, nº 19, vol. 1, jan./jun. 2011, p. 9-17.

KERN, Maria Lucia. Os sistemas visuais e ideologias no Rio Grande do Sul. *Boletim Informativo do MARGS*, nº 32, jan/mar. de 1987.

KLEMPERER, Victor. *LTI – A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOSSOY, Boris. O jornalismo revolucionário ilustrado. In. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003, p. 11-18.

LEAL, Carine de Souza. *Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (monografia em História)

LENHARO, Alcir. *Nazismo; o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, 22 (62), 2008, p. 237-256.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-175.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: EDUNESP, 2011.

_____. A *Revista do Brasil* (1916-1944): notas de pesquisa. In. FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien; LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e seu tempo*. São Paulo: EDUNESP, 2008, p. 117-127.

LUSTOSA, Isabel. Uma imprensa ilustrada: os primeiros jornalistas brasileiros e seu lugar no mundo português. In. JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide (orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Ninkin, 2009, p. 13-26.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 39-62.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 183-206.

- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850-1932. In. PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia. *Olhares feministas*. Brasília: MÊS/UNESCO, 2007, p. 437-463.
- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes; MELO, Hildete Pereira de. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962. Ou como são feitas as leis. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 (2), mai./ago. 2008, p. 463-488.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História (São Paulo)*, n° 22 (1), p. 59-79, 2003.
- _____. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n° 2, 1996, p. 73-98.
- _____. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n° 16, p. 33-50, jan-jun. 2008.
- _____. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia na revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 13, n° 1, p. 133-174, jan-jun. 2005.
- MENEZES, Eurípedes Cardoso de. *De claridade em claridade*. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1961.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MOREIRA, Gabriel da Fonseca. *Em busca da esquerda esquecida: San Tiago Dantas e a frente progressista*. Rio de Janeiro: FGV, 2012. (Dissertação em História)
- MOURA, Carlos André Silva de. A relação dos intelectuais católicos pernambucanos com o processo de recristianização no início do século XX. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 5, n° 1 e 2, jan-dez. 2005.
- NAHES, Semiramis. *Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.
- NETA, Amélia Saback Alves. *Os verdes às portas do sertão: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945)*. Santo Antonio de Jesus, BA: UNEB, 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009. (Tese em História).

_____. “Perante o tribunal da História”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-37). Porto Alegre: PUC-RS, 2004. (Dissertação em História)

_____. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 19-46.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PASCHOALETO, Murilo Antonio. E o mundo reage: uma análise das percepções internacionais integralistas a partir do jornal *A Offensiva* (1934-1935). In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 105-132.

_____. Imprensa integralista: uma discussão acerca de sua importância para a expansão da Ação Integralista Brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 124, set. 2011.

_____. A Alemanha nazista retratada nas páginas dos órgãos da imprensa integralista *Anauê!*, *Acção* e *A ofensiva* (1932-1939). *Revista Urutágua*, nº 22, set.-dez. 2010, p. 42-52.

PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, s/d. disponível em www.pt.scribd.com/doc/6779388/payne-el-fascismo. Acesso em 13 set. 2012.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PERISSINOTTO, Renato. *Classes Dominantes e Hegemonia na república Velha*. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Anais XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH*, João Pessoa, 2003.

PRESTES, Anita Leocadia. *Crítica Marxista*, n. 22, Rio de Janeiro, Ed. Revan, maio/2006, p. 132-153.

POMIAN, Krzysztof. História Cultural, história dos semióforos. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

- PÓVOAS, Mauro N. Um projeto para dois mundos: as ilustrações luso-brasileiras. In. JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide (orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Ninkin, 2009, p. 53-76.
- PROST, Antoine. Social e Cultural indissociavelmente. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 123-138.
- RAGO, Margareth. Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1890-1930. In. PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia. *Olhares feministas*. Brasília: MÊS/UNESCO, 2007, p. 219-237.
- RAMOS, Alexandre Pinheiro. Estado, Corporativismo e Utopia no pensamento integralista de Miguel Reale (1932-1937). *Revista Intellectus*, ano 7, vol. 2, p. 1-22.
- _____. Fotografias do integralismo para além do integralismo: breves análises e propostas. *Locus: revista de História*, Juiz de Fora, v. 30, nº 1, p. 47-64, 2010.
- REGIS, João Rameres. *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. (Tese em História)
- _____. Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937). *Anpuh-CE*, 2010. Disponível em www.ce.anpuh.org. Acesso em 29 jun. 2013.
- RÉMOND, René. Uma história presente. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 13-36.
- _____. Por que a História Política? *Estudos Históricos*, vol. 7, nº 13, Rio de Janeiro, 1994, p. 7-19.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- REZENDE, Nilza. Quem tem uma mãe como a minhas?. *Revista Época*, 9 mai. 2010. Disponível em <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2010/05/09/quem-tem-uma-mae-como-a-minha/>. Acesso em 10 nov. 2013.
- RIBEIRO, Ivair Augusto. *O integralismo no sertão de São Paulo: um “fascio de intelectuais”*. Franca, SP: UNESP, 2004. (Dissertação em História)
- RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e espaço público: a institucionalização da imprensa no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.
- RICHTER, Liane Peters. *Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*. Campinas: Unicamp, 1998. (Dissertação em História)

- RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. Sindicalismo e classe operária (1930-1964). In. FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997, p. 507-557.
- ROMUALDO, Edson Carlos. Para ler a caricatura, o cartum e a charge. In. PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.). *Dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas*. Maringá, PR: EDUEM, 2005, p. 167-192.
- SAVARINO, Franco. Juego de ilusiones: Brasil, México y los “fascismos” latino-americanos frente al fascismo italiano. *Historia Crítica*, nº 37, Bogotá, enero-abril 2009, p. 120-147.
- _____. Apuntes sobre el fascismo italiano en America Latina (1922-1940). *Reflejos*, nº 9, 2000-2001, p. 100-110.
- SAES, Décio. Classe média e política no Brasil (1930-1964). In. FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997, p. 447-506.
- SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. São Paulo: GRD, 1995.
- _____. *Despertemos a nação!*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. Oliveira Vianna, eugenia e o campo intelectual da Primeira República. *III Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas*, Rio de Janeiro, 2012.
- SANTOS, Robson dos. A estética política – literatura e sociedade em *O Esperado*, de Plínio Salgado. *Revista Urutágua*, nº 12, abril/julho 2007. Disponível em <www.urutagua.uem.br>. Acesso em 18 jan. 2013.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de uma practica. In. Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels em Amérique Latine. *Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)*. Paris: Sorbonne, 1990, p. 9-16.
- SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SCHMIDT, Patrícia. A Ação Integralista Brasileira e a imprensa escrita: os jornais e revistas no projeto de construção do “homem integral”. *SBPH*, jul. 2006. Disponível em www.doutrina.linear.nom.br. Acesso 7 dez. 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

- SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri, SP: Manole, 2003.
- SENTINELO, Jaqueline Tondato. O lugar das “raças” no projeto de nação da Ação Integralista Brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n° 108, mai. 2010, p. 145-152.
- SENTINELO, Jaqueline Tondato; BERTONHA, João Fábio. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 83-104.
- SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A Máscara da Modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003. (Dissertação em História)
- SEVERINO, Emilly; GOMES, Natália; VICENTINI, Samila. A história da publicidade brasileira. *Revista Eletrônica de Comunicação*, n° 9, jan-jun. 2011.
- SILVA, Adriana Hassin. Modernidade na América: imprensa, identidade e revistas ilustradas nos anos 1950 no Brasil e Argentina. *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória, 2008.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Uma foto que não era para a capa, se prepara para dar a cara à tapa. In. PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.). *Dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas*. Maringá, PR: EDUEM, 2005, p. 39-52.
- _____. *O tempo e as imagens de mídia: capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo*. Assis, SP: UNESP, 2003. (Tese em História)
- SILVA, Cintia Rufino Franco da. Intelectuais e integralismo: Belisário Penna e o sanitarianismo no Brasil dos anos 1930. *Anais do V Simpósio Internacional de Lutas Sociais na América Latina*, Londrina, 2013, p. 60-70.
- SILVA, Cleusa Gomes da. *Modernizar o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Campinas: Unicamp, 2001. (Dissertação em História)
- SILVA, Dangelis Nassar da. *A interpretação do Brasil da obra de Plínio Salgado (1926-1937)*. Marília, SP: UNESP, 2007. (Dissertação em Ciências Sociais)
- SILVA, Giselda. A Igreja Católica Militante e a Ação Integralista Brasileira: aproximações e divergências (1932-38). In. MOURA, Carlos; SILVA, Eliane; SANTOS, Mario; SILVA, Paulo. *Religião, Cultura e Política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 33-52.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n° 50, São Paulo, p. 61-95, 2005.

SILVA, Victória G. da. “O Estado” e “A Gazeta”: posturas frente ao fechamento da Aliança Nacional Libertadora em 1935. *Anais da II Jornada Nacional de História do Trabalho*, Florianópolis (UFSC), 2004. Disponível em <labhstc.ufsc.br/files/2012/09/VictoriaGSilva.doc>. Acesso em 7 jan. 2013.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SIMÕES, Renata Duarte. *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*. São Paulo: USP, 2009. (Tese em Educação)

_____. A educação física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. *V Congresso Brasileiro de História da Educação*, Aracaju-SE, 2008.

_____. Ação Integralista Brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe. *IV Congresso Brasileiro de História da Educação*, 5 a 8 nov. 2006.

_____. Imprensa oficial integralista: usos e ciclos de vida do jornal *A Offensiva*. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 47-82.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. Elogio da complexidade. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 409-418.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. - 4. ed. [atualizada]. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica: origens de uma cultura não anti-semita. Disponível em www.centroedelstein.org.br. Acesso em 21 jan. 2014.

SOSA, Derocina Alves. Imprensa e História. *Biblos*, Rio Grande, n° 19, p. 109-125, 2006.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. Federalismo no Brasil: aspectos políticos-institucionais (1930-1964). *RBCS*, vol. 21, n° 61, jun. 2006, p. 7-40.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. *Sociologias*, Porto alegre, Ano 7, n° 13, jan-jun. 2005, p. 302-323.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Khel nos anos 1910 e 1920. *Revista de História Regional*, 11(2), 29-70, Inverno, 2006.

SZNAJDER, Mario. Fascismo e intolerância. In. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico (orgs.). *Tempos de fascismos: ideologia-intolerância-imaginário*. São Paulo:EDUSP/Imprensa Oficial/Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p. 19-36.

SOUZA, Tania C. Clemente de. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não verbal. *Ciberlegenda*, n° 1, 1998. Disponível em: www..uff.br/mestcii/tania1.htm. Acesso dia 18 out. 2011.

TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1993.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

_____. Integralismo: teoria e prática política nos anos 30. In. FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997, p. 297-336.

VASCONCELOS, Gilberto Felisberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. Trinta anos depois: ideologia curupira. *Locus*, Juiz de Fora, v. 30, n° 1, p. 11-15, 2010.

VIANA, Giovanny Noceti. *Orientar e disciplinar a liberdade: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/37*. Florianópolis: UFSC, 2008. (Dissertação em História)

VIANNA, Marly de Almeida G. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos* (UNESP/Marília), n° 34, 2001, p. 2-40.

_____. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 63-105.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação em História)

_____. *O labirinto integralista: o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: IFITEG/Editora América, 2013.

_____. O integralismo e os livros didáticos: a política da memória. In. VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 179-202.

_____. *O labirinto integralista – o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: UFG, 2012. (Tese em História)

_____. *O labirinto integralista: o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: IFITEG Editora / Editora América, 2013.

WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda*. Londres: Routledge, 1995.

ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto alegre, RS: PUC, 2007. (Tese de História)

ZANIRATO, Silvia Helena. A fotografia de imprensa: modos de ler. In. PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.). *Dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas*. Maringá, PR: EDUEM, 2005, p. 15-38.

ANEXOS

Anexo 1: Amostragem da relação de integralistas eleitos (prefeitos e vereadores) e existência de periódicos em 11 Estados Brasileiros, entre 1935-1937⁶¹

ESTADO	MUNICÍPIO	ELEITOS	PERIÓDICOS
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	3 vereadores	---
	Novo Hamburgo	1 vereador	---
Santa Catarina ⁶²	Timbó	1 prefeito 3 vereadores	---
	Blumenau	1 prefeito	<i>Cidade de Blumenau; Alvorada; O Blumenau Zeitung</i>
	Brusque	1 prefeito	<i>O Progresso</i>
	Joinville	1 prefeito	<i>Anauê; Jornal de Joinville</i>
	Jaraguá do Sul	1 prefeito	<i>O Jaraguá</i>
	Hansa Hamônia	1 prefeito	---
	São Bento	1 prefeito	---
	Rio do Sul	1 prefeito	<i>O Agricultor</i>
	Rodeio	1 prefeito	---
	Rebouças	1 prefeito	---
Paraná*	Teixeira Soares	1 prefeito	---
	Imbituva	6 vereadores	---
	Ponta Grossa	4 vereadores	<i>Brasil Novo; Invicta</i>
	Curitiba	3 vereadores	<i>A Razão; A Voz do Sigma</i>
	Lapa	3 vereadores	---
	Jacarezinho	2 vereadores	---
	Paranaguá	1 vereador	---
	São Matheus	1 vereador	---
	Santa Tereza	1 prefeito 5 vereadores	---
	Domingos Martins	1 prefeito 3 vereadores	---
Espírito Santo	Castelo	4 vereadores	---
	Colatina	3 vereadores	---
	Pau Gigante	2 vereadores	---
	Vitória	2 vereadores	<i>Idade Nova; A Marcha</i>
	Iconha	1 vereador	---
	Siqueira Campos	1 vereador	---
	Cachoeiro do Itapemirim	1 vereador	---

⁶¹ Nem todos os Estados estão com a totalidade de seus eleitos. Apresentou-se todos que foram encontrados na pesquisa. Os Estados do Paraná, Rio de Janeiro (à exceção da cidade do Rio de Janeiro), São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo estão completos.

⁶² Foi eleito o total de 74 vereadores integralistas em Santa Catarina no pleito de 1936, divididos regionalmente da seguinte maneira: 12 Sul; 30 Vale do Itajaí; 25 Norte; 4 Oeste; 2 Grande Florianópolis; 1 Planalto (ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto alegre, RS: PUC, 2007, p. 271).

	Rio Novo do Sul	1 vereador	---
	Viana	1 vereador	---
	Alfredo Chaves	1 vereador	---
	Guarapari	1 vereador	---
São Paulo	Cravinhos	1 prefeito	---
	Presidente Prudente	1 prefeito 1 vereador	---
	Pedreira	3 vereadores	---
	Jaú	3 vereadores	<i>Anauê</i>
	Jambeiro	2 vereadores	---
	Amparo	2 vereadores	---
	Cândido Mota	1 vereador	---
	Mogi Mirim	1 vereador	<i>Anauê</i>
	Agudos	1 vereador	---
	Analândia	1 vereador	---
	Bananal	1 vereador	---
	Caçapava	1 vereador	---
	Franco da Rocha	1 vereador	---
	Guaíra	1 vereador	<i>O Guaíra</i>
	Jundiaí	1 vereador	<i>A Folha de Jundiaí</i>
	Matão	1 vereador	---
	Palmital	1 vereador	---
	Piracicaba	1 vereador	---
	Potirendaba	1 vereador	---
	Tambaú	1 vereador	---
	São Paulo	1 vereador	<i>O Aço Verde; Acção; Panorama</i>
	Ribeirão Preto	1 vereador	<i>Voz do Oeste</i>
Rio de Janeiro	Barra Mansa	4 vereadores	---
	Pirahy	4 vereadores	---
	S. Sebastião do Alto	4 vereadores	---
	Sumidouro	3 vereadores	---
	Parahyba do Sul	2 vereadores	---
	São Fideliz	2 vereadores	---
	Petrópolis	2 vereadores	<i>A Marcha</i>
	Friburgo	2 vereadores	<i>Alvorada</i>
	Resende	1 vereador	<i>Anauê</i>
	Therezopolis	1 vereador	<i>O Therezopolis</i>
	Miracema	1 vereador	---
	Bacelar	1 vereador	---
	Magé	1 vereador	---
	Niterói	1 vereador	<i>O Acadêmico Integralista; A Ordem</i>
	Rio Bonito	1 vereador	---
	Itaperuna	1 vereador	---
	Bom Jardim	1 vereador	---
	Carmo	1 vereador	---
Minas Gerais	Alvinópolis	5 vereadores	---

	Areado	4 vereadores	<i>Lábaro Azul</i>
	Teófilo Ottoni	2 vereadores	<i>Satélite</i>
	Maria da Fé	2 vereadores	---
	Belo Horizonte	1 vereador	<i>Alvorada; A Marcha</i>
	São João Del Rey	1 vereador	<i>Brasil Novo</i>
	Itajubá	1 vereador	<i>Quarta Humanidade</i>
	Cambuquira	1 vereador	---
	Caxambu	1 vereador	---
Bahia ⁶³	Santa Inez	1 prefeito	---
	Serrinha	3 vereadores	<i>O Serrinhense</i>
	Itabuna	2 vereadores	<i>O Sigma</i>
	Jequié	2 vereadores	<i>A Voz do Sigma</i>
	Jequiriçá	2 vereadores	---
	Salvador	1 vereador	<i>O Popular; O Imparcial*; O Operário; A Voz do Estudante</i>
	Ilhéus	1 vereador	---
	Alagoinhas	1 vereador	---
Ceará ⁶⁴	Pacatuba	1 prefeito	---
Pernambuco	São Lourenço	3 vereadores	---
	Recife	1 vereador	<i>Diário do Nordeste; A Acção</i>
	Garanhuns	1 vereador	<i>A Razão</i>
	Petrolina	1 vereador	---
	Correntes	1 vereador	---
Maranhão	Pedreiras	1 vereador	---

*De acordo com Cristiano Alves (2008, p. 423-424), *O Imparcial*, principal publicação pró-integralismo em Salvador, não era integralista, mas apenas simpatizante. Importa notar que na tabela de periódicos integralistas publicado no *Monitor Integralista*, esse jornal aparece como do movimento.

⁶³ Total de 65 vereadores e 1 prefeito eleitos, contudo não foi possível identificar todos por cidade (FERREIRA, Lais Monica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009).

⁶⁴ Foram eleitos 28 vereadores filiados à AIB, por todo o Estado, porém, concorreram pela Liga Eleitoral Católica (LEC), o que demonstra que ali o que importou foi o apoio de um grupo regionalmente forte que, ao todo, elegeu 386 vereadores (REGIS, João Rameres. *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 104).

Anexo 2: *expediente da revista Anauê! (entre as edições 1 e 22)*

ANO	MÊS	Nº	EXPEDIENTE	PG.
1935	Jan.	1	Diretor geral: Eurípedes Cardoso de Menezes Gerente: Julio Lopes Guedes Pinto Tesoureiro: Duncan Dugubras (o certo: Dubugrás)	s/n
1935	Mai.	2	Diretor: Eurípedes Cardoso de Menezes Administração: Duncan Mackay Dubugrás	s/n
1935	Ago.	3	Diretor: Eurípedes Cardoso de menezes Gerente: Duncan Dubugras Redator Artístico: Arthur Thompson Filho Redator Subsecretário: José Carlos Dias Chefe Departamento Publicidade: Alarico Menezes	63
1935	OUT.	4	Diretor: Eurípedes C. Menezes Gerente: Leo L. Monteiro Ilustração: Arthur Thompson Filho Publicidade e Escritório: Alarico Menezes; Duncan Dubugras; J. Dias da Silva. Despacho de papel: Ferreira da Costa Gravura: Henrique Furtado Rodrigues Fotógrafos: Alfredo de Carvalho; Otto Klier. Composição e paginação: Theodomiro Pereira Impressão: augusto Hoffman Encadernação: José Pereira de Freitas	s/n
1935	Dez.	5	Diretor: Eurípedes C. Menezes Gerente: Leo L. Monteiro Secretaria: Afonso Freire Ilustração: Arthur Thompson Filho Publicidade: José Soares Benevides Composição e Paginação: Adriano Barros	s/n
1936	Jan.	6	Diretor: Eurípedes C. Menezes Diretor-gerente: Leo L. Monteiro Redator Secretário: Afonso Freire Publicidade: José Soares Benevides	3

			<p>Redator Artístico: Arthur Thompson Filho</p> <p>Gravura: Antonio Gonçalves Ferreira</p> <p>Linotipistas: Eduardo Correa; Clemente Gomes Vidal</p> <p>Paginação: Luiz Gonzaga de Oliveira; Raymundo Freire</p> <p>Impressão: Avelino Carvalho</p>	
1936	Jan.	7	<p>Diretor: Eurípedes C. Menezes</p> <p>Diretor-gerente: Leo L. Monteiro</p> <p>Redator Secretário: Afonso Freire</p> <p>Publicidade: José Soares Benevides</p> <p>Redator Artístico: Arthur Thompson Filho</p> <p>Gravura: Antonio Gonçalves Ferreira</p> <p>Linotipistas: Eduardo Correa; Clemente Gomes Vidal</p> <p>Paginação: Raymundo Freire; José Angelo</p> <p>Impressão: Avelino Carvalho; Oswaldo Barbosa</p>	s/n
1936	Mar.	8	<p>Diretor: Eurípedes C. Menezes</p> <p>Diretor-gerente: Leo L. Monteiro</p> <p>Redator Secretário: Afonso Freire</p> <p>Publicidade: José Soares Benevides</p> <p>Redator Artístico: Arthur Thompson Filho</p> <p>Gravura: Antonio Gonçalves Ferreira</p> <p>Linotipistas: Eduardo Correa; Clemente Gomes Vidal</p> <p>Paginação: Raymundo Freire; José Angelo</p> <p>Impressão: Avelino Carvalho; Oswaldo Barbosa</p>	
1936	Abr.	9	<p>Diretor: Eurípedes C. Menezes</p> <p>Diretor-gerente: Leo L. Monteiro</p> <p>Redator Secretário: Afonso Freire</p> <p>Redator Artístico: Arthur Thompson Filho</p>	
1936	Mai.	10	<p>Diretor: Eurípedes C. Menezes</p> <p>Diretor-gerente: Leo L. Monteiro</p> <p>Redator Secretário: Afonso Freire</p> <p>Redator Artístico: Arthur Thompson Filho</p>	

1936	Jul.	11	Diretor: Eurípedes C. Menezes Diretor-gerente: Leo L. Monteiro Redator Secretário: Afonso Freire Redator Artístico: Arthur Thompson Filho	
1936	Set.	12	Diretor: Eurípedes C. Menezes Diretor-gerente: Leo L. Monteiro Redator Secretário: Afonso Freire Redator Artístico: Arthur Thompson Filho	
1937	Mar.	13	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretores: Almeida Salles; Loureiro Jr. Gerente: Leo L. Monteiro	54
1937	Abr.	14	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretores: Almeida Salles; Loureiro Jr.	24
1937	Mai.	15	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretores: Almeida Salles; Loureiro Jr.	s/n
1937	Jun.	16	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Jul.	17	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Ago.	18	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Set.	19	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Out.	20	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Nov.	21	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n
1937	Dez.	22	Diretor-responsável: Manoel Ferraz Hasslocher Diretor: Loureiro Jr.	s/n

Anexo 3: *preços de assinaturas e edições avulsas de Anauê! (entre as edições 1 e 22)*

ANO	Nº	AVULSO	ASSINATURA ANUAL
1935	1	2\$000	20\$000
1935	2	2\$000 (Rio)/ 2\$200 (interior)	
1935	3	2\$000 (Rio)/ 2\$200 (interior) 3\$000 (atrasado)	25\$000 (nacional) / 35\$000 (exterior)
1935	4	2\$500 (nacional)	30\$000
1935	5	1\$000 (nacional)	30\$000
1936	6	1\$000 (nacional)	30\$000
1936	7	1\$500 (nacional)	30\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1936	8	1\$500 (nacional)	30\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1936	9	1\$500 (nacional) 2\$000 (atrasado)	30\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1936	10	1\$500 (nacional)	30\$000 (Brasil)

		2\$000 (atrasado)	40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1936	11	1\$500 (nacional) 2\$000 (atrasado)	30\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1936	12	1\$500 (nacional) 2\$000 (atrasado)	30\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	13	1\$500	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	14	---	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)

			Kock)
1937	15	1\$500	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	16	1\$500	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	17	1\$500	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	18	---	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	19	2\$000	20\$000 (Brasil) 40\$000 (América) 50\$000 (outros) - Representante na França (Comptoir

			International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	20	2\$000	20\$000 (Brasil – semestral) 30\$000 (Brasil – anual) 40\$000 (Exterior – semestral) 60\$000 (Exterior – anual) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	21	2\$000	20\$000 (Brasil – semestral) 30\$000 (Brasil – anual) 40\$000 (Exterior – semestral) 60\$000 (Exterior – anual) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)
1937	22	2\$000	20\$000 (Brasil – semestral) 30\$000 (Brasil – anual) 40\$000 (Exterior – semestral) 60\$000 (Exterior – anual) - Representante na França (Comptoir International de Publicité) - Representante Alemanha (Herberto Kock)

Anexo 4: lista de colaboradores de Anauê!⁶⁵

AUTOR	1ª FASE	2ª FASE	TOTAL
Redação	58	64	122
Eurípedes Cardoso de Menezes	11	2	13
Plínio Salgado*	7	4	11
Victor Pujol	5	2	7
Gustavo Barroso	3	3	6
Gerardo Mello Mourão	1	4	5
José Carlos Dias	3	1	4
Afonso Freire	4	---	4
Custódio de Viveiros	2	2	4
Ordival Gomes	4	---	4
Nicanor de Carvalho	4	---	4
Orlando Ribeiro de Castro	3	---	3
Padre Mello	3	---	3
Hollanda Loyola	3	---	3
Miguel Reale	3	---	3
J. T. de Castro Alves	3	---	3
Madeira de Freitas	1	2	3
Aben-Attar Netto	3	---	3
Ernani Silva Bruno	1	2	3
Loureiro Jr.**	---	3	3
Eduardo Faustino da Silva	---	3	3
Florianio Japejú T. Esteves	2	---	2
Thiers Fleming	2	---	2
O. Muniz	2	---	2
Ribeiro Couto	2	---	2
Guilherme M. Cirillo	2	---	2
Antonio Galotti	1	1	2
Luiz da Camara Cascudo	2	---	2
Mayrink	2	---	2
Durval Passos de Mello	1	1	2
Paulo Fleming	2	---	2
Olympio Mourão Filho	2	---	2
Thiers Martins Moreira	1	1	2
Francisco Bemfica	2	---	2
José Thomaz de A. Menezes	2	---	2
Mario de Oliveira	2	---	2
Osolino Tavares	2	---	2
Leo L. Monteiro	2	---	2
Padre Benedicto de Lucca	1	1	2
Lauro Escorel Rodrigues de Mores	2	---	2
Ricardo Aguiar	1	1	2
Nair Nilza Perez	2	---	2
Almeida Salles	1	1	2

⁶⁵ Estão elencados apenas os autores de artigos isolados, sem contabilizar as seções e as imagens.

Tasso da Silveira	---	2	2
Augusto Frederico Schmidt	---	2	2
Dantas Motta	---	2	2
Carmella Patti Salgado	---	2	2
Manoel Rodrigues de Mello	---	2	2
Padre Leopoldo Aires	---	2	2
Marcus Sandoval	---	2	2
Christiano Ottoni	---	2	2
Raymundo Padilha	1	---	1
Irene de Freitas Henriques	1	---	1
J. F. S.	1	---	1
José Augusto Torres	1	---	1
Edgard Rocha Miranda	1	---	1
Macedo Soares	1	---	1
Oswaldo de Miranda Ferraz	1	---	1
Oswaldo de Assumpção Rego Filho	1	---	1
Jorge Pinheiro Brisolla	1	---	1
Arthur Thompson Filho	1	---	1
Queiroz Ribeiro	1	---	1
Carlos Cavaco	1	---	1
Clovis Marçal	1	---	1
J. Pachá	1	---	1
Saturnino Corrêa de Brito	1	---	1
Pimentel Junior	1	---	1
Alberto Silveiras	1	---	1
Alberto Zironi Netto	1	---	1
Gastão de Oliveira	1	---	1
J. G. de Araújo Jorge	1	---	1
Margarida Cavalcanti de A. Corbisier	1	---	1
Miliciano Naval	1	---	1
Leonidio Ribeiro	1	---	1
Ernani Moraes	1	---	1
Pedro Baptista	1	---	1
Arthur Accioly Ronald de Carvalho	1	---	1
Silvio Luiz Michelloti	1	---	1
Conde de Affonso Celso	1	---	1
M. P.	1	---	1
Alfred Rosenberg	1	---	1
J. C.	1	---	1
Alarico de Menezes	1	---	1
Mario Castro	1	---	1
A.J. Pereira da Silva	1	---	1
Américo Palha	1	---	1
Francisca Menezes	1	---	1
Carlos Salvaterra	1	---	1
Pessoa de Lima	1	---	1
Alcides Thompson	1	---	1
Mario Mello	1	---	1

Joel Pinto	1	---	1
João da Veiga Cabral	1	---	1
Sanjaia	1	---	1
M. Machado	1	---	1
Acacio D'êça	1	---	1
Frei Nosor	1	---	1
Jucinho de Figueiredo	1	---	1
Omer Mont'alegre	1	---	1
Basilio de Magalhães	1	---	1
Salerse	1	---	1
Sylviano de Oliveira	1	---	1
Alcyr Madeira Vidigal	1	---	1
Beneval de Oliveira	1	---	1
S.P.E.M.C.F	1	---	1
Colbert Creliez	1	---	1
Helio Ribeiro	1	---	1
Gilberta Passos Noronha	1	---	1
Luiza Campagnoni	1	---	1
Nicolau A. Torloni	1	---	1
Miguel Edmar Soares Arruda	1	---	1
Waldomiro Ferreira	1	---	1
A.B. Lopes Ribeiro	1	---	1
Jose F. Landim	1	---	1
Abgar Soriano	1	---	1
Haydée Machado Marques Porto	1	---	1
Acurcio de Oliveira	1	---	1
José Braz da Motta	1	---	1
Cleodon Fonseca	1	---	1
<i>Alcibiades Delamare</i>	---	1	1
<i>Santiago Dantas</i>	---	1	1
<i>Barbara & cia.</i>	---	1	1
<i>Martins Moreira</i>	---	1	1
<i>Bíblia (reprodução)</i>	---	1	1
<i>Jonathas Serrano</i>	---	1	1
<i>Jorge Lacerda</i>	---	1	1
<i>Octavio de Faria</i>	---	1	1
<i>Vinicius de Moraes</i>	---	1	1
<i>Henry Leonardos</i>	---	1	1
<i>Lucio Cardoso</i>	---	1	1
<i>Lafayette Soares de Paula</i>	---	1	1
<i>Newton Braga</i>	---	1	1
<i>Andrade Lima Filho</i>	---	1	1
<i>Paulo Setubal</i>	---	1	1
<i>Romulo Almeida</i>	---	1	1
<i>Lina Hirsh</i>	---	1	1
<i>J. Ferreira da Silva</i>	---	1	1
<i>Iveta Ribeiro</i>	---	1	1
<i>Toledo Piza</i>	---	1	1

<i>E. C. Júnior</i>	---	1	1
<i>Lourdes de Souza Pinto</i>	---	1	1
<i>Luiza Hirsch</i>	---	1	1
<i>Herberto Dutra</i>	---	1	1
<i>Christina da Costa Mello</i>	---	1	1
<i>J. Hercilio Fleury</i>	---	1	1
<i>Olbianio de Mello</i>	---	1	1
<i>Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha</i>	---	1	1
<i>Gladstone Chaves de Melo</i>	---	1	1
<i>T. de Alencar</i>	---	1	1
<i>Nobrega de Siqueira</i>	---	1	1
<i>MMG</i>	---	1	1
<i>Olintho Ramos</i>	---	1	1

*Duas delas extraídas de conferência e trecho de livro.

**Os autores que colaboraram apenas na 2ª fase estão em destaque.